JOE ABERCROMBIE



MEIO REI

MAR DESPEDAÇADO 1

ARQUEIRO



O Arqueiro

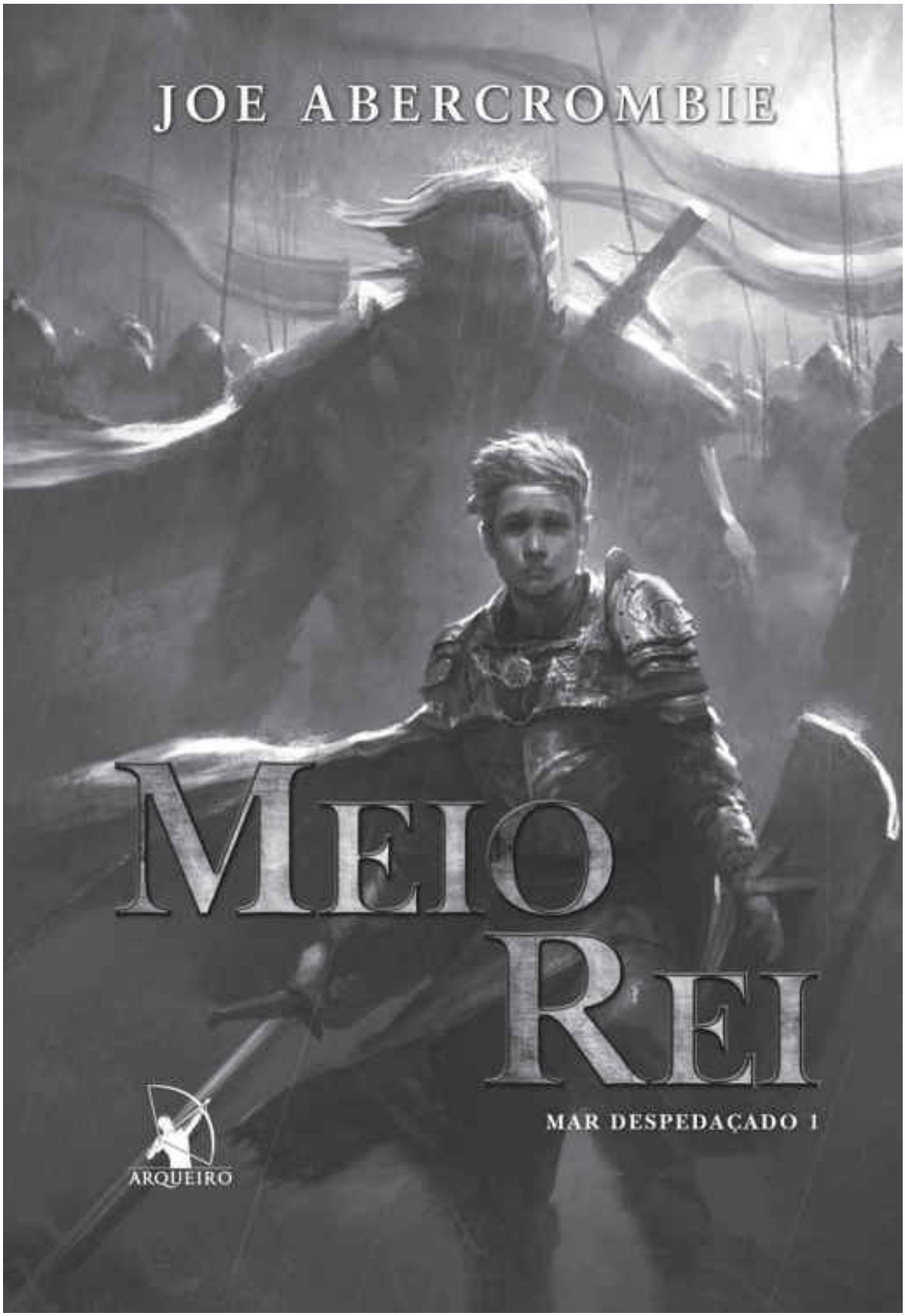
GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.


JOE ABERCROMBIE
MEIO REI
MAR DESPEDAÇADO 1
ARQUEIRO

Título original: *Half a King*
Copyright © 2014 por Joe Abercrombie
Copyright do mapa © 2014 por Nicolette Caven
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Alves Calado *preparo de originais:* Gabriel Machado *revisão:* Rafaella Lemos e Victor Almeida *projeto gráfico e diagramação:* Ilustrarte Design e Produção Editorial *imagem de capa:* Jon McCoy Art *adaptação de capa:* Ana Paula Daudt Brandão *adaptação para e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A126m

Abercrombie, Joe
Meio rei [recurso eletrônico]/ Joe Abercrombie; tradução de Alves Calado. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (Mar Despedaçado; 1) Tradução de: Half a king Continua com: Meio Mundo
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-562-9 (recurso eletrônico) 1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Calado, Alves. II. Título.

CDD: 823
CDU: 821.111

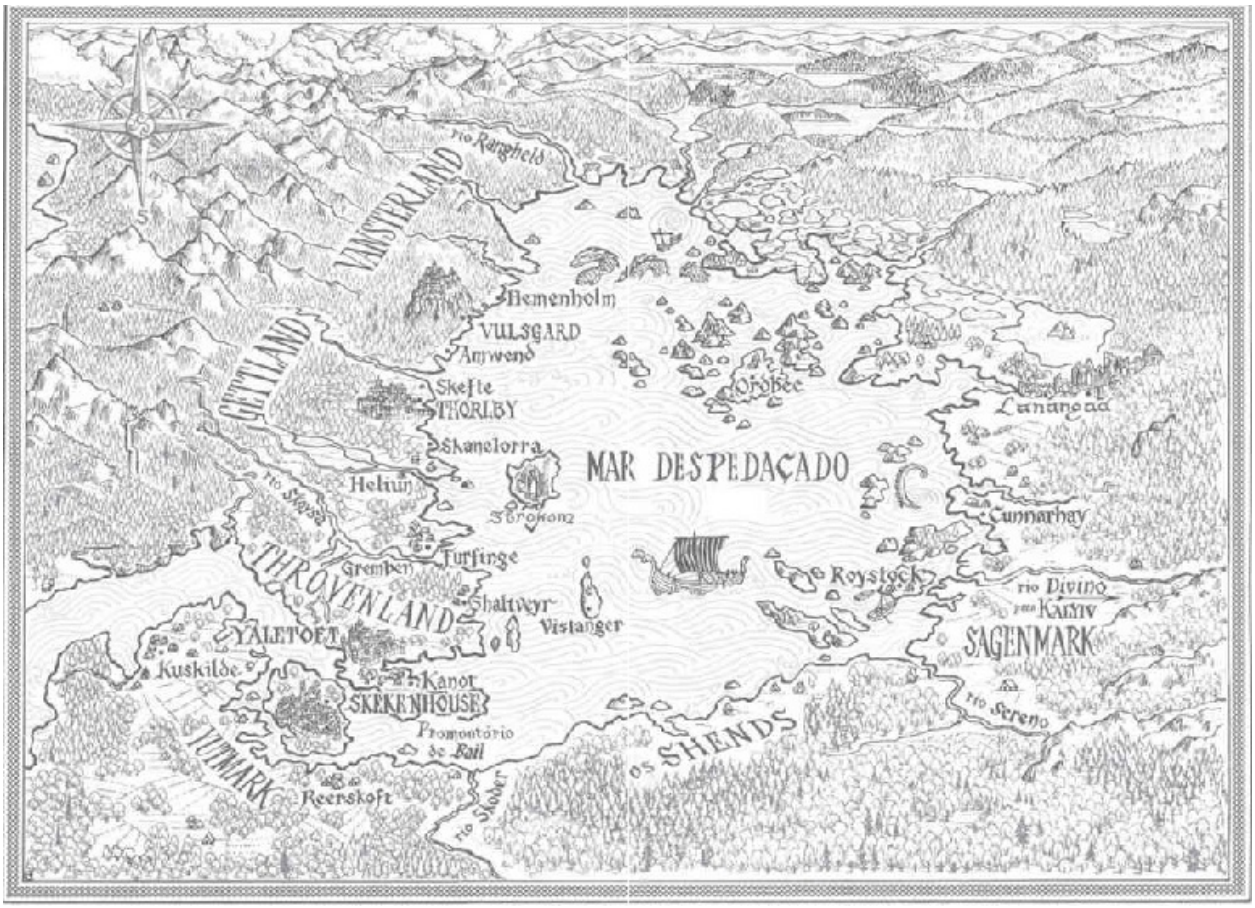
16-31446

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Grace

Melhor bagagem
Do que o bom senso
Um viajante não pode levar

Hávamál, as Palavras do Altíssimo


rio Rangheld
VANSTERLAND
GETTLAND
Hemenholm
VULSGARD
Amwend
Skefte
THORLBY
Skanelorra
Helium
Sbronoz
MAR DESPEDAÇADO
Ofobee
Lananead
Cunnarhay
rio Sfeyd
Grembey
Turfinge
THROVENLAND
Shaltweyr
Vistanger
Roystock
rio Divino
Kaiyiv
SAGENMARK
YALETOFT
Kuskilde
Kanot
SKEKENHOUSE
Promontório
de Fail
rio Sereno
os SHENDS
JUTMARK
Reerskoft
rio Skaber

I

O TRONO NEGRO

O bem maior

Soprava um vento forte na noite em que Yarvi descobriu que era rei. Ou pelo menos meio rei.

Um vento intrometido, como os habitantes de Gettland o chamavam, porque encontrava cada fresta e todo buraco de fechadura, gemendo e trazendo o frio gélido da Mãe Oceano para as casas, não importando a altura das labaredas ou quanto as pessoas estivessem amontoadas.

Sacudia os postigos das janelas estreitas dos aposentos de mãe Gundring e chacoalhava até mesmo a porta reforçada com ferro. Provocava as chamas da fogueira, que cuspiam e estalavam de raiva, projetando garras de sombras das ervas secas penduradas e lançando uma luz tremeluzente sobre a raiz que mãe Gundring segurava com os dedos nodosos.

– E isso?

Apesar da aparência, Yarvi sabia que não era apenas um torrão de terra.

– Raiz-de-língua-negra.

– E por que um ministro poderia querê-la, meu príncipe?

– Um ministro espera que isso não seja necessário. Fervida na água, ela não pode ser vista nem seu gosto é sentido, mas se torna um veneno mortal.

Mãe Gundring jogou a raiz de lado.

– Às vezes os ministros precisam de coisas sombrias.

– Os ministros devem buscar o menor mal – disse Yarvi.

– E avaliar qual é o bem maior. Acertou todas as cinco.

Mãe Gundring assentiu e Yarvi ficou vermelho de orgulho. A aprovação da ministra de Gettland não era obtida com facilidade.

– E as charadas do teste serão mais fáceis – acrescentou ela.

– O teste.

Nervoso, Yarvi esfregou a palma de sua mão deformada com o polegar da mão boa.

– Você vai passar.

– A senhora não pode ter certeza.

– O dever do ministro é sempre duvidar...

– Mas sempre parecer que tem certeza – concluiu ele.

– Está vendo? Eu conheço você. – Isso era verdade. Ninguém o conhecia melhor, nem em sua própria família. Principalmente em sua família. – Nunca tive um aluno tão inteligente. Você vai passar na primeira tentativa.

– E não serei mais o príncipe Yarvi. – Ele sentia apenas alívio. – Não terei família nem direito de nascença.

– Você será o irmão Yarvi e sua família será o Ministério. – A luz da fogueira encontrou os pés de galinha de mãe Gundring enquanto ela sorria. – Seu direito de nascença serão as plantas, os livros e a palavra suave. Você vai se lembrar e dar conselhos, curar e falar a verdade, conhecer os meios secretos e aplainar o caminho para o Pai Paz em todas as línguas. Como eu tentei fazer. Não existe trabalho mais nobre, apesar dos absurdos que os idiotas cobertos de músculos tagarelam no treino.

– É difícil ignorá-los quando luto contra eles.

– Hum. – Ela enrolou a língua, reunindo saliva, e cuspiu no fogo. – Quando você passar no teste, só precisará ir lá para cuidar de alguma cabeça quebrada quando a disputa ficar violenta demais. Um dia você vai carregar o meu cajado. – Com a cabeça, ela indicou a fina haste de metal élfico cheia de protuberâncias e fendas encostada na parede. – Um dia você vai se sentar ao lado do Trono Negro e será o pai Yarvi.

– Pai Yarvi. – Ele se remexeu no banco, inquieto. – Não tenho a sabedoria necessária.

Ele queria dizer que não tinha coragem para isso, mas também não tinha coragem de admitir.

– A sabedoria pode ser aprendida, meu príncipe.

Ele estendeu para a luz a mão esquerda – se é que se poderia chamar assim.

– E mãos? A senhora pode me ensinar a ter uma?

– Você pode não ter uma das mãos, mas os deuses lhe proporcionaram dons mais raros.

Ele bufou.

– Uma bela voz para cantar?

– Por que não? E a mente ágil, empatia e força. Só que é o tipo de força que faz um grande ministro, não um grande rei. Você foi tocado pelo Pai Paz, Yarvi. Lembre-se sempre: os homens fortes são muitos; os sábios são poucos.

– Sem dúvida é por isso que as mulheres são melhores ministras.

– E fazem um chá melhor também, em geral. – Gundring tomou um gole da xícara que ele lhe trazia toda noite e assentiu em aprovação. – Mas fazer o chá é outro dos seus enormes talentos.

– É um trabalho heroico, sem dúvida. A senhora vai me fazer menos elogios quando eu não for mais príncipe?

– Você terá os elogios que merece, e no resto do tempo serei um pé no saco.

Yarvi suspirou.

– Certas coisas nunca mudam.

– Agora vamos à história.

Mãe Gundring tirou um dos livros da prateleira, e as pedras preciosas na lombada de ouro cintilaram em vermelho e verde.

– Agora? Preciso acordar junto com a Mãe Sol para alimentar seus pombos. Eu contava que iria dormir um pouco antes...

– Vou deixar você dormir quando tiver passado no teste.

– Não vai, não.

– Verdade... não vou. – Ela lambeu um dedo e foi virando as páginas, o papel envelhecido estalando. – Diga, meu príncipe, em quantos fragmentos os elfos quebraram a Divindade?

– Quatrocentos e nove. Os quatrocentos Deuses Pequenos, os seis Deuses Altos, o primeiro homem e a primeira mulher, e a Morte, que vigia a Última Porta. Isso não é mais da conta de um tecelão de orações do que de um ministro?

Mãe Gundring estalou a língua.

– Todo conhecimento é da conta de um ministro, porque só o que é conhecido pode ser controlado. Diga o nome dos seis Deuses Altos.

– Mãe Oceano e Pai Terra, Mãe Sol e Pai Lua, Mãe Guerra e...

A porta se escancarou com um estrondo e o vento intrometido atravessou o aposento. As chamas da fogueira saltaram junto com Yarvi, dançando distorcidas

nos milhares de frascos e garrafas das prateleiras. Um vulto subiu às pressas os degraus, fazendo os feixes de plantas balançarem como homens enforcados.

Era Odem, tio de Yarvi, arfante, com o cabelo emplastrado de chuva no rosto pálido. Encarou o sobrinho com os olhos arregalados e abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Não era necessário ter o dom da empatia para ver que ele estava sob o peso de notícias esmagadoras.

– O que foi? – perguntou Yarvi, a garganta apertada de medo.

Seu tio se ajoelhou, apoiando as mãos na palha oleosa. Baixou a cabeça e sussurrou apenas duas palavras, com a voz rouca: – Meu rei.

E Yarvi soube que seu pai e seu irmão estavam mortos.

O dever

Não pareciam mortos.

Apenas muito pálidos, deitados em lajes geladas na sala fria, as mortalhas puxadas até as axilas e as espadas nuas reluzindo no peito. Yarvi ficou esperando que a boca do irmão estremecesse no sono. Que os olhos do pai se abrissem para encontrar os dele com aquele desprezo familiar. Mas isso não aconteceu. Nunca mais aconteceria.

A Morte havia aberto a Última Porta para eles, e desse portal ninguém retornava.

– Como eles morreram? – Yarvi escutou a mãe perguntar junto à porta. Sua voz estava firme como sempre.

– Foram traídos, minha rainha – murmurou tio Odem.

– Não sou mais rainha.

– Claro... Sinto muito, Laithlin.

Yarvi estendeu a mão e tocou suavemente o ombro do pai. Tão frio... Perguntou-se quando havia tocado o pai pela última vez. Se é que já fizera isso. Lembrava-se muito bem da última vez que tinham trocado qualquer palavra que importasse. Meses antes.

O homem brande a foice e o machado, dissera o pai. *O homem move o remo e ata o nó rapidamente. Acima de tudo, o homem segura o escudo. O homem sustenta a linha de combate. O homem permanece ao lado de seu braço direito. Que tipo de homem é incapaz de fazer qualquer uma dessas coisas?*

Eu não pedi para ter meia mão, retrucara Yarvi, encurralado onde se encontrava com frequência, no terreno estéril entre a vergonha e a fúria.

Eu não pedi para ter meio filho.

E agora o rei Uthrik estava morto e o Círculo do Rei, cujo tamanho fora reduzido às pressas, era um peso na fronte de Yarvi. Muito mais pesado do que a fina tira de ouro merecia ser.

– Eu perguntei *como* eles morreram – insistiu sua mãe.

– Eles foram fazer um acordo de paz com Grom-gil-Gorm.

– Não pode haver paz com os malditos vansterlandeses – soou a voz profunda de Hurik, o Escudo Escolhido de sua mãe.

– Deve haver vingança – declarou Laithlin.

Tio Odem tentou acalmar a tempestade.

– Certamente deve haver primeiro um tempo de luto. O Rei Supremo proibiu a guerra aberta até que...

– Vingança! – A voz dela era afiada como um caco de vidro. – Rápida como o raio, ardente como o fogo.

O olhar de Yarvi se arrastou até o cadáver do irmão. Ele fora ágil e intenso. Tinha queixo forte, pescoço grosso, já o princípio de uma barba escura como a do pai. O mais diferente possível de Yarvi. Imaginava que o irmão o amasse. Um amor que feria, em que cada carinho era apenas o lado oposto de um tapa. O amor que temos por algo que é sempre inferior.

– Vingança – rosnou Hurik. – Os vansterlandeses devem pagar.

– Malditos sejam eles – disse Laithlin. – Nosso povo deve ser obrigado a servir. Devemos lhes mostrar que o novo rei tem punho de ferro. Assim que estiverem de joelhos, de bom grado, você pode fazer a Mãe Oceano se elevar com suas lágrimas.

Tio Odem suspirou fundo.

– Vingança, então. Mas ele está preparado, Laithlin? Nunca foi um guerreiro...

– Ele deve lutar, esteja preparado ou não! – reagiu a mãe rispidamente.

As pessoas sempre falavam de Yarvi como se, além de aleijado, ele fosse surdo. Parecia que sua súbita ascensão ao poder não tinha acabado com esse costume.

– Faça os preparativos para um grande ataque – completou Laithlin.

– Onde atacaremos? – perguntou Hurik.

– O que importa é atacar. Deixe-nos.

Yarvi escutou a porta se fechar e os passos da mãe, suaves no chão frio.

– Pare de chorar – ordenou ela.

Só então Yarvi percebeu que os olhos estavam marejados. Enxugou-os e fungou, envergonhado. Sempre ficava envergonhado.

Ela o agarrou pelos ombros.

– Endireite as costas, Yarvi.

– Desculpe – respondeu ele, tentando estufar o peito como o irmão faria. Ele vivia se desculpando.

– Agora você é o rei. – Ela ajeitou a fivela de sua capa, que estava torta, tentou domar seu cabelo louro, curto mas sempre revolto, e finalmente encostou as pontas dos dedos frios em seu rosto. – Você nunca deve se desculpar. Você deve usar a espada do seu pai e comandar um ataque contra os vansterlandeses.

Yarvi engoliu em seco. A ideia de participar de um ataque sempre o deixara apavorado. Comandar um?

Tio Odem deve ter visto o seu horror.

– Eu serei seu braço direito, meu rei, sempre ao seu lado, com meu escudo a postos. Vou auxiliá-lo de todas as formas possíveis.

– Obrigado – murmurou Yarvi.

Todo o auxílio que ele desejava era ser levado a Skekenhouse para fazer o Teste Ministerial, sentar-se nas sombras em vez de ser lançado na luz. Mas agora essa esperança tinha virado pó. Como argamassa podre, suas esperanças tendiam a desmoronar.

– Você deve fazer Grom-gil-Gorm sofrer – insistiu Laithlin. – Em seguida, deve se casar com sua prima.

Yarvi ficou imóvel, apenas fitando os olhos metálicos da mãe, a cabeça um pouco inclinada para cima, já que ela ainda era mais alta do que ele.

– O quê?

O toque suave se tornou um aperto irresistível em seu queixo.

– Escute, Yarvi, e escute bem. Você é o rei. Pode não ser o rei que desejávamos, mas é o que temos. Agora todas as nossas esperanças estão depositadas em você, que está à beira de um precipício. Você não é respeitado. Tem poucos aliados. Deve se casar com Isriun, a filha de Odem, como seu irmão iria fazer. Está tudo combinado.

Tio Odem rapidamente equilibrou o gelo com o calor.

– Nada me agradaria mais do que ser seu pai de matrimônio, meu rei, e ver nossas famílias unidas para sempre.

Os sentimentos de Isriun não foram mencionados, notou Yarvi. Assim como os dele.

– Mas...

Sua mãe fechou a cara. Os olhos se estreitaram. Ele vira heróis tremerem sob aquele olhar, e Yarvi não era nenhum herói.

– Eu fui prometida ao seu tio Uthil; os guerreiros ainda sussurram sobre sua habilidade com a espada. O seu tio Uthil, que deveria ter sido rei. – A voz dela falhou como se as palavras fossem dolorosas. – Quando a Mãe Oceano o engoliu e seu túmulo vazio foi erguido acima do litoral, eu me casei com seu pai. Deixei de lado meus sentimentos e cumpri com o meu dever. Como você precisa fazer agora.

O olhar de Yarvi retornou para o cadáver do irmão, imaginando como ela conseguia planejar tudo aquilo tão calmamente, estando tão perto do marido e do filho mortos.

– A senhora não chora por eles?

Um espasmo súbito dominou o rosto de Laithlin, e toda a beleza cuidadosamente arrumada se partiu, os lábios franzidos, os olhos semicerrados e os tendões do pescoço se tornando nítidos. Durante um momento terrível, Yarvi ficou em dúvida se ela iria bater nele ou desmoronar em soluços, e não soube o que o amedrontava mais. Então a mãe respirou fundo, pôs uma mecha de cabelos dourados no lugar e voltou a ser ela mesma.

– Pelo menos um de nós precisa ser homem.

Com esse presente régio, ela se virou e saiu do aposento.

Yarvi cerrou os punhos. Ou ao menos cerrou um deles. O esquerdo ficou com o polegar pressionado contra o cotoco torto do único outro dedo.

– Obrigado pelo incentivo, mãe.

Ele vivia com raiva. Era tarde demais para que isso lhe fizesse algum bem.

Ouviu o tio se aproximar, falando com a voz suave que alguém usaria com um potro arisco.

– Você sabe que sua mãe o ama.

– Sei?

– Ela precisa ser forte. Por você. Pela terra. Por seu pai.

Yarvi olhou do corpo do pai para o rosto do tio. Tão parecidos e, ao mesmo tempo, tão diferentes.

– Graças aos deuses você está aqui – disse Yarvi, as palavras arranhando-lhe a garganta. Pelo menos um membro da família se importava com ele.

– Sinto muito, Yarvi. De verdade. – Odem pôs a mão no ombro do sobrinho, com um brilho de lágrimas nos olhos. – Mas Laithlin está certa. Precisamos fazer o que é melhor por Gettland. Devemos colocar os sentimentos de lado.

Yarvi suspirou.

– Eu sei.

Seus sentimentos tinham sido postos de lado desde que ele conseguia se lembrar.

Um modo de vencer

– Keimdal, você vai treinar com o rei.

Yarvi precisou conter um risinho idiota ao ouvir o mestre de armas usar essa palavra para falar dele. Provavelmente os oitenta jovens guerreiros reunidos do outro lado faziam o mesmo. Com certeza ririam assim que vissem seu novo rei lutar. Sem dúvida, nesse ponto, as gargalhadas seriam a última coisa a pesar na mente de Yarvi.

Agora eles eram seus súditos, claro. Seus serviçais. Seus homens, jurados para morrer por sua vontade. Mas pareciam uma fileira de inimigos cheios de escárnio, mais do que quando ele os encarava na infância.

Ainda se sentia um menino. Mais do que nunca.

– A honra será minha.

Keimdal não parecia honrado ao se afastar dos companheiros e entrar no campo de treino, movendo-se com a cota de malha com a mesma facilidade de uma donzela usando camisola. Pegou um escudo e uma espada de madeira e fez o ar assobiar com alguns golpes temíveis. Apesar de ser praticamente da mesma idade que Yarvi, parecia ter cinco anos a mais: meia cabeça mais alto, peito e ombros muito mais largos, já ostentando o início de uma barba ruiva no queixo forte.

– Está pronto, meu rei? – murmurou Odem no ouvido do sobrinho.

– Obviamente, não – sibilou Yarvi, mas não havia como escapar.

O rei de Gettland devia ser um filho amoroso da Mãe Guerra, por mais inadequado que fosse. Precisava provar aos guerreiros mais velhos enfileirados que podia ser mais do que um constrangimento maneta. Precisava encontrar um modo de vencer. *Sempre há um modo*, costumava dizer Laithlin.

Apesar de seus dons indubitáveis – mente ágil, empatia e bela voz –, Yarvi não conseguia pensar em nada.

Naquele dia, o quadrado de treino fora demarcado na praia, oito passos de areia para cada lado e uma lança cravada no chão em cada canto. Todo dia eles encontravam um terreno diferente – pedras, floresta, pântano, as ruas estreitas de Thorlby, até o rio –, porque um homem de Gettland precisava estar igualmente preparado para lutar onde quer que estivesse. Ou igualmente despreparado, no caso de Yarvi.

Porém, as batalhas ao redor do Mar Despedaçado eram travadas com mais frequência no litoral irregular, por isso era nele que costumavam treinar. Yarvi havia engolido bocados de areia suficientes para encalhar um navio. Enquanto a Mãe Sol mergulhasse por trás dos morros, os veteranos estariam lutando enfiados até os joelhos na água salgada. Mas agora a maré estava longe, nos baixios cortados por poças espelhadas, e a única umidade vinha dos borrifos do vento salgado e do suor que brotava de Yarvi sob o peso pouco familiar da cota de malha.

Pelos deuses, como ele odiava aquela malha! Como odiava Hunnan, o mestre de armas, que durante tantos anos fora seu principal tormento. Como abominava as espadas e os escudos, detestava o campo de treino e desprezava os guerreiros que faziam dali o seu lar! Acima de tudo, como odiava sua própria mão, que não passava de uma piada ruim, uma lembrança de que ele jamais poderia ser um deles.

– Atenção ao jogo de pés, meu rei – murmurou Odem.

– Meu jogo de pés não vai ser o problema – reagiu Yarvi rispidamente. – Pelo menos eu tenho dois pés.

Durante três anos, mal tocara numa espada, passando cada hora de vigília nos aposentos de mãe Gundring, estudando os usos das plantas e as línguas de locais distantes. Conhecendo os nomes dos Deuses Pequenos e tendo um cuidado muito especial com a caligrafia. Enquanto aprendia a curar ferimentos, esses garotos – esses homens, percebeu com um gosto amargo na boca – haviam se esforçado ao máximo para causá-los.

Odem lhe deu um tapa tranquilizador no ombro que quase o derrubou.

– Mantenha o escudo levantado. Aguarde sua oportunidade.

Yarvi riu ironicamente. Se aguardassem a oportunidade dele, ficariam ali até que a maré afogasse todos. Seu escudo estava atado com força no antebraço mirrado, com uma quantidade lamentável de correias, e ele se agarrava à alça

com o polegar e o cotoco de dedo, o braço já ardendo até o ombro com o esforço de manter firme aquela porcaria.

– Nosso rei ficou longe do quadrado durante algum tempo! – gritou mestre Hunnan, e moveu a boca como se as palavras fossem amargas. – Seja gentil hoje.

– Vou tentar não machucá-lo demais! – gritou Yarvi.

Houve alguns risos, mas tinham um quê de desprezo. Numa luta, as piadas são um mau substituto para os tendões fortes e a mão capaz de segurar o escudo. Ele olhou nos olhos de Keimdal, viu sua confiança e tranquilidade e tentou dizer a si mesmo que os homens fortes são muitos e os sábios são poucos. Naquela situação, a ideia lhe soou vazia.

Mestre Hunnan não sorriu. Nenhuma piada era engraçada, nenhuma criança era adorável, nenhuma mulher era suficientemente bela para curvar aqueles lábios de ferro. Ele apenas dirigiu a Yarvi o longo olhar de sempre, cheio de desprezo silencioso, fosse ele príncipe ou rei.

– Comecem! – rosnou.

Se rapidez equivalesse a misericórdia, aquela foi de fato uma luta misericordiosa.

O primeiro golpe acertou o escudo de Yarvi e arrancou a alça de sua mão frágil, de modo que a borda o acertou na boca e o fez cambalear. Com algum fiapo de instinto, ele conseguiu aparar o golpe seguinte, que resvalou em seu ombro e entorpeceu o braço, mas nem viu o terceiro, apenas sentiu a dor aguda quando o tornozelo foi puxado e ele caiu de costas, o ar saindo chiado como se escapasse de um fole rasgado.

Ficou deitado piscando por um momento. Ainda contavam histórias do desempenho ímpar de seu tio Uthil no campo de treino. Parecia que o de Yarvi poderia perdurar pelo mesmo tempo na memória. Infelizmente, por motivos muito diversos.

Keimdal enfiou a espada de madeira na areia e ofereceu a mão.

– Meu rei.

Yarvi achou que havia uma torção zombeteira no canto da boca do rapaz, ainda que muito mais disfarçada do que antes.

– Você melhorou – comentou Yarvi por entre os dentes.

Ele soltou a mão aleijada das tiras inúteis do escudo, portanto Keimdal não teve opção a não ser segurá-la para colocá-lo de pé.

– Assim como o senhor, meu rei.

Yarvi podia ver o nojo do outro ao tocar aquela coisa torta, e certificou-se de cutucá-lo com o cotoco. Era um gesto mesquinho, talvez, mas os fracos precisam contar com pequenas vinganças.

– Já passei por situações piores – murmurou Yarvi enquanto Keimdal voltava para os colegas. – Se é que dá para acreditar.

Viu o rosto de uma garota no meio dos alunos mais jovens. Treze anos, talvez, olhos ferozes, cabelo escuro balançando junto aos malares altos. Provavelmente ele deveria agradecer porque Hunnan não a havia escolhido para lhe dar a surra. Talvez esta fosse a próxima, no desfile de humilhações.

O mestre de armas balançou a cabeça com escárnio enquanto virava as costas, e a raiva cresceu dentro de Yarvi, implacável como uma maré de inverno. Seu irmão podia ter herdado toda a força do pai, mas ele recebera toda a cota de fúria.

– Vamos lutar de novo? – perguntou rispidamente.

As sobrancelhas de Keimdal se arquearam, então ele encolheu os ombros largos e sopesou a espada e o escudo.

– Se o senhor ordenar.

– Ah, eu ordeno.

Um resmungo percorreu os homens mais velhos e Hunnan franziu a testa ainda mais. Será que deveriam suportar essa farsa aviltante? Se o rei fosse envergonhado, eles seriam constrangidos, e em Yarvi podiam enxergar desonras suficientes para atulhar o resto de seus dias.

O tio segurou seu braço gentilmente.

– Meu rei – murmurou ele. Seu tom era sempre baixo e tranquilizador, como uma brisa num dia de verão. – Talvez o senhor não devesse se esforçar demais...

– Você está certo, claro – interrompeu Yarvi. *Um idiota é escravo de sua raiva*, dissera uma vez mãe Gundring. *O sábio faz da raiva sua ferramenta.* – Hurik, você luta por mim.

Houve silêncio enquanto todos os olhos se viravam para o Escudo Escolhido, sentado enorme e silencioso no banco esculpido que o destacava entre os guerreiros mais honrados de Gettland, a grande cicatriz que descia pelo rosto tornando-se uma risca branca ao tocar a barba.

– Meu rei – trovejou ele, levantando-se e enfiando um braço nas tiras emboladas do escudo caído.

Yarvi lhe entregou a espada de treino. Parecia um brinquedo no punho enorme e marcado por cicatrizes. Seus passos ribombaram enquanto ele se posicionava diante de Keimdal, que subitamente parecia mesmo ter 16 anos. Hurik se agachou, remexendo as botas na areia, depois mostrou os dentes e soltou um rosnado de luta, profundo e latejante, cada vez mais alto, até que o quadrado pareceu tremer. Yarvi viu os olhos de Keimdal se arregalarem com dúvida e medo, como ele sempre sonhara em ver.

– Comecem.

A luta acabou mais rápido do que a anterior, porém ninguém poderia tê-la chamada de misericordiosa.

Para dar crédito a Keimdal, ele saltou com bastante coragem, mas Hurik aparou o golpe com a espada, as lâminas de madeira raspando uma na outra, depois avançou depressa como uma cobra, apesar do tamanho, e chutou os pés do adversário. O garoto soltou um grito ao cair e a borda do escudo de Hurik o acertou acima do olho, derrubando-o meio atordoado. O homem franziu a testa enquanto dava um passo adiante, esmagando com a bota a mão de Keimdal que segurava a espada. O jovem gemeu, com metade da careta coberta de areia, a outra riscada de sangue do talho na testa.

As garotas talvez não concordassem, mas, para Yarvi, ele nunca estivera tão bonito.

Então varreu os guerreiros com um olhar feroz, do tipo que sua mãe dirigia a qualquer escravo que a desagradasse.

– Um a zero para mim – disse e passou por cima da espada caída de Keimdal, atravessando o quadrado, escolhendo um caminho que obrigou mestre Hunnan a arrastar os pés de lado desajeitadamente.

– Isso foi pouco generoso da sua parte, meu rei – comentou tio Odem, seguindo-o logo atrás. – Mas não deixou de ser engraçado.

– Fico feliz por tê-lo feito rir – resmungou Yarvi.

– Muito mais do que isso: o senhor me deixou orgulhoso.

Yarvi olhou de soslaio e viu o tio encarando-o, calmo e sereno. Ele era sempre calmo e sereno, como a neve recém-caída.

– As vitórias gloriosas rendem belas canções, Yarvi, mas as inglórias não são piores, depois que os bardos cuidam delas. Porém, as derrotas gloriosas são apenas derrotas.

– No campo de batalha não existem regras – replicou Yarvi, lembrando-se de algo que seu pai lhe dissera uma vez quando estava bêbado e cansado de gritar com os cachorros.

– Exato. – Odem pousou a mão forte no ombro do sobrinho e Yarvi se perguntou como sua vida poderia ter sido muito mais feliz se o tio fosse seu pai. – Um rei deve vencer. O resto é insignificante.

Entre deuses e homens

–... Mãe Sol e Pai Lua, derramem sua luz dourada e prateada sobre esta união entre Yarvi, filho de Laithlin, e Isriun, filha de Odem...

As enormes estátuas dos seis Deuses Altos os fuzilavam com implacáveis olhos de preciosas granadas vermelhas. Acima deles, em nichos ao redor da cúpula do teto, as figuras de âmbar dos Deuses Pequenos reluziam. Todos julgando o valor de Yarvi e, sem dúvida, considerando-o terrivelmente incapaz, como ele próprio achava.

Cerrou a mão aleijada e tentou enfiá-la mais para dentro da manga. Todo mundo no Salão dos Deuses sabia muito bem o que Yarvi tinha na ponta do braço – ou melhor, o que não tinha.

Ainda assim, tentava esconder.

– Mãe Oceano e Pai Terra, concedam-lhes suas colheitas e suas riquezas, favoreçam-nos no clima e nas armas...

O Trono Negro estava no centro do salão, sobre um patamar elevado. Era uma relíquia élfica de tempos anteriores à Fragmentação da Divindade, forjado por artes desconhecidas a partir de um único pedaço de metal negro, de uma delicadeza e resistência impossíveis; incontáveis anos não haviam deixado um único arranhão nele.

Assento de reis, entre deuses e homens. Alto demais para uma coisa tão deplorável quanto Yarvi se sentar. Ele se sentia indigno até mesmo de olhá-lo.

– Mãe Guerra e Pai Paz, concedam-lhes a força para enfrentar tudo o que o Destino trouxer...

Ele tivera a esperança de se tornar um ministro. Abrir mão de esposa e filhos sem pensar duas vezes. Beijar o rosto envelhecido da avó Wexen quando passasse no teste era o mais próximo de um romance que imaginara chegar. Agora deveria compartilhar a vida com uma garota que mal conhecia.

A palma de Isriun estava suada, e o tecido sagrado enrolado nas mãos que eles se davam era como um embrulho desajeitado. Cada um segurava firme a mão do outro; eles estavam amarrados, comprimidos pelos desejos dos pais, atados pelas necessidades de Gettland, e ainda assim parecia haver um abismo intransponível entre os dois.

– Ah, Aquele Que Germina a Semente, conceda-lhes uma prole saudável...

Yarvi sabia o que cada convidado estava pensando. *Não uma prole aleijada. Não uma prole maneta.* Lançou um olhar de soslaio para aquela garota pequena, magra, de cabelos louros, que deveria ter sido a esposa de seu irmão. Ela parecia apavorada e ligeiramente nauseada. Mas quem não ficaria, sendo obrigada a se casar com meio homem?

Era a segunda opção de todo mundo. Um dia de comemoração lamentado por todos. Um acordo trágico.

– Ah, Aquela Que Guarda as Fechaduras, mantenha o lar deles em segurança...

Apenas Brinyolf, o Tecelão de Orações, estava apreciando aquilo. Havia tecido uma bênção laboriosa para Isriun durante o noivado com o irmão de Yarvi, e agora – para seu deleite, ainda que não para o dela – tinha a chance de elaborar uma segunda. Sua voz era monótona, exortando os Deuses Altos e os Deuses Pequenos a conceder fertilidade aos campos e obediência aos escravos dos dois jovens, e ninguém ficaria surpreso se em seguida viesse um pedido pela regularidade nos movimentos intestinais de ambos. Yarvi se encurvou, soterrado por uma das peles pesadas que o pai costumava usar, temendo a magnitude da bênção de Brinyolf no casamento propriamente dito.

– Ah, Senhora do Cântaro, derrame prosperidade sobre este casal real, sobre seus pais e seus súditos e sobre toda a Gettland!

O tecelão deu um passo atrás, orgulhoso como um pai de primeira viagem, o queixo sumindo em meio à papada.

– Serei breve – garantiu mãe Gundring com um brevíssimo olhar astuto para Yarvi.

Ele deu um risinho contido, depois notou a expressão da mãe, gélida como o mar no inverno, e se reprimiu.

– Um reino se apoia em dois pilares – disse a velha ministra. – Nós já temos um rei forte. – Ninguém riu: um autocontrole admirável. – Logo, se os deuses

quiserem, também teremos uma rainha forte.

Yarvi viu Isriun engolir em seco. Mãe Gundring chamou Laithlin e Odem – o tio parecia ser a única pessoa feliz – para dar a bênção, impondo as mãos sobre o tecido sagrado. Então, com esforço, ela ergueu alto o cajado reluzente, feito do mesmo metal élfico do Trono Negro, e gritou:

– Eles estão prometidos!

Assim estava feito. Ninguém pedira a opinião de Isriun nem de Yarvi. Parecia haver pouco interesse no que o rei pensava, ou ao menos no que ele achava daquilo tudo. A plateia, com pelo menos cem pessoas, ofereceu uma aclamação comedida. Os homens – chefes de algumas das maiores famílias de Gettland, com punhos de espadas e fivelas de capas engastados em ouro – batiam nos peitos largos em aprovação. Do outro lado do salão, as mulheres – cabelos brilhando com óleo fresco, chaves de casa penduradas nas melhores correntes enfeitadas com pedras preciosas – batiam os dedos educadamente nas palmas perfumadas.

Mãe Gundring desenrolou o tecido sagrado e Yarvi soltou sua mão boa, rosa, pegajosa e pinicando. Odem o segurou pelos ombros e falou em seu ouvido "Muito bem!", ainda que o sobrinho não tivesse feito nada além de ficar parado e entoar algumas promessas que mal entendia.

Os convidados saíram e Brinyolf fechou a porta dupla do salão com um estalo ecoante, deixando Yarvi e Isriun sozinhos com os deuses, o Trono Negro, o peso de seu futuro incerto e um oceano de silêncio desconfortável.

Isriun esfregou de leve a mão que havia segurado a de Yarvi e olhou para o chão. Ele fez o mesmo, ainda que não houvesse nada tão interessante ali. Pigarreou. Ajeitou o cinto da espada que ainda pendia estranhamente. Sentia como se aquilo nunca fosse parecer natural nele.

– Desculpe – disse por fim.

Ela levantou a cabeça, um olho brilhando na escuridão densa.

– Por que está se desculpando? – Então se lembrou de acrescentar, insegura: – Meu rei?

Ele quase respondeu "Por você ter um meio homem como marido", mas contentou-se em replicar:

– Por você ter sido passada pela minha família como uma taça em dia de festa.

– Num dia de festa todo mundo fica feliz em pegar a taça. – Ela abriu um sorrisinho amargo. – Sou eu que deveria me desculpar. Você consegue me imaginar sendo rainha?

Ela deu uma risadinha como se nunca tivesse ouvido uma piada mais idiota.

– E você consegue me imaginar sendo rei?

– Você *é* o rei.

Yarvi piscou, surpreso. Estivera tão preocupado com suas deficiências que nunca lhe ocorrera que ela poderia estar preocupada com as próprias. Esse pensamento fez com que ele se sentisse um pouquinho melhor, como costuma acontecer diante do sofrimento dos outros.

– Você administra a casa de seu pai – insistiu Yarvi, olhando para a chave dourada que pendia no peito da jovem. – Não é uma tarefa fácil.

– Mas uma rainha administra os negócios de um país! Todo mundo afirma que sua mãe faz isso com enorme destreza. Laithlin, a Rainha Dourada! – Isriun falou o nome como se invocasse um feitiço. – Dizem que lhe devem um milhão de favores, que uma dívida com ela é motivo de orgulho. Falam que a palavra dela vale mais do que ouro entre os mercadores, porque o valor do ouro pode diminuir, mas o do que ela disser, nunca. Dizem que alguns comerciantes do norte remoto desistiram de rezar aos deuses e, em vez disso, a adoram. – Ela falava cada vez mais depressa, e roía as unhas, e beliscava uma das mãos finas, arregalando os olhos. – Há um boato de que ela põe ovos de prata.

Yarvi não conseguiu conter o riso.

– Tenho quase certeza de que isso é falso.

– Mas ela construiu silos, mandou cavar canais e trouxe mais terra para debaixo dos arados, de modo que nunca mais haverá uma fome que obrigue as pessoas a fazer sorteios para ver quem deve encontrar um novo lar do outro lado do mar. – Os ombros de Isriun se elevavam enquanto ela falava, até estarem encolhidos junto às orelhas. – E as pessoas vêm de todo o mundo em bandos até Thorlby para fazer negócios, portanto a cidade triplicou de tamanho, derrubou as muralhas e sua mãe construiu novos muros, que foram novamente derrubados.

– É verdade, mas...

– Ouvi dizer que ela tem um plano portentoso para cunhar as moedas com um mesmo peso, e elas vão passar por todas as terras ao redor do Mar Despedaçado, assim cada troca comercial será feita com o rosto dela, e vão

torná-la mais rica até mesmo do que o Rei Supremo em Skekenhouse! Como é que... *Eu?* – Os ombros de Isriun se afrouxaram e ela deu um peteleco na chave sobre o peito, fazendo-a balançar na corrente. – De que modo alguém como *eu*...

– Sempre há um modo. – Yarvi tomou a mão de Isriun antes que ela continuasse a roê-las. – Minha mãe vai ajudar você. Ela é sua tia, certo?

– *Ela* vai *me* ajudar? – Em vez de afastar a mão, Isriun puxou-o mais para perto. – Seu pai pode ter sido um grande guerreiro, mas acho que ele era menos temível que sua mãe.

Yarvi sorriu, mas não negou a afirmação.

– Você teve mais sorte. Meu tio sempre foi calmo como água parada.

Isriun olhou nervosa em direção à porta.

– Você não conhece meu pai como eu.

– Então... eu ajudo você.

Durante metade da manhã, Yarvi havia segurado a mão dela, que parecia mais um peixe morto. Agora estava totalmente diferente: forte, fresca e muito vívida.

– Não é esse o objetivo de um casamento? – perguntou ele.

– Não só esse.

De repente, Isriun pareceu muito próxima, a luz das velas refletida nos cantos dos olhos, os dentes brilhando entre os lábios separados.

Havia um cheiro nela, nem doce, nem azedo; ele não conseguia descrever. Era fraco, mas fazia seu coração dar saltos.

Não sabia se deveria fechar os olhos, então ela fechou, e ele a imitou, e os narizes dos dois se chocaram desajeitadamente.

A respiração de Isriun fez cócegas no rosto de Yarvi, ardendo em sua pele. Provocando um calor apavorante.

Os lábios dela mal roçaram nos seus e ele se afastou com toda a dignidade de um coelho assustado, prendendo a perna na espada e quase caindo por cima.

– Desculpe – disse Isriun, recuando e olhando para o chão.

– Eu é que devo me desculpar. – Para um rei, Yarvi passava um bocado de tempo se desculpando. – Sou o homem mais lamentável de Gettland. Sem dúvida meu irmão lhe deu um beijo melhor. Mais treinado... imagino.

– Tudo o que seu irmão fez foi falar sobre as batalhas que venceu – murmurou ela para os pés.

– Comigo não existe esse perigo.

Ele não soube por que fez isto – para chocá-la ou simplesmente para ser honesto –, mas ergueu a mão torta, sacudindo-a para fora da manga, de modo a ficar entre os dois, com toda a sua feiura.

Esperava que Isriun se encolhesse, empalidecesse, recuasse, mas ela apenas a olhou.

– Dói?

– Na verdade, não... Só às vezes.

Então ela estendeu a mão, deslizando-a pelos dedos nodosos e apertando a palma torta com o polegar. Yarvi ficou sem ar. Ninguém jamais havia tocado sua mão como se fosse apenas isso: um pedaço de carne com sensações, como qualquer outro.

– Ouvi dizer que, mesmo assim, você derrotou Keimdal no treino.

– Eu só dei a ordem. Há muito tempo aprendi que não sou exatamente bom em lutas justas.

– Um guerreiro luta – replicou ela, encarando-o. – Um rei comanda.

Com um sorrisinho, puxou-o para cima do patamar. Yarvi a seguiu, inquieto, porque ainda que aquele fosse o seu salão, a cada passo mais se sentia um intruso.

– O Trono Negro – murmurou ele quando o alcançaram.

– Seu trono – disse Isriun e, para o horror de Yarvi, ela passou os dedos pelo metal perfeito do braço, com um sibilo que fez a pele dele formigar. – É difícil acreditar que esta é a coisa mais antiga daqui. Feita pelas mãos dos elfos antes da Fragmentação do Mundo.

– Você se interessa pelos elfos? – guinchou Yarvi, aterrorizado com a hipótese de ela fazê-lo tocar ou, algo mais pavoroso ainda, sentar-se no trono, desesperado por alguma distração.

– Eu li todos os livros de mãe Gundring sobre eles – respondeu Isriun.

Yarvi pestanejou.

– Você lê?

– Eu estudei para ser ministra. Fui aprendiz de mãe Gundring antes de você. Dedicada a uma vida de livros, plantas e palavras suaves.

– Ela nunca me contou.

Pelo visto, os dois tinham mais em comum do que ele havia imaginado.

– Fui prometida ao seu irmão, e isso significou o fim. Devemos fazer o que for melhor para Gettland.

Os dois suspiraram praticamente ao mesmo tempo.

– É o que todo mundo me diz – concordou Yarvi. – Nós dois perdemos o Ministério.

– Mas ganhamos um ao outro. E ganhamos isto. – Os olhos de Isriun brilharam enquanto ela passava o dedo pela curva perfeita do braço do Trono Negro. – Não é um presente de casamento ruim.

Seus dedos suaves deslizaram do metal e pousaram nas costas da mão dele, e Yarvi percebeu que gostava muito da sensação.

– Nós deveríamos falar sobre a data do casamento.

– Assim que eu voltar, nos casamos – garantiu ele com a voz ligeiramente rouca.

Ela apertou sua mão deformada e a deixou pender.

– Espero que me dê um beijo melhor depois da vitória, meu rei.

Enquanto a observava se afastar, Yarvi ficou quase feliz por nenhum dos dois ter entrado para o Ministério.

– Vou tentar não tropeçar na minha espada! – gritou ele no momento em que ela chegava à porta.

Isriun sorriu por cima do ombro, a luz do dia brilhando no cabelo. Depois, a porta se fechou suavemente, deixando Yarvi como um náufrago, no meio de todo aquele espaço silencioso, as dúvidas pairando num patamar mais elevado ainda do que os Deuses Altos. Foi necessário um esforço terrível para virar a cabeça na direção do Trono Negro.

Será que podia mesmo se sentar nele, entre deuses e homens? Ele, que mal conseguia se obrigar a tocá-lo com a mão que era uma farsa? Forçou-se a estendê-la, com a respiração curta. Encostou a ponta de um dedo trêmulo no metal.

Muito frio e muito duro. Como um rei deve ser.

Como Uthrik era, sentado ali com o Círculo do Rei sobre a testa franzida. As mãos cheias de cicatrizes segurando as armas, o punho da espada nunca fora do alcance. Ela que agora pendia do cinto de Yarvi, puxando-o com aquele peso estranho.

Eu não pedi para ter meio filho.

Yarvi se encolheu, afastando-se do trono vazio com menos dignidade do que quando seu pai ainda se sentava nele. Não foi em direção à porta do Salão dos Deuses e à multidão que esperava do outro lado, mas rumo à estátua do Pai Paz, comprimindo-se contra a pedra e enfiando os dedos na fenda ao lado da perna gigantesca do deus patrono dos ministros. A porta oculta se abriu com um estalo e, como um ladrão fugindo da cena do crime, Yarvi penetrou na escuridão.

A cidadela era repleta de passagens secretas, mas nenhum lugar tinha tantas quanto o Salão dos Deuses. Corredores sob o piso, dentro das paredes, dentro da própria cúpula. Ministros de antigamente as haviam usado para mostrar a vontade dos deuses com algum milagrezinho – plumas caindo ou fumaça subindo de trás das estátuas. Uma vez fizeram pingar sangue sobre os guerreiros relutantes de Gettland enquanto o rei conclamava a guerra.

As passagens eram escuras e cheias de sons, mas Yarvi não as temia. Esses túneis eram seu domínio havia muito tempo. Ele se escondera ali da fúria ardente do pai. Do amor esmagador do irmão. Da decepção gélida da mãe. Era capaz de se orientar de uma ponta à outra da cidadela sem dar um único passo na luz.

Conhecia todos os caminhos, como qualquer bom ministro.

Ali estava em segurança.

Pombos

O pombal ficava no topo de uma das torres mais altas da cidadela, o exterior e o interior riscados por séculos de excrementos, e através de suas muitas janelas soprava um vento frio.

Quando era aprendiz de mãe Gundring, Yarvi tinha como tarefa alimentar os pombos, transmitir as mensagens que eles deveriam falar e observá-los partir para o céu levando notícias, ofertas e ameaças a outros ministros por todo o Mar Despedaçado.

Das muitas gaiolas ao longo das paredes, os pombos o observavam agora, assim como uma grande águia de penas cor de bronze que devia ter trazido uma mensagem do Rei Supremo em Skekenhouse, a única pessoa nas terras ao redor do Mar Despedaçado que tinha direito de fazer solicitações a Yarvi agora. No entanto, ali estava ele, sentado com as costas apoiadas na parede suja de fezes, beliscando a unha da mão deformada, enterrado sob uma montanha de exigências que jamais poderia realizar.

Sempre fora fraco, mas nunca havia se sentido impotente de verdade até o declararem rei.

Ouviu passos nos degraus e mãe Gundring passou ofegando pela porta baixa.

– Achei que a senhora não fosse chegar nunca.

– Meu rei – disse a velha ministra assim que recuperou o fôlego. – O senhor era esperado no Salão dos Deuses.

– Os túneis não são feitos para que um rei escape?

– De inimigos armados. De sua família, de seus súditos, para não mencionar de sua futura esposa, nem tanto. – Ela fitou o teto abobadado, os deuses pintados ali na forma de pássaros voando para um céu luminoso. – O senhor estava planejando voar para longe?

– Para Catália, talvez, ou para a terra dos alyuks, ou subir o rio Divino até Kalyiv. – Yarvi deu de ombros. – Mas não tenho duas mãos boas, quanto mais duas asas boas.

Mãe Gundring assentiu.

– No fim, todos devemos ser o que somos.

– E o que eu sou?

– O rei de Gettland.

Yarvi engoliu em seco, sabendo como ela devia estar desapontada. Como ele próprio estava. Nas canções, os grandes reis raramente se arrastavam para se esconder do próprio povo. Vislumbrou a águia enquanto desviava o olhar, enorme e serena em sua gaiola.

– Avó Wexen mandou uma mensagem?

– Uma mensagem – repetiu um dos pombos em sua paródia áspera de voz. – Uma mensagem. Uma mensagem.

Mãe Gundring franziu a testa para a águia, imóvel como um troféu empalhado.

– Ela veio de Skekenhouse há cinco dias. Avó Wexen mandou perguntar quando você chegaria para o teste.

Yarvi se lembrou da única vez em que vira a Primeira das Ministras, alguns anos antes, durante uma visita do Rei Supremo a Thorlby. Ele parecera um velho sério e ganancioso, ofendido por tudo. Laithlin fora obrigada a acalmá-lo quando alguém não se curvara exatamente como ele gostava. O irmão de Yarvi havia rido porque um homenzinho frágil e de cabelos ralos governava o Mar Despedaçado, mas o riso morreu ao ver o número de guerreiros que o acompanhavam. Uthrik tinha ficado furioso porque o Rei Supremo recebia presentes e não dava nenhum. Mãe Gundring estalara a língua e dissera: *Quanto mais rico é o homem, mais ele anseia por riquezas.*

A avó Wexen mal havia saído de seu lugar ao lado do Rei Supremo, sempre sorrindo como uma vovó gentil. Quando Yarvi se ajoelhou à sua frente, ela olhou para sua mão aleijada e se inclinou para murmurar: *Meu príncipe, já pensou em entrar para o Ministério?* E, por um momento, ele viu um brilho ávido nos olhos da ministra, o que o apavorou mais do que todos os guerreiros carrancudos ao seu redor.

– Tanto interesse assim por parte da Primeira das Ministras? – murmurou Yarvi, sentindo agora um gostinho do medo daquele dia.

Mãe Gundring deu de ombros.

– É raro um príncipe de sangue real fazer parte do Ministério.

– Sem dúvida ela vai ficar tão desapontada quanto todo mundo ao saber que eu ocupei o Trono Negro.

– Avó Wexen é suficientemente sábia para aproveitar ao máximo o que os deuses lhe oferecem. Assim como todos nós devemos fazer.

Yarvi examinou o resto das gaiolas, à procura de uma distração. Por mais impiedosos que fossem, os olhares dos pássaros eram mais suportáveis do que os dos seus súditos decepcionados.

– Que pombo trouxe a mensagem de Grom-gil-Gorm?

– Eu o mandei de volta a Vansterland. À ministra dele, mãe Scaer, levando o acordo de seu pai para uma parlamentação.

– Onde o encontro deveria acontecer?

– Na fronteira, perto da cidade de Amwend. Seu pai nunca chegou lá.

– Foi emboscado em Gettland?

– É o que parece.

– Não parece coisa do meu pai, ansiar tanto o fim de uma guerra.

– Guerra – grasnou um pombo. – Fim de uma guerra.

Mãe Gundring franziu a testa, fitando o piso manchado de cinza.

– Eu o aconselhei a ir. O Rei Supremo pediu que todas as espadas fossem embainhadas até a conclusão de seu novo templo à Divindade Única. Nunca suspeitei de que até mesmo um selvagem como Grom-gil-Gorm pudesse trair a sacralidade da palavra dada. – Mãe Gundring cerrou o punho, como se fosse se golpear, depois deixou que sua mão se abrisse lentamente. – A tarefa de um ministro é aplainar o caminho para o Pai Paz.

– Mas meu pai não estava acompanhado de nenhum homem? Ele...

– Meu rei. – Mãe Gundring olhou para ele por baixo das sobrancelhas. – Devemos descer.

Yarvi engoliu em seco, o estômago parecendo saltar até a garganta, enchendo a boca com um gosto azedo.

– Não estou pronto.

– Ninguém nunca está. O seu pai não estava.

Yarvi fez um som, meio riso, meio soluço, e enxugou lágrimas com as costas da mão torta.

– Meu pai chorou depois de ficar noivo da minha mãe?

– Na verdade, chorou – respondeu mãe Gundring. – Durante vários anos. Ela, por outro lado...

Yarvi gorgolejou numa gargalhada, mesmo contra a vontade.

– Minha mãe é mais sovina com as lágrimas do que com o ouro. – Ele encarou a mulher que fora sua professora, que agora seria sua ministra, o rosto cheio de rugas delicadas, os olhos brilhantes cheios de preocupação, e se pegou sussurrando: – A senhora tem sido uma mãe para mim.

– E o senhor tem sido um filho para mim. Sinto muito, Yarvi. Sinto muito por tudo, mas... isso é pelo bem maior.

– Pelo menor mal. – Yarvi remexeu no cotoco de dedo e piscou na direção dos pássaros. – Quem vai alimentá-los agora?

– Vou encontrar alguém. – Mãe Gundring ofereceu a mão ossuda para ajudá-lo a se levantar. – Meu rei.

Promessas

Foi uma cerimônia grandiosa.

Muitas famílias poderosas das regiões mais distantes de Gettland ficaram com raiva porque a notícia da morte do rei Uthrik as alcançara pouco antes da cremação, negando-lhes a chance de ter sua importância notada num acontecimento que perduraria por tanto tempo na memória.

Sem dúvida o todo-poderoso Rei Supremo, em seu supremo trono em Skekenhouse – para não mencionar avó Wexen, que tudo sabia –, não ficaria nem um pouco satisfeito por não ter sido convidado, como mãe Gundring fez questão de observar. Mas Laithlin reagiu falando entre os dentes:

– A raiva deles é insignificante para mim.

Ela podia não ser mais rainha, porém nenhuma outra palavra se adequava a ela, e Hurik ainda pairava enorme e silencioso ao seu lado, com o juramento eterno de servi-la. Assim que Laithlin dava a ordem, a coisa já estava feita.

A procissão saiu do Salão dos Deuses e atravessou o pátio da cidadela, próximo ao local dos muitos fracassos de Yarvi, sob os galhos do grande cedro onde seu irmão costumava zombar dele por não ser capaz de subir na árvore.

Yarvi ia à frente, claro, à sombra de Laithlin em todos os sentidos, e mãe Gundring lutando para acompanhá-los, encurvada sobre o cajado. Tio Odem comandava os funcionários do rei, guerreiros e mulheres, da melhor forma. Os escravos vinham atrás, os colares chacoalhando e o olhar fixo no chão, que era seu lugar de direito.

Yarvi ergueu os olhos, nervoso, ao passarem pelo único túnel de entrada, viu na escuridão a borda inferior do Portão Que Grita, pronto para baixar e lacrar a cidadela contra qualquer inimigo. Dizia-se que só o haviam fechado uma vez, e isso acontecera muito antes de Yarvi nascer. Ainda assim, o jovem engoliu em

seco, como sempre fazia ao passar por baixo dele. O cobre polido, com o peso de uma montanha, pendurado por um único pino, tendia a abalar os nervos.

Principalmente quando você estava prestes a incinerar os corpos de metade de sua família.

– O senhor está indo bem – sussurrou o tio de Yarvi em seu ouvido.

– Estou andando.

– Está andando como um rei.

– Sou rei e estou andando. Como poderia ser de outro modo?

Odem sorriu.

– Muito bem dito. Meu rei.

Por cima do ombro do tio, Yarvi flagrou Isriun lhe sorrindo também, a tocha que ela carregava lançando um brilho nos olhos e na corrente pendurada no seu pescoço. Logo a chave do Tesouro de Gettland estaria pendurada ali e ela seria rainha. *Sua* rainha. O pensamento lhe deu esperança em meio aos temores, como uma fagulha na escuridão.

Todos carregavam tochas, uma serpente de luzes através da escuridão que se adensava, ainda que o vento tivesse apagado metade das chamas quando a procissão passou pelo portão da cidade e saiu para a colina descampada.

O navio do rei, o melhor que havia no apinhado porto de Thorlby – vinte remos de cada lado e a proa e a popa altas tão bem esculpidas quanto qualquer elemento no Salão dos Deuses –, foi arrastado por guerreiros honrados até o local escolhido no meio das dunas, a quilha rasgando uma trincheira sinuosa na areia. O mesmo navio em que o rei Uthrik navegara pelo Mar Despedaçado em seu famoso ataque a Sagenmark. A mesma embarcação que singrara as águas com o casco baixo, de tão pesado de escravos e despojos, quando ele retornara em triunfo.

No convés, colocaram os corpos pálidos do rei e do herdeiro sobre um catafalco, um estrado alto de belas espadas, já que a fama de Uthrik como guerreiro só era menor do que a de seu irmão morto, Uthil. Tudo em que Yarvi conseguia pensar era em como isso mostrava que os grandes guerreiros não tinham uma morte melhor do que a dos outros homens.

E geralmente morriam mais depressa.

Ricas oferendas estavam postas ao redor dos mortos, do modo como o tecelão de orações julgava que os deuses apreciariam mais. Armas e armaduras

que o rei ganhara em batalha. Braceletes de ouro, moedas de prata. Tesouros amontoados reluzentes. Yarvi colocou uma taça cravejada de joias nas mãos do irmão. Sua mãe depositou uma capa de pele branca sobre os ombros do rei morto e pousou uma das mãos no peito dele. Ficou olhando para baixo, a mandíbula retesada, até que Yarvi chamou:

– Mãe?

Ela se virou sem dizer nada e o conduziu até as cadeiras na encosta da colina, o vento marítimo assolando o capim marrom, que lhes fustigava os pés. Yarvi se remexeu procurando uma posição confortável naquele assento duro e alto. Laithlin estava imóvel à sua direita e Hurik era sua portentosa sombra. Mãe Gundring se empoleirava numa banqueta à esquerda do rapaz, o cajado seguro na mão ossuda, o metal élfico parecendo vivo, refletindo as chamas das tochas agitadas.

Yarvi estava sentado entre suas duas mães: uma que acreditava nele; uma que o dera à luz.

Mãe Gundring se inclinou para perto e disse baixinho:

– Sinto muito, meu rei. Não era isso que eu queria para o senhor.

Agora Yarvi não poderia demonstrar fraqueza.

– Devemos fazer o melhor possível com o que os deuses nos dão. Até os reis.

– Principalmente os reis – emendou sua mãe com a voz áspera, e deu o sinal.

Duas dúzias de cavalos foram levados para o navio, os cascos ressoando nas tábuas, e foram mortos para que o sangue lavasse o convés. Todos concordavam que a Morte conduziria o rei Uthrik e seu filho de forma respeitosa através da Última Porta e eles seriam considerados grandes em meio aos mortos.

Segurando uma tocha, tio Odem se adiantou à frente das fileiras de guerreiros prontos para a batalha reunidos na areia. Com a cota de malha prateada, o elmo alado e a capa vermelha estalando, parecia de fato um filho, um irmão e um tio de reis. Assentiu, solene, para Yarvi, que retribuiu o gesto e sentiu a mãe apertar com força sua mão direita.

Odem encostou a tocha na palha encharcada de piche. O fogo lambeu o navio e, num instante, o envolveu completamente, provocando um gemido pesaroso na multidão: dos honrados e ricos nos altos terraços diante das muralhas de Thorlby, dos artesãos e mercadores abaixo, dos estrangeiros e camponeses mais abaixo, dos mendigos e escravos abrigados em quaisquer

fendas que o vento lhes permitisse, todas as pessoas no lugar que os deuses haviam considerado justo.

Yarvi engoliu em seco, porque percebeu de repente que o pai jamais retornaria e que ele deveria mesmo ser o rei, até que também fosse cremado.

Ficou parado, com frio e náuseas, uma espada desembainhada sobre os joelhos, enquanto o Pai Lua se mostrava e seus filhos, as estrelas, saíam. O navio pegava fogo, os presentes pegavam fogo, e sua família pegava fogo, iluminando o rosto dos dez mil enlutados. Enquanto isso, luzes esparsas apareciam nas construções de pedra da cidade, nas choupanas de barro amontoadas do lado de fora da muralha e nas torres da cidadela sobre o morro. Sua cidadela, ainda que sempre lhe tenha parecido uma prisão.

Era preciso um esforço hercúleo para permanecer acordado. Ele mal dormira na noite anterior, ou em qualquer noite desde que tinham posto o Círculo do Rei em sua cabeça. As sombras nas frias profundezas do quarto gigantesco de seu pai pareciam repletas de temores, e segundo a tradição antiga não havia porta que ele pudesse trancar, já que o rei de Gettland é uno com a terra e o povo e não deve esconder nada deles.

Segredos e portas no quarto eram luxos reservados para pessoas com mais sorte do que os reis.

Homens emproados com seu equipamento de guerra e mulheres orgulhosas com chaves polidas – alguns dos quais tinham causado sérios problemas para o rei Uthrik – passaram por Yarvi e sua mãe para manifestar seus pêsames, entregar presentes pomposos e distintos e falar de forma exagerada sobre os grandes feitos do senhor morto. Lamentavam que Gettland nunca veria alguém como ele, depois, com uma mesura, lembravam-se de acrescentar “meu rei”, enquanto por trás dos sorrisos sem dúvida se perguntavam como poderiam lucrar tendo aquele fracote aleijado no Trono Negro.

Apenas sussurros ocasionais eram trocados entre Yarvi e sua mãe. “Costas eretas. Você é um rei. Não se desculpe. Você é um rei. Ajeite a fivela da capa. Você é um rei. Você *é* um rei. Você é um *rei*.” Como se tentasse convencer o filho e a si mesma e todo mundo, contra todas as evidências.

Com certeza o Mar Despedaçado nunca vira uma mercadora tão astuciosa, mas Yarvi duvidava de que até mesmo ela pudesse fazer com que engolissem isso.

Ficaram sentados até as chamas se reduzirem a um mero tremeluzir, a quilha com uma escultura de dragão desmoronou num redemoinho de brasas e a primeira mancha borrada do alvorecer tocou as nuvens, rebrilhando na cúpula de cobre do Salão dos Deuses e fazendo as aves marinhas piarem. Então Laithlin bateu palmas e os escravos com correntes retinindo começaram a jogar terra sobre a pira ainda fumegante, criando um grande morro fúnebre que iria se erguer ao lado do túmulo de Uthil e das sepulturas de Brevaer e Angulf Pé-Fendido, avô e bisavô de Yarvi. Ao longo da costa se avistavam os calombos gramados até se perderem entre as dunas, diminuindo em meio à névoa de um tempo anterior à época em que Aquela Que Escreve confiara à mulher o dom das letras, em que os ministros começaram a enclausurar os nomes dos mortos em seus grandes livros.

A Mãe Sol mostrou seu rosto ofuscante e incendiou a água. Logo a maré estaria recuando, carregando os muitos navios puxados para cima da areia, a popa bem posicionada para que pudessem deslizar para fora tão rapidamente quanto haviam chegado, prontos para levar os guerreiros a Vansterland a fim de se vingarem de Grom-gil-Gorm.

Tio Odem subiu o morro com o pulso firme no punho da espada e o sorriso fácil substituído pela carranca de um guerreiro.

– Chegou a hora.

Yarvi se levantou, passou pelo tio e ergueu bem alto a espada emprestada, contendo os temores e rugindo para o vento, o mais alto que podia:

– Eu, Yarvi, filho de Uthrik e Laithlin, rei de Gettland, faço um juramento! Faço um juramento solar e um juramento lunar. Juro diante d’Aquela Que Julga, d’Aquele Que Lembra e d’Aquela Que Aperta o Nó. Que meu irmão, meu pai e meus ancestrais enterrados aqui sejam testemunhas. Que Aquele Que Vigia e Aquela Que Escreve sejam testemunhas. Que todos sejam testemunhas. Que isso sempre me acorrente e me aguilhoe. Eu me vingarei dos assassinos do meu pai e do meu irmão. Eu juro!

Os guerreiros reunidos bateram as cabeças pontudas de seus machados contra os elmos, os punhos contra os escudos pintados e as botas contra o Pai Terra, numa aprovação austera.

Odem franziu a testa.

– Esse é um juramento pesado, meu rei.

– Posso até ser meio homem – retrucou Yarvi, tendo dificuldade para recolocar a espada de volta na bainha forrada com pele de ovelha –, mas sou capaz de fazer um juramento por inteiro. Pelo menos os homens o apreciaram.

– Esses são homens de Gettland – disse Hurik. – Eles apreciam feitos.

– Acho que foi um belo juramento. – Irsiun estava parada junto dele, o cabelo se agitando ao vento. – O juramento de um rei.

Yarvi se deu conta de que estava muito satisfeito em vê-la ali. Desejou que ninguém mais estivesse presente, então poderia beijá-la de novo e provavelmente se sair melhor. Porém só pôde sorrir e erguer um pouco sua meia mão numa despedida desajeitada.

Haveria tempo para beijos quando se encontrassem de novo.

– Meu rei. – A impressão era que os olhos de mãe Gundring, sempre secos em qualquer fumaça, poeira ou tempo, estavam marejados. – Que os deuses o favoreçam no clima e, ainda mais, nas armas.

– Não se preocupe, minha ministra. Sempre há a chance de eu sobreviver.

Sua mãe verdadeira não derramou lágrimas. Apenas apertou outra vez sua fivela de capa que estava torta e disse:

– Porte-se como um rei, Yarvi. Fale como um rei. Lute como um rei.

– Eu sou rei – garantiu ele, por mais que sentisse que era mentira, e se obrigou a afirmar, com a garganta apertada: – Vou deixá-la orgulhosa. – Mesmo que nunca soubesse como.

Olhou para trás enquanto andava, a mão delicada do tio guiando-o apoiada em seu ombro, os guerreiros enfileirados formando serpentes de aço reluzente em sua marcha na direção da água, e viu sua mãe segurar Hurik pela cota de malha e puxá-lo para perto, mesmo ele sendo um homem forte.

– Cuide do meu filho, Hurik – ouviu-a dizer com voz embargada. – Ele é tudo o que eu tenho.

Então a Rainha Dourada se foi com seus guardas, ajudantes e muitos escravos rumo à cidade. Yarvi seguiu pelo alvorecer descolorido até os navios, cujos mastros formavam uma floresta oscilante contra o céu arroxeado. Tentava andar como seu pai, ansioso pela luta, ainda que com os joelhos fracos, a garganta dolorida, os olhos vermelhos e o coração repleto de dúvidas. Ainda sentia cheiro de fumaça.

Ele deixou o Pai Paz chorando entre as cinzas e se apressou até o abraço de ferro da Mãe Guerra.

Trabalho de homem

Cada onda nascida da Mãe Oceano o levantava, rolava, repuxava suas roupas encharcadas, fazia-o estremecer e se agitar como se lutasse para ficar de pé. Cada onda que sibilava de volta arrastava o corpo pela praia e o deixava encalhado, o cabelo emaranhado cheio de espuma e areia, frouxo como os amontoados de algas nos seixos.

Yarvi olhou para ele, imaginando quem seria. Quem tinha sido. Menino ou homem? Teria morrido fugindo ou lutado com bravura?

Qual era a diferença agora, afinal?

A quilha raspou a areia, o convés estremeceu, Yarvi tropeçou e teve que agarrar o braço de Hurik para se firmar. Com uma pancada e um tropel, os homens largaram os remos, pegaram os escudos e saltaram pelos costados do navio para a espuma, carrancudos por serem os últimos a desembarcar, tarde demais para qualquer glória ou espólios que valessem a pena. Ser tripulante do navio real tinha sido uma grande honra no reino de Uthrik.

Não era nenhuma honra no de Yarvi.

Alguns homens pegaram a corda de proa e puxaram o navio para além do cadáver flutuante, subindo pela praia; outros soltavam as armas e corriam para a cidade de Amwend. Ela já estava em chamas.

Yarvi mordeu o lábio enquanto se preparava para pular a amurada com algum resquício de compostura régia, mas a alça do escudo dourado se torceu em sua mão fraca, embolou em sua capa e quase o derrubou de cara na água salgada.

– Dane-se essa coisa!

Yarvi soltou as tiras, soltou o escudo do braço aleijado e o jogou no meio dos baús em que os homens se sentavam para remar.

– Meu rei – disse Keimdal. – O senhor deveria ficar com o escudo. Não é seguro...

– Você lutou comigo. Sabe o que vale o meu escudo. Se alguém vier até mim e eu não puder detê-lo só com a espada, é melhor eu correr. Vou correr mais depressa sem o escudo.

– Mas, meu rei...

– Ele é rei – trovejou Hurik, passando os dedos grossos pela barba grisalha. – Se ele disser para todos largarmos os escudos, deveremos fazer isso.

– Os que têm duas mãos boas podem ficar com os deles – falou Yarvi, deslizando para a arrebentação, xingando quando outra onda fria o encharcou até a cintura.

Alguns escravos recentes estavam amarrados e enfileirados no local onde a areia dava lugar ao capim, esperando para serem postos a bordo de algum navio. Encurvados e sujos de fuligem, arregalavam os olhos cheios de medo, dor ou incredulidade diante do que surgira do mar e roubara suas vidas. Ao lado, um grupo de guerreiros de Yarvi jogava dados disputando as roupas deles.

– O seu tio Odem pergunta pelo senhor, meu rei – avisou um deles, depois se levantou franzindo a testa e chutou o rosto de um velho que soluçava.

– Onde? – perguntou Yarvi, a língua se grudando na boca subitamente seca.

– No topo da fortaleza.

O homem apontou para uma torre de pedra sobre uma rocha íngreme acima da cidade, ladeada por uma enseada espumante e por ondas furiosas, que assolavam a sua base.

– Eles não fecharam os portões? – perguntou Keimdal.

– Fecharam, mas três filhos do comandante foram deixados na cidade, Odem cortou a garganta de um deles e disse que mataria o próximo se o portão não fosse aberto.

– Foi isso mesmo – confirmou um dos outros guerreiros, depois deu um risinho quando seu número saiu. – Meias novas!

Yarvi pestanejou. Nunca havia pensado em seu tio sorridente como um homem implacável. Mas Odem tinha brotado da mesma semente de Uthrik, de cuja fúria ele ainda carregava as marcas, e de seu irmão afogado, Uthil, cuja habilidade ímpar com a espada os velhos guerreiros ainda se lembravam com os olhos úmidos. Às vezes as águas calmas escondem correntes ferozes.

– Maldito seja você!

Uma mulher havia se afastado da fila de escravos o máximo que as cordas permitiam, o cabelo sangrento grudado num lado do rosto.

– Rei bastardo de um país bastardo, que a Mãe Oceano engula...

Um dos guerreiros a derrubou com um soco.

– Corte a língua dela – sugeriu outro, puxando-a de volta pelos cabelos enquanto um terceiro pegava uma faca.

– Não! – gritou Yarvi.

Os homens franziram a testa para ele. Se a honra do rei era questionada, a deles também era, e a misericórdia não serviria como explicação.

– Ela vai render um preço melhor se mantiver a língua – explicou.

Yarvi se virou, os ombros ardendo sob o peso da cota de malha, e se esforçou para andar até a fortaleza.

– Você é mesmo filho da sua mãe, meu rei – comentou Hurik.

– De quem mais eu seria?

Os olhos de seu pai e do seu irmão costumavam brilhar em meio às histórias de ataques passados, de grandes feitos e enormes riquezas tomadas, enquanto Yarvi espreitava nas sombras ao pé da mesa, desejando ter participado daquele trabalho de homem. Mas ali estava a realidade, e agora uma posição num ataque militar não lhe parecia algo invejável.

A batalha havia acabado, se é que houvera algo digno desse nome, mas parecia que Yarvi andava em um pesadelo, suando sob a cota de malha, mordendo a parte interna da boca e se assustando com qualquer barulho. Gritos e gargalhadas, figuras correndo pela névoa serpeante dos incêndios, fumaça arranhando a garganta. Corvos bicavam, voavam em círculos e crocitavam em triunfo. A vitória era deles, acima de tudo. A Mãe Guerra – Mãe dos Corvos, que junta os mortos e transforma a mão aberta em punho – dançaria naquele dia enquanto o Pai Paz esconderia o rosto e choraria. Aliás, ali, perto da fronteira indolente entre Vansterland e Gettland, ele chorava com frequência.

A torre da fortaleza se erguia negra acima deles, o ruído das ondas estourando dos dois lados dos alicerces.

– Pare – ordenou Yarvi, ofegante, a cabeça girando, o rosto pinicando de suor. – Me ajude a tirar a malha.

– Meu rei – espumou Keimdal. – Devo insistir para que não faça isso!

– Insista quanto quiser. Depois faça o que estou mandando.

– É meu dever mantê-lo em segurança...

– Então imagine sua desonra quando eu morrer de tanto suar, na metade dessa torre! Solte as fivelas, Hurik.

– Meu rei.

Eles tiraram a cota de malha e Hurik a jogou sobre um de seus ombros enormes.

– Vá à frente – disse Yarvi rispidamente a Keimdal, lutando para apertar a desajeitada fivela da capa de ouro de seu pai com o inútil cotoco. Era grande e pesada demais, e a presilha, rígida como...

Ficou petrificado pela visão que os recebeu do outro lado do portão aberto.

– Essa é uma verdadeira colheita – disse Hurik.

O espaço estreito diante da torre estava coberto de corpos. Tantos que Yarvi precisou procurar trechos de chão para colocar os pés. Havia mulheres e crianças. Moscas zumbiam e ele teve ânsia de vômito. Precisou lutar para contê-la.

Ele era rei, afinal de contas, e os reis se regozijam com os cadáveres dos inimigos.

Um dos guerreiros de seu tio estava sentado junto da entrada da torre, limpando o machado calmamente, como se estivesse ao lado do campo de treino em casa.

– Onde está Odem? – murmurou Yarvi para ele.

O homem deu um sorrisinho com os olhos semicerrados e apontou para cima.

– No alto, meu rei.

Yarvi se abaixou para passar pela porta, a respiração ecoando na escada, os pés raspando nas pedras, reprimindo o enjoo.

No campo de batalha não existem regras, costumava dizer o pai.

Subiu e subiu pela escuridão repleta de chiados, seguido por Hurik e Keimdal. Parou junto a uma janela estreita para sentir o vento no rosto ardente, viu a água se chocar contra as pedras em um precipício íngreme e atirou o medo lá para baixo.

Porte-se como um rei, dissera sua mãe. *Fale como um rei. Lute como um rei.*

Havia uma plataforma no topo, sustentada por tábuas, com um parapeito de madeira não mais alto do que a coxa de Yarvi. Baixo o suficiente para fazer com que a náusea e a tontura o invadissem quando ele viu quanto tinham subido, o Pai Terra e a Mãe Oceano se estendendo ao redor, as florestas de Vansterland espraiando-se na névoa da distância.

Odem olhava calmamente Amwend pegar fogo, colunas de fumaça manchando o céu cinza-ardósia, os guerreiros minúsculos encurvados no trabalho da destruição, os pequenos navios alinhados onde a espuma encontrava os seixos, para pegar a colheita sangrenta. Uma dúzia de seus homens mais experientes estava ao redor dele e, ajoelhado no meio, um prisioneiro com um belo manto amarelo, amarrado e amordaçado, o rosto inchado de hematomas e o cabelo comprido com crostas de sangue.

– Um bom dia de trabalho! – gritou Odem, sorrindo para o sobrinho por cima do ombro. – Tomamos duzentos escravos, animais, despojos, e queimamos uma das cidades de Grom-gil-Gorm.

– E o próprio Gorm? – perguntou Yarvi, tentando recuperar o fôlego depois da subida e, já que lutar nunca fora um dos seus pontos fortes, pelo menos falar como rei.

Odem sugou o ar com azedume.

– O Quebrador de Espadas virá, não é, Hurik?

– Sem dúvida. – O Escudo Escolhido saiu da escada e se empertigou. – A batalha atrai aquele urso velho com tanta certeza quanto as moscas.

– Precisamos juntar os homens e voltar ao mar em menos de uma hora – disse Odem.

– Vamos embora? – perguntou Keimdal. – Já?

Yarvi percebeu que estava com raiva. Cansado, enjoado e com raiva da própria fraqueza, da implacabilidade do tio e do mundo que era assim.

– Essa é a nossa vingança, Odem? – Ele balançou a mão boa para a cidade em chamas. – Contra mulheres, crianças e agricultores velhos?

A voz do tio estava gentil, como sempre ao lhe responder. Gentil como uma chuva de primavera.

– A vingança é cobrada pedaço a pedaço. Mas não precisa se preocupar com isso agora.

– Eu não fiz um juramento? – rosnou Yarvi.

Nos últimos dois dias, ele ficara eriçado sempre que alguém usava as palavras *meu rei*. Agora descobria que ficava mais eriçado ainda quando não usavam.

– Fez. Eu ouvi, e achei que era um juramento pesado demais para o senhor carregar. – Odem indicou o prisioneiro ajoelhado, grunhindo na mordaça. – Mas ele vai livrá-lo desse peso.

– Quem é ele?

– O comandante de Amwend. Foi ele que matou você.

Yarvi piscou, surpreso.

– O quê?

– Eu tentei impedi-lo. Mas o covarde estava com uma lâmina escondida.

Odem ergueu a mão, revelando uma adaga longa, com punho de azeviche. Apesar do calor da subida, Yarvi sentiu um frio súbito, das solas dos pés até as raízes dos cabelos.

– Meu arrependimento maior será porque agi tarde demais para salvar meu sobrinho muito amado.

De maneira despreocupada, como se cortasse uma peça de carne, Odem golpeou o comandante entre o pescoço e o ombro e o chutou no rosto, espalhando sangue no topo da torre.

– Que negócio é esse?

As palavras de Yarvi saíram esganiçadas e falhas. De repente, ele teve consciência de que muitos dos homens de seu tio estavam ao redor, todos armados, todos com armaduras.

Enquanto Odem avançava muito calmamente em sua direção, Yarvi recuou com os joelhos trêmulos para lugar nenhum, a não ser o parapeito baixo e a queda vertiginosa.

– Eu me lembro da noite em que você nasceu. – A voz do tio estava monótona e fria como gelo em um lago durante o inverno. – Seu pai gritou furioso com os deuses por causa dessa coisa que você tem no lugar da mão. Mas você sempre me fez sorrir. Você daria um ótimo bufão. – Odem arqueou as sobrancelhas e suspirou. – Mas minha filha terá mesmo um fracote maneta como marido? Gettland está mesmo preparada para ter meio rei? Uma marionete aleijada e controlada pela mãe? Não, sobrinho. Eu... acho... que... *não*.

Keimdal agarrou o braço de Yarvi e o puxou para trás, com o som de metal raspando enquanto desembainhava a espada.

– Fique atrás de mim, meu...

Sangue espirrou no rosto de Yarvi e meio que o cegou. Keimdal caiu de joelhos, cuspindo e gorgolejando, apertando o pescoço, aquela coisa negra escorrendo entre os dedos. Yarvi olhou para o lado e viu Hurik franzindo a testa com uma faca na mão, a lâmina escorregadia do sangue de Keimdal. Ele deixou a cota de malha do rei cair tilintando no chão.

– Devemos fazer o que é melhor para Gettland – disse Odem. – Mate-o.

Yarvi cambaleou para longe, boquiaberto, e Hurik agarrou sua capa.

Com um sibilo, a fivela de ouro do pai se abriu. De repente livre, Yarvi virou para trás.

O parapeito o acertou com força nos joelhos e, inspirando ruidosamente, ele tombou por cima.

Rocha, água e céu giraram ao redor, o rei de Gettland despencou e o mar o acertou como um martelo batendo em ferro.

A Mãe Oceano o tomou em seu abraço frio.

O inimigo

Yarvi voltou a si no escuro, envolto por um jorro de bolhas, e se retorceu, se sacudiu e girou pela necessidade simples de permanecer vivo.

Os deuses ainda deviam ter alguma utilidade para ele, já que, quando parecia que suas costelas iriam estourar e ele precisava respirar, fosse água ou ar, Yarvi tossiu e chutou, foi sugado para baixo, jogado e rolado pela corrente.

Uma onda lançou-o sobre as pedras e ele agarrou as cracas e as algas verdes escorregadias, por tempo suficiente apenas para inspirar de novo. Lutou contra a fivela, livrou-se do cinto da espada que tentava afogá-lo, as pernas ardendo enquanto combatia o mar implacável, livrando-se com chutes das botas pesadas.

Reuniu todas as forças e, no momento em que a onda o levantou, se puxou para cima, tremendo com o esforço, até uma estreita laje de pedra lavada pelos borrifos salgados, salpicada de coisas gosmentas e lapas de concha afiada.

Sem dúvida Yarvi tinha sorte por ainda estar vivo, mas não se sentia com sorte.

Estava na enseada no lado norte da fortaleza, um espaço estreito cercado por rochas irregulares onde as ondas espumantes se chocavam furiosas, desgastando a pedra, batendo e lançando borrifos brilhantes. Yarvi afastou o cabelo molhado dos olhos, cuspiu sal, sentiu a garganta áspera, as mãos arranhadas e ardentes.

A decisão idiota de tirar a cota de malha havia salvado sua vida, mas a vestimenta acolchoada que ficava por baixo estava inchada de água do mar. Ele tateou as tiras, finalmente soltou-as e ficou encurvado, tremendo.

– Vocês o viram? – escutou uma voz, vindo de tão perto, acima, que ele se encolheu contra a pedra escorregadia, mordendo a língua.

– Só pode estar morto. – Era outra voz. – Bateu nas pedras. A Mãe Oceano está com ele, com certeza.

– Odem quer o corpo.

– Então Odem pode ir pescá-lo.

Uma terceira voz agora:

– Ou o Hurik. Ele é que deixou o aleijado cair.

– E quem você vai mandar nadar primeiro, Odem ou Hurik?

Gargalhadas.

– Gorm está vindo. Não temos tempo para ficar procurando cadáveres manetas.

– Vamos voltar aos navios e dizer ao rei Odem que o sobrinho dele adorna as profundezas...

As vozes foram se afastando em direção à praia.

Rei Odem. Seu próprio tio, que ele havia amado como um pai, sempre presente com uma palavra afável, um sorriso compreensivo e a mão no ombro de Yarvi, guiando-o. Seu próprio sangue! Estava se agarrando com a mão boa, mas fechou a ruim num punho trêmulo, a fúria do pai crescendo tão forte que ele mal conseguia respirar. Mas sua mãe sempre dissera: *nunca se preocupe com o que foi feito, só com o que será feito.*

Sua mãe.

Soltou um soluço carente ao pensar nela. A Rainha Dourada sempre sabia o que deveria ser feito. Mas como chegar até ela? Os navios de Gettland já estavam partindo. Logo os homens de Vansterland chegariam. Tudo o que Yarvi podia fazer era aguardar a escuridão. Encontrar algum modo de atravessar de novo a fronteira e ir para o sul até Thorlby.

Sempre há um modo.

Se precisasse andar centenas de quilômetros pela floresta sem botas, ele faria isso. Iria se vingar do tio desgraçado e daquele traidor do Hurik e retomaria o Trono Negro. Jurou isso repetidamente enquanto a Mãe Sol escondia o rosto atrás das rochas e as sombras se alongavam.

Mas não havia considerado a vingadora mais implacável: a maré. Logo as ondas geladas banhariam a laje à qual ele se agarrava. A água subia fria sobre os pés descalços, sobre os tornozelos, sobre os joelhos, e em pouco tempo o mar penetraria naquele espaço estreito com mais ferocidade do que antes. Ele gostaria de pesar suas opções, mas para isso era preciso ter mais de uma.

Assim, subiu. Trêmulo e cansado, dolorido e enregelado, chorando e xingando o nome de Odem a cada vez que as mãos ou os pés escorregavam. Era

um risco medonho, mas melhor do que se lançar à misericórdia da Mãe Oceano, já que, como todo marinheiro sabe, ela não tem nenhuma.

Com um último esforço, alçou-se pela borda e ficou deitado por um momento no mato ralo, recuperando o fôlego. Gemeu enquanto rolava e começava a se levantar.

Algo o acertou na lateral da cabeça. Yarvi gritou e viu estrelas. A terra girou e o atingiu de lado. Ele engatinhou, grogue, babando sangue.

– É um cão de Gettland, a julgar pelo cabelo. – E Yarvi guinchou ao ser puxado por ele.

– Um filhote, pelo menos.

Uma bota acertou a bunda de Yarvi e o jogou de cara no chão. Tentou se afastar um ou dois passos e foi chutado de novo. Dois homens o puxavam, com cotas de malha e lanças. Eram de Vansterland, sem dúvida, mas a não ser pelas tranças compridas e os rostos duros, não pareciam diferentes dos guerreiros que tinham franzido a testa para ele no campo de treino.

Para quem está desarmado, todos os homens armados são iguais.

– De pé – ordenou um deles, rolando-o com outro chute.

– Então pare de me chutar – retrucou Yarvi, ofegante.

Deram-lhe uma pancada com o cabo da lança no outro lado do rosto e ele resolveu não fazer mais piadas. Um deles o puxou pela gola da camisa rasgada e meio o arrastou, meio o fez andar.

Havia guerreiros por toda parte, alguns a cavalo. Camponeses também, talvez moradores da cidade que tinham fugido ao ver os navios. Estavam retornando às ruínas das casas, sujos de fuligem e com riscas de lágrimas nos rostos, para escavar em meio aos destroços. Corpos foram retirados para serem incinerados: as mortalhas estalavam e balançavam ao vento marítimo.

Mas Yarvi precisava de toda a sua pena para si mesmo.

– Ajoelhe-se, cão.

Jogaram-no esparramado de novo e, dessa vez, ele não viu uma necessidade premente de se levantar, gemendo a cada respiração e sentindo a boca ferida como um grande latejamento.

– O que vocês trazem para mim? – disse uma voz clara, aguda e melodiosa, como se cantasse uma música.

– Um gettlandês. Ele saiu do mar ao lado da fortaleza, meu rei.

– A Mãe das Águas entrega butins estranhos. Olhe para mim, criatura do mar.

Yarvi ergueu a cabeça lentamente, temeroso, dolorido, e viu duas grandes botas com bicos de aço arranhado. Em seguida, calças largas, de listras vermelhas e brancas. Depois, um cinto grosso com uma fivela de ouro, os punhos de uma espada grande e quatro lâminas. A malha de aço com linhas de ouro forjadas em zigue-zague. Então, uma pele branca sobre ombros grandes, com a cabeça de lobo ainda presa e preciosas granadas engastadas nos olhos vazios. Sobre ela, uma corrente feita de pedaços de ouro e prata amontoados, com pedras preciosas cintilantes: eram botões arrancados de espadas de inimigos derrotados, tantas que o acessório era enrolado três vezes ao redor de um pescoço parecido com um tronco, e mesmo assim pendia até muito embaixo. Por fim, tão acima de Yarvi que o homem parecia um gigante, um rosto áspero, assimétrico como uma árvore soprada pelo vento, cabelo comprido e barba revolta e grisalha, mas com um sorriso na boca torta e nos olhos. O sorriso de alguém que examina besouros pensando qual irá esmagar.

– Quem é você, pessoa? – perguntou o gigante.

– Um ajudante de cozinha. – As palavras saíam desajeitadas da boca sangrenta de Yarvi e ele tentou esconder a mão aleijada na manga da blusa molhada para não ser denunciado. – Caí no mar.

Um bom mentiroso enreda o máximo de verdade possível no tecido, disse uma vez mãe Gundring.

– Vamos fazer um jogo de adivinhação? – indagou o gigante, enrolando repetidamente uma mecha de cabelo comprido com um dedo. – Qual seria o meu nome?

Yarvi engoliu em seco; não precisava adivinhar.

– O senhor é Grom-gil-Gorm, Quebrador de Espadas e Fazedor de Órfãos, rei de Vansterland.

– Ganhou! – Gorm aplaudiu com as mãos enormes. – Mas ainda não sabemos o que você ganhou. Eu *sou* rei de Vansterland, o que ultimamente inclui esses desgraçados infelizes que seus compatriotas de Gettland roubaram com tanta liberdade, estriparam e levaram como escravos, contra a vontade do Rei Supremo de Skekenhouse, que pediu que as espadas permanecessem

embainhadas. Ele adora estragar nossa diversão, mas aí está. – O olhar de Gorm percorreu a ruína. – Isso lhe parece justo, ajudante de cozinha?

– Não – respondeu Yarvi com a voz áspera, e nem precisou mentir.

Uma mulher chegou ao lado do rei. Seu cabelo estava raspado até só restar uma penugem preta e grisalha, os braços compridos e brancos cobertos dos ombros aos dedos com desenhos azuis. Alguns deles Yarvi reconheceu devido aos estudos: mapas para decifrar o futuro pelas estrelas, círculos concêntricos em que os relacionamentos dos Deuses Pequenos eram estabelecidos, runas que falavam sobre tempos, distâncias e quantidades permitidos e proibidos. Num antebraço, cinco pulseiras élficas estavam amontoadas, relíquias de grande idade e valor, ouro, aço e vidro brilhante faiscante, talismãs com símbolos cujos significados se afogaram nas profundezas do tempo.

Yarvi soube que aquela devia ser mãe Scaer, a ministra de Gorm. A que havia mandado o pombo para mãe Gundring, atraindo o pai de Yarvi para a morte com promessas de paz.

– Que rei de Gettland ordenou essa matança? – perguntou ela, a voz áspera como a de um pombo.

– Odem.

Yarvi se deu conta, com alguma dor, de que era verdade.

O lábio dela se franziu como se sentisse um gosto azedo.

– Então a raposa matou o próprio irmão, o lobo.

– Bestas traiçoeiras. – Gorm suspirou, virando um botão de espada distraidamente em sua corrente. – Sem dúvida isso iria acontecer. Com tanta certeza quanto a Mãe Sol segue o Pai Lua pelo céu.

– *Vocês* mataram o rei Uthrik. – Yarvi descobriu que havia cuspido com a boca sangrenta.

– É o que dizem? – Gorm ergueu os braços enormes, fazendo balançar as armas no cinto. – Então por que não alardeio isso? Por que meus bardos não estão transformando a história em música? Meu triunfo não renderia uma canção alegre? – Ele gargalhou e baixou os braços. – Minhas mãos estão ensanguentadas até o ombro, ajudante de cozinha, porque, dentre todas as coisas, o que mais me agrada é o sangue. Mas, lamento dizer, nem todos os homens do mundo são mortos por mim.

Uma das adagas havia escorregado para a frente no cinto dele, o cabo de chifre apontando na direção de Yarvi. Ele poderia tê-la agarrado. Se fosse o seu pai, ou seu irmão, ou o bravo Keimdal que morrera tentando proteger o rei, poderia ter saltado para aquela lâmina, cravando-a na barriga de Grom-gil-Gorm, cumprindo com seu solene juramento de vingança.

– Você quer este badulaque? – Gorm pegou a adaga e estendeu-a para Yarvi, segurando-a pela lâmina brilhante. – Então pegue. Mas você deve saber que a Mãe Guerra bafejou sobre mim no berço. Foi previsto que nenhum homem pode me matar.

Como ele parecia gigantesco contra o céu branco, o cabelo esvoaçante, a cota de malha reluzente e o sorriso caloroso no rosto marcado pelas batalhas. Será que Yarvi tinha jurado vingança contra aquele gigante? Ele, meio homem, com sua única mão fina e branca? Teria gargalhado diante da arrogância daquilo se não estivesse tremendo de frio e medo.

– Ele deveria ser amarrado na praia com as tripas desenroladas para os corvos – disse a ministra, com os olhos azuis fixos em Yarvi.

– É o que você sempre diz, mãe Scaer. – Gorm enfiou a adaga no cinto. – Mas os corvos nunca me agradecem. Isso aí não passa de um garoto. Esse ultraje não foi ideia dele. – Isso era mais verdadeiro do que Gorm imaginava. – Ao contrário do nobre rei Odem, não preciso me inflar com a morte de coisas fracas.

– E a justiça? – A ministra franziu a testa para os corpos amortalhados, os músculos se remexendo nas laterais da cabeça raspada. – O povo baixo está ávido por vingança.

Gorm projetou os lábios e fez um som de peido.

– É a sina do povo baixo sentir fome. Não aprendeu nada com a Rainha Dourada de Gettland, a sábia e linda Laithlin? Por que matar o que você pode vender? Prendam-no pelo pescoço e ponham-no com os outros.

Yarvi guinchou enquanto um homem o puxava para cima e outro colocava uma argola de ferro áspero em seu pescoço.

– Se você mudar de ideia com relação à adaga, pode me procurar! – gritou Gorm, sorrindo o tempo todo. – Adeus, ex-ajudante de cozinha!

– Espere! – sibilou Yarvi, percebendo o que o aguardava, a mente disparando atrás de algum truque para evitar aquilo. – Espere!

– Esperar o quê? – perguntou mãe Scaer. – Pare com esse berreiro.

Um chute na barriga o deixou sem fôlego. Eles o forçaram a se dobrar sobre um toco velho e, enquanto um homem o segurava ofegando, o outro trazia o pino, amarelo incandescente da forja, e o enfiava com pinças na presilha da argola. O primeiro golpeou o pino com um martelo, para esmagá-lo depressa, mas se atrapalhou, o golpe resvalou e espirrou ferro derretido no pescoço de Yarvi.

Ele nunca conhecera dor igual e guinchou feito uma chaleira fervendo, soluçou, balbuciou e se retorceu no toco. Um dos homens o agarrou pela camisa e o jogou numa poça fétida, de modo que o ferro sibilou esfriando.

– Um ajudante de cozinha a menos. – O rosto da mãe Scaer estava leitoso, e liso feito mármore. Seus olhos eram azuis como o céu de inverno e não havia piedade neles. – Um escravo a mais.

II

O VENTO SUL

As mercadorias mais baratas

Yarvi estava agachado na escuridão fétida, passando os dedos nas queimaduras em carne viva no pescoço e nas cascas de feridas recentes no couro cabeludo raspado de modo grosseiro, suando de dia e tremendo à noite, ouvindo os gemidos, os choros e as orações não atendidas em dezenas de línguas, saídos das gargantas arruinadas do refugo humano ao redor. Da sua própria vinham os sons mais altos.

Lá em cima, as melhores mercadorias eram mantidas limpas e bem alimentadas, enfileiradas na rua, com polidas argolas de escravos, onde poderiam atrair compradores. Nos fundos da loja, os menos fortes, menos hábeis ou menos bonitos eram acorrentados em corrimões e espancados até sorrirem para algum comprador. Na parte de baixo, na escuridão e na imundície, eram mantidos os velhos, os doentes, os simplórios e os aleijados, abandonados para brigar por migalhas como porcos.

No gigantesco mercado de escravos de Vulsgard, capital de Vansterland, todo mundo tinha um preço e o dinheiro não era desperdiçado em quem não fosse rentável. Uma simples relação de custos e lucros, desprovida de sentimento. Ali você podia aprender qual era o seu verdadeiro valor, e Yarvi ficou sabendo aquilo de que suspeitava havia muito tempo.

Ele não valia quase nada.

A princípio, ficou obcecado por planos, estratagemas e fantasias para se vingar. Era assolado por um milhão de coisas que poderia ter feito de modo diferente. Mas não por uma que poderia fazer agora. Se gritasse dizendo que era o rei legítimo de Gettland, quem acreditaria? Ele próprio mal acreditava. E se encontrasse um modo de fazer com que acreditassem? O negócio deles era vender pessoas. Iriam cobrar resgate por ele, claro. Será que o rei Odem abriria a mão para ter o sobrinho desaparecido de volta aos seus gentis cuidados? Sem

dúvida. E ainda abriria aquele seu sorriso calmo e sereno como a neve recém-caída.

Yarvi se agachava naquela imundície insuportável e se espantava com as circunstâncias a que uma pessoa conseguia se acostumar.

No segundo dia, mal notava o fedor.

No terceiro, amontoava-se com seus companheiros abandonados pelos deuses no frio da noite, agradecido pelo calor deles.

No quarto, remexia na imundície com a mesma ansiedade de qualquer um deles quando jogavam a lavagem na hora de comer.

No quinto, mal conseguia se lembrar do rosto das pessoas que conhecia. Laithlin e mãe Gundring se misturaram, o tio traiçoeiro e o pai morto se fundiram, Hurik não podia mais ser separado de Keimdal, Isriun se esvaía até virar um fantasma.

Era estranha a rapidez com que um rei podia se tornar um animal. Ou como meio rei podia virar meio animal. Talvez até os que nós alçamos aos postos mais altos jamais se elevem muito acima da lama.

Não muito depois do nascer do sol, em seu sétimo dia naquele inferno criado pelo homem, os gritos do vizinho mercador de armaduras de mortos começavam a desafiar os guinchos das aves marinhas e Yarvi escutou a voz lá fora, profunda e firme:

– Estamos procurando homens capazes de puxar um remo.

Era a voz de um homem acostumado a conversas objetivas e negócios sem cerimônias.

– Nove pares de mãos. – Uma voz mais suave e sutil veio após a primeira. – Os tremores deixaram algumas vagas nos nossos bancos.

– Claro, amigos! – Era o dono da loja, o dono de Yarvi, a voz escorregadia e pegajosa como mel quente. – Este é Namev, o Shend, campeão de seu povo, tomado em batalha! Veem como ele é alto? Observem esses ombros. Ele poderia impelir seu navio sozinho. Os senhores não vão encontrar qualidade maior...

Uma fungada porcina vinda do primeiro comprador.

– Se estivéssemos atrás de qualidade, iríamos para o outro lado da rua.

– Você não lubrifica um eixo com o melhor óleo – disse a segunda voz.

Passos acima, poeira caindo e sombras se remexendo nas frestas de luz entre as tábuas sobre a cabeça de Yarvi. Os escravos ao redor se enrijeceram,

silenciando a respiração para ouvir. A voz do dono da loja vinha abafada, agora com um pouco menos de mel.

– Aqui estão seis inglings saudáveis. Eles falam mal a Língua, mas entendem muito bem o chicote. Ótimas escolhas para trabalho duro e a um preço excelente...

– Você também não lubrifica um eixo com gordura boa – interrompeu a segunda voz.

– Mostre o piche e a banha de porco, mercador de carne – rosnou o primeiro.

As dobradiças úmidas rangeram quando a porta no topo da escada foi aberta, todos os escravos se encolhendo por instinto num amontoado débil por causa da luz. Yarvi podia ser novo na escravidão, mas tinha longa experiência em se retrair. Com muitos xingamentos e pancadas de seu porrete, o mercador de carne os arrastou até formarem uma fila oscilante, ofegante, as correntes chacoalhando uma música desprezível.

– Esconda essa mão – sibilou ele, e Yarvi a enfiou nos trapos da manga.

Toda a sua ambição era ser comprado, possuído e levado daquele inferno fedorento para a visão da Mãe Sol.

Os dois compradores desceram com cuidado. O primeiro era corpulento e meio careca, com um chicote enrolado no cinto cheio de tachas e um olhar furioso sob as sobrancelhas franzidas que o proclamava um homem com quem não se deveria brincar. O segundo era muito mais novo, alto, magro e bonito, com barba rala e uma torção amarga nos lábios finos. Yarvi captou o brilho de uma argola em seu pescoço. Então ele também era escravo, se bem que, a julgar pelas roupas, um escravo favorecido.

O mercador de carne fez uma reverência e gesticulou com seu porrete em direção à fila de escravos.

– Minhas mercadorias mais baratas.

Não se se deu o trabalho de acrescentar um floreio: belas palavras naquela situação seriam um absurdo.

– São uns restos desgraçados – comentou o homem magro, com o nariz franzido por causa do fedor.

O companheiro atarracado não se abalou. Puxou seu escravo para o aperto de um braço musculoso, falando baixinho com ele em haleen:

– Queremos remadores, não reis.

Era uma língua usada apenas em Sagenmark e nas ilhas, mas Yarvi havia estudado para ser ministro e conhecia a maior parte dos idiomas falados ao redor do Mar Despedaçado.

– A capitã não é idiota, Trigg – retrucou o escravo bonito, remexendo, nervoso, na argola do pescoço. – E se ela perceber que nós a enganamos?

– Vamos dizer que era o melhor que havia para comprar. – Os olhos inexpressivos de Trigg examinaram o pequeno grupo. – Então você vai lhe dar uma nova garrafa e ela vai esquecer tudo. Ou será que você não precisa da prata, Ankran?

– Você sabe que eu preciso. – O homem se soltou do braço de Trigg, a boca mais retorcida ainda, em sinal de nojo. Mal se incomodando em olhá-los, tirou os escravos da fila. – Este... este... este...

Sua mão pairou perto de Yarvi, começou a se afastar.

– Eu consigo remar, senhor. – Era a maior mentira que Yarvi já contara na vida. – Fui aprendiz de um pescador.

No fim, Ankran escolheu nove. Dentre eles, estava um velho das Ilhas com as costas encurvadas, um cego de Throvenland que fora vendido pelo pai no lugar de uma vaca da família, e um aleijado de Vansterland que mal conseguiu conter a tosse por tempo suficiente até que pagassem por ele.

Ah, e Yarvi, o rei legítimo de Gettland.

A discussão sobre o preço foi venenosa, mas, no fim, Trigg e Ankran chegaram a um acordo com o mercador de carne. Uma pequena quantidade de pedacinhos de prata foi para as mãos do mercador, um pouco voltou para a bolsa e a maior parte foi dividida entre os bolsos dos compradores e, pelo que Yarvi pôde ver, roubada da capitã.

Segundo seus cálculos, ele foi vendido por menos do que o valor de uma boa ovelha.

Não reclamou do preço.

Uma família

O *Vento Sul* estava parado na doca, não se parecendo nem um pouco com uma brisa quente.

Comparado com os navios rápidos e esguios de Gettland, era um monstro espojado, baixo na água e largo na meia-nau, com algas verdes e cracas cobrindo as tábuas malcuidadas, dois mastros atarracados e duas dúzias de grandes remos de cada lado, castelos com janelas estreitas encolhidos na proa e na popa rombudas.

– Bem-vindos ao lar – disse Trigg, empurrando Yarvi entre um par de guardas carrancudos na direção da prancha de embarque.

Uma mulher jovem, de pele morena, estava sentada no castelo de popa, balançando uma das pernas enquanto olhava os novos escravos arrastando os pés.

– Isso foi o melhor que vocês conseguiram? – perguntou praticamente sem qualquer sotaque, e saltou com facilidade.

Também tinha uma argola de escrava, mas feita de arame torcido, e sua corrente estava frouxa e leve, em parte enrolada no braço, como se fosse um enfeite que ela optara por usar. Então era uma escrava mais favorecida ainda do que Ankran.

Ela verificou a boca do vansterlandês que tossia e fez um som de reprovação, cutucou as costas encurvadas do shend e estufou as bochechas com nojo.

– A capitã não vai gostar muito desse lixo.

– E onde está nossa ilustre líder? – Ankran já parecia saber a resposta.

– Dormindo.

– Dormindo bêbada?

Ela refletiu sobre isso, a boca se movendo um pouco como se fizesse uma conta.

– Não sóbria.

– Preocupe-se com o curso, Sumael – grunhiu Trigg, empurrando de novo os companheiros de Yarvi. – Os remadores são da minha conta.

Sumael estreitou os olhos escuros para Yarvi enquanto ele passava arrastando os pés. A mulher tinha uma cicatriz e o lábio superior fendido, onde aparecia um pequeno triângulo de dente branco. O garoto se perguntou em que terra do sul ela teria nascido e como viera parar ali, se era mais velha ou mais nova do que ele, o que era difícil dizer por causa do cabelo curto...

Ela moveu o braço rapidamente e agarrou seu pulso, torcendo-o para cima, de modo que sua mão se soltou da manga rasgada.

– Este aqui tem a mão aleijada – disse sem zombaria; era apenas uma constatação, como se tivesse encontrado uma vaca manca no meio de um rebanho. – Só há dois dedos nela. – Yarvi tentou se soltar, mas a garota era mais forte do que aparentava. – E não parecem nada promissores.

– Aquele maldito mercador de carne! – Ankran abriu caminho a cotoveladas e agarrou e torceu o pulso de Yarvi para olhar. – Você disse que sabia remar!

Yarvi só pôde dar de ombros e soltar um murmúrio:

– Eu não disse que era bom remador.

– Parece que não se pode confiar em ninguém, não é? – falou Sumael, erguendo uma sobrancelha preta. – Como ele vai remar só com uma das mãos?

– Ele vai ter que arranjar um jeito – respondeu Trigg, aproximando-se dela. – Temos nove vagas e nove escravos.

Ele se ergueu acima de Sumael e seu nariz rombudo ficou quase grudado no dela, a uma distância menor do que a grossura de um dedo.

– A não ser que você queira passar uma temporada nos bancos.

Ela passou a língua pela fenda nos lábios e recuou cautelosamente.

– Vou me preocupar com o rumo, está bem?

– Boa ideia. Acorrente o aleijado ao remo de Jaud.

Arrastaram Yarvi por uma passarela elevada que percorria o meio do convés, ladeada por bancos. Havia três homens em cada remo enorme, todos magros e de cabeça raspada, com argolas no pescoço. Seus olhares eram uma mistura de pena, autopiedade, tédio e desprezo.

Um homem estava de quatro, lavando as tábuas do convés, o rosto escondido por uma juba de cabelos embolados e barba descolorida, tão maltrapilho que

fazia com que os remadores mais desgraçados parecessem príncipes. Um dos guardas lhe deu o tipo de chute que você daria num cachorro vadio e o fez se arrastar para longe, puxando uma corrente enorme e pesada. O navio podia não ser bem suprido em termos gerais, mas não havia escassez de correntes.

Jogaram Yarvi com violência desnecessária entre dois outros escravos, uma dupla nem um pouco encorajadora. Na ponta do remo estava um sulista corpulento com uma tora de músculos onde o pescoço deveria ficar, a cabeça inclinada para trás para ver as aves marinhas circulando. Mais perto da forqueta se encontrava um velho carrancudo, baixo e atarracado, com os antebraços rijos cobertos de pelos grisalhos, as bochechas tomadas por vasos aparentes, devido à vida ao ar livre, beliscando os calos das palmas largas das mãos.

– Maldição – grunhiu ele, balançando a cabeça enquanto os guardas acorrentavam Yarvi ao banco ao lado dele. – Temos um aleijado no nosso remo.

– Você rezou pedindo ajuda, não foi? – disse o sulista sem olhar ao redor. – Aqui está a ajuda.

– Eu rezei pedindo uma ajuda que tivesse duas mãos.

– Agradeça porque recebeu metade do que pediu – interveio Yarvi. – Acredite, eu não rezei por nada disso.

A boca do grandalhão se curvou um pouco para cima enquanto olhava de lado para Yarvi.

– Quando você tem um peso, é melhor erguê-lo do que chorar. Sou Jaud. Seu colega de remo amargurado é Rulf.

– Meu nome é Yorv – apresentou-se Yarvi, tendo pensado antecipadamente na história que contaria. *Guarde suas mentiras com o mesmo cuidado com que guarda seus grãos para o inverno*, teria dito mãe Gundring. – Eu era ajudante de cozinha...

Com um movimento treinado, enrolando a língua e virando a cabeça depressa, o velho cuspiu por cima da amurada.

– Agora você não é nada, e isto é tudo. Esqueça todo o resto, pense só na remada seguinte. Fica mais fácil.

Jaud deu um suspiro.

– Não deixe o Rulf arrancar o seu riso. Ele é azedo feito limão, mas é um homem bom para se ter na retaguarda. – Jaud estufou as bochechas. – Mas

devemos admitir, já que ele está acorrentado ao seu lado, que isso nunca vai acontecer.

Yarvi deu um risinho lamentável, talvez o primeiro desde que tinha virado escravo. Mas não riu por muito tempo.

A porta do castelo de popa se abriu com um estrondo e uma mulher saiu para a luz com um passo presunçoso, ergueu os dois braços com um floreio e berrou:

– Acordei!

Era muito alta, suas feições lembrando as de um falcão, uma cicatriz pálida numa bochecha escura e o cabelo preso num emaranhado. As roupas eram uma espalhafatosa colcha de retalhos das vestimentas menos práticas de uma dúzia de culturas: uma camisa de seda com bordado esgarçado balançando nas mangas, um casaco de pele prateada agitado pela brisa, uma luva sem dedos numa das mãos e a outra coberta de anéis, um cinto cravejado de cristais cuja ponta dourada balançava junto ao cabo de uma espada curva que pendia absurdamente baixa.

Ela chutou para o lado o remador mais próximo, de modo a apoiar a bota de bico fino no banco dele, e deu um sorriso torto para todos, revelando dentes de ouro.

Imediatamente, os escravos, os guardas e os marinheiros começaram a aplaudir. Os únicos que não os acompanharam foram Sumael, no topo do tombadilho, com a língua enfiada na bochecha, o mendigo que continuava raspando o convés com um bloco de pedra, e Yarvi, ex-rei de Gettland.

– Vaca maldita – murmurou Rulf com um sorriso fixo enquanto batia palmas.

– É melhor você aplaudir – disse Jaud.

Yarvi ergueu as mãos.

– Sou mais mal equipado para isso do que para remar.

– Meus pequeninos, meus pequeninos! – gritou a mulher, a mão coberta de anéis pressionando o peito com emoção. – Vocês me honram demais! Mas não deixem que isso os impeça de melhorarem. Aos que se juntaram a nós recentemente, sou Ebdel Aric Shadikshirram, sua capitã e protetora. Talvez vocês tenham ouvido falar de mim, porque meu nome é famoso em todo o Mar Despedaçado, até nas próprias muralhas da Primeira Cidade e mais além.

Sua fama não havia chegado a Yarvi, mas mãe Gundring sempre costumava dizer: *o orador sábio aprende primeiro quando ficar em silêncio.*

– Eu poderia regalá-los com histórias empolgantes sobre meu passado pitoresco – prosseguiu ela, mexendo num brinco de ouro e penas que pendia muito abaixo do ombro. – Como comandei a frota vitoriosa da imperatriz na Batalha de Fulku, como fui por um tempo uma das amantes favoritas do próprio duque Mikedas, mas me recusei a me tornar sua esposa, como rompi o bloqueio em Inchim, como naveguei pela maior tempestade desde a Fragmentação da Divindade, como pesquei uma baleia e blá-blá-blá, mas qual a finalidade? – Ela deu um tapinha afetuoso no rosto do escravo mais próximo, com força suficiente para ser ouvido claramente. – Digamos apenas que agora este navio é o mundo de vocês, e que neste navio eu sou grandiosa e vocês são insignificantes.

– Nós somos grandiosos, vocês são insignificantes – ecoou Trigg, com a mesma cara fechada, passando os olhos pelos bancos.

– Belos lucros hoje, apesar da triste necessidade de substituir alguns dos seus irmãos. – As muitas fivelas nas botas da capitã tilintaram enquanto ela caminhava insolente entre os bancos. – Todos vocês terão um bocado de pão e vinho esta noite. – Aplausos esparsos diante dessa demonstração espetacular de generosidade. – Apesar de pertencerem a mim...

Trigg pigarreou ruidosamente.

–... e aos outros sócios de nossa corajosa embarcação...

Ele assentiu aprovando com cautela.

–... ainda assim, gosto de pensar que somos uma família! – A capitã abriu bem os braços, como se abraçasse o navio, as mangas gigantescas adejando na brisa como se ela fosse alguma ave marinha, rara e enorme, levantando voo. – Eu sou a avó indulgente; Trigg e seus guardas, os tios gentis; vocês, os filhos problemáticos. Unidos contra a implacável Mãe Oceano, sempre a pior inimiga dos marinheiros! Vocês são criancinhas sortudas, porque a misericórdia, a caridade e a gentileza sempre foram meus maiores pontos fracos. – Rulf escarrou, enojado, e a capitã continuou: – Quase todos terão o bom senso de ser filhos obedientes, mas... talvez... – o sorriso de Shadikshirram sumiu, tornando seu rosto escuro uma caricatura de sofrimento –... haja algum descontente, pensando em agir por conta própria.

Trigg soltou um rosnado de desaprovação.

– Pensando em dar as costas para a família amorosa. Em abandonar os irmãos e as irmãs. Em *abandonar* nossa leal irmandade em algum porto. – A

capitã acompanhou a cicatriz fina da bochecha com a ponta de um dedo e arreganhou os dentes. – Talvez até em erguer a mão traiçoeira contra seus amorosos protetores.

Trigg soltou um sibilo horrorizado.

– Se algum demônio inspirar esse tipo de pensamento... – A capitã se inclinou para o convés. – Pensem no último homem que tentou isso. – Ela levantou a corrente pesada e deu um puxão violento, derrubando o velho imundo que lavava o convés, num emaranhado de membros, trapos e cabelos. – Nunca deixem essa criatura ingrata perto de uma lâmina! – Ela se aproximou do homem. – Nem de uma faca de mesa, nem de um cortador de unhas, nem de um anzol! – Ela passou por cima do sujeito, os saltos altos esmagando as costas dele, sem perder a compostura, apesar do terreno desafiador. – Ele não é *nada*, ouviram?

– Vaca maldita – murmurou Rulf outra vez enquanto ela saltava com leveza de cima das costas do velho.

O velho desgraçado se levantou, limpou o sangue da boca, recuperou o bloco e, em silêncio, engatinhou rigidamente de volta ao serviço. Só os olhos dele apareceram em meio ao cabelo embolado por um instante, brilhantes como estrelas, enquanto fitava as costas da capitã.

– Agora! – gritou Shadikshirram, subindo sem esforço a escada para o topo do castelo de popa e girando os dedos cobertos de anéis. – Para o sul, até Thorlby, meus pequeninos! Os lucros esperam! E Ankran?

– Minha capitã – respondeu Ankran, curvando-se tanto que quase arrastou a cabeça no chão.

– Traga um pouco de vinho. Toda essa falação me deu sede.

– Vocês ouviram a vovó! – rugiu Trigg, desenrolando o chicote.

Houve sons de batidas e gritos, o sibilar de cordas e estalar de madeira enquanto os poucos marinheiros livres soltavam as amarras e preparavam o *Vento Sul* para deixar o porto de Vulsgard.

– E agora? – murmurou Yarvi.

Rulf soltou um sibilo amargo diante de tanta ignorância.

– Agora? – Judd cuspiu nas palmas das mãos fortes e segurou as manoplas polidas do remo. – Remamos.

Remem

Em pouco tempo, Yarvi desejou ter ficado no porão do mercador de carne.

– Remem!

As botas de Trigg marcavam um ritmo implacável enquanto ele andava pela passarela, o chicote enrolado nas mãos carnudas, o olhar percorrendo os bancos em busca de escravos que precisassem do incentivo do chicote, a voz áspera trovejando com regularidade implacável.

– Remem!

Yarvi não se surpreendeu nem um pouco ao notar que a mão aleijada era ainda mais inadequada para segurar o cabo de um grande remo do que a alça de um escudo. Mas Trigg fazia mestre Hunnan parecer uma babá carinhosa. O chicote era sua primeira resposta para qualquer problema, mas como isso não fez com que mais dedos brotassem, ele amarrou o pulso esquerdo de Yarvi ao remo usando correias que machucavam a pele.

– Remem!

A cada puxão impossível nas manoplas daquele remo terrível, os braços, os ombros e as costas de Yarvi ardiam mais. Apesar de os couros do banco estarem desgastados pelos predecessores até uma maciez sedosa e as manoplas exibirem um polimento opaco, a cada remada sua bunda se esfolava mais, as mãos ganhavam bolhas piores. A cada remada, os cortes do chicote, os hematomas provocados pelas botas e as queimaduras que se curavam lentamente em volta da argola de escravo mal forjada ardiam mais por causa do sal do mar e do suor.

– Remem!

O sofrimento ultrapassou em muito qualquer limite de resistência que Yarvi já imaginara, mas eram espantosos os esforços inumanos que um chicote em mãos hábeis podiam provocar num homem. Logo o estalo do açoite em outro lugar, ou até mesmo o som das botas de Trigg se aproximando pela prancha,

fazia Yarvi se encolher, gemer e puxar com uma fração a mais de força, o cuspe voando dos dentes trincados.

– Esse garoto não vai durar – resmungou Rulf.

– Uma remada de cada vez – murmurou Jaud gentilmente, seus próprios movimentos fortes, suaves, regulares, como se ele fosse feito de madeira e ferro. – Respire devagar. Respire com o remo. Uma respiração de cada vez.

Yarvi não poderia dizer por quê, mas isso ajudava um pouco.

– Remem!

As forquetas estalavam, as correntes chacoalhavam, as cordas guinchavam e as madeiras rangiam, os escravos gemiam, xingavam, rezavam ou mantinham um silêncio sombrio, e o *Vento Sul* prosseguia centímetro a centímetro.

– Uma remada de cada vez. – A voz baixa de Jaud era um alento em meio à névoa de sofrimento. – Uma de cada vez.

Yarvi não poderia dizer qual tortura era pior: a ardência do chicote, a pele esfolada, os músculos em chamas, a fome, o clima, o frio ou a imundície. No entanto, ele era continuamente lembrado de que a situação poderia piorar ao ouvir o raspar interminável da pedra com que o velho sem nome limpava o convés, indo de um lado para outro, o cabelo comprido balançando e as costas retalhadas de cicatrizes aparecendo entre os trapos, os lábios se mexendo, com os dentes amarelos à mostra.

Sempre poderia ser pior.

– Remem!

Às vezes os deuses sentiam pena de sua condição desgraçada e mandavam um sopro de vento favorável. Então Shadikshirram dava seu sorriso dourado e, com o ar de uma mãe sofredora que não podia deixar de mimar a prole ingrata, ordenava que largassem os remos e desfraldassem as desajeitadas velas de lã com tiras de couro, reprovando afetadamente a própria misericórdia, que considerava sua maior fraqueza.

Com uma gratidão chorosa, Yarvi desabava sobre o remo imóvel dos homens de trás e observava o pano das velas se enfunarem lá em cima, respirando o fedor de mais de cem homens suados, desesperados e sofridos.

– Quando tomamos banho? – murmurou durante uma dessas pausas bem-aventuradas.

– Quando a Mãe Oceano decidir – resmungou Rulf.

Isso não era raro. As ondas geladas que batiam nos costados do navio os encontravam, borrifavam e regularmente os encharcavam até os ossos, lavando o convés e borbulhando entre os apoios para os pés até que tudo estivesse com uma rígida crosta de sal.

– Remem!

Cada trio de remadores era acorrentado junto num cadeado preso ao banco, e Trigg e a capitã tinham as únicas chaves. Os escravos comiam as rações parcas acorrentados ao banco todas as noites. Agachavam-se sobre um balde velho acorrentados ao banco a cada manhã. Dormiam acorrentados ao banco, sob cobertores fétidos e peles de animais carecas, o ar denso de gemidos, roncos, resmungos e o vapor das respirações. Uma vez por semana sentavam-se acorrentados ao banco enquanto tinham a cabeça e a barba raspadas rudemente – uma defesa contra os piolhos, mas isso não impedia nem um pouco os passageiros minúsculos.

A única vez que Trigg pegou, relutante, sua chave e abriu um dos cadeados foi quando encontraram morto o vansterlandês que tossia, numa manhã gelada. Arrastaram o corpo do meio de seus companheiros inexpressivos e o jogaram no mar.

O único que falou algo sobre o falecimento foi Ankran, que repuxou a barba rala e disse:

– Vamos precisar de um substituto.

Por um momento, Yarvi se preocupou, achando que os sobreviventes tivessem que trabalhar um pouquinho mais. Então esperou que houvesse um pouquinho a mais de comida para ser dividida. Em seguida, ficou nauseado consigo mesmo pelo modo como tinha começado a pensar.

Mas não a ponto de não aceitar a cota do vansterlandês, se lhe fosse oferecida.

– Remem!

Não poderia dizer quantas noites passou inerte e absolutamente exaurido, quantas manhãs acordou gemendo, com o corpo rígido, devido aos esforços do dia anterior, só para ser chicoteado e se esforçar mais, quantos dias não pensava em qualquer coisa que não fosse a remada seguinte. Porém enfim chegou uma noite em que não caiu direto num sono sem sonhos, quando seus músculos

tinham começado a endurecer, as primeiras bolhas haviam estourado e o chicote se abatera menos sobre ele.

O *Vento Sul* estava atracado numa enseada, balançando suavemente. A chuva caía com força, de modo que as velas foram baixadas e esticadas sobre o convés, formando uma grande tenda que ressoava sob os pingos. Os homens que tinham habilidade receberam varas de pescar, entre eles, Rulf, que se achava encolhido no escuro perto da forqueta do remo, murmurando baixinho para os peixes.

– Para um homem com apenas uma das mãos – disse Jaud, a corrente tilintando enquanto apoiava um dos grandes pés descalços no remo –, você remou bem hoje.

– Ahn. – Rulf cuspiu através da forqueta, e um brilho da luz do Pai Lua revelou o sorrisinho em seu rosto largo. – Talvez ainda façamos de você um meio remador.

Ainda que um daqueles homens tivesse nascido a muitos quilômetros dele e o outro, muitos anos antes, apesar de pouco saber sobre eles e não ser capaz de ler seus rostos, ainda que puxar um remo acorrentado num navio mercante não fosse um grande feito para o filho do rei Uthrik de Gettland, Yarvi sentiu uma onda de orgulho, tão forte que quase trouxe lágrimas aos seus olhos, pois um vínculo estranho e poderoso se forma entre os companheiros de remo.

Quando você está acorrentado ao lado de um homem e compartilha a comida, o infortúnio, os golpes do capataz e as bofetadas da Mãe Oceano, iguala seu ritmo ao dele, puxando a mesma trave enorme, amontoa-se junto na noite gelada ou enfrenta sozinho o frio negligente – é então que você passa a conhecer o outro. Depois de uma semana enfiado entre Rulf e Jaud, Yarvi foi obrigado a se perguntar se já tivera dois amigos melhores.

Mesmo que, talvez, isso revelasse mais sobre sua vida passada do que sobre os companheiros atuais.

No dia seguinte, o *Vento Sul* atracou em Thorlby.

Franzindo a testa no castelo de proa, Sumael gritou, guiou e forçou a galera bojuda em meio aos navios até o cais movimentado. Yarvi mal acreditava que pudesse estar no mesmo mundo em que fora rei. Mas ali estava. Em casa.

As familiares casas cinzentas se erguiam em camadas, apinhadas nas encostas íngremes, mais antigas e grandiosas à medida que o olhar de Yarvi subia, até que, atarracada em sua rocha perfurada por incontáveis túneis, negra

contra o céu branco, ele viu a cidadela onde fora criado. Podia avistar a torre de seis faces onde ficavam os aposentos de mãe Gundring, onde ele aprendera as lições, respondera às charadas, planejara o futuro feliz como ministro. Podia vislumbrar a cúpula de cobre do Salão dos Deuses reluzindo, sob a qual ficara noivo de sua prima Isriun, as mãos dos dois amarradas, os lábios dela roçando os dele. Podia ver a colina, à vista dos morros funerários de seus ancestrais, onde fizera o juramento – ouvido pelos deuses e pelos homens – de se vingar dos assassinos de seu pai.

Será que o rei Odem estava confortavelmente sentado no Trono Negro, amado e saudado por súditos que tinham enfim um rei que podiam admirar? Claro que sim.

Será que mãe Gundring era a ministra dele, sussurrando-lhe no ouvido sua sabedoria incisiva? Sem dúvida.

Será que outro aprendiz havia tomado o lugar de Yarvi como sucessor dela, sentado em seu banco, alimentando os pombos e trazendo o chá fumegante toda noite? Como não?

Será que Isriun estaria derramando lágrimas amargas porque o noivo aleijado nunca voltaria? Tão facilmente quanto esquecera o irmão de Yarvi, ela o esqueceria.

Talvez a mãe fosse a única a sentir sua falta, e isso porque, apesar de toda a inteligência, seu poder desmoronaria sem o filho marionete empoleirado no troninho de brinquedo.

Será que tinham queimado um navio e erguido um túmulo vazio para ele, como haviam feito por seu tio Uthil, que morrera afogado? Não sabia por quê, mas duvidava.

Percebeu que havia fechado a mão mirrada, formando um punho trêmulo e nodoso.

– O que está incomodando você? – perguntou Jaud.

– Aqui era o meu lar.

Rulf suspirou.

– Ouça quem sabe das coisas, ajudante de cozinha. É melhor que o passado fique enterrado.

– Eu fiz um juramento. Um juramento do qual não há como remar para longe.

Rulf deu outro suspiro.

– Ouça quem sabe das coisas, ajudante de cozinha. Nunca faça um juramento.

– E se você já jurou? – perguntou Jaud. – E aí?

Yarvi estreitou os olhos na direção da cidadela, a mandíbula retesada de modo doloroso. Talvez os deuses o tivessem mandado para aquela provação como castigo. Por ser confiante demais, vaidoso demais, fraco demais. Mas eles o haviam deixado vivo. Tinham-lhe dado uma chance de cumprir o juramento. Derramar o sangue de seu tio traiçoeiro. Retomar o Trono Negro.

Mas os deuses não esperariam para sempre. A cada alvorecer a lembrança de seu pai desbotaria, a cada meio-dia o poder de sua mãe diminuiria, a cada crepúsculo o controle de seu tio sobre Gettland aumentaria. A cada pôr do sol as chances de Yarvi se esvaíam na escuridão.

Ele não iria se vingar nem recuperaria o trono se ficasse amarrado a um remo e acorrentado a um banco, isso estava claro.

Precisava se libertar.

As ferramentas do ministro

Remada a remada extenuante, Thorlby, o lar e a antiga vida de Yarvi deslizaram para o passado. Para o sul ia o barco, ainda que o vento raramente parecesse ajudar muito os escravos nos remos. Pelo litoral irregular de Gettland, com suas ilhas e enseadas, as aldeias muradas e os barcos de pesca balouçando na maré, as casas de fazenda atrás de cercas em colinas salpicadas de ovelhas.

E continuava a guerra implacável de Yarvi contra o remo, esgarçando os tendões, trincando os dentes. Ele não poderia dizer que estava vencendo. Ninguém vencia. Mas talvez suas derrotas não fossem tão unilaterais.

Sumael os levou para perto do litoral enquanto passavam pela foz do rio Elmo, e o navio começou a zumbir com orações murmuradas. Os remadores lançavam olhares temerosos para o mar, na direção de uma espiral de nuvem enegrecida que rasgava o céu. Não podiam ver as torres élficas quebradas nas ilhas esparsas abaixo dela, mas todo mundo sabia que espreitavam além do horizonte.

– Strokom – murmurou Yarvi, esforçando-se e, ao mesmo tempo, temendo ver algo.

Em eras passadas, os homens haviam trazido relíquias daquela amaldiçoada ruína élfica, mas em seu triunfo tinham adoecido e morrido, e o Ministério proibira que qualquer homem fosse lá.

– Que o Pai Paz nos proteja – grunhiu Rulf, fazendo uma confusão de sinais sagrados sobre o coração, e os escravos não precisaram de chicotadas para redobrar o esforço e deixar aquela sombra para trás.

Yarvi não deixou de notar a ironia de que aquela era a mesma rota que tomaria para seu Teste Ministerial. Naquela viagem, o príncipe Yarvi, envolto num luxuoso cobertor com seus livros, não dedicaria qualquer pensamento ao

sofrimento dos escravos nos remos. Agora, acorrentado aos bancos, estudava o *Vento Sul*, as pessoas nele, como poderia usá-las para se libertar.

As pessoas são as melhores ferramentas do ministro, sempre dizia mãe Gundring.

Ebdel Aric Shadikshirram, autoproclamada famosa mercadora, amante e capitã de navio, passava a maior parte do tempo bêbada e o restante dos minutos, inconsciente de tanto beber. Às vezes seus roncos podiam ser ouvidos através da porta da cabine no tombadilho, fantasmagoricamente acompanhando o ritmo dos remadores. Às vezes ficava em cima do castelo de proa num clima de melancolia, sentada meio largada, uma das mãos no quadril, a outra segurando uma garrafa pela metade, franzindo a testa para o vento como se o desafiasse a soprar mais forte. Às vezes andava entre os bancos dando tapas nas costas dos escravos e contando piadas como se fossem velhos amigos. Quando passava pelo limpador de convés, nunca perdia a chance de chutá-lo, esganá-lo ou virar o balde de excrementos em cima dele. Em seguida, tomava um gole de vinho, rugia "vamos aos lucros!" e os remadores aplaudiam. Um homem que a ovacionasse de maneira especial poderia ganhar um gole da bebida da capitã; um homem que ficasse em silêncio poderia provar do chicote.

Trigg era o capataz, o senhor das correntes, o dominador, o segundo no comando, com uma participação no empreendimento. Ele dava ordens aos guardas, que eram cerca de vinte, e vigiava os escravos, certificando-se de que mantivessem o ritmo desejado pela capitã. Era brutal, mas havia uma espécie de justiça medonha nele. Não tinha favoritos nem fazia exceções. Todo mundo era chicoteado do mesmo modo.

Ankran era o almoxarife, mas não havia justiça nele. Dormia no porão, com as mercadorias, e era o único escravo que podia sair com regularidade do navio. Era sua tarefa comprar comida e roupas e partilhá-las. Fazia milhares de pequenas tramoias diariamente – comprando carne meio estragada e cortando as rações de todos os homens, fazendo-os remendar roupas que eram usadas até virar trapos – e dividia os lucros com Trigg.

Sempre que passava, Rulf cuspia com mais nojo.

– O que aquele desgraçado desonesto quer com o dinheiro?

– Alguns homens simplesmente gostam de dinheiro – disse Jaud em tom ameno.

– Até os escravos?

– Os escravos têm os mesmos apetites que os outros homens. O que não têm é a chance de ceder a eles.

– Verdade – concordou Rulf, olhando desejoso para Sumael.

A navegadora passava a maior parte do tempo no topo de um dos castelos: verificava mapas e instrumentos, estreitava os olhos para o sol ou as estrelas, fazendo somas rápidas com os dedos, apontava para alguma rocha ou ondulação, alguma nuvem ou correnteza, e gritava alertas. Enquanto o *Vento Sul* estava no mar, ela ia aonde quisesse, mas ao chegarem ao cais, o primeiro ato da capitã era sempre prendê-la pela corrente comprida e fina a uma argola de ferro no castelo de popa. Uma escrava com as habilidades dela devia valer mais que toda a carga do navio.

Às vezes Sumael andava em meio aos remadores, passando despreocupadamente por cima dos homens, dos remos e dos bancos para examinar alguma corda ou se inclinar por cima da amurada e verificar a profundidade com uma linha de prumo cheia de nós. As únicas vezes em que Yarvi a via sorrir era quando estava empoleirada no topo de um mastro, o vento agitando seu cabelo curto, tão feliz ali quanto ele se sentia junto ao fogo de mãe Gundring, perscrutando o litoral através de uma luneta de latão brilhante.

Agora esse terreno era Throvenland, penhascos cinzentos sitiados pelas ondas famintas, praias cinzentas onde o mar sugava os seixos, cidades cinzentas onde lanceiros com cotas de malha cinzentas no cais franziam a testa para os navios de passagem.

– Minha casa ficava aqui perto – comentou Rulf enquanto largavam os remos numa manhã cinzenta, uma garoa fina cobrindo tudo com orvalho. – Dois dias a cavalo, para o interior. Eu tinha uma boa fazenda com chaminé de pedra e uma boa mulher que me deu dois bons filhos.

– Como você veio parar aqui? – perguntou Yarvi, cutucando inutilmente a tira em seu pulso esquerdo em carne viva.

– Eu era um lutador. Arqueiro, marinheiro, espadachim, e pirata durante o verão. – Rulf coçou a face de traços fortes, a barba já crescendo grisalha; ela parecia brotar uma hora depois de ser raspada. – Servi numa dúzia de temporadas com um capitão chamado Halstam, um sujeito tranquilo. Virei timoneiro dele e, junto com Hopki Espremededos, Blue Jenner e mais alguns

homens hábeis, tivemos alguns sucessos pilhando embarcações, o bastante para eu poder me sentar diante do fogo e beber cerveja boa durante todo o inverno.

– A cerveja nunca caiu bem para mim, mas parece uma vida feliz – comentou Jaud, olhando ao longe. Talvez na direção de outro passado feliz, o seu.

– Os deuses adoram rir de um homem feliz. – Rulf reuniu ruidosamente um bocado de cuspe e mandou-o girando por cima da amurada. – Num inverno, quando estava meio mal de tanto beber, Halstam caiu do cavalo e morreu, e o navio passou para o filho mais velho, o Jovem Halstam, que era um homem diferente, cheio de orgulho e conversa fiada, mas com quase nenhum bom senso.

– Às vezes pai e filho não são muito parecidos... – murmurou Yarvi.

– Contrariando minha intuição, consenti em ser seu timoneiro e, menos de uma semana depois de sair do porto, ignorando meu conselho, ele tentou tomar um navio mercante muito bem-guardado. Hopki, Jenner e a maioria dos outros passaram pela Última Porta nesse dia. Eu fui um dos poucos aprisionados e vendidos. Isso foi há dois verões e, desde então, estou puxando um remo para o Trigg.

– Um fim amargo – disse Yarvi.

– Muitas histórias doces terminam assim – retrucou Jaud.

Rulf deu de ombros.

– É difícil reclamar. Nas minhas viagens, devemos ter roubado uns duzentos inglings, os vendemos como escravos e tivemos lucros ótimos. – Ele esfregou a mão áspera contra a madeira do remo. – Dizem que você colhe o que planta, e parece que é assim mesmo.

– Você não iria embora se pudesse? – murmurou Yarvi, olhando de relance para Trigg afim de garantir que não eram ouvidos.

Jaud bufou.

– Tem um poço na aldeia onde eu morava, que dá a água mais doce do mundo. – Ele fechou os olhos e passou a língua pelos lábios como se sentisse o gosto. – Eu daria tudo para beber dele outra vez. – Jaud espalmou as mãos. – Mas não tenho nada para dar. E veja o último homem que tentou ir embora.

Com a cabeça, ele indicou o velho que limpava o convés sem parar, a corrente grossa chacoalhando enquanto ele arrastava rigidamente os joelhos machucados, indo para lugar nenhum.

– Qual é a história dele? – perguntou Yarvi.

– Não sei seu nome. Todo mundo o chama de Nada. Quando fui trazido ao *Vento Sul*, ele remava. Numa noite, perto do litoral de Gettland, ele tentou fugir. De algum modo se soltou da corrente e roubou uma faca. Matou três guardas, cortou o joelho de outro, que nunca mais pôde andar, e deu aquela cicatriz à capitã antes de ser detido por ela e Trigg.

Yarvi piscou, surpreso, observando o velho trôpego.

– Tudo isso só com uma faca?

– E não era das grandes. Trigg quis enforcá-lo num mastro, mas Shadikshirram optou por mantê-lo vivo como exemplo para o resto de nós.

– A misericórdia sempre foi o ponto fraco dela – comentou Rulf, e grunhiu numa risada sem humor.

– Ela costurou o corte – continuou Jaud – e pôs aquela corrente grande nele, contratou mais guardas e disse para jamais deixarem que ele pusesse as mãos numa faca. Desde então, ele vem limpando o convés e nunca mais o ouvi falar uma palavra.

– E você? – perguntou Yarvi.

Jaud abriu um sorrisinho, olhando de soslaio para ele.

– Eu só falo quando tiver algo que valha a pena ser dito.

– Não. Quero dizer, qual é sua história?

– Eu era padeiro. – Cordas sibilaram enquanto a âncora era levantada; Jaud suspirou e ajeitou as mãos nas manoplas que suas palmas haviam lustrado com o uso. – Agora minha história é puxar este remo.

O tolo bate

Yarvi remava, os calos engrossando até mesmo na mão aleijada, o rosto endurecendo por causa do clima, o corpo ficando esguio e rígido como o chicote de Trigg. Contornaram o Promontório de Bail no meio de uma tempestade, quase sem conseguir enxergar a fortaleza carrancuda por causa da chuva. Viraram para o leste, entrando em águas mais calmas, cheias de navios de todas as formas e nações, e Yarvi contorceu o corpo na ansiedade de ver Skekenhouse.

O que viu primeiro foram as ruínas élficas, claro. As muralhas gigantescas, altas e perfeitamente lisas na base, não exibiam marcas da fúria da Mãe Oceano, porém estavam partidas mais acima. O metal retorcido aparecia nas rachaduras como ossos lascados num ferimento, encimado por trechos de alvenaria nova, as bandeiras do Rei Supremo tremulando orgulhosas.

A Torre do Ministério se erguia acima de todo o resto, acima até de qualquer prédio ao redor do Mar Despedaçado, sem contar as ruínas de Strokom ou Lanangad, onde nenhum homem ousava pisar. Isso porque três quartos de sua espantosa altura era de construção élfica: pilares de pedras inteiriços, perfeitamente quadrados e uniformes, com vastidões de vidro élfico preto ainda reluzindo em algumas das grandes janelas.

Com cerca de cinco vezes a altura da torre mais alta da cidadela de Thorlby, a pedra élfica estava cortada, a rocha derretida e solidificada em lágrimas gigantescas devido à Fragmentação da Divindade. Acima, longas gerações de ministros haviam construído uma tumultuada coroa de madeira e ladrilhos – torrinhas, plataformas, telhados inclinados, varandas – com chaminés fumegantes, enfeitada com cordas e correntes penduradas, tudo marcado pela idade e pelo excremento de pássaros, a obra podre de homens ridículos em comparação com a nítida perfeição abaixo.

Pontos cinzentos circulavam ao redor das cúpulas mais altas. Pombos, talvez, como aqueles de que Yarvi cuidava antigamente. Arrulhando mensagens dos muitos ministros espalhados ao redor do Mar Despedaçado. Será que ele ao menos podia ver a exótica águia de penas de bronze trazendo de volta os desejos do Rei Supremo?

Naquela torre antiga, Yarvi faria o teste. Ali teria beijado o rosto da avó Wexen quando passasse. Ali sua vida de príncipe terminaria e começaria a de ministro, e nunca se tornaria um escravo desgraçado.

– Larguem os remos! – gritou Sumael.

– Larguem os remos! – berrou Trigg, para garantir que todo mundo visse que ele é que dava as ordens.

– Remos para fora, remos para dentro... – resmungou Rulf. – Eles deveriam se decidir.

– Skekenhouse.

Yarvi esfregou os ferimentos vermelhos doloridos no pulso enquanto o *Vento Sul* atracava e Sumael se inclinava para fora do castelo de popa e gritava para o pessoal do cais ter cuidado.

– O centro do mundo – acrescentou ele.

Jaud bufou.

– Comparado com as grandes cidades de Catália, isso é um estábulo.

– Não estamos em Catália.

– Não. – O grandalhão deu um suspiro. – Infelizmente.

O cais fedia a podridão antiga e decadência salgada; era impressionante como seu cheiro podia ser notado acima do fedor de Yarvi e seus companheiros. Muitos atracadouros estavam desocupados. As janelas das construções arruinadas atrás se escancaravam, escuras e vazias. No ancoradouro, brotava mato de um grande monte de grãos mofados. Guardas com a libré remendada do Rei Supremo sentavam-se, ociosos, e jogavam dados. Mendigos esparramavam-se nas sombras. Talvez a cidade fosse maior, mas não havia nenhum vestígio do vigor e da vitalidade de Thorlby, nem um pouco da agitação ou dos prédios novos.

As ruínas élficas podiam ser estupendas, mas as seções de Skekenhouse que os homens haviam construído eram uma tremenda decepção. Yarvi enrolou a língua e cuspiu direto por cima da amurada.

– Muito bom. – Rulf assentiu em aprovação. – Sua habilidade com os remos não é grande coisa, mas você está ficando bom no que realmente interessa.

– Vocês terão que se virar sem mim, meus pequeninos! – Shadikshirram saiu da cabine se pavoneando com suas vestimentas mais espalhafatosas, um ou dois anéis a mais nos dedos. – Sou esperada na Torre do Ministério!

– *Nosso dinheiro* é esperado – resmungou Trigg. – Quanto custa uma licença este ano?

– Imagino que seja um pouco mais do que no ano passado. – A capitã lambeu o nó de um dedo, de modo a conseguir passar uma bijuteria particularmente escandalosa. – As taxas do Rei Supremo têm uma trajetória ascendente.

– É melhor jogar nosso dinheiro para a Mãe Oceano do que para os chacais do ministro.

– Eu jogaria você para a Mãe Oceano se não achasse que ela iria atirá-lo de volta na mesma hora. – Shadikshirram estendeu a mão coberta de joias para admirá-la. – Com uma licença podemos viajar a qualquer parte do Mar Despedaçado. Sem isso... pfff.

Ela soprou todos os lucros para longe, a mão deitada diante do seu rosto.

– O Rei Supremo se preocupa com os ganhos – murmurou Jaud.

– Claro que se preocupa – disse Rulf, observando a capitã dar um chute despreocupado em Nada, depois caminhar pela sacolejante rampa de desembarque, seguida por Ankran, que andava com dificuldade preso a uma curta corrente. – São os ganhos dele que o tornam Supremo. Sem eles, despencaria como o resto de nós.

– E grandes homens precisam de grandes inimigos – completou Jaud. – As guerras são um passatempo bastante caro.

– Construir templos vem logo atrás.

Rulf indicou o esqueleto de uma construção enorme que surgia acima dos telhados mais próximos, tão coberta por uma precária teia de andaimes, guindastes e plataformas que Yarvi mal conseguia ver seu formato.

– Esse é o templo do Rei Supremo?

– Para a tal nova deusa dele. – Rulf tentou cuspir através da forqueta, mas acabou acertando a madeira. – Um monumento à sua própria vaidade. Está sendo construído há quatro anos e ainda nem chegou à metade.

– Às vezes acho que não existe isso de deuses – opinou Jaud, cutucando os lábios franzidos com a ponta de um dedo de modo pensativo. – Depois me pergunto quem pode estar tornando minha vida um inferno desse tamanho.

– Uma divindade antiga – disse Yarvi. – E não uma nova.

– Como assim? – perguntou Rulf.

– Antes de os elfos declararem guerra, havia uma Divindade. Mas, em sua arrogância, eles usaram uma magia tão forte que despedaçou a Última Porta, destruiu todos eles e partiu a Divindade Única em muitos. – Yarvi apontou a construção gigante. – Alguns, no sul, acreditam que a Divindade Única não pode ser realmente fragmentada. Que os muitos são apenas aspectos do único. Parece que o Rei Supremo viu os méritos da teologia deles. Ou pelo menos avó Wexen viu. – Ele refletiu sobre isso. – Ou talvez a ministra queira obter favores da Imperatriz do Sul rezando do mesmo modo que ela. – Yarvi se lembrou do brilho ávido nos olhos da avó Wexen quando se ajoelhou diante dela. – Ou então ela acha que as pessoas que se ajoelham diante de uma única divindade vão se ajoelhar com mais facilidade diante do Rei Supremo.

Rulf cuspiu de novo.

– O Rei Supremo anterior já era bastante ruim, mas ele se considerava só o irmão superior. Quanto mais velho este fica agora, mais gosta do próprio poder. Ele e sua maldita ministra não ficarão felizes até que sejam postos acima de sua própria Divindade Única e que todo o mundo se ajoelhe diante de suas bundas murchas.

– Um homem que cultua a Divindade Única não pode escolher seu próprio caminho: ele o recebe de cima – disse Yarvi, pensativo. – Ele não pode recusar pedidos, mas deve se curvar diante das ordens. – Yarvi puxou um pedaço de sua corrente e franziu a testa. – A Divindade Única passa uma corrente através do mundo, desde o Rei Supremo, passando pelos pequenos reis, até chegar ao resto de nós, cada elo em seu lugar certo. Todos são escravos.

Jaud também cerrou o cenho.

– Você é um pensador profundo, Yorv.

Yarvi deu de ombros e deixou cair sua corrente.

– Isso tem menos utilidade do que uma boa mão para um remador.

– Como uma única deusa pode fazer o mundo inteiro funcionar, afinal? – Rulf abriu os braços para abarcar a cidade apodrecida e todo o seu povo. – Como

cuidaria do gado e dos peixes, do mar e do céu, da guerra e da paz ao mesmo tempo? Não faz nenhum sentido.

– Talvez a Divindade Única seja como eu – interveio Sumael, esparramando-se no castelo de popa. Apoiava-se em um cotovelo com a cabeça pousada no ombro ossudo, com uma das pernas compridas balançando.

– Preguiçoso? – grunhiu Jaud.

Sumael sorriu.

– Ela escolhe o rumo, mas tem um monte de deuses pequeninos acorrentados para remar.

– Perdoe-me, todo-poderosa – falou Yarvi –, mas daqui, onde estou sentado, dá para ver que você também tem uma corrente.

– Por enquanto – replicou ela, jogando um pedaço da corrente por cima do ombro, como uma echarpe.

– Divindade Única...

Rulf bufou de novo, ainda balançando a cabeça em direção ao templo semiconstruído.

– É melhor uma só do que nenhuma – grunhiu Trigg, andando carrancudo.

Os escravos ficaram em silêncio, sabendo que, em seguida, o barco passaria pela terra dos shends, que não tinham misericórdia pelos estrangeiros, não rezavam para nenhum deus e não se ajoelhavam para nenhum rei, por mais superior que ele se considerasse.

Contudo, grandes perigos significavam grandes lucros, como Shadikshirram informou à tripulação ao saltar de novo a bordo, segurando no alto sua licença com as runas rabiscadas, os olhos tão brilhantes de triunfo que parecia tê-la recebido das mãos do próprio Rei Supremo.

– Esse papel não vai nos proteger dos shends – grunhiu alguém no banco de trás. – Eles esfolam os prisioneiros e comem os próprios mortos.

Yarvi deu uma risadinha. Tinha estudado a língua e os costumes da maioria dos povos ao redor do Mar Despedaçado. *O alimento do medo é a ignorância*, costumava dizer mãe Gundring. *A morte do medo é o conhecimento.* Quando você estuda uma raça de homens, descobre que são somente homens, como quaisquer outros.

– Os shends não gostam de estrangeiros porque nós vivemos escravizando-os. Eles não são mais selvagens do que qualquer outro povo.

– São tão ruins quanto ele? – murmurou Jaud, olhando para Trigg, que desenrolava o chicote.

Remaram para o leste naquela tarde com uma nova licença e uma nova carga, mas as mesmas velhas correntes, a Torre do Ministério se afastando na névoa além da esteira do barco. Ao pôr do sol, adentraram uma enseada protegida, a Mãe Sol espalhando ouro sobre a água enquanto afundava atrás do mundo, pintando cores estranhas nas nuvens.

– Não gosto da cara desse céu! – Sumael havia subido num dos mastros, as pernas escanchadas numa verga, franzindo a testa para o horizonte. – Deveríamos ficar aqui amanhã!

Shadikshirram espantou seus avisos como se fossem moscas.

– As tempestades neste laguinho não são nada e eu sempre tive uma tremenda sorte com o clima. Vamos seguir adiante.

Ela jogou uma garrafa vazia no mar e gritou para Ankran trazer outra. Sumael apenas balançou a cabeça para os céus.

Enquanto o *Vento Sul* oscilava suavemente e os guardas e marinheiros se amontoavam junto a um braseiro no castelo de proa para jogar dados valendo badulaques, um dos escravos começou a cantar uma música obscena em voz estridente e desafinada. A certa altura, esqueceu a letra e se pôs a emitir sons absurdos, mas no fim houve alguns risos cansados e batidas ocas de punhos nos remos, em aprovação.

Outro homem começou a cantar com voz grave e inflamada. Era a canção de Bail, o Construtor, que na verdade não havia erigido nada, a não ser montes de cadáveres, e se tornou o primeiro Rei Supremo com fogo, espada e uma palavra dura para todo mundo. Mas os tiranos parecem muito melhores quando vistos no passado longínquo, e logo outras vozes se juntaram à primeira. Por fim, Bail passou pela Última Porta durante uma batalha, como acontece com os heróis, a música terminou e o cantor também foi recompensado com uma salva de pancadas na madeira.

– Quem mais tem uma música? – gritou alguém.

E, para surpresa de todo mundo, inclusive dele próprio, Yarvi tinha. Era uma que a mãe costumava cantar à noite, quando ele era pequeno e tinha medo do escuro. Não soube por que ela lhe veio à mente naquela hora, mas sua voz se alçou alta e livre, até lugares distantes do navio fedorento e de coisas que esses

homens haviam esquecido muito tempo antes. Jaud piscou para ele e Rulf só o encarou. Pareceu a Yarvi que, acorrentado e impotente naquela banheira podre, nunca cantara tão bem.

Ao fim, houve um silêncio, com apenas os estalos fracos do navio balançando-se na água, o vento no cordame e o grasnar agudo das gaivotas ao longe.

– Cante outra – pediu alguém.

E Yarvi entoou outra, e outra, e mais outra. Canções de amor perdido e amor encontrado, de feitos grandiosos e ínfimos. A Balada de Froki, que tinha sangue-frio a ponto de dormir durante uma batalha, e a canção de Ashenleer, de olhos tão aguçados que podia contar cada grão de areia numa praia. Cantou sobre Horald, o Viajado, que venceu numa corrida o rei de Daiba e, no fim, navegou até tão longe que caiu da borda do mundo. Cantou sobre Angulf Pé-Fendido, Martelo dos Vansterlandeses, sem mencionar que era seu bisavô.

A cada vez que terminava, pediam outra, até que o crescente do Pai Lua surgiu sobre os morros, e as estrelas começaram a espiar através do tecido do céu, e a última nota da história de Bereg, que morreu para fundar o Ministério e proteger o mundo da magia, se esfumaçou na escuridão.

– Igual a um passarinho com uma asa só.

Quando Yarvi se virou, Shadikshirram o olhava, ajeitando os grampos de seu cabelo emaranhado.

– Canta bem, hein, Trigg?

O capataz fungou e enxugou os olhos com as costas da mão. Numa voz embargada de emoção, disse:

– Nunca ouvi nada assim.

O sábio espera por seu momento, costumava dizer mãe Gundring, *mas nunca o deixa passar.* Assim, Yarvi fez uma reverência e falou com Shadikshirram na língua dela. Não falava bem, mas um bom ministro é capaz de oferecer um belo cumprimento para qualquer pessoa.

– É uma honra cantar para alguém tão célebre – disse com doçura, enquanto pensava em colocar raiz-de-língua-negra no vinho da capitã.

Ela estreitou os olhos.

– Você é cheio de surpresas, hein?

Ela lhe jogou sua garrafa quase vazia e se afastou, cantarolando de forma tão desafinada que ele mal conseguiu perceber que era a Balada de Froki.

Se tivessem lhe servido aquele vinho à mesa de seu pai, ele teria cuspido no rosto do escravo, mas agora parecia o melhor que já provara, cheio de sol, fruta e liberdade. Era um pecado dividir o pouco que tinha, mas o enorme sorriso de Rulf depois de tomar um gole valeu o preço.

Enquanto se preparavam para dormir, Yarvi descobriu que os outros escravos o encaravam de modo diferente. Ou talvez estivessem apenas olhando-o. Até Sumael franziu a testa pensativamente para ele, em seu lugar do lado de fora da cabine da capitã, como se Yarvi fosse uma coordenada que ela não conseguisse determinar.

– Por que estão me olhando? – murmurou para Jaud.

– É raro terem uma coisa boa. Você lhes deu isso.

Yarvi sorriu, puxando a pele fedorenta até o queixo. Ele não cortaria os guardas com uma faca de mesa, mas talvez os deuses tivessem lhe dado armas melhores. O tempo podia estar escorrendo entre seus dedos. Afinal de contas, não tinha todos. Mas precisava ser paciente. Paciente como o inverno.

Uma vez, depois que seu pai havia batido nele, furioso, a mãe o encontrara chorando. *O tolo bate*, dissera ela. *O sábio sorri, observa e aprende.*

Depois bate.

Selvagens

Quando era criança, Yarvi ganhou um pequeno navio de cortiça. Seu irmão tomou-o dele e o jogou no mar. Yarvi ficou deitado na beira de uma rocha, olhando-o ser sacudido, girado, as ondas brincando com o barquinho até ele sumir.

Agora Mãe Oceano fazia do *Vento Sul* um navio de brinquedo.

O estômago de Yarvi parecia subir até a garganta, tomada por um gosto azedo de náusea, enquanto eles escalavam uma enorme montanha de água, depois era sugado para a bunda quando a embarcação mergulhava no vale de espumas brancas do outro lado, guinando e arfando, cada vez mais fundo até estarem cercados pelo mar altíssimo dos dois lados e ele ter certeza de que seriam agarrados pelas profundezas desconhecidas, afogados até o último homem.

Rulf tinha parado de falar que já passara por coisa pior. Não que Yarvi pudesse ouvi-lo. Era difícil distinguir trovão, rugido das ondas e gemido do casco golpeado, das cordas torturadas, dos homens atormentados.

Jaud havia parado de comentar que achava que o céu estava clareando. Não dava mais para saber onde terminava o mar violento e onde começava a chuva fustigante: tudo era uma fúria ardente através da qual Yarvi mal podia visualizar o mastro mais próximo, até que o negrume se iluminava com um clarão que congelava o navio e sua tripulação encolhida num instante nítido em preto e branco.

Jaud estava sério, todo retesado, contraído, lutando com o remo. Os olhos de Rulf se esbugalhavam enquanto ele pelejava com todas as forças. Sumael se agarrava à argola à qual era acorrentada quando ficavam no cais, berrando algo que ninguém podia escutar acima dos uivos do vento.

Shadikshirram parecia menos inclinada a ouvir do que nunca. Estava de pé no topo do castelo de popa, um braço envolvendo o mastro como se fosse um

companheiro de bebida, brandindo a espada contra o céu, gargalhando e, quando o vendaval diminuía o suficiente para Yarvi escutar, desafiando a tempestade a soprar mais forte.

De qualquer modo, agora qualquer ordem seria inútil. Os remos eram animais enlouquecidos. Yarvi era arrastado pela tira no pulso como sua mãe costumava arrastá-lo na infância. Sua boca estava salgada do mar, salgada de seu sangue onde o remo o havia acertado.

Jamais na vida se sentira tão apavorado e impotente. Nem ao se esconder do pai nos lugares secretos da cidadela. Nem quando olhara para o rosto ensanguentado de Hurik, e Odem dissera: *Mate-o*. Nem ao se encolher aos pés de Grom-gil-Gorm. Por mais que fossem poderosos, esses terrores empalideciam comparados à fúria da Mãe Oceano.

O clarão seguinte mostrou o esboço de um litoral, ondas violentas investindo contra uma costa irregular, árvores negras e rocha negra de onde voavam as espumas brancas.

– Que os deuses nos ajudem – sussurrou Yarvi, fechando os olhos.

O navio estremeceu, jogando-o de costas, e sua cabeça bateu com força contra o remo de trás. Homens escorregaram e se embolaram, tombaram dos bancos até a extensão máxima das correntes, tentando agarrar qualquer coisa que pudesse poupá-los de ser estrangulados por suas próprias argolas de escravos. Yarvi sentiu o braço forte de Rulf em volta do ombro, segurando-o no banco, e foi um consolo estranho pensar que ele estaria tocando outra pessoa ao morrer.

Rezou como nunca fizera antes, a cada deus em que pôde pensar, alto ou pequeno. Não rezou pelo Trono Negro, nem por vingança contra seu tio traiçoeiro, nem mesmo para se livrar da argola no pescoço.

Rezou apenas pela vida.

Houve um estalo forte que fez as madeiras vibrarem e o navio se sacudir. Remos se despedaçaram como gravetos. Uma onda enorme varreu o convés e puxou as roupas de Yarvi, e ele soube que morreria como o seu tio Uthil, engolido pelo mar implacável...

O alvorecer chegou turvo e inclemente.

O *Vento Sul* estava encalhado, adernado, indefeso como uma grande baleia no cascalho frio. Yarvi se encolhia, encharcado e trêmulo, ferido mas vivo em

seu banco inclinado num ângulo agudo.

A tempestade tinha se afastado rosnando para o leste em meio às trevas, mas à luz pálida e cinza-azulada da manhã, o vento ainda soprava gélido e a chuva caía de forma constante sobre os escravos miseráveis, a maioria resmungando por causa das esfoladuras, alguns gemendo devido a ferimentos muito piores. Um banco fora arrancado dos parafusos e desaparecera no mar, sem dúvida levando os malfadados remadores através da Última Porta.

– Tivemos sorte – disse Sumael.

Shadikshirram lhe deu um tapa nas costas e quase a derrubou.

– Eu disse que tenho uma tremenda sorte com o clima!

Pelo menos ela parecia estar em ótimo humor depois de sua batalha unilateral contra a tempestade.

Yarvi observou-as rodear o navio, a língua de Sumael enfiada na fenda do lábio enquanto analisava os rasgos, passava as mãos firmes pela madeira quebrada.

– A quilha e os mastros estão bons, pelo menos. Perdemos doze remos despedaçados e três bancos quebrados.

– Isso sem contar três escravos remadores que se foram – grunhiu Trigg, bastante infeliz com o prejuízo. – E dois estrangulados pelas correntes e mais seis que não podem remar agora e talvez não possam nunca mais.

– O buraco no casco é a verdadeira preocupação – disse Ankran. – A luz do dia está entrando no porão. Vai ter que ser remendado e calafetado antes que ao menos possamos pensar em pôr o navio na água.

– Onde será que vamos achar madeira?

Shadikshirram gesticulou com o braço comprido, indicando a vastidão da floresta antiga que cercava a praia por todos os lados.

– Ela pertence aos shends. – Trigg olhou para a floresta sombreada com muitíssimo menos entusiasmo. – Se eles nos acharem aqui, vamos acabar esfolados.

– Então é melhor começar logo, Trigg. Você já é bem feio com a pele no lugar. Se minha sorte continuar, poderemos fazer os reparos e ir embora antes que os shends afiem as facas. Você! – Shadikshirram foi até Nada, que estava estava ajoelhado no cascalho da praia, e rolou-o com um chute nas costelas. – Por que não está esfregando o convés, seu desgraçado?

Nada se arrastou atrás de sua corrente pesada, subindo ao convés inclinado, e partiu dolorosamente para seu trabalho de costume, como alguém que limpasse a lareira depois de a casa ser toda incendiada.

Ankran e Sumael trocaram um olhar de dúvida e também foram trabalhar, enquanto Shadikshirram pegava suas ferramentas, isto é, o vinho, que começou a beber de imediato, largada numa pedra ali perto.

Trigg abriu alguns cadeados – uma tremenda raridade – e remadores que não saíam dos bancos havia semanas foram presos a correntes mais compridas. Ankran lhes deu ferramentas. Jaud e Rulf receberam a tarefa de rachar troncos com cunha e marreta e, quando as tábuas ficaram prontas, Yarvi arrastou cada uma delas até a fenda na lateral do casco. Com o maxilar retesado de concentração, Sumael começou a apará-las usando uma machadinha.

– Por que você está sorrindo? – perguntou ela.

As mãos de Yarvi exibiam muitas escoriações do trabalho, sua cabeça doía por causa da pancada no remo e ele estava cheio de farpas, da cabeça aos pés, mas seu sorriso só aumentava. Numa corrente mais comprida tudo parecia melhor, e Sumael deixava de ser a exceção.

– Estou livre do banco.

– Ahn... – Ela arqueou as sobrancelhas. – Não se acostume com isso.

– Ali! – soou um berro agudo como de um galo largado sobre o cepo de um cozinheiro.

Um dos guardas apontava para o interior, o rosto de uma palidez fantasmagórica.

Havia um homem parado junto à linha das árvores. Estava despido até a cintura apesar do mau tempo, o corpo riscado de tinta branca, o cabelo, um emaranhado preto. Carregava um arco sobre o ombro, um machado curto aparecia preso ao quadril. Não fez qualquer movimento súbito, não urrou nenhuma ameaça, apenas olhou calmamente para o navio e os escravos trabalhando ao redor, depois se virou sem pressa e desapareceu nas sombras. Mas o pânico que provocou não teria sido maior se fosse um exército atacando.

– Que os deuses nos ajudem – sussurrou Ankran, puxando sua argola de pescoço como se estivesse apertada demais para deixá-lo respirar.

– Trabalhem mais depressa – rosnou Shadikshirram, tão preocupada que, por um momento, parou de beber.

Todos redobraram os esforços, olhando constantemente para as árvores à procura de mais algum visitante indesejado. A certa altura, um navio passou e dois marinheiros pularam nas ondas, balançando os braços e gritando por socorro. Uma figura pequenina acenou de volta, mas a embarcação não deu qualquer sinal de que fosse parar.

Rulf enxugou o suor da testa com o pulso grosso.

– Eu não pararia.

– Nem eu – admitiu Jaud. – Vamos ter que nos virar sozinhos.

Yarvi só pôde assentir.

– Eu nem teria acenado.

Foi então que mais shends se esgueiraram do negrume da floresta. Três, depois seis, doze, todos armados até os dentes, cada chegada recebida com horror cada vez maior. Ele lera que os shends eram pacíficos, mas aqueles ali não pareciam seguir os mesmos livros.

– Continuem trabalhando – rosnou Trigg, agarrando um homem pelo cangote e obrigando-o a voltar a descascar um tronco caído. – Nós deveríamos dar uma corrida neles. Pegá-los de surpresa.

Shadikshirram jogou sua última garrafa no cascalho da praia.

– Para cada um à vista, há dez escondidos. Acho que você é que seria pego de surpresa. Mas pode tentar. Eu fico olhando.

– O que vamos fazer, então? – murmurou Ankran.

– Vou me esforçar ao máximo para não deixar que eles roubem vinho. – A capitã tirou a rolha de uma garrafa nova. – Se quiserem poupar o trabalho deles, acho que podem se esfolar.

Ela deu um risinho enquanto tomava um gole.

Trigg meneou a cabeça em direção a Nada, que ainda estava de joelhos, esfregando o convés.

– Ou poderíamos dar uma faca a ele.

Shadikshirram parou de rir abruptamente.

– Jamais.

O sábio espera por seu momento, mas nunca o deixa passar.

– Capitã – disse Yarvi, pousando sua tábua e avançando com uma postura humilde. – Tenho uma sugestão.

– Vai cantar para eles, aleijado? – perguntou Trigg, ríspido.

– Vou falar com eles.

Shadikshirram o encarou, os olhos languidamente semicerrados.

– Você sabe a língua deles?

– O bastante para nos manter em segurança. Talvez até para negociar com eles.

O capataz apontou o dedo grosso para a crescente multidão de guerreiros pintados.

– Você acha que aqueles selvagens vão escutar a voz da razão?

– Sei que vão.

Yarvi só desejava ter tanta certeza quanto aparentava.

– Isso é loucura! – exclamou Ankran.

O olhar de Shadikshirram se fixou no almoxarife.

– Espero ansiosamente sua contraproposta.

Ele piscou, com a boca entreaberta, as mãos se torcendo impotentes, e a capitã revirou os olhos.

– Restam tão poucos heróis hoje em dia... Trigg, conduza nosso embaixador maneta para uma negociação. Ankran, vá com eles.

– Eu?

– Quantos covardes chamados Ankran eu possuo? Você negocia as mercadorias, não é? Então vá trabalhar.

– Mas ninguém negocia com os shends!

– Então os negócios que você fizer vão se tornar lendários. – Shadikshirram se levantou. – Todo mundo precisa de alguma coisa. Essa é a beleza da profissão de mercador. Sumael pode lhe dizer do que precisamos. – Ela se inclinou para perto de Yarvi, atingindo-o com um bafo pesado de vinho, e deu um tapinha no seu rosto. – Cante para eles, garoto. Com a mesma doçura com que cantou na outra noite. Cante pela sua vida.

Foi assim que Yarvi se pegou andando devagar na direção das árvores, as mãos vazias erguidas bem alto e a corrente curta presa firme no punho carnudo de Trigg, tentando se convencer, contra suas esperanças, de que grandes perigos significavam grandes lucros. Adiante, mais shends haviam se juntado, observando em silêncio. Mais atrás, Ankran murmurou em haleen:

– Se o aleijado conseguir negociar, vai ser o esquema de sempre?

– Por que não? – respondeu Trigg, dando um puxão na corrente.

Yarvi mal podia acreditar que estivessem pensando em dinheiro numa hora daquelas, mas talvez, quando a Última Porta se abre, os homens se voltem aos velhos hábitos. Ele havia recorrido a sua sabedoria de ministro, que parecia um escudo frágil à medida que os shends ficavam cada vez mais perto, com sua selvageria pintada.

Eles não gritaram nem sacudiram as armas. Mesmo assim, eram mais do que ameaçadores. Simplesmente recuaram para abrir espaço quando Yarvi se aproximou, seguro por Trigg. Entraram numa clareira, onde mais shends se reuniam em volta de uma fogueira. Yarvi engoliu em seco ao se dar conta da quantidade: devia ser o triplo de toda a tripulação do *Vento Sul*.

Uma mulher estava sentada no meio deles, aparando um pedaço de pau com uma faca brilhante. Pendurado em seu pescoço, numa tira de couro, figurava uma plaqueta élfica cravejada de joias negras, repleta de marcas incompreensíveis e de intrincadas linhas douradas.

A primeira coisa que um ministro aprende é a reconhecer o poder. Decifrar os olhares, as posturas, os movimentos e os tons de voz que separam os seguidores do líder. Por que perder tempo com subalternos, afinal de contas? Assim Yarvi passou entre os homens como se fossem invisíveis, o olhar fixo no rosto carrancudo da mulher, e os guerreiros vieram atrás cercando-o junto com Trigg e Ankran numa paliçada de aço.

Por um brevíssimo momento, Yarvi hesitou. Por um instante, apreciou o temor de Trigg e Ankran mais do que sofreu com o seu próprio. Por um momento, teve poder sobre eles e percebeu que gostava da sensação.

– Fale! – sibilou Trigg.

Yarvi se perguntou se haveria como provocar a morte do capataz. Usar os shends para obter sua liberdade, talvez a de Rulf e Jaud também... Mas os riscos eram altos demais e as possibilidades, muito remotas. O ministro sábio escolhe o bem maior, o menor mal e aplaina o caminho para o Pai Paz em todas as línguas. Assim, Yarvi se abaixou, com um dos joelhos chapinhando no terreno lamacento, a mão aleijada no peito e a outra na testa, como mãe Gundring havia ensinado, para mostrar que falava a verdade.

Mesmo que mentisse de forma descarada.

– Meu nome é Yorv – disse na língua dos shends – e venho humildemente com o joelho dobrado, não mais estrangeiro, implorar o direito de hóspede para

mim e meus companheiros.

A mulher estreitou os olhos aos poucos. Depois, fitou seus homens, embainhou a faca com cuidado e jogou o pedaço de pau no fogo.

– Maldição.

– Direito de hóspede? – murmurou um guerreiro, apontando, incrédulo, para o navio encalhado. – Esses selvagens?

– Sua pronúncia é lamentável. – A mulher jogou as mãos para o alto. – Mas sou Svidur dos Shends. Levante-se, Yorv, porque você é bem-vindo junto ao nosso fogo e está a salvo de qualquer mal.

Irritado, outro guerreiro jogou o machado no chão e partiu pisando firme pelo meio do mato.

Svidur observou-o se afastar.

– Estávamos ansiosos por matar vocês e tomar sua carga. Deveríamos tomar o que pudermos, porque seu Rei Supremo guerreará contra nós outra vez quando chegar a primavera. Aquele homem é a ganância em pessoa. Juro que não faço ideia do que ele deseja tanto de nós.

Yarvi olhou de volta para Ankran, que franzia a testa diante daquela conversa com a suspeita mais profunda.

– Minha triste observação é que alguns homens sempre desejam mais.

– Desejam, sim. – Ela apoiou o queixo na mão enquanto observava os guerreiros frustrados se sentarem com repugnância, um deles já pegando musgo para esfregar e tirar a pintura de batalha. – Este podia ter sido um dia lucrativo.

– Ainda pode ser. – Yarvi se levantou e cruzou as mãos como sua mãe fazia no início de uma barganha. – Minha capitã gostaria de negociar...

Segredinhos torpes

Devido às três janelas estreitas, a cabine de Shadikshirram ficava na penumbra, atulhada e espalhafatosa, com sacos e bolsas pendurados nas traves baixas do teto. Na cama, que preenchia a maior parte do cômodo, amontoavam-se cobertas, peles e almofadas manchadas. O resto do espaço era ocupado por um enorme baú com reforço em ferro. Garrafas vazias haviam rolado para todos os cantos. O lugar cheirava a alcatrão, sal e incenso, suor e vinho rançosos. No entanto, comparado com a vida que Yarvi levava ultimamente – se é que podia ser considerada vida –, parecia o auge do luxo indulgente.

– O conserto não deve demorar – disse Sumael. – Deveríamos retornar a Skekenhouse.

– O Mar Despedaçado é maravilhoso porque forma um círculo. – Shadikshirram traçou a forma no ar com sua garrafa. – Chegaremos a Skekenhouse de qualquer modo.

Sumael pestanejou.

– Mas por um lado vamos levar dias, pelo outro, meses!

– Você vai nos manter em movimento, como sempre. O pior inimigo do marinheiro é o mar, mas a madeira flutua, não é? Não pode ser muito difícil. Vamos em frente. – Shadikshirram observou Yarvi se curvar para passar sob o lintel baixo. – Ah, meu embaixador! Como ainda trajamos nossa pele, presumo que tudo tenha corrido bem, certo?

– Preciso conversar com a senhora, minha capitã. – Ele falava com os olhos baixos, como um ministro fala com seu rei. – Só com a senhora.

– Hummm. – Ela estendeu o lábio inferior e beliscou-o como um músico dedilha sua harpa. – Um homem pedindo audiência privada sempre me intriga, mesmo um tão jovem, aleijado e feio como você. Volte para suas madeiras e calafetagens, Sumael, quero estar no mar logo de manhã.

Sumael trincou os dentes.

– Ou no fundo dele.

Ela passou por Yarvi e saiu.

– E então? – Shadikshirram tomou um longo gole de vinho e pousou a garrafa com estrépito.

– Eu implorei pelo direito de hóspede aos shends, minha capitã. Eles têm uma tradição solene de não negar isso a alguém que peça do modo adequado.

– Esperto – comentou ela, ajeitando com as duas mãos o cabelo grisalho.

– E negociei os itens de que precisamos. Fiz o que considero uma troca excelente.

– Muito esperto – disse ela, torcendo o cabelo no emaranhado usual.

Mas era agora que sua esperteza seria realmente necessária.

– A senhora pode não achar que é um acordo excelente como eu acho, minha capitã.

Ela estreitou um pouco os olhos.

– Como assim?

– Seu capataz e seu almoxarife pegaram uma parte dos seus lucros.

Houve uma longa pausa enquanto Shadikshirram enfiava os grampos cuidadosamente, um a um, para prender o cabelo. Nem um traço de sua expressão mudara, mas de repente Yarvi sentiu que estava à beira de um precipício.

– Pegaram mesmo? – perguntou ela.

Yarvi havia esperado tudo, menos essa estranha frieza. Será que ela já sabia e não se importava? Será que iria mandá-lo de volta para o remo de qualquer modo? Será que Trigg e Ankran ficariam sabendo que ele os traíra? Umedeceu os lábios, sabendo que estava sobre uma camada de gelo desesperadamente fina. Mas não tinha escolha a não ser continuar e torcer para, de alguma forma, chegar a terra firme.

– Não pela primeira vez – respondeu ele, com a voz rouca.

– Não?

– Em Vulsgard, a senhora lhes deu dinheiro para comprar escravos saudáveis e eles compraram os desgraçados mais baratos que puderam encontrar, inclusive eu. Suponho que a senhora tenha recebido pouco troco.

– Pateticamente pouco. – Shadikshirram pegou a garrafa entre dois dedos e tomou um longo gole. – Mas começo a imaginar se consegui uma boa barganha com você.

Yarvi sentiu um desejo esquisito de tagarelar e precisou se obrigar a falar com calma, sério, como um ministro faria.

– Os dois fizeram acordos falando em haleen, achando que ninguém entenderia. Mas eu falo essa língua também.

– E, sem dúvida, sabe cantar nela. Para um escravo remador, você tem muitos talentos.

Um ministro deve sempre ter uma resposta para qualquer pergunta que lhe façam, e Yarvi tinha uma mentira preparada para aquela questão.

– Minha mãe foi ministra.

– O cinto de uma ministra deveria permanecer apertado para sempre. – Shadikshirram sugou o ar através dos lábios franzidos. – Ah, segredinho torpe...

– A vida é cheia deles.

– É mesmo, garoto, é mesmo.

– Ela me ensinou línguas, números e o conhecimento das plantas, além de muitas outras coisas que poderiam ser úteis para a senhora, minha capitã.

– Uma criança útil, de fato. Talvez você precise de duas mãos para lutar contra alguém, mas só de uma para dar uma facada nas costas, hein? Ankran! – cantarolou pela porta aberta. – Ankran, sua capitã quer falar com você!

Os passos rápidos do almoxarife logo se ouviram, mas não tão céleres quanto o coração de Yarvi.

– Estive verificando os depósitos, capitã, e falta uma machadinha...

Ankran viu Yarvi ao passar pela porta e seu rosto se contraiu, a princípio com choque, depois com suspeita. Por fim, ele tentou sorrir.

– Posso lhe trazer mais vinho...?

– Nunca mais.

Houve uma pausa medonha enquanto a capitã sorria com os olhos brilhantes. A cor foi sumindo do rosto de Ankran e o rugido nos ouvidos de Yarvi se intensificou.

– Até aceito o Trigg me roubar: ele é um homem livre e deve cuidar dos próprios interesses. Mas você? Ser roubado por minha própria posse? –

Shadikshirram esvaziou a garrafa, lambeu as últimas gotas do gargalo e sopesou-a preguiçosamente. – Imagino que entenda como isso é um tanto embaraçoso.

Os lábios finos do almoxarife se retorceram.

– Ele está mentindo, capitã!

– Mas as mentiras dele combinam muito bem com as minhas suspeitas.

– É tudo...

O golpe foi tão ágil que Yarvi mal o viu, só escutou a pancada surda. Shadikshirram acertou Ankran com a base da garrafa e ele tombou com um grunhido. Ficou deitado piscando, o sangue escorrendo pelo rosto. A capitã avançou, levantando a bota acima da cabeça dele e, com calma e firmeza, franzindo a testa de concentração, começou a pisar no subordinado.

– Trapacear comigo? – sibilou ela entre os dentes trincados, o salto do calçado abrindo um corte no rosto dele. – Me roubar? – A bota acertou a lateral do nariz de Ankran. – Me fazer de idiota?

Yarvi desviou o olhar para o canto do aposento, a respiração áspera enquanto os estalos doentios continuavam.

– Depois de tudo... o que eu... *fiz* por você!

Shadikshirram se agachou, os antebraços pousados nos joelhos, as mãos pendentes. Projetou o queixo e soprou uma madeixa de cabelos soltos sobre o rosto.

– De novo estou desapontada com a mesquinhez da humanidade.

– Minha esposa – sussurrou Ankran, fazendo o olhar de Yarvi retornar ao rosto arruinado dele. Uma bolha de sangue se formou e se partiu nos lábios. – Minha esposa... e meu filho.

– O que é que tem? – perguntou Shadikshirram rispidamente, franzindo a testa para uma mancha vermelha que havia aparecido nas costas de sua mão e limpando-a na roupa de Ankran.

– O mercador de carne... de quem a senhora me comprou... em Thorlby. – A voz de Ankran soava como um chapinhar. – Yoverfell. Ele está com os dois. – O escravo tossiu e empurrou com a língua um pedaço de dente para fora da boca. – Disse que ia mantê-los em segurança... desde que eu pagasse o preço deles... toda vez que passássemos por lá. Se eu não pagar...

Yarvi sentiu uma fraqueza nos joelhos. Tão grande que achou que iria cair. Agora entendia por que Ankran precisava de todo aquele dinheiro.

Mas Shadikshirram apenas deu de ombros.

– O que isso me importa?

Ela puxou os cabelos de Ankran e tirou uma faca do cinto.

– Espere! – gritou Yarvi.

A capitã olhou-o, irritada.

– Sério? Tem certeza?

Yarvi teve que se esforçar ao máximo para abrir um sorriso fraco.

– Por que matar o que a senhora pode vender?

A capitã ficou encarando-o, imóvel, ainda agachada, e ele se perguntou se a mulher mataria os dois. Por fim, ela soltou uma risada roncada e baixou a faca.

– Devo declarar: meu coração mole vai acabar comigo. Trigg!

O capataz hesitou apenas por um momento enquanto entrava na cabine e via Ankran no chão com o rosto transformado numa polpa sangrenta.

– Por acaso, nosso almoxarife estava me roubando – disse a capitã.

Trigg franziu a testa para Ankran, depois para Shadikshirram e, finalmente, durante um longo tempo, para Yarvi.

– Parece que algumas pessoas só pensam nelas mesmas.

– E eu que achei que fôssemos uma família. – A capitã se levantou, espanando os joelhos. – Temos um novo almoxarife. Consiga uma argola melhor para ele. – Shadikshirram rolou Ankran em direção à porta, com o pé. – E coloque essa coisa ao lado de Jaud.

– Certo, capitã.

Trigg arrastou Ankran por um braço e fechou a porta com um chute.

– Você vê que eu sou misericordiosa – disse Shadikshirram, toda animada, com gestos suaves da mão suja de sangue, que ainda segurava a faca frouxamente. – Meu ponto fraco é a misericórdia.

– A misericórdia é uma característica da grandeza – conseguiu replicar Yarvi, a voz ainda rouca.

Shadikshirram abriu um largo sorriso.

– Não é mesmo? Porém, por mais grandiosa que eu seja... prefiro pensar que Ankran usou toda a misericórdia que eu tinha disponível para este ano.

Ela passou o braço comprido pelos ombros de Yarvi, prendendo o polegar na argola de pescoço, e puxou-o para tão perto que ele sentiu o bafo de vinho no sussurro.

– Se outro almoxarife trair a minha confiança...

O silêncio foi mais eloquente do que qualquer palavra.

– A senhora não precisa se preocupar, minha capitã. – Yarvi a encarou, e a proximidade era tal que os olhos negros da mulher pareceram se fundir. – Não tenho esposa nem filho para me distrair. – Apenas um tio para matar, a filha dele para desposar e o Trono Negro de Gettland para reivindicar. – Sou seu homem.

– Você não é propriamente um homem. Fora isso, excelente! – Ela limpou os dois lados da faca na camisa de Yarvi. – Vá ao seu depósito, meu pequenino ministro maneta, descubra onde Ankran estava escondendo o meu dinheiro e me traga um pouco de vinho! E sorria, garoto!

Shadikshirram tirou uma corrente de ouro do pescoço e pendurou-a numa coluna da cama. Havia uma chave pendurada nela: a chave dos cadeados dos escravos remadores.

– Gosto de ver meus amigos sorrindo e meus inimigos mortos! – Ela abriu os braços, balançou os dedos e tombou de costas em suas peles. – O dia de hoje amanheceu muito pouco promissor – divagou, fitando o teto. – Mas, por acaso, todo mundo conseguiu o que queria.

Enquanto se dirigia depressa até a porta, Yarvi não achou sensato observar que Ankran, para não mencionar sua esposa e seu filho, provavelmente não concordariam.

Inimigos e aliados

Ninguém se surpreendeu ao ver que Yarvi era muito mais adequado aos depósitos do que aos remos.

A princípio, mal conseguia se arrastar para dentro de seu novo domínio sombrio e cheio de rangidos abaixo do convés, em meio à confusão de barris e caixas, baús transbordando, sacos pendurados ao teto. Mas em um ou dois dias tinha tudo organizado como as prateleiras de mãe Gundring, apesar de as tábuas claras e novas do conserto deixarem a água salgada entrar constantemente. Não chegava a ser uma tarefa reconfortante esvaziar com baldes a poça salobra que se formava toda manhã.

Contudo, era muitíssimo melhor do que voltar aos bancos.

Yarvi encontrou uma barra de ferro vergada para bater em qualquer prego que parecesse estar se soltando, e tentava não imaginar que, do outro lado daquele esgarçado tecido de madeira mal serrada, encontrava-se todo o peso esmagador da Mãe Oceano.

O *Vento Sul* seguia com dificuldade para o leste e, ainda que estivesse ferido e com tripulantes a menos, em poucos dias chegou ao grande mercado de Roystock, milhares de lojas comprimidas numa ilha pantanosa perto da foz do rio Divino. Navios pequenos e rápidos eram apanhados na confusão dos cais como moscas numa teia de aranha, assim como suas tripulações magras e queimadas de sol. Homens que haviam remado durante duras semanas rio acima, e carregado as embarcações por semanas ainda mais árduas nos trechos intransponíveis eram afastados de suas estranhas cargas para uma ou duas noites de prazeres simples. Enquanto Sumael xingava e lutava para remendar os vazamentos, Yarvi foi levado para a terra preso à corrente de Trigg, procurando lojas e escravos remadores para substituir os que a tempestade tomara.

Ali, nas ruas estreitas apinhadas de pessoas de todas os feitios e cores, Yarvi regateou. Vira sua mãe fazer isso – ao redor do Mar Despedaçado, não havia olho ou língua mais rápidos do que os de Laithlin, a Rainha Dourada. Descobriu que conseguia aplicar os truques dela sem sequer precisar pensar. Negociava em seis línguas, com os mercadores pasmos ao ver as próprias línguas secretas voltadas contra eles. Lisonjeava e cantava vantagem, bufava de desprezo pelos preços e de escárnio pela qualidade. Saía andando e ouvia rogos para voltar – primeiro era maleável como óleo, depois inflexível como ferro – e deixava para trás um rastro de comerciantes choramingando.

Trigg segurava a corrente com a mão tão leve que Yarvi quase esqueceu que estava acorrentado. Até que, quando haviam terminado e a prata economizada tilintava na bolsa da capitã, o sussurro do capataz fez cócegas em seu ouvido e eriçou cada pelo de seu corpo.

– Você é um aleijãozinho malandro, não é?

Yarvi parou um momento para se recompor.

– Eu tenho... algum entendimento.

– Sem dúvida. Está claro que você entendia quando eu e Ankran falávamos, e passou esse entendimento para a capitã. Ela tem um temperamento bem vingativo, não é? As histórias que ela conta sobre si mesma são mentiras, mas eu poderia lhe contar outras verdadeiras que não são menos espantosas. Uma vez eu a vi matar um homem porque ele pisou no sapato dela. E era um homem bem grande.

– Talvez por isso o peso dele tenha machucado tanto os dedos dela.

Trigg puxou a corrente e a argola comprimiu o pescoço de Yarvi, fazendo-o guinchar.

– Não se aproveite demais de minha natureza bondosa, garoto.

A natureza bondosa de Trigg parecia débil demais para ser aproveitada.

– Eu joguei com as cartas que recebi – replicou Yarvi com a voz rouca.

– Todos nós fazemos isso – sussurrou Trigg. – Ankran jogou mal com as dele e pagou o preço. Não pretendo fazer o mesmo. Por isso, vou lhe oferecer o mesmo acordo. Metade do que você tirar de Shadikshirram, você me dá.

– E se eu não tirar nada?

Trigg bufou.

– Todo mundo tira alguma coisa, garoto. Parte do que você me der eu vou passar aos guardas, e todo mundo fica amigo. Sorrisos por toda parte. Se não me der nada, você vai fazer alguns inimigos. Inimigos ruins de se ter. – Ele enrolou a corrente de Yarvi na mão grande e puxou-o para mais perto ainda. – Lembre que crianças malandras e crianças burras se afogam do mesmo jeito.

Yarvi engoliu em seco de novo. Mãe Gundring costumava dizer: *Um bom ministro nunca diz "não" se pode dizer "talvez"*.

– A capitã está de olho. Ela ainda não confia em mim. Só me dê um pouquinho de tempo.

Com um empurrão, Trigg o fez cambalear na direção do *Vento Sul*.

– Apenas garanta que seja só um pouquinho mesmo.

Para Yarvi estava bem. Os velhos amigos em Thorlby – para não mencionar os velhos inimigos – não esperariam para sempre. Por mais encantador que fosse o capataz, Yarvi pretendia deixar a companhia de Trigg em pouco tempo.

Depois de Roystock, viraram para o norte.

Passaram por terras sem nome, onde pântanos se estendiam até distâncias desconhecidas, espelhando milhares de fragmentos de céu salpicados naquela prole bastarda de terra e mar, com aves solitárias gritando por sobre a desolação. Yarvi inspirava fundo o frio salgado e ansiava pela volta para casa.

Pensava com frequência em Isriun, tentando se lembrar de seu perfume quando ela se inclinava para perto, o roçar dos seus lábios, a forma do seu sorriso, o sol reluzindo em seus cabelos na soleira do Salão dos Deuses. Memórias esparsas, reviradas repetidamente até ficarem puídas como as roupas de um mendigo.

Será que agora ela estava prometida a um marido melhor? Sorrindo para outro homem? Beijando outro amante? Yarvi trincou os dentes. Precisava ir para casa.

Cada momento de folga era tomado por planos de fuga.

Num posto comercial onde as construções eram tão malfeitas que a pessoa podia ficar com farpas na pele só de passar por perto, Yarvi apontou uma serviçal para Trigg. Então, em meio ao sal e às ervas, adquiriu alguns suprimentos extras enquanto o capataz estava distraído. Folhas de pé-enredado

suficientes para deixar todos os guardas do navio lentos e pesadões, ou mesmo colocá-los para dormir, com a dose correta.

– E o dinheiro, garoto? – sibilou Trigg na volta para o *Vento Sul*.

– Tenho um plano.

Yarvi deu um sorriso humilde, pensando em rolar o adormecido Trigg por cima da amurada do navio.

Ele era muito mais valorizado, respeitado e, para ser honesto, útil como almoxarife do que fora como rei. Os escravos remadores tinham o suficiente para comer, roupas mais quentes para usar e grunhiam com aprovação para ele. Dominava o navio enquanto estavam no mar, porém, como um sovina com os lucros, essa liberdade só aumentava sua fome por mais.

Quando Yarvi achava que ninguém podia ver, deixava caírem migalhas perto das mãos de Nada e o via enfiá-las rapidamente dentro dos trapos. Uma vez seus olhares se encontraram e Yarvi se perguntou se o sujeito poderia estar agradecido, porque não parecia restar qualquer traço humano atrás daqueles olhos estranhos, brilhantes e fundos.

Porém mãe Gundring sempre dissera: *É por nós mesmos que fazemos coisas boas.* Ele continuava largando migalhas quando podia.

Shadikshirram notou com prazer o peso maior de sua bolsa, e ainda mais a melhoria do vinho, alcançada em parte porque Yarvi podia comprar num volume impressionante.

– Esta é uma safra melhor do que a que Ankran me trazia – murmurou ela, estreitando os olhos para a cor da bebida na garrafa.

Yarvi fez uma profunda reverência.

– Uma safra digna dos seus feitos.

Atrás da máscara do sorriso, pensava em como, quando estivesse sentado de novo no Trono Negro, veria a cabeça dela acima do Portão Que Grita e seu navio amaldiçoado reduzido a cinzas.

Às vezes, quando a escuridão baixava, a capitã esticava um pé para que ele tirasse suas botas e tagarelava alguma história de glórias passadas, os nomes e detalhes mudando a cada narrativa. Então dizia que Yarvi era um garoto bom e útil e, se ele tinha realmente sorte, lhe dava migalhas de sua mesa e confessava: “Meu coração mole vai ser minha perdição.”

Se conseguia se conter para não enfiar tudo na boca de imediato, passava-as para Jaud, que passaria para Rulf, enquanto Ankran ficava sentado franzindo a testa para o nada entre os dois, o couro cabeludo cheio de cortes da raspagem e o rosto, cheio de cascas de ferida, numa forma muito diferente de antes da discussão com a bota de Shadikshirram.

– Pelos deuses – grunhiu Rulf. – Tirem esse idiota de duas mãos do nosso remo e devolvam Yorv!

Os escravos ao redor deles gargalharam, mas Ankran permaneceu sentado imóvel como se fosse de madeira. Yarvi se perguntava se ele estaria remoendo seu próprio juramento de vingança. Olhou para cima e viu Sumael franzindo a testa em seu lugar na verga. Ela sempre vigiava, julgava, como se seguissem um rumo inadequado. Ainda que ficassem acorrentados à noite na mesma argola do lado de fora da cabine da capitã, Sumael não dizia nada a ele além de um ou outro grunhido.

– Continuem remando – ordenou Trigg rispidamente, dando uma trombada em Yarvi, jogando-o contra o remo que ele costumava puxar.

Parecia que Yarvi fizera inimigos, além de amigos.

Mas os inimigos, como dizia sua mãe, *são o preço do sucesso.*

– Botas, Yorv!

Yarvi se encolheu como se tivesse levado um tapa. Seus pensamentos haviam se desviado para longe, como acontecia com frequência. De volta às encostas acima do navio incendiado de seu pai, fazendo o juramento de vingança diante dos deuses. De volta ao teto da fortaleza em Amwend, com o cheiro de queimado no nariz. De volta ao rosto calmo e sorridente do tio.

Você daria um ótimo bufão.

– Yorv!

Ele lutou para sair de baixo dos cobertores, arrastando um pedaço de corrente, passando por cima de Sumael encolhida num bolo de cobertas, o rosto escuro estremecendo em silêncio no sono. O clima esfriava à medida que navegavam para o norte, e flocos de neve desciam da noite redemoinhando num vento feroz, salpicando de branco as peles que cobriam os escravos amontoados. Os guardas tinham desistido de patrulhar e os únicos dois acordados estavam

encolhidos sobre um braseiro perto da escotilha de proa que dava no porão, os rostos contraídos iluminados em laranja.

– Essas botas valem mais do que você, maldição!

Shadikshirram estava sentada na cama, os olhos úmidos brilhantes, fazendo força para a frente e tentando segurar o pé, mas tão bêbada que ficava errando. Quando o viu, tombou para trás.

– Me dá uma mão aí.

– Desde que a senhora não precise de duas – respondeu Yarvi.

Ela soltou um riso gorgolejante.

– Você é um sacaninha aleijado mas esperto, não é? Juro que os deuses mandaram você. Mandaram você... para tirar minhas botas.

Os risinhos dela já se assemelhavam a roncos. Quando ele arrancou a segunda bota e pôs a perna na cama, a capitã estava dormindo a sono solto, a cabeça pendendo para trás, o cabelo flutuando sobre a boca a cada ronco.

Yarvi parou, totalmente imóvel. A camisa dela havia se aberto no colarinho e a corrente aparecia ali. Brilhando nas peles ao lado do pescoço estava a chave de todos os cadeados do navio.

Olhou para a porta entreaberta, a neve passando rápida lá fora. Abriu o lampião e soprou a chama, e o aposento afundou na escuridão. Era um risco medonho, mas quando a pessoa está correndo contra o tempo, às vezes precisa lançar os dados.

O sábio espera por seu momento, mas nunca o deixa passar.

Yarvi foi lentamente até a cama, a pele formigando, e deslizou o cotoco de mão para baixo da cabeça de Shadikshirram.

Com grande delicadeza, ergueu-a, chocado com o peso morto, os dentes trincados pelo esforço de se mover tão devagar. Encolheu-se quando a capitã se mexeu e roncou, certo de que os olhos dela iriam se abrir, pensando no seu calcanhar esmagando-lhe o rosto como havia feito com o de Ankran.

Respirou fundo e prendeu o fôlego, estendeu a mão por cima dela em busca da chave, cintilando à luz do Pai Lua que entrava por uma janela estreita. Esforçava-se para alcançá-la... mas as pontas dos dedos coçando se detiveram.

Havia uma pressão sufocante em seu pescoço. A corrente se enganchara em alguma coisa. Ele se virou, pensando em soltá-la com um puxão, e ali na porta,

com o maxilar tenso e a corrente de Yarvi presa firmemente nas duas mãos, estava Sumael.

Por um momento ficaram imobilizados. Então ela começou a puxá-lo.

Ele deixou a cabeça de Shadikshirram baixar do modo mais delicado possível, segurou a corrente com as duas mãos e tentou puxá-la de volta, a respiração sibilante. Sumael apenas aplicou mais força, a argola penetrando no pescoço de Yarvi, os elos da corrente cortando-lhe a mão, fazendo-o morder o lábio para não gritar.

Era como o cabo de guerra que os meninos costumavam disputar na praia em Thorlby, só que um deles tinha as duas mãos e uma das pontas estava em volta do pescoço de Yarvi.

Yarvi se retorceu e lutou, mas Sumael era forte demais e, em silêncio, puxou-o mais para perto, e mais perto, as botas dele deslizando no chão, batendo numa garrafa e fazendo-a rolar, até que, por fim, ela o pegou pela argola e o empurrou para a noite, arrastando-o para que ficasse próximo.

– Seu idiota desgraçado! – rosnou ela com o rosto grudado ao dele. – Está tentando morrer?

– Por que você se importa? – sibilou Yarvi, segurando com força o punho de Sumael, que apertava a argola de pescoço dele, com os nós dos dedos brancos.

– Eu me importo se eles mudarem todos os cadeados porque você roubou a chave, seu idiota!

Houve uma longa pausa enquanto os dois se encaravam na escuridão, então Yarvi percebeu como os dois estavam próximos o suficiente para que visse os franzidos de raiva no alto do nariz dela e os dentes brilhando através da fenda do lábio, para que sentisse o calor emanar. Perto o bastante para que farejasse a respiração rápida de Sumael, um pouco azeda, mas nem um pouco pior por causa disso. Quase próximo o suficiente para beijá-la. Ela devia ter percebido isso no mesmo momento, porque soltou sua argola como se estivesse em brasas, recuou e se desvencilhou.

Yarvi revirou as palavras de Sumael e examinou-as de um modo e de outro. E a percepção se assentou.

– Mudar os cadeados só incomodaria alguém que já tivesse uma chave. Que tivesse arranjado um modo de copiar uma chave, talvez?

Ele sentou-se em seu lugar de sempre, esfregando as marcas de esfoladura e as queimaduras antigas no pescoço com a mão boa, enfiando a aleijada no calor da axila.

– Mas o único motivo para um escravo precisar de uma chave seria a fuga – acrescentou.

– Cale a boca!

Sumael se acomodou ao lado de Yarvi e houve outra pausa. A neve caía sobre o cabelo dela, os joelhos dele.

Quando Yarvi já perdia a esperança de que a garota falasse alguma coisa, Sumael finalmente disse algo, tão baixinho que ele mal conseguiu escutar acima do som do vento:

– Um escravo com uma chave poderia libertar alguns outros escravos. Todos, talvez. Na confusão, quem sabe quem poderia escapar?

– Muito sangue poderia ser derramado – murmurou Yarvi. – Na confusão, quem sabe de quem seria o sangue? É muito mais seguro colocar os guardas para dormir.

Sumael lhe deu um olhar penetrante. Ele pôde ver o brilho ali, a névoa da respiração.

– Um escravo que conhecesse plantas – continuou ela –, que servisse a cerveja dos guardas e levasse o vinho da capitã poderia arranjar um modo.

Era um risco, ele sabia, mas com a ajuda dela poderia ser muito mais fácil. Uma pessoa que está correndo contra o tempo às vezes precisa lançar os dados.

– Talvez dois escravos juntos pudessem conseguir...

– O que um sozinho não conseguiria – concluiu Sumael. – É melhor sair do navio enquanto ele estiver no porto.

Yarvi assentiu.

– É o que eu faria.

Nos últimos dias, estivera pensando em pouca coisa além disso.

– A melhor chance seria em Skekenhouse. A cidade é movimentada, mas os guardas são preguiçosos, a capitã e Trigg passam muito tempo fora do navio...

– A não ser que tivéssemos amigos em algum lugar do Mar Despedaçado.

Ele deixou a isca pairar... Ela a engoliu inteira.

– Amigos que pudessem abrigar dois escravos fugidos?

– Exatamente. Digamos que em... Thorlby?

– O *Vento Sul* vai passar por Thorlby dentro de um ou dois meses.

Yarvi pôde escutar a empolgação no sussurro guinchante dela. Ele não conseguiu ocultar a sua.

– A essa altura, uma escrava com uma chave... e um escravo que conhecesse plantas... poderiam se libertar.

Ficaram sentados em silêncio, no frio, no escuro, como haviam feito muitas noites antes. Agora à luz pálida do Pai Lua, Yarvi pensou ver uma rara sugestão de sorriso no canto da boca de Sumael.

Achou que isso lhe caía bem.

Um amigo

Bem ao norte agora, os escravos arrastavam o *Vento Sul* pelo mar escuro com o inverno em marcha. A neve caía com frequência, acomodando-se no topo dos castelos do navio, nos ombros dos remadores trêmulos, soprando vapor nos dedos entorpecidos a cada movimento. Durante toda a noite, o casco partido gemia. De manhã, homens se inclinavam por cima das amuradas para quebrar o gelo dos costados feridos. Ao pôr do sol, Shadikshirram saía da cabine envolta em peles, os olhos e as narinas cercados por um rosado alcoólico e dizia não achar que estava muito frio.

– Tento manter o amor no coração – disse Jaud, segurando a sopa entregue por Yarvi. – Mas, pelos deuses, odeio o norte.

– Não há nenhum lugar mais ao norte do que este – comentou Rulf, esfregando as pontas das orelhas enquanto estreitava os olhos em direção ao cobertor branco do litoral.

Ankran, como sempre, não acrescentou nada.

O mar era um vazio salpicado de gelo, com grupos de focas amontoadas observando-os tristemente do litoral rochoso. Quando viam outros navios, o que era raro, Trigg os fitava carrancudo, pousando a mão na espada, até que se tornassem pontos ao longe. Por mais que o Rei Supremo se considerasse poderoso, sua licença não iria protegê-los ali.

– A maior parte dos mercadores não tem coragem de singrar estas águas. – Shadikshirram enfiou sua bota em cima da perna de um remador, sem o menor cuidado –, mas eu não sou a maioria.

Yarvi agradeceu silenciosamente aos deuses por isso.

– Os banyas, que vivem neste inferno gelado – continuou a capitã –, me adoram como uma deusa porque trago potes, facas e instrumentos de ferro que tratam como se fosse magia élfica. Eu só peço pele e âmbar, que para eles são

tão fartos a ponto de quase não ter valor. Fariam qualquer coisa por mim, pobres brutos. – Ela esfregou as palmas das mãos com um sibilo ávido. – Aqui obtenho meus melhores lucros.

De fato, os banyas estavam esperando o *Vento Sul* quando o navio enfim rompeu o gelo da costa e alcançou um cais escorregadio numa praia cinzenta. Eles faziam os shends parecerem uma civilização mais avançada na memória de Yarvi: envoltos em peles, mais pareciam ursos ou lobos do que homens, os rostos rudes furados por lascas de osso polido e pedaços de âmbar, as testas cheias de penas e os porretes com dentes engastados. Yarvi se perguntou se seriam dentes humanos, e concluiu que pessoas que arrancavam a vida daquela terra miserável não podiam se dar ao luxo de desperdiçar nada.

– Ficarei fora durante quatro dias.

Shadikshirram pulou por cima da amurada e aterrissou nas tábuas tortas do cais, seguida pelos marinheiros do *Vento Sul*, que levavam a carga amarrada a trenós precários.

– Trigg, você está no comando!

– O navio vai ficar melhor enquanto você estiver fora! – gritou o capataz com um sorrisinho.

– Quatro dias à toa... – sibilou Yarvi.

A última luz do dia manchava o céu de vermelho e ele remexia em sua argola de escravo com o polegar aleijado. Toda noite passada naquela banheira podre parecia irritá-lo mais.

– Paciência – disse Sumael entre os dentes, quase sem mexer os lábios rachados, os olhos escuros voltados para os guardas e, particularmente, para Trigg. – Algumas semanas e estaremos com seus amigos em Thorlby. – Ela o olhou com a carranca familiar. – É melhor que você tenha mesmo amigos em Thorlby.

– Você ficaria surpresa em saber quem eu conheço. – Yarvi se enfiou mais em suas peles. – Confie em mim.

Ela bufou.

– Confiar?

Yarvi lhe deu as costas. Sumael podia ser ouriçada, mas era forte e inteligente, e não havia companhia melhor naquele navio. Precisava de um cúmplice, e não de um amigo, e ela sabia o que fazer e quando fazer.

Já visualizava tudo acontecendo de acordo com os planos. Toda noite adormecia embalado por pensamentos do tipo. O *Vento Sul* balançando suavemente num cais sob a cidadela de Thorlby. Os guardas roncando, dopados, ao lado das canecas de cerveja vazias. A chave girando no cadeado. Ele e Sumael escapando juntos do navio, o barulho das correntes abafado por trapos, através das ruas íngremes e escuras que Yarvi conhecia tão bem, neve nos tetos inclinados, e também nas pedras do calçamento, lamacenta com marcas de botas.

Sorriu, imaginando o rosto da mãe quando ela o visse. Sorriu mais ainda ao imaginar a face de Odem logo antes de ele cravar uma faca em suas tripas...

Yarvi golpeou, cortou e golpeou, as mãos quentes e escorregadias do sangue do traidor. O tio guinchava como um porco no abate.

– O legítimo rei de Gettland! – gritou alguém.

Todos aplaudiram, só que ninguém mais ruidoso do que Grom-gil-Gorm, que batia palmas com as mãos grandes a cada cravar chapinhado da lâmina, e mãe Scaer, que berrava, dava cambalhotas de júbilo e se transformava numa nuvem de pombos voando com estardalhaço.

O som chapinhado se transformou em sucção, e Yarvi olhou para o irmão, pálido e frio na laje. Isriun se inclinou sobre seu rosto, beijando-o repetidas vezes.

Ela sorriu para Yarvi através da mortalha do cabelo caído. Aquele sorriso...

– Espero que me dê um beijo melhor depois da vitória.

Odem se apoiou nos cotovelos.

– Quanto tempo isso vai levar?

– Mate-o – disse Laithlin. – Pelo menos um de nós precisa ser homem.

– Eu sou homem! – rosnou Yarvi, dando um golpe atrás do outro, os braços ardendo com o esforço. – Ou... meio homem?

Hurik arqueou uma sobrancelha.

– Chega a isso?

A faca estava escorregando na mão de Yarvi e todos os pombos criavam uma distração terrível, encarando, encarando-o. No meio deles, a águia de penas cor de bronze trazia uma mensagem de avó Wexen.

– Já pensou em entrar para o Ministério? – perguntou ela, com a voz rouca.

– Eu sou rei! – rosnou ele, as bochechas ardentes, escondendo às costas as inúteis mãos desajeitadas.

– Um rei senta-se entre deuses e homens – disse Keimdal, com sangue escorrendo da garganta cortada.

– Um rei senta-se sozinho – retrucou Uthrik, inclinando-se adiante no Trono Negro.

Os ferimentos que haviam estado secos voltaram a pingar, derramando uma poça de sangue no piso do Salão dos Deuses.

Os gritos de Odem tinham se transformado em risinhos.

– Você daria um ótimo bufão.

– Desgraçado! – rosnou Yarvi, tentando golpear com mais força, mas a faca estava tão pesada que ele mal podia erguê-la.

– O que você está fazendo? – perguntou mãe Gundring. Ela parecia amedrontada.

– Cale a boca, sua vaca – disse Odem.

Ele agarrou Yarvi pelo pescoço e apertou...

Yarvi acordou com um terrível solavanco e deparou com as mãos de Trigg em volta de seu pescoço.

Um crescente de sorrisinhos ferozes ondulava acima dele, os dentes brilhando à luz das tochas. Teve ânsia de vômito e se retorceu, mas estava preso como uma mosca no mel.

– Você deveria ter aceitado o acordo, garoto.

– O que você está fazendo? – perguntou Sumael de novo.

Yarvi nunca a ouvira tão apavorada. Mas nem de longe parecia tão apavorada quanto Yarvi.

– Eu mandei *calar a boca*! – rosnou um guarda no rosto dela. – A não ser que queira morrer com ele!

Sumael se encolheu para dentro dos cobertores. Sabia o que fazer, e quando. Talvez um amigo fosse melhor do que um cúmplice, afinal de contas, mas agora era meio tarde para pensar nisso.

– Eu não disse que crianças malandras e crianças burras se afogam do mesmo jeito? – Trigg enfiou a chave no cadeado e soltou a corrente de Yarvi.

Liberdade, mas não como ele tinha visualizado. – Vamos colocar você na água para ver se isso é verdade.

Trigg arrastou Yarvi pelo convés como uma galinha depenada e pronta para a panela. Passou pelos remadores dormindo nos bancos, um ou outro espiando por baixo das cobertas de peles carecas. Nenhum deles se mexeu para ajudá-lo. Por que fariam isso? Como fariam?

Os calcanhares de Yarvi chutavam inutilmente o convés. Ele tentava agarrar as mãos de Trigg, a boa e a ruim, inúteis da mesma forma. Talvez devesse ter barganhado, blefado, lisonjeado para se livrar, mas seus pulmões, estourando, só conseguiam reunir ar suficiente para soltar um ruído débil e úmido, como um peido.

Nesse momento, as artes suaves do ministro exibiam suas limitações.

– Nós fizemos uma aposta sobre o tempo que você demora para afundar – disse Trigg.

Yarvi beliscou o braço do homem, arranhou o ombro dele, mas o capataz mal deu importância. Com o canto do olho lacrimejante, viu Sumael de pé, afastando os cobertores. Junto com o cadeado de Yarvi, Trigg destrancara o dela.

Mas Yarvi sabia que não podia contar com a garota. Não podia contar com ninguém.

– Que isso seja uma lição para o resto de vocês! – Trigg bateu no peito com o polegar livre. – Este navio é meu. Fiquem no meu caminho e estarão acabados.

– Solta ele! – resmungou alguém. – Ele não fez nada.

Ao ser arrastado, Yarvi viu que se tratava de Jaud. Mas ninguém ligou para o grandalhão. Ao lado dele, no antigo lugar de Yarvi, Ankran olhava tudo, esfregando o nariz torto. Agora aquele não parecia um lugar tão ruim.

– Você deveria ter aceitado o acordo. – Trigg empurrou Yarvi por cima dos remos, como um saco de trapos. – Posso perdoar muita coisa num bom cantor, garoto, mas...

Com um grito súbito, o capataz caiu esparramado, a mão frouxa, e Yarvi enfiou o dedo mindinho torto no olho de Trigg. Retorceu-se, deu-lhe um chute no peito e se soltou, cambaleante.

Trigg havia tropeçado na corrente de Nada, que ele esticara de repente. O velho estava encolhido nas sombras, os olhos brilhando por trás do cabelo caído.

– Corra – sussurrou ele.

Talvez Yarvi tivesse feito um amigo, afinal de contas.

O primeiro ar que inspirou fez sua cabeça girar. Levantou-se desajeitadamente, soluçando, fungando, chocou-se contra os bancos, passando entre escravos meio adormecidos, quase atropelando os remos.

Pessoas gritavam, mas Yarvi mal conseguia ouvir as palavras em meio ao latejamento do sangue nos ouvidos, como o rugido insensato de uma tempestade.

Viu a escotilha de proa, cambaleando, estremecendo. Sua mão se fechou em volta da maçaneta. Ele puxou-a e mergulhou de cara na escuridão.

A morte aguarda

Yarvi caiu, bateu com o ombro, com a cabeça, rolou sobre sacos e desabou de cara.

Sentiu a bochecha úmida. Estava no porão.

Rolou com esforço, arrastou-se para as sombras.

Estava escuro ali embaixo, um breu, mas um ministro deve conhecer os caminhos, e sentiu-os agora com as pontas dos dedos.

Zumbido nos ouvidos, queimação no peito, todo o corpo formigando de terror, mas precisava se controlar e pensar. *Sempre há um modo,* costumava dizer sua mãe.

Podia ouvir os guardas gritando enquanto olhavam para a escotilha, perto demais, logo atrás dele. Puxou a corrente, espremendo-se entre caixotes e barris, o tremeluzir das tochas acima refletindo-se em tiras e rebites, guiando-o na direção do depósito do navio.

Passou pela porta baixa, chapinhando entre prateleiras e caixas na poça gélida da água que se infiltrara pelo casco. Agachou-se, encostado na lateral fria do navio, a respiração chiando. Surgiu mais luz agora que os guardas traziam as tochas para baixo, em seu encalço.

– Onde ele está?

Tinha que haver um modo. Sem dúvida eles viriam logo da outra direção, da escotilha de popa. Seus olhos se viraram depressa para escada de lá.

Tinha que haver um modo. Não existia tempo para um plano, tudo em sua mente tinha se esvaído como fumaça. Trigg estaria esperando. Trigg estaria com raiva.

Seu olhar saltava de um lado para outro a cada som, a cada brilho, numa busca desesperada por algum modo de escapar, algum lugar onde se esconder, em vão. Precisava de um aliado. Comprimiu-se contra a madeira, desamparado,

sentiu a umidade gélida, ouviu os pingos da água salgada. E a voz de mãe Gundring lhe veio, suave e cuidadosa, junto à fogueira.

Quando um sábio ministro não tem nada além de inimigos, ele derrota um usando outro pior.

Yarvi mergulhou debaixo da prateleira mais próxima, remexendo-se no negrume, e seus dedos encontraram a barra de ferro que ele mantinha para firmar pregos.

O pior inimigo do marinheiro é o mar, Shadikshirram nunca se cansava de dizer.

– Cadê você, garoto?

Dava para ver a silhueta do reparo feito por Sumael. Yarvi enfiou a barra entre o casco e as madeiras novas, e puxou com toda a força. Trincou os dentes e empurrou-a mais fundo, rosnando com fúria, dor e impotência, como se ela fosse Trigg, Odem e Grom-gil-Gorm combinados. Apertou-a, jogou seu peso sobre ela, envolveu-a com o cotoco de mão, a madeira torturada rangendo, potes e caixas despencando enquanto ele colidia com as prateleiras.

Agora podia ouvir os guardas perto, a claridade dos lampiões no porão, suas formas encurvadas no umbral baixo, o brilho das lâminas.

– Venha cá, aleijado!

Yarvi gritou, fazendo um último esforço capaz de distender os músculos. Houve um estalo quando as tábuas cederam de repente. Ele saltou para trás, balançando os braços. Com a fúria de um demônio sibilante libertado do inferno, a Mãe Oceano irrompeu no depósito.

Derrubou uma prateleira ao cair e foi encharcado num instante pela água gélida. Rolou ofegante na direção da escotilha de popa, subiu deslizando, com os berros dos homens, o som do mar furioso e de madeira se estilhaçando.

Avançou aos tropeços até a escada, a água já nos joelhos. Um guarda estava nos seus calcanhares e tentou agarrá-lo na escuridão. Yarvi acertou-o com a barra e mandou-o cambaleante contra o jato d’água que o lançou pelo depósito como um brinquedo. Mais vazamentos haviam brotado, o mar jorrando de todos os lados, os gritos dos guardas quase inaudíveis acima daquele rugido ensurdecedor.

Yarvi se arrastou escada acima por alguns degraus, empurrou a escotilha e passou por ela. Levantou-se, oscilando, imaginando se alguma magia o

transportara para o convés de outro navio no meio de uma batalha.

O caminho entre os bancos estava tomado por homens que lutavam sob a luz ofuscante das chamas atiçadas pelo óleo de um lampião partido no castelo de proa. Labaredas tremeluzentes dançavam na água negra, nos olhos negros dos escravos em pânico, nas lâminas dos guardas. Yarvi viu Jaud agarrar um deles e jogá-lo no mar.

O amigo estava de pé. Os escravos estavam soltos.

Ou pelo menos alguns. A maioria continuava acorrentada, encolhida junto às forquetas para escapar da violência. Alguns se encontravam caídos, sangrando na prancha central. Outros saltavam por cima da amurada, preferindo se arriscar com a Mãe Oceano do que com os homens de Trigg, que os golpeavam sem misericórdia.

Yarvi viu Rulf dar uma cabeçada no rosto de um guarda, ouviu o osso do nariz do sujeito quebrar e sua espada cair no convés com estrépito.

Precisava ajudar os companheiros remadores. Os dedos de sua mão boa se flexionaram espasmodicamente. Tinha que ajudá-los, mas como? Os últimos meses só haviam reforçado a antiga opinião de Yarvi, de que ele não era herói. Estavam em menor número e desarmados. Retraiu-se quando um guarda acertou um escravo desamparado, o machado abrindo uma fenda em seu corpo. Podia sentir a inclinação do convés à medida que o mar jorrava para dentro e arrastava o *Vento Sul* para baixo.

Um bom ministro encara os fatos e salva o que pode. Um bom ministro aceita o menor mal. Yarvi passou por cima do banco mais próximo, indo para a lateral do navio e para a água negra do outro lado. Preparou-se para mergulhar.

Estava com meio corpo fora do navio quando foi puxado de volta pela argola. O mundo deu uma cambalhota e ele caiu, ofegando como um peixe fora d’água.

Trigg estava parado junto de Yarvi, a ponta de sua corrente numa das mãos.

– Você não vai a lugar nenhum, garoto.

Ele se inclinou e envolveu o pescoço de Yarvi com a outra mão, logo abaixo da argola, de modo que o metal afundou em seu maxilar, mas dessa vez o capataz apertou mais forte ainda. Suspendeu o garoto até que suas botas chutando apenas raspavam no convés e girou o rosto dele para que contemplasse

a carnificina que dominava o navio. Homens mortos e feridos, dois guardas espancando um escravo com os porretes.

– Está vendo a encrenca que você me causou? – guinchou ele, um olho vermelho e lacrimoso por causa do dedo de Yarvi.

Os guardas gritavam uns com os outros:

– Cadê o Jaud e o imbecil do Rulf?

– Foram para o cais. Mas com certeza vão congelar lá fora.

– Pelos deuses, os meus dedos!

– Como foi que eles se soltaram?

– Sumael.

– Aquela putinha roubou uma chave.

– Onde, diabo, ela conseguiu aquela machadinha?

– Ela decepou meus dedos! Agora não servem para nada!

– Ele quebrou o casco! – exclamou um guarda, encharcado, enquanto passava pela escotilha de popa. – O navio está sendo inundado!

Como se quisesse enfatizar isso, o *Vento Sul* estremeceu de novo, o convés se inclinando mais ainda. Trigg precisou se agarrar a um banco para ficar de pé.

– Que os deuses nos ajudem! – berrou um dos escravos, aterrorizado, tentando puxar a argola do pescoço.

– Estamos afundando? – perguntou outro, os olhos arregalados se virando para baixo.

– Como vamos explicar isso a Shadikshirram?

– Maldição – rugiu Trigg, e bateu a cabeça de Yarvi contra a extremidade rombuda do remo mais próximo.

O garoto viu estrelas e foi tomado por um enjoo escaldante. Depois, o capataz o empurrou contra o convés e começou a esganá-lo de verdade.

Yarvi lutava de qualquer jeito, mas o capataz impunha todo o peso sobre ele, não deixando-o respirar. Não conseguia ver nada além da boca de Trigg soltando rosnados. Ela foi ficando mais turva, como se fosse o fim de um túnel pelo qual Yarvi fosse arrastado sem parar.

Yarvi havia enganado a Morte meia dúzia de vezes nas últimas semanas, mas não importa quanto você seja forte ou inteligente, não importa que os deuses lhe favoreçam no clima e nas armas, ninguém pode enganá-la para sempre. Heróis, Reis Supremos, avós do Ministério, no fim todos passam por sua porta: ela não

abre exceção para rapazes manetas de boca grande e temperamento amargo. O Trono Negro seria de Odem, seu pai não seria vingado, seu juramento nunca seria cumprido...

Então, através do rugido do sangue nos ouvidos, Yarvi escutou uma voz.

Era uma voz falha, sussurrada, áspera como um bloco de raspar convés. Se fosse a voz da Morte, ele não ficaria surpreso. Mas o que ela disse foi:

– Você não ouviu Shadikshirram?

Com um esforço, Yarvi obrigou seus olhos lacrimejantes a se virar naquela direção.

Nada se achava no meio do convés. Seu cabelo engordurado e embolado estava puxado para trás e, pela primeira vez, Yarvi pôde ver o rosto dele, torto e inclinado, com cicatrizes e fraturas calcinadas, retorcido e fundo, os olhos grandes reluzindo úmidos.

A corrente pesada estava enrolada várias vezes num dos braços, e a argola pendia livre de seu pulso, com um pedaço de madeira lascada e pregos ainda presos. Na outra mão, segurava a espada que Rulf havia tirado de um guarda.

Nada abriu um sorriso débil cheio de dentes quebrados que indicava uma mente deturpada.

– Ela disse para você nunca me dar uma arma.

– *Largue* a espada agora ou você é um homem morto! – rosnou Trigg, mas sua voz falhou devido a algo que Yarvi nunca tinha ouvido.

Medo.

E foi como se a Morte estivesse mesmo diante dele, no convés.

– Ah, não, Trigg, não... – O sorriso de Nada se alargou, ainda mais insano, e as lágrimas transbordaram de seus olhos, deixando riscas brilhantes nas faces encovadas. – *Você* que é.

Um guarda o atacou.

Enquanto limpava o convés, Nada parecia velho e dolorosamente lento. Um resto quebradiço. Um homem feito de gravetos e barbante. Com a espada na mão, ele fluía como água, dançava como o fogo saltitante. A impressão era que a arma tinha vontade própria, rápida e implacável feito um relâmpago, conduzindo-o.

A espada investiu, a ponta cintilou entre as omoplatas do guarda que atacava e sumiu, deixou-o cambaleante, chiando, a mão apertando o peito. Outro guarda

brandiu um machado e arrancou lascas do canto de um banco, pois Nada se esquivou. O machado subiu de novo e, com um estalo de metal, o braço que o segurava desapareceu girando na escuridão. O guarda tombou de joelhos, os olhos arregalados, e o pé descalço de Nada derrubou-o esparramado.

Um terceiro o atacou por trás com a espada erguida. Sem nem olhá-lo, Nada o acertou no pescoço, fazendo-o espirrar sangue. Depois, usando o braço enrolado com a corrente, afastou um porrete para longe e acertou o punho da espada na boca do atacante, arrancando-lhe dentes. Abaixou-se para cortar as pernas de outro, que girou no ar e caiu de cara.

Tudo isso no espaço de tempo em que Yarvi poderia ter respirado uma vez.

O primeiro guarda ainda estava de pé, passando as mãos no peito perfurado, tentando falar mas soltando apenas espuma vermelha. Nada o empurrou gentilmente para fora do caminho ao passar; seus pés descalços não emitiam qualquer som. Olhou as tábuas ensanguentadas e estalou a língua.

– O convés está muito sujo. – Ergueu a cabeça, o rosto devastado cheio de cicatrizes pretas e salpicos vermelhos. – Devo lavar, Trigg?

O capataz recuou enquanto Yarvi sacudia a mão, impotente.

– Se chegar mais perto, eu o mato!

– Pode matar. – Nada deu de ombros. – A Morte espera por todos nós.

O guarda com as pernas arruinadas gemia, tentando se arrastar pelo convés inclinado. Nada o golpeou nas costas.

– Hoje ela espera por você. Ela está pegando a chave, Trigg, destrancando a Última Porta.

– Vamos conversar! – Trigg se afastou, a palma para cima. O convés estava mais adernado agora, a água preta brotando da escotilha de popa. – Vamos conversar!

– Conversas só geram problemas. – Nada levantou a espada. – O aço é sempre a resposta. – Ele a girou, de modo que a lâmina captou a luz e dançou vermelha, branca, amarela e com todas as cores do fogo. – O aço não elogia nem faz acordos. O aço não mente.

– Só me dê uma chance! – gemeu Trigg.

Agora a água brotava por cima da amurada, correndo entre os bancos.

– Por quê?

– Eu tenho sonhos! Eu tenho planos! Eu tenho...

Com um estalo oco, a espada partiu o crânio de Trigg até o nariz. Sua boca continuou articulando palavras por um momento, mas o ar não vinha para lhes dar som. Ele tombou para trás, debatendo-se um pouco, e Yarvi se livrou de sua mão frouxa. Ofegava, tossia e tentava soltar a argola para poder respirar.

– Eu não deveria – disse Nada, arrancando a espada da cabeça de Trigg –, mas estou me sentindo muito melhor.

À volta, homens gritavam. Se algum guarda havia sobrevivido, preferira o mar à espada do velho. Alguns escravos tentavam passar por cima dos bancos que afundavam e ir para os de trás, que estavam mais secos, outros faziam força contra as correntes enquanto a água subia cada vez mais, outros mais mantinham apenas o rosto à tona, sugando o ar, arregalando os olhos de horror. Outros ainda, Yarvi sabia, já deviam estar abaixo da superfície negra, prendendo o fôlego por mais alguns instantes, numa luta impotente contra os cadeados.

Yarvi tombou de quatro, com ânsia de vômito, a cabeça girando, revirando as roupas de Trigg em busca da chave dele. Esforçava-se para não fitar o rosto rachado, mas acabou vislumbrando as feições distorcidas e a polpa carnuda que brilhava dentro da fenda. Conteve o enjoo, ainda à procura da chave, em meio aos gritos dos escravos presos.

– Deixa pra lá.

Nada estava parado junto dele, muito mais alto do que Yarvi imaginara que ele poderia ser, a espada suja de sangue pendendo numa das mãos.

Yarvi pestanejou e, em seguida, olhou para o convés inclinado, na direção dos escravos que se afogavam.

– Mas eles vão morrer. – Sua voz saiu áspera, fraquíssima.

– A Morte espera por todos nós.

Nada agarrou Yarvi por sua argola de pescoço, suspendeu-o e o jogou por cima da amurada. Mais uma vez, a Mãe Oceano tomou-o em seu abraço congelante.

III

A LONGA ESTRADA

Dobrando-se às circunstâncias

Alguém deu um tapa no rosto de Yarvi. Ele viu a mão, ouviu o barulho, mas praticamente não sentiu nada.

– Corra – sussurrou a voz de Jaud.

O máximo que Yarvi conseguiu foi um cambalear trêmulo, a corrente balançante e as roupas encharcadas arrastando-o para baixo a cada passo, o cascalho se prendendo nas botas cheias d'água. Ele tropeçava com frequência, mas, sempre que caía, braços fortes estavam ali para levantá-lo, para empurrá-lo adiante na escuridão.

– Continue – grunhiu Rulf.

Perto do topo nevado da praia, Yarvi lançou um olhar para trás e forçou a palavra "deuses" entre os dentes que chacoalhavam.

A Mãe Oceano engolia, faminta, o *Vento Sul*. O castelo de proa estava envolto em fogo, o cordame formava linhas de chamas, o topo do mastro, onde Sumael costumava se empoleirar, fora tomado pelo incêndio. Os bancos onde Yarvi havia labutado estavam cobertos de água, os remos amontoados se projetando impotentes como as pernas de uma barata. Só um canto do tombadilho ainda aparecia acima da água, refletindo as labaredas. O porão, o depósito e a cabine da capitã estavam afundados no silêncio do fundo do mar.

Havia figuras pretas na praia, no cais, observando. Guardas que tinham escapado da arma de Nada? Escravos que de algum modo se livraram das correntes? Yarvi parecia ouvir gritos fracos acima dos uivos do vento. Gritos fracos acima dos crepitar das chamas. Não tinha como saber quem a sorte salvara daquela provação de fogo e água, quem estava vivo e quem estava morto. Sentia frio demais para se regozijar por ter sobrevivido a mais um desastre, quanto mais para se entristecer porque ninguém mais sobrevivera. Sem dúvida os pesares viriam em pouco tempo.

Se ele resistisse à noite.

– Ande – instou Sumael.

Empurraram-no pelo cume e ele tombou do outro lado, de costas, sobre um monte de neve, a pele ardendo por causa do frio; cada ofegar gélido era uma facada na garganta. Viu o rosto largo de Rulf, a bochecha brilhando com um tom laranja, e a face magra e espasmódica de Sumael à luz do Pai Lua.

"Me deixem", tentou falar, mas sua boca estava entorpecida demais para enunciar as palavras, os dentes congelados até as raízes, e tudo que saiu foi um débil vapor.

– Vamos juntos – disse Sumael. – Não foi esse o trato?

– Achei que estivesse acabado quando Trigg começou a me esganar.

– Ah, você não vai sair dessa tão fácil assim. – Ela o agarrou pelo pulso torto. – Levante-se.

Ele fora traído pela família, pelo próprio povo e encontrara lealdade em um grupo de escravos que não lhe deviam nada. Estava tão pateticamente agradecido que sentia vontade de chorar. Mas desconfiava de que precisaria das lágrimas mais tarde.

Com a ajuda de Sumael, conseguiu se levantar. Com o auxílio de Rulf e Jaud, continuou andando, quase sem pensar no rumo, querendo apenas se manter distante do *Vento Sul* que afundava. As botas chapinhavam na umidade gélida, o vento atravessava as roupas encharcadas e ásperas como se ele não usasse nada.

– Vocês precisavam escolher o lugar mais frio que os deuses criaram para escapar? – resmungou Rulf. – E a época mais fria do ano?

– Eu tinha um plano melhor. – Sumael não parecia nem um pouco satisfeita por ele ter sido arruinado. – Mas afundou com o *Vento Sul*.

– Às vezes os planos precisam se dobrar às circunstâncias – comentou Jaud.

– Se dobrar? – rebateu Rulf. – Esse se partiu em pedacinhos.

– Ali.

Yarvi apontou com o cotoco congelado do dedo. Adiante, uma árvore mirrada arranhava a noite, cada galho despontando branco no topo e, embaixo, num levíssimo tremular laranja. Ele mal ousava acreditar nos próprios olhos, mas ainda assim foi naquela direção o mais depressa possível, meio se arrastando, desesperado. Nesse momento, até mesmo a ilusão de um fogo parecia melhor do que nada.

– Espere! – sibilou Sumael. – Não sabemos quem...

– Não importa – disse Rulf, passando por ela.

O fogo fora aceso numa reentrância embaixo daquela árvore torta, onde havia algum abrigo do vento, uma chama minúscula tremulando em meio aos fragmentos de um caixote quebrado arrumado cuidadosamente. Encolhido sobre ele, instigando-o à vida com sua respiração vaporizada, estava Ankran.

Se Yarvi escolhesse quem salvar, o nome do antigo almoxarife estaria longe de ser um dos primeiros em seus lábios. Mas libertar Rulf e Jaud significava libertar o colega de remo deles, e Yarvi teria se lançado aos pés de Odem naquele momento se o tio lhe oferecesse calor. Tombou de joelhos, estendendo as mãos trêmulas para as chamas.

Jaud pôs os punhos nos quadris.

– Você conseguiu, então.

– Fezes boiam – disse Rulf.

Ankran apenas esfregou o nariz torto.

– Se meu fedor incomoda vocês, podem encontrar seu próprio fogo.

Uma machadinha deslizou em silêncio da manga de Sumael, a lâmina balançando e reluzindo.

– Eu gosto deste.

Ankran deu de ombros.

– Então longe de mim expulsar os desesperados. Bem-vindos à minha mansão!

Sumael já havia subido pelas rochas congeladas até a árvore e cortou facilmente um galho. Ajeitou-o no chão, de modo que os gravetos estivessem na direção do fogo. Ela estalou os dedos para Yarvi.

– Tire a roupa.

– O amor ainda resiste! – exclamou Rulf, tremelicando os cílios para o céu.

Sumael o ignorou.

– As roupas molhadas vão matar você durante a noite, com tanta certeza quanto qualquer inimigo.

Agora que o frio estava afrouxando o domínio, Yarvi sentia os hematomas: todos os músculos queimavam, a cabeça doía, o pescoço latejava por causa do estrangulamento. Mesmo se quisesse, não tinha forças para questionar. Tirou as

roupas encharcadas, algumas já com a bainha rígida de gelo, e se encolheu o mais próximo possível do fogo, nu, a não ser pela argola e a corrente.

Rulf jogou uma pele velha sobre seus ombros trêmulos.

– Isso é um empréstimo, não uma doação.

– Muito obrigado... de qualquer forma – Yarvi espremeu as palavras através dos dentes que chacoalhavam enquanto observava Sumael pendurar as roupas dele viradas para as chamas, onde começaram a soltar vapor lentamente.

– E se alguém vir a luz? – perguntou Jaud, franzindo a testa para o lugar de onde tinham vindo.

– Se você prefere congelar, fique na escuridão. Tem bastante por aí. – Ankran tentou atiçar o fogo com um graveto. – Suspeito que a luta, o incêndio e o naufrágio tenham tirado o apetite deles por uma busca.

– Mas teremos que ir embora antes do amanhecer – replicou Rulf.

– Embora para onde? – indagou Sumael, agachada perto de Yarvi.

O leste era a escolha óbvia. Para o leste ao longo do litoral, na direção de onde o *Vento Sul* os trouxera. Mas era para o oeste que Yarvi precisava ir. Para Vansterland. Para Gettland. Rumo a Odem e à vingança, e quanto antes, melhor. Passou os olhos por aquele grupo diversificado, todos encolhidos sobre as chamas que davam a vida, os rostos franzidos e estranhos à luz das labaredas, imaginando como poderia convencê-los a ir para a direção errada.

– Para o leste, claro – disse Rulf. – Há quanto tempo passamos por aquele posto comercial?

Sumael levou um tempo para contar nos dedos.

– A pé poderíamos chegar em três dias.

– Vai ser difícil. – Rulf coçou o queixo barbado. – Bastante difícil e...

– Eu vou para o oeste – disse Ankran, o maxilar torto tenso e o olhar fixo nas chamas.

Houve silêncio enquanto todos o olhavam.

– Para o oeste até onde? – perguntou Jaud.

– Thorlby.

Yarvi arqueou as sobrancelhas ao ver que a ajuda viera logo dele. Rulf explodiu numa gargalhada.

– Obrigado por me dar uma boa chance de rir antes de morrer, mestre Ankran! Nosso ex-almoxarife vai andar até Gettland.

– Até Vansterland. Vou tentar encontrar um navio que me leve de lá.

Rulf riu de novo.

– Então você só vai andar até Vulsgard? E quanto tempo acha que vai demorar esse passeio, ó navegador?

– Pelo menos um mês a pé. – Sumael respondeu tão depressa que já devia ter pensado nisso.

– Um mês assim?!

Rulf gesticulou na direção do vazio nevado pelo qual já haviam passado com dificuldade e Yarvi precisou admitir que o pensamento não era nem um pouco animador.

– Com que equipamento? – continuou Rulf.

– Eu tenho um escudo. – Jaud tirou-o das costas e bateu com o punho nele. Era grande e redondo, de madeira áspera com bossa de ferro. – Pensei em usá-lo para flutuar.

– E um guarda generoso me emprestou esse arco. – Rulf dedilhou a corda como se fosse um instrumento musical. – Mas, sem flecha, ele não toca direito. Alguém tem uma barraca? Roupas extras? Cobertores? Trenós? – Silêncio, exceto pelo gemido do vento frio do lado de fora do buraco iluminado pela fogueira. – Então lhe desejo toda a sorte, mestre Ankran! Foi um prazer remar ao seu lado, mas temo que nossos caminhos devam se separar. O resto de nós vai para o leste.

– Que idiota colocou você no comando?

Todos se viraram quando a voz áspera atravessou a escuridão. Nada estava ali, sujo de fuligem, além da imundície usual; trapos, cabelos e barba se achavam enegrecidos. Usava as botas e o casaco de Trigg, com uma crosta de sangue num dos ombros. No outro, carregava um grande rolo de pano de vela chamuscado, e aninhada num dos braços, como um bebê protegido contra a noite gélida, a espada com que Yarvi o vira matar seis homens.

Ele sentou-se de pernas cruzadas ao lado da fogueira, como se aquela fosse uma reunião marcada muito antes, e deu um suspiro satisfeito, aproximando as mãos das chamas.

– Ir para o oeste até Gettland parece bom. Nós seremos seguidos.

– Por Trigg? – perguntou Sumael.

– Não precisa mais se preocupar com o capataz. Minha dívida com ele está paga. Mas entre mim e Shadikshirram a conta ainda está aberta. – Nada lambeu um dedo e limpou uma mancha na lâmina da espada. – Precisamos deixá-la bem para trás.

– Precisamos? – questionou Sumael rispidamente, e Yarvi notou que ela segurava a machadinha às costas, de prontidão. – Você está se convidando a ir junto?

A luz da fogueira tremeluziu nos olhos de Nada.

– A não ser que mais alguém queira me convidar, sim.

Yarvi se postou entre os dois de mãos erguidas e aplainou o caminho para o Pai Paz.

– Precisamos de toda a ajuda que pudermos conseguir. Qual é o seu nome, afinal?

Nada contemplou o céu noturno como se a resposta pudesse estar escrita nas estrelas.

– Tenho três nomes... talvez quatro... mas todos me trouxeram azar. Eu odiaria que o mesmo acontecesse a vocês. Se precisarem falar comigo, é só me chamar de Nada, mas não sou de falar muito. Shadikshirram virá, contando com que a gente vá para o leste.

– Porque ir para o oeste é loucura! – Rulf se virou para Sumael. – Diga a eles!

Ela comprimiu os lábios cheios de cicatrizes e estreitou os olhos na direção da fogueira.

– O leste é mais rápido. O leste é mais fácil.

– Pronto! – rosnou Rulf, batendo na coxa.

– Eu vou para o oeste – continuou Sumael.

– Hã?

– No leste vai haver pessoas. Qualquer um que tenha saído do navio. E aquele posto comercial estava lotado de mercadores de escravos.

– E Vansterland não está? – rebateu Rulf. – Porque nós sempre fizemos bons negócios com inglings lá.

– O leste é perigoso.

– O oeste não passa de semanas de território ermo!

– Há florestas, ou seja, combustível. E comida também, talvez. O leste tem o posto comercial, mas e depois? Só os pântanos e território vazio, centenas de quilômetros assim. O oeste é Vansterland. O oeste é a civilização. O oeste é... quem sabe... navios que vão mais para o oeste. Que vão para casa.

– Casa.

Jaud fitou as chamas como se vislumbrasse sua aldeia e aquele poço com a água mais doce do mundo.

– Vamos para o interior – disse Sumael –, para fora do campo de visão de qualquer navio. Depois para o oeste.

Rulf levantou as mãos.

– Como você vai encontrar o caminho no meio da neve? Vai acabar andando em círculos!

Sumael tirou um embrulho de couro de dentro do casaco e o desenrolou, mostrando uma luneta e outros instrumentos.

– Vou achar o caminho, seu velhote, não se preocupe. Não estou muito ansiosa por seguir nenhuma das duas rotas, ainda mais com este grupo, mas a melhor oportunidade talvez esteja no oeste.

– Talvez?

Sumael deu de ombros.

– Às vezes “talvez” é a melhor coisa que a gente pode ter.

– Três a favor de ir para o oeste. – Ankran exibiu o primeiro sorriso que Yarvi o viu dar desde que Shadikshirram arrancara seus dois dentes da frente. – E você, grandão?

– Humm. – Jaud apoiou o queixo num dos punhos, pensativo, e olhou ao redor. – Ahn... – Seus olhos percorreram com atenção cada um deles e se detiveram nos instrumentos de Sumael. – Hum. – Encolheu os ombros grandes e respirou fundo. – Não existe nenhum homem que eu considere a ponto de querer ter ao meu lado numa luta, Rulf. Mas quando se trata de ir de um lugar a outro... confio em Sumael. Vou para o oeste. Se vocês me aceitarem.

– Pode segurar seu escudo acima de mim quando nevar – disse a garota.

– Vocês estão completamente loucos! – Rulf bateu com a mão pesada no ombro de Yarvi. – Parece que somos só você e eu, Yorv.

– Fico muito lisonjeado com a oferta... – Yarvi se desvencilhou da mão do amigo e da pele emprestada, e voltou a vestir a camisa quase seca –... mas a

primeira coisa que precisamos fazer é ficar juntos. Ficar juntos ou morrer separados. – Ele também pensava, claro, no trono, no juramento e na vingança que o esperavam em Gettland, e quanto mais demorasse, menor a chance de tudo dar certo. – Vamos todos para o oeste. – Yarvi abriu um sorriso torto para Rulf e lhe deu um tapa nas costas com a mão boa. – Eu rezei por um ajudante mais novo, mas vou aceitar o que recebi.

– Pelos deuses! – Rulf comprimiu as têmporas com a base das mãos. – Vamos nos arrepender dessa decisão.

– Ela pode fazer companhia ao resto dos meus arrependimentos. – Nada fitou a escuridão como se visse uma tropa fantasmagórica além da luz da fogueira. – Eles são muitos.

Liberdade

Sumael ia à frente num ritmo impetuoso e todos a seguiam sem questionar, como se ainda remassem. Avançavam com dificuldade por um terreno irregular, feito de rocha negra e neve branca, onde árvores mirradas tinham sido torturadas pelo vento que soprava lamentoso em direção ao mar.

– Quantos passos até Vansterland? – gritou Rulf.

Sumael verificou os instrumentos, os lábios se movendo com somas silenciosas, espiou o borrão da Mãe Sol no céu férreo e continuou andando sem responder.

Poucos na cidadela de Thorlby teriam considerado aquilo um tesouro, mas o rolo de pano de vela mofado trazido por Nada se tornou a posse mais valiosa do grupo. Com o cuidado de piratas partilhando uma pilhagem, eles o dividiram e enrolaram embaixo das roupas, em volta da cabeça e das mãos congeladas, enfiaram nas botas. Jaud carregava metade do pano para que todos se embolassem embaixo quando a noite chegava. Era pouco mais quente do que a escuridão absoluta lá fora, mas estavam gratos por isso.

Seria a diferença entre a vida e a morte.

Revezavam-se abrindo terreno novo: Jaud avançava sem reclamar, Rulf soltava palavrões contra a neve como se ela fosse um velho inimigo, Ankran lutava abraçando a si mesmo, Nada seguia de cabeça erguida, a espada apertada com força, como se achasse que também fosse feito de aço e nenhum clima pudesse esfriá-lo ou esquentá-lo, mesmo quando, apesar das orações de Yarvi, a neve começava a se acomodar nos ombros de seu casaco roubado.

– Porra, que maravilha – murmurou Rulf para o céu.

– É ótimo para nós – rebateu Ankran. – Cobre nosso rastro, nos esconde. Com sorte, nossa antiga senhora vai achar que congelamos aqui.

– Sem sorte, vamos mesmo congelar – resmungou Yarvi.

– Ninguém se importa – disse Rulf. – Ninguém é louco o suficiente para nos seguir até aqui.

– Rá! – exclamou Nada. – Shadikshirram é louca demais para fazer qualquer outra coisa.

Ele jogou a ponta da corrente pesada por cima do ombro como uma echarpe e cortou essa conversa com a mesma habilidade com que matara os guardas do *Vento Sul*.

Yarvi estreitou os olhos na direção de onde tinham vindo, observando os rastros que serpenteavam na distância cinzenta. Perguntou-se quando Shadikshirram encontraria os destroços do navio e o que ela faria depois. Engoliu em seco e continuou andando atrás dos outros o mais rápido possível.

Ao meio-dia, a Mãe Sol se erguia não mais alta do que o ombro de Jaud em seu zênite débil e as sombras longas dos viajantes lutavam atrás deles sobre a brancura. Eles resolveram parar e se amontoar numa reentrância.

– Comida – disse Sumael, verbalizando o pensamento de todos.

Ninguém estava ansioso para se voluntariar. Todos sabiam que a comida valia mais do que ouro ali. Foi Ankran que surpreendeu todos enfiando a mão primeiro dentro das peles e pegando um embrulho de peixe salgado.

Ele deu de ombros.

– Odeio peixe.

– O homem que costumava nos fazer passar fome agora nos alimenta – falou Rulf. – Quem disse que não existe justiça?

Ele exibiu alguns biscoitos que haviam passado do ponto muito tempo antes, se é que já tinham sido bons. Sumael fez aparecer dois pães secos.

Yarvi abriu as mãos vazias, tentando sorrir.

– Eu me sinto humilhado com sua generosidade.

Ankran esfregou suavemente o nariz torto.

– Fico só um pouquinho satisfeito por vê-lo humilhado. E vocês dois?

Jaud deu de ombros.

– Tive pouco tempo para me preparar.

Nada levantou a espada.

– Eu trouxe a lâmina.

Todos avaliaram as magras provisões que não bastariam para uma refeição decente para os seis.

– Acho que é melhor eu ser a mãe – disse Sumael.

Yarvi ficou sentado, babando como os cães de seu pai à espera de migalhas, enquanto ela racionava seis porções temivelmente iguais e medonhamente minúsculas de pão. Rulf engoliu a sua em duas mordidas, depois observou Ankran mastigar cada migalha cem vezes com os olhos fechados em êxtase.

– Só vamos comer isso?

Sumael embrulhou de novo o precioso fardo com o maxilar retesado e enfiou-o em sua camisa sem falar.

– Sinto falta do Trigg – disse Rulf, lamentando.

Sumael seria uma excelente ministra. Ao sair do navio, estivera pensando com clareza suficiente para pegar duas garrafas de vinho abandonadas por Shadikshirram, e agora eles as encheram com neve e se revezavam carregando-as dentro da roupa. Logo Yarvi aprendeu a só bebericar, já que se desenrolar para mijar naquele frio era um ato de heroísmo que rendia congratulações sinceras, pois todo mundo sabia que, cedo ou tarde, precisaria apresentar os próprios países baixos ao vento cortante.

O dia era curto, apesar de parecer um mês de tortura, e com a chegada da noite o céu chamejava de estrelas, redemoinhos reluzentes e riscos ardentes, brilhantes como os olhos dos deuses. Sumael apontou para constelações estranhas, dizendo-lhes o nome: – o Tecelão Careca, o Caminho Tortuoso, o Estranho à Porta, o Devorador de Sonhos... Enquanto falava, soltando vapor na escuridão, ela sorria, com uma felicidade na voz que Yarvi jamais ouvira antes, e que o fez sorrir também.

– Quantos passos para Vansterland faltam agora? – perguntou ele.

– Alguns.

Sumael olhou de novo para o horizonte, a felicidade logo desaparecida, e acelerou o passo. Ele se esforçou para acompanhá-la.

– Ainda não lhe agradeci.

– Pode fazer isso depois, se não acabarmos congelados.

– Como talvez eu não tenha essa chance... obrigado. Você poderia ter deixado Trigg me matar.

– Se eu tivesse parado um momento para pensar, teria deixado.

Yarvi nem podia protestar. Perguntou-se o que teria feito se fosse ela que Trigg estivesse esganando, e não gostou da resposta.

– Fico feliz por não ter pensado, então – completou.

Houve uma pausa longa, com apenas o som das botas esmagando a neve. Ela o encarou por cima do ombro com os olhos franzidos e, depois, virou a cabeça de novo.

– Eu também.

No segundo dia, fizeram piadas para manter o ânimo elevado.

– Você está sendo pão-duro com os suprimentos de novo, Ankran! Cadê o porco assado?

Todos gargalharam.

– Eu aposto corrida com vocês até Vulsgard! O último a passar pelo portão será vendido para pagar a cerveja!

Eles deram risinhos.

– Espero que Shadikshirram traga um pouco de vinho quando vier atrás da gente.

Isso não rendeu nem um sorriso.

Ao saírem de sua tenda precária no amanhecer do terceiro dia – se é que era possível chamar aquela penumbra aquosa de dia –, todos resmungavam.

– Não gosto desse velho desajeitado andando na frente – reprovou Nada, com a voz rouca, depois de tropeçar pela terceira vez nos calcanhares de Rulf.

– Não sei se gosto de ter a espada desse maluco às minhas costas – reagiu Rulf por cima dos ombros.

– Você poderia ter a espada atravessando as costas, em vez disso.

– Velhos desse jeito e ainda agem feito crianças? – Yarvi se enfiou entre os dois. – Precisamos ajudar uns aos outros ou o inverno vai matar todos nós.

Logo adiante, ele ouviu Sumael dizer debilmente:

– É mais provável que mate todos nós, de qualquer modo.

No quarto dia, em meio à névoa congelante que pairava como uma mortalha sobre a terra branca, eles estavam em silêncio. Apenas um grunhido quando alguém tropeçava ou ajudava o outro a se levantar e continuar andando para lugar nenhum. Seis figuras silenciosas no grande vazio, no grande vácuo gelado, cada um deles lutando sob seu próprio fardo de sofrimento arrepiante, contra a argola de escravo que feria o pescoço e a corrente cada vez mais pesada, cada um com a própria dor e fome, com o próprio medo.

A princípio, Yarvi pensava nos homens afogados no navio. Quantos teriam morrido? As tábuas estalando e o mar jorrando para dentro... para que ele pudesse se salvar? Os escravos fazendo força contra as correntes para ofegar mais uma vez antes que a Mãe Oceano os arrastasse para cada vez mais fundo.

Mas sua mãe sempre dissera: *Nunca se preocupe com o que foi feito, só com o que será feito.*

Não havia como mudar a situação, e tanto a culpa com relação ao passado quanto a preocupação com o futuro começaram a se esvair, deixando apenas provocadoras lembranças de comida. Os quarenta porcos assados para a visita do Rei Supremo, tanta comida para tão poucos, um homem grisalho e sua ministra de olhos duros. O festim quando o irmão de Yarvi passara em seu teste de guerreiro, um banquete que mal beliscara, sabendo que nunca poderia passar numa avaliação igual. A praia antes do ataque malfadado, homens preparando a refeição que poderia ser a última, a carne girando acima de uma centena de fogueiras, o calor queimando o rosto, um círculo de sorrisos famintos iluminados pelas chamas, a gordura chiando e a pele estalando enegrecida...

– Liberdade! – rugiu Rulf, abrindo os braços para abarcar toda a vastidão de branco vazio. – Liberdade para congelar onde quiser! Liberdade para morrer de fome onde quiser! Liberdade para andar até cair!

Sua voz morreu rapidamente no ar ralo e cortante.

– Acabou? – perguntou Nada.

Rulf deixou os braços penderem.

– Acabei.

Continuaram avançando aos trancos e barrancos. Não era o pensamento em sua mãe que mantinha Yarvi andando, passo após passo dificultoso, tropeção após tropeção dolorido, queda após queda gélida, seguindo teimosamente no rastro dos outros. Não era o pensamento fixo na noiva, ou no pai morto, ou mesmo no banco ao lado do fogo de mãe Gundring. Era o pensamento fixo em Odem, sorrindo com a mão em seu ombro. Em Odem, prometendo ser seu braço direito. Em Odem, perguntando, suave como a chuva de primavera, se um aleijado poderia ser rei de Gettland.

– Acho que *não* – rosnou Yarvi, soltando vapor através dos lábios rachados. – Acho que *não*... Acho que *não*.

E passo após passo torturante, Gettland ficava cada vez mais perto.

O quinto dia estava claro e gelado, o céu de um azul ofuscante, parecendo o mar, uma tira de preto e branco no horizonte longínquo de uma terra em preto e branco.

– Nós nos saímos bem – disse ele. – É preciso admitir.

Abrigando os olhos da claridade enquanto franzia a testa para o oeste, Sumael não admitiu nada.

– Tivemos sorte com o clima.

– Não me sinto com sorte – murmurou Rulf, abraçando o próprio corpo. – Você se sente com sorte, Jaud?

– Sinto frio – respondeu o outro, esfregando as pontas rosadas das orelhas.

Sumael balançou a cabeça fitando o céu, que, fora uma mancha distante, ao norte, exibia uma claridade incomum.

– Talvez hoje à noite, talvez amanhã, vocês descubram o que é azar com o clima. Há uma tempestade chegando.

Rulf olhou para o alto.

– Tem certeza?

– Eu não digo a vocês como roncar, digo? Não me diga como me orientar.

Rulf encarou Yarvi e deu de ombros. Mas, antes do escurecer, ela provou que estava certa, como sempre. Aquela mancha no céu cresceu, inchou, escureceu e ganhou cores estranhas.

– Os deuses estão com raiva – murmurou Nada.

– E quando não estão? – questionou Yarvi.

A neve começou a cair em flocos gigantes, em cortinas e redemoinhos. O vento soprava em rajadas ruidosas, golpeando de todos os lados ao mesmo tempo, empurrando-os para a esquerda e para a direita. Yarvi caiu e, ao se levantar, não conseguiu ver nenhum dos outros. Tentou correr, em pânico, e trombou nas costas de Jaud.

– Precisamos sair disso! – guinchou, praticamente incapaz de ouvir a própria voz em meio ao vento.

– Concordo plenamente! – berrou Jaud.

– Precisamos de neve profunda!

– Neve nós temos! – rugiu Ankran.

Chegaram com dificuldade ao fundo de uma ravina estreita, a encosta mais promissora que daria para Yarvi encontrar com a neve caindo num fluxo tão

intenso que os outros mal passavam de fantasmas. Cavou feito um coelho, jogando a neve para trás por entre as pernas, e se enterrou desesperadamente quando abriu um túnel do tamanho do corpo. As mãos queimavam com o frio dentro do pano de vela molhado, os músculos ardiam com o esforço, mas ele se obrigou a continuar. Cavou como se a vida dependesse disso.

E dependia mesmo.

Sumael se enfiou atrás dele, resmungando com os dentes trincados e usando a machadinha como uma pá. Primeiro cavaram uma saliência, depois um buraco, então uma câmara minúscula. Ankran veio se arrastando, a língua enfiada no espaço onde antes ficavam os dentes da frente, removendo a neve. Rulf chegou em seguida, na penumbra fria, e Jaud enfiou os ombros na caverna cada vez maior. Por fim, Nada enfiou a cabeça dentro.

– Ótimo – disse ele.

– Mantenha a entrada livre – murmurou Yarvi –, caso contrário vamos ser enterrados de noite.

Ele se encolheu, encostado na neve compactada, desenrolou os panos encharcados e soprou nas mãos em concha. Já tinha poucos dedos, não podia se dar ao luxo de perder mais nenhum.

– Onde você aprendeu isso? – perguntou Sumael, sentando-se ao lado dele.

– Meu pai me ensinou.

– Acho que ele salvou nossa vida.

– Você deve agradecer a ele, quando o vir – disse Ankran, ajeitando os ombros para se acomodar.

Estavam bem espremidos, mas tinham estado assim durante dias. Não havia espaço para orgulho, nojo ou inimizade ali, no ermo.

Yarvi fechou os olhos e pensou no pai deitado, pálido e frio, na laje.

– Meu pai morreu.

– Sinto muito – soou a voz profunda de Jaud.

– É bom que algum de nós sinta.

Yarvi deixou a mão baixar e percebeu, um instante depois, que ela havia pousado junto à de Sumael, os dedos dela virados para cima e comprimidos contra sua palma. A sensação era boa, quente, onde a pele dela tocava a sua. Ele não retirou a mão. Nem ela.

Lentamente, fechou os dedos em volta dos dela.

Houve um grande silêncio, o vento gemendo baixinho do lado de fora do abrigo e a respiração pesada do lado de dentro. Yarvi começou a ficar quase confortável, comprimido sob metros de neve congelada, como estivera desde que haviam saído de perto da fogueira de Ankran.

– Aqui.

Ele sentiu o sopro da palavra no rosto e Sumael o segurou gentilmente pelo pulso. Seus olhos se abriram mas não conseguia decifrar a expressão dela no escuro.

Sumael virou a mão dele e colocou algo na palma. Rançoso, azedo e a meio caminho entre encharcado e congelado, mas era pão e, pelos deuses, Yarvi ficou feliz em recebê-lo.

Ficaram sentados comprimidos, cada um comendo sua porção, todos mastigando com algo que parecia contentamento, ou pelo menos alívio. Engoliram e permaneceram em silêncio; Yarvi imaginava se ousaria segurar a mão de Sumael outra vez.

Então ela disse:

– Essa é a última porção de comida.

Outro silêncio, mas agora muito menos confortável.

A voz de Rulf veio abafada na escuridão:

– Quanto falta até Vansterland?

Ninguém respondeu.

Os melhores homens

– Os gettlandeses são os melhores homens – disse Nada com a voz rouca, ofegante. – Eles lutam como um só. Cada um protegido pelo escudo de seu braço direito.

– Os gettlandeses? Rá! – Rulf bufou, soltando vapor, enquanto lutava para subir a encosta nevada atrás de Sumael. – Um rebanho de ovelhas balindo levadas para o açougueiro! E quando o braço direito cai? Os homens de Throven têm fogo por dentro!

Vinham discutindo o dia inteiro. Se espada ou arco era superior. Se Hemenholm ficava ao sul da ilha Grenmer. Se a madeira pintada ou coberta de óleo era mais amada pela Mãe Oceano e, portanto, propícia para uma embarcação mais favorecida. Yarvi não conseguia imaginar onde encontravam fôlego; mal tinha ar suficiente para respirar.

– Os homens de Throven? – rebateu Nada. – Rá! E quando o fogo se apaga?

Primeiro eles defendiam seus pontos de vista, depois estabeleciam sua posição com mais certeza ainda, e finalmente se lançavam numa disputa de grunhidos cheios de escárnio. Para Yarvi, nenhum dos dois havia cedido nem um fio de cabelo desde que tinham deixado o *Vento Sul* afundando.

Fazia três dias que a comida acabara e a fome de Yarvi era um vazio dolorido, engolindo cada esperança. Quando desenrolara o pano de vela das mãos naquela manhã, mal as reconhecera: estavam ao mesmo tempo contraídas e inchadas. A pele nas pontas dos dedos lembrava cera, entorpecida e formigando. Até a face de Jaud ficara encovada. Ankran tentava disfarçar que mancava, sem sucesso. A respiração de Rulf saía com um chiado que fazia Yarvi se retrair. Nada tinha gelo nas sobrancelhas hirsutas. Os lábios rachados de Sumael estavam mais finos e mais cinzentos e se comprimiam mais a cada quilômetro percorrido.

Tudo em que Yarvi conseguia pensar, à medida que aquele debate dos condenados se arrastava, era qual deles morreria primeiro.

– Os gettlandeses conhecem a disciplina – tagarelava Nada. – Os gettlandeses são...

– Que tipo de idiota liga para isso? – rosnou Yarvi, virando-se para os dois e apontando seu cotoco de dedo na cara deles, subitamente furioso. – Os homens são apenas homens, bons ou maus dependendo da sorte! Agora poupem o fôlego para andar!

Ele voltou a enfiar as mãos nas axilas e se obrigou a subir a encosta.

– Ele é ajudante de cozinha e filósofo – ouviu Rulf chiar.

– Não consigo decidir qual das duas coisas é mais inútil aqui – murmurou Nada. – Eu deveria ter deixado Trigg matá-lo. Sem dúvida os gettlandeses são...

Ele parou de falar quando passaram do cume do morro. Todos ficaram em silêncio. Havia uma floresta diante deles, estendendo-se em todas as direções até se perder no véu cinza da neve que caía.

– Árvores? – sussurrou Sumael, como se mal ousasse acreditar nos próprios sentidos.

– Árvores podem significar comida – disse Yarvi.

– Árvores podem significar fogo – completou Ankran.

De repente, todos estavam mergulhando morro abaixo, gritando como crianças livres do dever de casa. Yarvi caiu, rolou numa chuva de neve e se levantou outra vez. Todos passaram ansiosos pelas primeiras árvores, depois em meio aos pinheiros altíssimos com troncos tão grossos que Yarvi mal poderia envolvê-los com os braços. Eram colunas portentosas, como se ali fosse algum lugar sagrado e eles o estivessem invadindo.

Passaram da corrida para uma caminhada rápida, então para um arrastar de pés cauteloso. Não havia fruto caído dos galhos. Nenhum cervo se lançava contra a espada de Nada. Toda a madeira que encontravam no chão estava encharcada e podre. Abaixo da neve, o chão era traiçoeiro, com raízes emboladas e incontáveis anos de folhas apodrecidas.

O riso morreu e a floresta ficou perfeitamente silenciosa, sem ao menos um pio de pássaro para arranhar o silêncio pesado.

– Pelos deuses – sussurrou Ankran. – Não estamos melhor aqui do que lá fora.

Yarvi foi até um tronco de árvore, quebrando um pedaço de fungo meio congelado com a mão trêmula.

– Achou alguma coisa? – perguntou Jaud, guinchando de esperança.

– Não. – Yarvi jogou o fungo de lado. – Esse tipo não se pode comer.

O desespero começou a baixar junto com a neve e se acomodar sobre Yarvi mais pesadamente do que antes.

– Precisamos é de fogo – disse ele, tentando manter viva a pequena chama da esperança.

O fogo iria aquecê-los e mantê-los vivos por um pouco mais de tempo. Não podia se dar ao luxo de pensar no lugar aonde isso poderia levá-los. Uma remada de cada vez, como Jaud sempre dissera.

– Para uma fogueira, precisamos de madeira seca – comentou Ankran. – Será que o ajudante de cozinha sabe onde arranjar?

– Sei onde comprar em Thorlby – reagiu Yarvi rispidamente.

Na verdade, talvez nem soubesse: para isso havia escravos.

– O terreno mais alto deve estar mais seco.

Sumael partiu numa meia corrida e Yarvi se esforçou para ir atrás, escorregando por uma encosta abaixo e penetrando numa reentrância sem árvores, coberta de neve branca e limpa.

– Talvez lá em cima...

Ela saiu naquela cicatriz da floresta e Yarvi seguiu a trilha de suas pegadas rápidas. Pelos deuses, como estava cansado. Mal conseguia sentir os pés. Havia algo estranho no terreno ali, chapado e duro sob um fino cobertor de neve, com trechos pretos esparsos. Quando Sumael deu o passo seguinte, houve um estalo estranho.

Ela se imobilizou, franzindo os olhos para baixo.

– Esperem! – Nada estava na encosta atrás deles, apoiando-se na árvore com uma das mãos e a espada com a outra. – É um rio!

Yarvi fitou os pés, todos os pelos do corpo se eriçando com horror. O gelo estalava, rachava, mexia-se sob suas botas e soltou um gemido longo enquanto Sumael se virava para ele, encarando-o. Não havia mais de um ou dois passos entre os dois.

Yarvi engoliu em seco, mal ousando respirar, e estendeu a mão para ela.

– Pise com cuidado – sussurrou.

Ela deu um passo e, sem ao menos ofegar, desapareceu através do gelo.

Primeiro Yarvi ficou imobilizado. Então todo o seu corpo se contraiu como se fosse saltar à frente.

Ele se conteve, gemendo, ficou de quatro e engatinhou até onde ela havia desaparecido. Água negra, pedaços de gelo flutuando e nem o menor sinal de Sumael. Olhou por cima do ombro e viu Jaud correndo morro abaixo em meio a uma chuva de neve.

– Fique aí! – berrou Yarvi. – Você é pesado demais!

Pensou ter visto movimento embaixo do gelo. Arrastou-se até lá, raspou a neve, não pôde ver nada a não ser o negrume e bolhas solitárias se movendo.

Ankran pisou cuidadosamente no rio, os braços abertos, parou escorregando quando a superfície congelada gemeu. Nada descia depressa pela neve na direção da corrente, indo para um trecho de gelo nu onde pedras se projetavam.

O silêncio medonho se estendeu.

– Onde ela está? – gritou Yarvi.

Rulf apenas olhava da margem, de queixo caído, impotente.

Por quanto tempo alguém podia prender o fôlego? Não tanto assim, com certeza.

Viu Nada arriscar alguns passos a partir da margem, preparando-se para fincar a espada no gelo.

– Você é louco? – guinchou Yarvi, antes de se dar conta: claro que era.

A espada baixou, a água esguichou como uma fonte. Nada se abaixou no gelo e estendeu a mão para dentro d’água.

– Estou com ela!

Nada puxou Sumael do rio, frouxa como um monte de trapos, pingando água gelada, e arrastou-a para a margem, onde Jaud e Rulf esperavam.

– Ela está respirando? – gritou Yarvi, engatinhando por medo de afundar também.

– Como é que eu vou saber? – perguntou Jaud, ajoelhando-se ao lado dela.

– Encoste o rosto na boca de Sumael!

– Acho que não está!

– Levante os pés dela!

Yarvi saiu atabalhoadamente do rio congelado e forçou as pernas pesadas a andarem pela margem coberta de neve.

– O quê?

– Coloquem Sumael de cabeça para baixo!

Atordoado, Jaud levantou-a pelos tornozelos, a cabeça frouxa arrastando na neve. Yarvi se aproximou, colocou dois dedos na boca de Sumael, dobrou-os em gancho e os enfiou goela abaixo.

– Anda! – rosnou ele, cuspindo e fazendo força. – Anda!

Tinha visto mãe Gundring fazer isso uma vez, com um garoto que caíra num poço de moinho.

O garoto havia morrido.

Sumael não se mexeu. Estava molhada e gelada, já parecendo uma coisa morta, e Yarvi resmungou uma confusão de orações entre os dentes trincados, mal sabendo para quem rezava.

Sentiu a mão de Nada no ombro.

– A morte espera por todos nós.

Yarvi se soltou e empurrou com mais força.

– Anda!

De repente, como uma criança despertada com um beliscão, Sumael se sacudiu e tossiu água, soltou meia respiração áspera e tossiu mais.

– Pelos deuses! – exclamou Rulf, dando um passo atrás, atarantado.

Yarvi estava quase tão surpreso quanto ele, e certamente nunca ficara tão feliz por ter a mão cheia de vômito frio.

– Vocês vão me baixar? – perguntou Sumael numa voz rouca, os olhos inchando nos cantos.

Foi o que fez Jaud e ela se agachou na neve, puxando a argola de escravo, tossindo, cuspindo e tremendo violentamente.

Rulf estava olhando como se tivesse testemunhado um milagre.

– Você é um feiticeiro!

– Ou um ministro – murmurou Ankran.

Yarvi não tinha vontade de deixar ninguém tocar nessa ferida.

– Precisamos aquecê-la.

Lutaram para produzir um fogo com a minúscula pederneira de Ankran, arrancando nacos de musgo das árvores para a acendalha, mas tudo estava molhado e as poucas fagulhas não se firmavam. Todos tentaram enquanto

Sumael observava, os olhos brilhantes de febre, cada vez mais trêmula, até que dava para ouvir seu corpo tremendo.

Jaud, que no passado acendera fornos numa padaria todo dia, não pôde fazer nada. Rulf, que atiçara fogueiras em praias varridas pelo vento e golpeadas pela chuva ao redor de todo o Mar Despedaçado, não teve sucesso. Até Yarvi fez um esforço inútil, usando desajeitadamente a pederneira com o cotoco de mão até cortar os dedos. Enquanto isso, Ankran rezava para Aquele que Gera a Chama.

Mas os deuses não produziriam mais milagres naquele dia.

– Podemos cavar um abrigo? – Jaud se balançou para trás nos calcanhares. – Como durante a nevasca?

– Não há neve suficiente – respondeu Yarvi.

– Com galhos, então?

– Há neve demais.

– Precisamos seguir em frente. – De repente Sumael se levantou, cambaleante, o casaco enorme de Rulf caindo na neve atrás dela. – Está quente demais – disse, desenrolando o pano de vela das mãos até deixá-lo pendurado, abrindo a camisa e puxando a corrente que estava dentro. – A echarpe está apertada demais. – Deu mais alguns passos trôpegos e caiu de cara. – Precisamos seguir em frente – murmurou para a neve.

Jaud virou-a gentilmente, fez com que ela se sentasse e a envolveu com um dos braços.

– Papai não vai esperar para sempre – sussurrou Sumael, um fiapo de vapor fraquíssimo saindo dos lábios azulados.

– O frio se alojou na cabeça dela.

Yarvi pôs a palma da mão na pele gelada de Sumael e sua mão estremeceu. Ele podia tê-la salvado do afogamento, mas, sem fogo ou comida, o inverno iria levá-la pela Última Porta. Ele não suportava pensar nisso. O que fariam sem ela?

– Faça alguma coisa! – sibilou Rulf, agarrando o braço de Yarvi com força.

Mas o quê? Yarvi mordeu o lábio rachado, olhando para a floresta como se alguma resposta fosse aparecer no meio daqueles troncos nus.

Sempre há um modo.

Franziu a testa por um momento, depois se desvencilhou de Rulf e correu até a árvore mais próxima, tirando o pano enrolado da mão boa. Arrancou um tufo

marrom-avermelhado de algo na casca e as brasas da esperança foram reavivadas.

– Lã – murmurou Ankran, segurando outro tufo. – Ovelhas passaram por aqui.

Rulf tirou a lã dos dedos dele.

– Foram pastoreadas?

– Para o sul – disse Yarvi.

– Como você sabe?

– O musgo está crescendo para longe do vento, no lado oeste dos troncos.

– Ovelhas significam calor – comentou Rulf.

– Ovelhas significam comida – completou Jaud.

Yarvi não falou o que estava pensando: que ovelhas significavam pessoas, que podiam não ser amigáveis. Mas para pesar as opções é preciso ter mais de uma.

– Eu fico com ela – prontificou-se Ankran. – Vocês tragam ajuda, se puderem.

– Não – retrucou Jaud. – Vamos juntos. Somos todos companheiros de remo.

– Quem vai carregá-la?

Jaud deu de ombros.

– Quando você tem um fardo, é melhor carregá-lo do que chorar.

Ele passou os braços por baixo de Sumael, fazendo uma careta ao erguê-la, tropeçou apenas um pouco, depois acomodou o rosto espasmódico dela contra o ombro. Sem mais uma palavra, começou a andar para o sul, a cabeça erguida. Ela podia não pesar muito, mas, com frio, fome e cansado como Yarvi estava, aquele parecia um feito quase impossível.

– Eu vivi um bocado – murmurou Rulf, piscando, surpreso, atrás de Jaud. – Mas não posso dizer que já tenha visto algo mais bonito.

– Nem eu – concordou Yarvi, levantando-se.

Como poderia reclamar, duvidar ou hesitar diante daquela lição de força?

Como qualquer um deles poderia?

Gentileza

Amontoaram-se no mato baixo e úmido e olharam para o assentamento.

Uma construção era de pedra, tão antiga que havia se acomodado no terreno, uma fina tira de fumaça escapava do teto vergado pela neve, fazendo a boca de Yarvi se encher de água e sua pele formigar com lembranças enevoadas de comida e calor. Outra parecia ter sido feita do casco de um navio emborcado, ainda que ele não fizesse ideia de como um navio teria chegado tão longe, no interior. Pelos balidos ocasionais e abafados, era o celeiro onde ficavam as ovelhas. As demais construções eram barracões rústicos, quase perdidos na neve acumulada, com os espaços entre eles bloqueados por uma cerca de troncos afiados.

Junto à entrada, perto de um buraco no gelo e com a vara de pescar presa em dois paus, um menino estava sentado envolto em peles, e de vez em quando assoava o nariz ruidosamente.

– Isso me preocupa – sussurrou Jaud. – Quantos estarão lá dentro? Não sabemos nada sobre eles.

– Exceto que são pessoas, e que nunca se deve confiar nas pessoas – disse Nada.

– Sabemos que eles têm comida, roupas e abrigo.

Yarvi olhou para Sumael, encolhida em cada pedaço de pano que eles podiam ceder, o que era muito pouco. Tremia tanto que os dentes chacoalhavam, os lábios cinza-azulados como ardósia, as pálpebras pesadas abrindo-se e fechando-se repetidamente.

– Coisas de que precisamos para sobreviver – completou.

– Então é simples. – Nada desenrolou o pano do punho de sua espada. – A resposta é o aço.

Yarvi o encarou.

– Você vai matar aquele garoto?

Rulf retorceu os ombros, mostrando desconforto, mas Nada apenas encolheu os dele.

– Se é uma escolha entre a morte dele e a nossa, sim, vou matá-lo, e qualquer outro que estiver lá embaixo. Eles podem se juntar aos meus arrependimentos.

Nada começou a se levantar, mas Yarvi agarrou sua camisa maltrapilha e puxou-o de novo para baixo. Pegou-se fitando seus olhos duros e cinzentos. De perto não pareciam mais sãos. Pelo contrário.

– O mesmo serve para você, ajudante de cozinha – sussurrou Nada.

Yarvi engoliu em seco, mas não desviou o olhar nem o soltou. Sumael havia arriscado a vida pela dele no *Vento Sul*. Era hora de pagar a dívida. Além disso, estava cansado de ser covarde.

– Primeiro vamos tentar conversar.

Ele se levantou, tentou pensar em algum gesto que pudesse fazê-lo parecer menos um mendigo maltrapilho no limite do desespero, em vão.

– Assim que eles tiverem matado você, o aço vai ser a resposta? – indagou Nada.

Yarvi soltou um suspiro de vapor.

– Espero que sim.

Ele desceu a encosta arrastando os pés em direção às construções.

Tudo estava imóvel. Não havia sinal de vida além do garoto. Yarvi parou a uns dez passos dele.

– Ei.

O garoto saltou de pé, derrubando a vara de pescar, cambaleou para trás e quase caiu, depois correu para a casa. Yarvi só pôde esperar e tremer. Tremer de frio e de medo do que viria. Não era possível esperar gentileza demais de pessoas que viviam numa terra tão inóspita.

Eles afluíram das construções de pedra como abelhas de uma colmeia quebrada. Yarvi contou seis, cada qual bem enrolado em peles e com uma lança. Três delas tinham pontas de pedra, em vez de metal, mas todas eram seguras com uma determinação sombria. Em silêncio, correram até formar um semicírculo, as armas apontando para ele.

Tudo o que Yarvi podia fazer era erguer as mãos, vazias a não ser pelo pano imundo enrolado, orar em silêncio ao Pai Paz e dizer em voz rouca: – Preciso da

ajuda de vocês.

A mulher que estava no centro fincou a lança no chão, com o cabo para baixo, e andou lentamente até Yarvi. Empurrou o capuz para trás, exibindo uma cabeleira loura grisalha e um rosto de rugas fundas, produzidas pelo trabalho e pelo clima. Por um momento, ela o examinou.

Então se adiantou e, antes que Yarvi pudesse se retrair, abraçou-o e o apertou com força.

– Sou Shidwala – disse ela na Língua. – Você está sozinho?

– Não – sussurrou ele, lutando para conter as lágrimas de alívio. – Meus companheiros de remo estão comigo.

O interior da casa era baixo, estreito e fedia a suor e fumaça de madeira. Parecia um palácio. Um cozido gorduroso de raízes e cordeiro foi tirado de um pote enegrecido e colocado numa tigela de madeira polida por anos de uso. Yarvi cravou os dedos nele; nunca havia comido nada melhor. Bancos se estendiam pelas paredes curvas. Yarvi e seus amigos sentaram-se de um lado da fogueira que crepitava, e os anfitriões do outro. Shidwala e quatro homens, que ele supôs serem seus filhos, e o menino do buraco no gelo, que olhava para Sumael e Jaud como se fossem elfos saídos de uma lenda.

Em Thorlby, aquelas pessoas pareceriam estar abaixo da linha da pobreza. Agora o aposento se encontrava apinhado de riquezas. Ferramentas de madeira e osso penduradas nas paredes, inteligentes instrumentos de caça, pesca e escavação de abrigos para arrancar a vida do gelo, peles de lobo, cabra, urso e foca em cada superfície. Um dos anfitriões, um homem de barba castanha e densa, raspou o pote para dar uma segunda tigela a Jaud. O grandalhão assentiu, agradecido, e começou a devorar a comida, os olhos fechados em êxtase.

Ankran se aproximou dele.

– Acho que comemos todo o jantar deles.

Jaud se imobilizou com os dedos na boca e o barbudo gargalhou e se inclinou por cima do fogo para lhe dar um tapa no ombro.

– Desculpe – disse Yarvi, pondo a tigela de lado.

– Acho que vocês estão com mais fome do que nós – comentou Shidwala. Eles falavam a Língua com um sotaque estranho. – E também estão incrivelmente longe de seu caminho.

– Estamos indo para Vulsgard, a partir da terra dos banyas – explicou Ankran.

A mulher refletiu sobre isso durante um momento.

– Então estão notavelmente perto do caminho, mas o acho muito estranho.

Yarvi não teve como não concordar.

– Se soubéssemos da dificuldade, poderíamos ter escolhido outro.

– Isso acontece com muitas escolhas.

– Agora só nos resta ir até o final.

– O mesmo acontece com muitas escolhas.

Nada se inclinou para perto de Yarvi e sussurrou em sua voz rouca: – Não confio neles.

– Ele quer agradecer a hospitalidade de vocês – falou Yarvi rapidamente.

– Todos queremos – completou Ankran. – De vocês e dos deuses de sua casa.

Yarvi espanou as cinzas da pedra de oração posta na lareira e leu as runas gravadas: – E d'Aquela que Exala a Neve.

– Bem dito e bem calculado. – Shidwala estreitou os olhos. – De onde vocês vêm, ela é uma deusa pequena, não é?

Yarvi assentiu.

– Mas aqui é alta, imagino.

– Como muitas coisas, os deuses parecem maiores quando a gente está mais perto. Aqui, Aquela que Exala a Neve está sempre ao nosso lado.

– Ela terá nossas primeiras orações ao acordarmos – garantiu Ankran.

– Isso é sábio da sua parte – respondeu Shidwala.

– E vocês terão a segunda – observou Yarvi. – Vocês salvaram nossas vidas.

– Aqui todos os seres vivos devem ser amigos.

Ela sorriu e as rugas fundas em seu rosto fizeram Yarvi se lembrar de mãe Gundring; por um momento, ele sentiu saudade de casa.

– O inverno é inimigo suficiente para todos nós – completou Shidwala.

– Nós sabemos.

Yarvi fitou Sumael, encolhida perto do fogo com os olhos fechados, balançando-se devagar com um cobertor nos ombros. A maior parte da cor havia retornado ao seu rosto.

– Vocês poderiam esperar conosco até o inverno passar.

– Não posso – disse Ankran, a voz falha, retesando o maxilar. – Preciso encontrar a minha família.

– E eu, a minha – completou Yarvi, ainda que sua necessidade premente fosse de matar um dos seus, não salvá-lo. – Temos que continuar, mas precisamos de muitas coisas...

Shidwala observou sua condição precária e arqueou as sobrancelhas.

– Precisam, sim. Nós trocaríamos de boa vontade.

Diante da palavra "trocaríamos", os filhos de Shidwala sorriram e assentiram, aprovando. Yarvi olhou para Ankran, que abriu as mãos vazias.

– Não temos o que trocar.

– Há a espada.

Nada franziu a testa ainda mais, puxou a arma um pouco mais para perto, e Yarvi teve uma consciência dolorosa de que, pouco antes, ele ficaria feliz em matar aquelas pessoas.

– Ele não vai abrir mão dela – disse Yarvi.

– Há uma coisa que me seria muito útil.

O homem de barba castanha estava olhando para Sumael do outro lado do fogo.

Jaud se enrijeceu e Rulf soltou um grunhido insatisfeito.

– Não vamos vender nenhum dos nossos – retrucou Ankran, a voz áspera. – Por preço nenhum.

Shidwala gargalhou.

– Vocês entenderam mal. É que o metal aqui é escasso.

Ela rodeou a fogueira, agachada, estendeu a mão para a argola no pescoço de Sumael, onde o aço brilhava, e puxou um pedaço da corrente fina.

Yarvi sentiu o sorriso se espalhar pelo rosto. Fazia um bom tempo que isso não acontecia, e a sensação era boa.

– Nesse caso... – Ele desenrolou sua echarpe de pano de vela esgarçado e puxou sua corrente, que era mais pesada. – Talvez vocês queiram esta também.

Os olhos do barbudo se iluminaram ao sopesá-la, depois seu queixo caiu quando Nada abriu sua gola.

– E vejam esta aqui – disse ele, puxando os elos pesados.

Agora todo mundo estava sorrindo. Yarvi se aproximou do fogo e cruzou as mãos como sua mãe fazia.

– Vamos negociar.

Nada se inclinou para sussurrar no seu ouvido.

– Eu disse que o aço era a resposta.

Com um estalo final, o pino enferrujado se soltou e a argola de Nada se abriu.

– Esta foi teimosa – comentou o barbudo, franzindo a testa para seu cinzel arruinado.

Com certo desequilíbrio, Nada se levantou de perto do bloco, estendeu a mão trêmula para tocar o pescoço, a pele coriácea com a esfoladura dos anos.

– Durante vinte anos usei essa argola – sussurrou, as lágrimas brilhando nos olhos.

Rulf lhe deu um tapa no ombro.

– Eu só usei a minha durante três e, ainda assim, me sinto leve como o ar sem ela. Você deve achar que vai levitar.

– Acho mesmo – murmurou Nada. – E vou levitar.

Yarvi coçou distraidamente as antigas queimaduras onde a sua argola ficava, observando Ankran empacotar com cuidado os itens que as correntes haviam comprado. Uma vara de pescar e iscas. Uma pá feita da omoplata de um alce. Uma faca de bronze que parecia uma relíquia imediatamente posterior à Fragmentação da Divindade. Nove flechas para o arco de Rulf. Uma tigela de madeira para beber. Musgo seco para fazer fogo. Corda trançada de lã. Queijo de ovelha, carne de cordeiro e peixe seco. Peles também, agasalhos rústicos feitos de pele e lã crua para enfiar dentro. Couros de saco para colocar tudo isso. Até um trenó para carregar os pertences.

Que bobagens essas coisas teriam parecido um dia, que lixo de mendigo! Agora eram um tesouro.

Sumael estava enrolada até o queixo numa grossa pele branca, os olhos fechados e um sorriso raro no rosto, um dente branco aparecendo através da fenda do lábio.

– A sensação é boa? – perguntou Jaud.

– Estou quente – sussurrou ela, sem abrir os olhos. – Se estou sonhando, não me acorde.

Shidwala jogou a argola aberta de Nada num barril com as outras correntes.

– Se querem um conselho...

– Sempre – disse Ankran.

– Vão para o noroeste. Em dois dias vão chegar a uma região onde os fogos dentro da terra a aquecem. Nas bordas, os rios correm com água quente e os peixes abundam.

– Já ouvi histórias desse lugar – falou Yarvi, lembrando-se de mãe Gundring tagarelando junto à fogueira.

– Vamos para o noroeste – garantiu Ankran.

Shidwala assentiu.

– E que os deuses os acompanhem.

Ela se virou para se afastar, mas Nada se ajoelhou de repente, pegou sua mão e pressionou os lábios rachados nela.

– Nunca vou me esquecer dessa gentileza – disse, enxugando lágrimas com as costas da mão.

– Nenhum de nós vai esquecer – concordou Yarvi.

Com um sorriso, Shidwala puxou Nada de pé e deu um tapinha em seu rosto acinzentado.

– Isso é a própria recompensa.

A verdade

Rulf deslizou das árvores com um enorme sorriso, o arco sobre um dos ombros e um cervo esguio sobre o outro. Para não deixar ninguém em dúvida quanto à qualidade de seu trabalho, deixara a flecha cravada no coração do animal.

Sumael levantou uma sobrancelha para ele.

– Então você não é só um rostinho bonito.

Rulf piscou para ela.

– Para um arqueiro, as flechas fazem toda a diferença.

– Quer esfolar, ajudante de cozinha, ou eu faço isso?

Ankran estendeu a faca com o esboço de um sorrisinho irônico. Como se soubesse que o garoto iria recusar. Ele não era idiota. Nas poucas vezes em que Yarvi fora arrastado para caçar, sua mão o impedira de retesar o arco ou segurar a lança, e ficava enojado na hora da matança. Seu pai já lhe dera broncas por causa disso, seu irmão zombava dele e os homens do rei mal se incomodavam em disfarçar o desprezo.

Bem parecido com o resto de sua infância.

– Desta vez você pode esfolar – disse Yarvi. – Vou lhe dar algumas orientações se você estiver errando.

Depois de comerem, Jaud sentou-se com os pés descalços virados para a fogueira, esfregando gordura na pele rachada entre os dedos grossos. Rulf jogou o último osso de lado e limpou as mãos no agasalho de pele de ovelha.

– Um pouco de sal faria toda a diferença.

Sumael balançou a cabeça.

– Você precisa sempre reclamar de tudo?

– Se você não encontrar nada para reclamar é porque não está olhando direito. – Rulf se acomodou sobre um cotovelo, sorrindo para a escuridão e coçando a barba densa. – Mas nunca fiquei desapontado com minha mulher.

Achei que iria morrer naquele maldito remo. Mas como ainda parece que estou projetando uma sombra, quero me encontrar com ela de novo. Só para dizer olá. Só para saber se ela está bem.

– Se é sensata, já deve ter seguido com a vida – disse Sumael.

– Ela teve mais do que sua cota de sofrimento. Coisas demais para desperdiçar a vida esperando. – Rulf fungou e cuspiu na fogueira. – E não é difícil achar homens melhores do que eu.

– Nisso podemos concordar – falou Nada, sentando-se um pouco longe do fogo.

Com as costas rígidas viradas para os outros e a espada nua sobre os joelhos, começou a polir a lâmina com um trapo.

Rulf apenas deu um sorriso torto.

– E você, Nada? Passou anos raspando o convés, vai passar o resto da vida esfregando essa espada? O que vai fazer quando chegarmos a Vulsgard?

Yarvi percebeu que, pela primeira vez desde que o *Vento Sul* fora tragado pelas ondas, algum deles falava sobre o que poderia vir em seguida. Agora parecia que conseguiriam sobreviver.

– Tenho contas a acertar. Mas elas se mantiveram frescas durante vinte anos. – Nada voltou ao seu polimento frenético. – Depois disso, pode chover sangue.

– Qualquer coisa que não fosse neve seria uma melhora no tempo – comentou Jaud. – Vou encontrar um caminho para o sul, voltar a Catália. Najit é o nome da minha aldeia, e do poço dela sai a água mais doce do mundo. – Ele entrelaçou as mãos sobre a barriga e sorriu como sempre fazia ao mencionar esse lugar. – Pretendo beber de novo daquele poço.

– Talvez eu vá com você – disse Sumael. – Não é muito longe da minha rota.

– Sua rota é para onde? – perguntou Yarvi.

Apesar de terem dormido lado a lado durante meses, praticamente não sabia nada sobre ela, e descobriu que queria saber. Ela franziu a testa, como se pensasse se deveria abrir uma porta trancada por tanto tempo, depois deu de ombros.

– Para a Primeira Cidade, acho. Eu cresci lá. Meu pai era um homem famoso, ao seu modo. Construtor de navios da imperatriz. O irmão dele ainda é... talvez. Espero. Se estiver vivo. Muita coisa pode ter mudado no tempo em que estive fora.

Ela ficou em silêncio, estreitando os olhos para as chamas, e Yarvi fez o mesmo, preocupado com o que poderia ter se modificado em Thorlby.

– Bom, eu não vou recusar sua companhia – falou Jaud. – Alguém que sabe aonde está indo pode ser uma ajuda considerável numa longa jornada. E você, Ankran?

– Na praça de Angulf, em Thorlby, existe a loja de um mercador de carne – murmurou Ankran, fitando a fogueira, o rosto ossudo sombrio. – A loja onde Shadikshirram me comprou. De um homem chamado Yoverfell. – Ele se encolheu ao dizer o nome. Como Yarvi teria se retraído ao pensar em Odem. – Ele está com a minha mulher. E com o meu filho. Preciso buscá-los.

– Como planeja fazer isso? – perguntou Rulf.

– Vou arranjar um modo. – Ankran cerrou o punho e o bateu com força cada vez maior no joelho, com tanta intensidade que devia doer. – Eu *preciso*.

Yarvi piscou, surpreso, do outro lado da fogueira. Quando pusera os olhos pela primeira vez em Ankran, sentira ódio. Yarvi o enganara, o observara ser espancado e tomara seu lugar. Depois o aceitara, andara ao lado dele e passara a confiar nele. Agora descobria algo que nunca teria passado por sua cabeça: que o admirava.

Tudo o que Yarvi fizera fora por si mesmo. Por sua liberdade, sua vingança, seu trono. Ankran agia por sua família.

– Eu poderia ajudar – interveio.

Ankran ergueu os olhos rapidamente.

– Você?

– Eu tenho... amigos em Thorlby. Amigos poderosos.

– O cozinheiro de quem você foi aprendiz? – questionou Rulf com uma risadinha.

– Não.

Yarvi não sabia direito por que escolhera aquele momento. Talvez, quanto mais ligado ficava ao bando de desajustados, mais pesada se tornasse a mentira. Talvez algum orgulho tivesse sobrevivido e optado por incomodar naquela hora. Talvez ele achasse que, de qualquer modo, Ankran estava deduzindo a verdade. Ou talvez fosse apenas um idiota.

– Laithlin – revelou. – A mulher do rei morto, Uthrik.

Jaud deu um suspiro, soltando vapor, e se acomodou em suas peles. Rulf não se deu o trabalho nem de rir.

– E o que você é da Rainha Dourada de Gettland?

Yarvi manteve a voz firme, ainda que seu coração começasse a martelar de repente: – O filho mais novo.

Isso fez com que os outros se imobilizassem.

Yarvi mais do que todos, porque pensou que poderia ter permanecido como um ajudante de cozinha e se dirigido para qualquer lugar. Acompanhando Rulf para dizer olá à mulher dele ou seguindo Nada para qualquer loucura a que sua mente deturpada se agarrasse. Indo com Jaud beber daquele poço na distante Catália ou prosseguindo com Sumael até as maravilhas da Primeira Cidade. Os dois, juntos...

Mas agora não havia aonde ir, a não ser ao Trono Negro. A não ser através da Última Porta.

– Meu nome não é Yorv, mas Yarvi. E sou o rei legítimo de Gettland.

Houve um longo silêncio. Até Nada abandonou o polimento e girou o corpo na pedra para encará-lo com os olhos febris brilhantes.

Ankran pigarreou baixinho.

– Isso explicaria por que você é um cozinheiro de merda.

– Você está falando sério, certo? – perguntou Sumael.

Yarvi retribuiu o olhar dela, longo e firme.

– Por acaso estou rindo?

– Então, se posso perguntar, o que o rei de Gettland estava fazendo amarrado a um remo numa galera mercante apodrecida?

Yarvi apertou a pele de ovelha em volta dos ombros e olhou para o fogo, as chamas assumindo a forma de feitos e rostos do passado.

– Por causa da minha mão... ou da falta dela, eu teria que abrir mão de meu direito de nascença e entrar para o Ministério. Mas meu pai, Uthrik, foi morto. Traído por Grom-gil-Gorm e sua ministra, mãe Scaer... pelo menos foi o que me disseram. Eu comandei 27 navios num ataque contra eles. Meu tio Odem fez os planos... – Yarvi percebeu que sua voz estava trêmula – que incluíam me matar e roubar meu trono.

– Príncipe Yarvi – murmurou Ankran. – O filho mais novo de Uthrik. Ele tinha a mão aleijada.

Yarvi ergueu-a à luz e Ankran a fitou, coçando pensativamente a lateral do nariz torto.

– Quando passamos pela última vez por Thorlby, falaram sobre a morte dele.

– O anúncio foi feito cedo demais. Eu caí de uma torre e a Mãe Oceano me levou para os braços de Grom-gil-Gorm. Fingi que era ajudante de cozinha e ele pôs uma argola em meu pescoço e me vendeu para os mercadores de escravos em Vulsgard.

– E, lá, Trigg e eu compramos você – concluiu Ankran em tom meditativo, revirando a história para ver se era verdadeira, como um mercador analisaria um anel, tentando avaliar quanto de ouro havia na liga. – Porque você me disse que sabia remar.

Yarvi deu de ombros enquanto enfiava a mão aleijada no calor da pele de ovelha.

– Como você pode ver, não é a maior mentira que já contei.

Jaud estufou as bochechas.

– Sem dúvida todo homem tem seus segredos, mas este é maior do que a média.

– E muito mais perigoso – disse Sumael, com os olhos semicerrados. – Por que quebrou o silêncio?

Yarvi pensou nisso por um momento.

– Vocês merecem saber a verdade. E eu mereço contar. E ela merece ser contada.

Mais silêncio. Jaud esfregou mais gordura nos pés. Ankran e Sumael trocaram um demorado olhar carrancudo. Então Rulf enfiou a língua entre os lábios e fez um alto som de peido.

– Alguém acredita nessa besteira?

– Eu acredito. – Nada se levantou, os olhos negros e enormes, erguendo a espada bem alto. – E agora faço um juramento! – Ele enfiou a lâmina no fogo, atiçando as fagulhas, e todo mundo recuou, surpreso. – Faço um juramento solar e um juramento lunar. Que isso sempre me acorrente e me aguilhoe. Não descansarei até que o legítimo rei de Gettland esteja de novo sentado no Trono Negro!

O silêncio foi mais longo ainda, e ninguém ficou mais espantado do que Yarvi.

– Você já se sentiu como se estivesse num sonho? – murmurou Rulf.

Jaud deu outro suspiro.

– Frequentemente.

– Um pesadelo – completou Sumael.

No início do dia seguinte, passaram pelo cume de um morro e foram recebidos por uma visão saída diretamente de um sonho. Ou talvez de um pesadelo. Em vez de morros brancos adiante, viram montanhas pretas, longínquas, fantasmagóricas, numa névoa de vapor.

– O território quente – apresentou Ankran.

– Um lugar onde os deuses do fogo e do gelo guerreiam um contra o outro – sussurrou Nada.

– Parece bastante agradável para um campo de batalha – disse Yarvi.

Havia um trecho verdejante entre a terra branca e a preta, vegetação movendo-se com a brisa, nuvens de pássaros coloridos girando acima, água reluzindo ao sol fraco.

– Um pedaço de primavera arrancado do inverno – observou Sumael.

– Não confio neste lugar – comentou Nada.

– Em que você confia? – perguntou Yarvi.

Nada levantou a espada e exibiu os dentes quebrados numa expressão que nem poderia ser considerada um sorriso.

– Só nisto.

Enquanto caminhavam, ninguém mencionou a revelação do dia anterior. Como se não soubessem se deveriam acreditar nele ou o que fariam caso decidissem que acreditavam, e assim resolvessem fingir que aquilo jamais havia acontecido e tratar Yarvi como antes.

Para ele, estava ótimo. Sempre se sentira mais um ajudante de cozinha do que um rei.

A neve foi ficando rala sob as botas gastas, depois derreteu e penetrou nelas, então o fez escorregar na lama, por fim sumiu totalmente. O terreno começava cheio de musgo para depois se cobrir com capim alto e, em seguida, ser salpicado de flores silvestres cujo nome nem Yarvi sabia. Enfim chegaram a uma margem de cascalho junto a um poço largo. Vapor subia da água leitosa, sob uma árvore torta da qual brotavam folhas cor de laranja que farfalhavam.

– Passei os últimos cinco anos, em especial os últimos dias, imaginando o que fiz para merecer tanto castigo – disse Jaud. – Agora fico imaginando se mereço esta recompensa.

– A vida não se resume a merecimento – observou Rulf –, mas a pegar o que é possível. Cadê aquela vara de pescar?

O velho guerreiro começou a tirar depressa peixes pálidos da água nublada à medida que ia substituindo as iscas. A neve tinha começado a cair de novo, mas não se acomodava no terreno quente. Como havia madeira seca por toda parte, fizeram uma fogueira e Ankran preparou um banquete de peixe numa pedra chata acima do fogo.

Yarvi se deitou com as mãos na barriga cheia e os pés exaustos afundados em água quente, e se perguntou quando fora a última vez que estivera tão feliz. Com certeza não quando recebia mais uma surra vergonhosa no campo de treino. Nem fugindo dos tapas do pai ou murchando sob o olhar feroz da mãe. Nem mesmo ao lado do fogo de mãe Gundring. Levantou a cabeça para encarar os companheiros de remo. Quem ficaria em pior situação se ele nunca voltasse? Certamente um juramento não cumprido não era o mesmo que um juramento violado...

– Talvez a gente devesse ficar aqui – murmurou.

Sumael torceu a boca numa expressão de zombaria.

– Quem levaria o povo de Gettland a um amanhã mais brilhante, então?

– Tenho a sensação de que eles iriam se virar. Eu poderia ser rei desse laguinho, e você, minha ministra.

– Mãe Sumael?

– Você sempre soube o caminho certo. Poderia encontrar o menor mal e o bem maior para mim.

Ela bufou.

– Essas coisas não estão em nenhum mapa. Preciso mijar.

Yarvi observou-a adentrar o capim alto.

– Tenho a sensação de que você gosta dela – murmurou Ankran.

A cabeça de Yarvi se virou bruscamente para ele.

– Bom... todos nós gostamos.

– Claro – disse Jaud, dando um sorriso largo. – Sem ela, estaríamos perdidos. Literalmente.

– Mas você... – grunhiu Rulf, com os olhos fechados e as mãos cruzadas atrás da cabeça – *gosta* dela.

Yarvi remexeu a boca, sentindo um gosto azedo, mas descobriu que não podia negar.

– Eu tenho a mão aleijada – murmurou. – O resto ainda funciona.

Ankran soltou algo parecido com um risinho.

– Tenho a sensação de que ela gosta de você.

– De mim? Ela é mais dura comigo do que com todo mundo!

– Exatamente. – Rulf também estava sorrindo enquanto remexia os ombros de encontro ao chão, contente. – Ah, eu me lembro de como era ser jovem...

– Yarvi? – Nada estava de pé, tenso, numa pedra ao lado daquela árvore frondosa, sem demonstrar interesse por quem gostava de quem, olhando na direção de onde tinham vindo. – Meus olhos são velhos e os seus são novos... Aquilo lá é fumaça?

Yarvi ficou quase feliz com a distração enquanto subia para perto de Nada, estreitando os olhos para o sul. Mas a felicidade não durou muito. Raramente durava.

– Não sei bem. Talvez.

Quase com certeza. Ele podia ver manchas fracas contra o céu pálido.

Sumael se juntou aos dois, protegendo os olhos com uma das mãos, sem dar sinal de que gostava de alguém. Os músculos de seu maxilar se retesaram.

– Vem do povoado de Shidwala.

– Talvez eles tenham feito uma fogueira grande – sugeriu Rulf, mas seu sorriso havia sumido.

– Ou Shadikshirram fez – completou Nada.

Um bom ministro sempre espera o melhor, mas se prepara para o pior.

– Precisamos chegar a um lugar alto – disse Yarvi. – Ver se alguém está nos seguindo.

Nada soprou um grão de poeira da lâmina brilhante da espada.

– Você sabe que ela está atrás da gente.

E estava.

Na encosta rochosa acima do poço, espiando através da luneta de Sumael, Yarvi podia ver pontos na neve. Pontos negros se movendo. Sua esperança se

esvaiu como vinho de um odre furado. Em termos de esperança, ele era um jarro que vazava havia muito tempo.

– Contei mais de vinte – disse Sumael. – Acho que são banyas e alguns marinheiros do *Vento Sul*. Têm cães, trenós e, provavelmente, estão bem armados.

– E decididos a nos destruir – sussurrou Yarvi.

– Ou eles estão muito, muito ansiosos para nos desejar uma boa viagem – falou Rulf.

Yarvi baixou a luneta. Era difícil imaginar que tivessem dado risada apenas uma hora antes. Os rostos dos amigos retomavam as expressões contidas e preocupadas que haviam se tornado tão exaustivamente familiares.

A não ser Nada, claro, que parecia louco como de costume.

– A que distância eles estão?

– Suponho que uns 25 quilômetros – respondeu Sumael.

Yarvi já se habituara a considerar as suposições dela como certeiras.

– Quanto tempo vão demorar para percorrer isso?

Os lábios de Sumael se moveram em silêncio enquanto ela fazia as contas.

– Forçando com os trenós, podem chegar aqui nas primeiras luzes de amanhã.

– Então é melhor não estarmos aqui – disse Ankran.

– Não. – Yarvi desviou o olhar de seu reinozinho plácido, espiando o morro de cascalho e rochas nuas acima. – Na terra quente, os trenós não vão servir.

Nada estreitou os olhos para o céu branco, coçando o pescoço com as costas das unhas imundas.

– Mais cedo ou mais tarde, o aço deve ser a resposta. Sempre é.

– Mais tarde, então – falou Yarvi, levantando sua carga. – Agora fugimos.

Fugindo

Eles correram.

E caminharam rápido. E chapinharam, tropeçaram e arrastaram os pés numa paisagem infernal feita de pedra arrebentada onde nenhuma planta crescia e nenhum pássaro voava, o Pai Terra torturado numa devastação tão vazia de vida quanto havia sido o território frio.

– Ultimamente, os ventos do destino me sopraram para alguns lugares glamourosos – disse Ankran quando chegaram à crista de um morro e olharam para outra paisagem de rocha fumegante.

– Eles ainda estão nos seguindo? – perguntou Jaud.

– É difícil ver pessoas neste terreno irregular. – Sumael espiou pela luneta, examinando a desolação atrás deles, enevoada com um vapor fedorento. – Ainda mais pessoas que preferem não ser vistas.

– Talvez tenham dado meia-volta. – Yarvi fez uma oração para Aquele que Rola os Dados, pedindo um pouco de rara sorte. – Talvez Shadikshirram não tenha convencido os banyas a nos seguir.

Sumael enxugou o suor sujo do rosto.

– Quem não iria querer vir para cá?

– Vocês não conhecem Shadikshirram – disse Nada. – Ela pode ser muito persuasiva. É uma grande líder.

– Eu vi poucos sinais disso – retrucou Rulf.

– Você não esteve em Fulku, quando ela comandou a frota da imperatriz rumo à vitória.

– Você esteve?

– Eu lutei do outro lado – respondeu Nada. – Era o campeão do rei dos alyuks.

Jaud fez uma expressão incrédula.

– Você foi o campeão de um rei?

Olhando-o, era difícil imaginar, porém Yarvi vira grandes guerreiros no quadrado de treino e nunca tinha presenciado uma habilidade igual à de Nada.

– Nosso principal navio estava em chamas. – O velho segurava o punho da espada com força enquanto se lembrava. – Preso por cordas a uma dúzia de galeras, escorregadio com o sangue dos mortos, repleto de soldados da imperatriz quando Shadikshirram e eu lutamos pela primeira vez. Eu estava cansado da batalha e dolorido dos ferimentos, desacostumado com o convés que se movia. Ela fingiu estar desamparada e, orgulhoso que sou, acreditei, e ela me fez sangrar. Por isso me tornei seu escravo. Na segunda vez em que lutamos, Shadikshirram tinha aço na mão e homens fortes às costas, e eu fraquejava de fome e estava sozinho com uma faca de mesa. Ela me fez sangrar pela segunda vez, mas, orgulhosa, me deixou viver. – Nada abriu aquele sorriso louco e fez voar salpicos de cuspe enquanto rosnava: – Agora vamos nos encontrar pela terceira vez e nenhum orgulho pesa sobre mim. O terreno será o que eu escolher e ela vai sangrar para mim. Isso mesmo, Shadikshirram!

Ele levantou a espada bem alto, a voz falha ecoando nas pedras nuas, ricocheteando no vale.

– O dia é aqui! A hora é agora! O ajuste de contas está chegando!

– Será que ele poderia chegar depois que eu estivesse em segurança em Thorlby? – perguntou Yarvi.

Sumael apertou o cinto em mais um furo, séria.

– Precisamos andar.

– O que estivemos fazendo?

– Embromando.

– Qual é o seu plano? – indagou Rulf.

– Matar você e deixar o cadáver como uma oferta de paz.

– Você não acha que ela veio até aqui pela paz, acha?

– Infelizmente, não. Meu plano é chegar a Vansterland antes deles.

Sumael começou a descer a encosta, o cascalho escorrendo a cada passo.

A provação pelo vapor era quase pior do que a provação pelo gelo. Ainda que a neve estivesse caindo, a temperatura aumentava cada vez mais, e camada a camada eles tiraram as roupas acumuladas com afinco, até ficarem seminus, encharcados de suor, sujos de poeira como trabalhadores saídos de uma mina. A

sede ocupou o lugar da fome. Ankran racionava a água turva e de gosto ruim nas duas garrafas com mais avareza do que fizera com os mantimentos do *Vento Sul*.

Houvera medo antes. Yarvi não conseguia se lembrar da última vez que não o sentira. Mas tinha sido o receio lento do frio, da fome e da exaustão. Agora era uma espora mais cruel. O temor do aço afiado, dos dentes afiados dos cães dos banyas, da vingança ainda mais aguçada da dona deles.

Continuaram andando até ficar tão escuro que Yarvi mal conseguia enxergar a mão aleijada diante do rosto. O Pai Lua e todas as suas estrelas estavam perdidos nas trevas e todos se arrastaram em silêncio até uma fenda nas pedras. Ele caiu numa horrenda paródia de sono. Foi sacudido depois do que pareceram apenas segundos, machucado e dolorido sob a primeira claridade do alvorecer, para continuar na luta, as farpas dos pesadelos ainda incomodando.

Só conseguiam pensar em se manter à frente. O mundo ficou do tamanho do trecho de rocha nua entre seus calcanhares e os perseguidores, um espaço que se reduzia cada vez mais. Durante um tempo, Rulf arrastou um par de peles de ovelhas atrás deles, amarrado com cordas: um velho truque de caçador ilegal para enganar os cachorros. Porém os animais não foram ludibriados. Logo o grupo inteiro estava machucado, ralado, sangrando devido a uma centena de escorregões e quedas, mas, com apenas uma mão boa, Yarvi se saía pior do que os outros. No entanto, a cada vez que ele caía, Ankran estava ali, com a mão firme, para ajudá-lo a se levantar, para ajudá-lo a continuar.

– Obrigado – agradeceu Yarvi, assim que havia perdido a conta das quedas.

– Você vai ter a chance de me pagar – retrucou Ankran. – Em Thorlby, se é que não antes.

Por um momento, seguiram andando num silêncio desconfortável, então Yarvi disse: – Sinto muito.

– Por ter caído?

– Pelo que fiz no *Vento Sul*. Por contar a Shadikshirram...

Encolheu-se diante da lembrança da garrafa de vinho acertando a cabeça de Ankran. Do salto da bota da capitã esmagando o rosto dele.

Ankran fez uma careta, a língua enfiada no buraco onde antes ficavam os dentes da frente.

– O que eu mais odiei naquele navio não foi o que fizeram comigo e, sim, o que fui obrigado a fazer. Ou melhor, o que *escolhi* fazer. – Ele parou um

momento e Yarvi o imitou, olhando-o nos olhos. – Antigamente, eu pensava que fosse um homem bom.

Yarvi pôs a mão no ombro dele.

– Eu pensava que você fosse um filho da mãe. Agora estou começando a ter minhas dúvidas.

– Vocês podem chorar pela nobreza oculta um do outro quando estivermos a salvo! – gritou Sumael, numa pedra acima deles, apontando para o cinza nevoento. – Agora precisamos virar para o sul. Se chegarmos ao rio primeiro, vamos ter que achar um modo de atravessar. Não podemos fazer uma balsa com pedras e vapor.

– Será que vamos chegar ao rio antes de morrer de sede? – perguntou Rulf, lambendo as últimas gotas de uma das garrafas e olhando, esperançoso, para dentro dela, como se um pouco d'água ainda pudesse estar preso lá dentro.

– Sede... – Nada deu um risinho. – Você precisa se preocupar é com a lança de um banya nas costas.

Deslizaram por intermináveis encostas de cascalho, saltaram entre rochas do tamanho de casas, desceram por derramamentos de pedras negras que pareciam cachoeiras congeladas. Atravessaram vales onde o terreno era doloroso de tocar, de tão quente, com o vapor sufocante sibilando nas rachaduras como bocas de demônios, rodeando poços de água borbulhante e óleo multicolorido. Subiram com esforço, fazendo pedras caírem em precipícios vertiginosos, agarrando-se com as pontas dos dedos cortados. Yarvi tateava rachaduras com a mão inútil e, quando olhou das alturas para trás...

Viu aqueles pontos pretos através da luneta de Sumael ainda seguindo-os, e sempre um pouco mais perto do que antes.

– Eles nunca se cansam? – perguntou Jaud, enxugando o suor do rosto. – Nunca vão parar?

– Vão parar quando morrerem – respondeu Nada, sorrindo.

– Ou quando morrermos – disse Yarvi.

Rio abaixo

Ouviram o rio antes de o avistarem, um sussurro através da floresta que impulsionou um tanto as pernas arruinadas de Yarvi e depositou um pouco de esperança em seu coração dolorido. O sussurro se transformou num rosnado, depois num rugido quando por fim saíram do meio das árvores, imundos de suor, poeira e cinzas. Ralf se jogou deitado no cascalho e começou a beber água como um cachorro. O restante fez o mesmo.

Após saciar a sede ardente de um dia inteiro de esforço, Yarvi sentou-se e olhou para as árvores da outra margem, tão parecidas com as que estavam ao redor, mas ao mesmo tempo tão diferentes.

– Vansterland – murmurou Yarvi. – Graças aos deuses!

– Agradeça depois da travessia – retrucou Rulf, com a boca limpa e um trecho de barba clara no rosto cheio de cinzas. – Essa água não parece muito amigável para este marinheiro.

Também não parecia para Yarvi. Seu alívio já se transformava em pavor quando notou a largura do Rangheld, cuja margem oposta devia estar ao dobro da distância de um disparo de arco, muito cheio com a neve derretida pela terra infernal às costas deles. Na superfície preta, padrões de um branco espumante eram sinais de correntezas rápidas e redemoinhos, e sugeriam pedras ocultas, mortais como facas de traidores.

– Você consegue construir uma balsa para atravessar isso? – murmurou Yarvi.

– Meu pai era o principal construtor de navios da Primeira Cidade – disse Sumael, fitando a mata. – Ele conseguiria escolher a melhor quilha numa floresta apenas com um olhar.

– Duvido que tenhamos tempo para fazer uma figura de proa.

– Talvez possamos prender você na frente – sugeriu Ankran.

– Seis troncos pequenos para a balsa e um grande cortado ao meio para as traves transversais. – Sumael foi rapidamente até um pinheiro próximo, passando a mão pela casca. – Este vai servir. Jaud, você segura, eu corto.

– Eu fico vigiando nossa antiga dona e seus amigos. – Rulf tirou o arco do ombro e se virou na direção de onde tinham vindo. – A que distância você acha que eles estão agora?

– A duas horas, se tivermos sorte, e em geral não temos. – Sumael pegou sua machadinha. – Yarvi, me traga a corda, depois procure alguma madeira que sirva para fazer um remo. Nada, quando tivermos derrubado os troncos, apare os galhos.

Nada abraçou sua espada com força.

– Isto aqui não é uma serra. Vou precisar da lâmina afiada para Shadikshirram.

– Até lá, esperamos estar bem longe – disse Yarvi, remexendo na bagagem, com água batendo na barriga dolorida.

Ankran estendeu a mão.

– Se você não quer usá-la, me dê a espada...

Mais rápido do que parecia possível, a ponta imaculada estava raspando o pescoço barbado de Ankran.

– Tente pegá-la e eu a entrego, com a ponta à frente, almoxarife – murmurou Nada.

– O tempo urge – sibilou Sumael entre os dentes, fazendo lascas voarem da base da árvore escolhida com golpes curtos e rápidos. – Use a espada ou corte com a bunda, mas apare a porcaria dos galhos. E deixe alguns compridos, para termos em que nos segurar.

Logo a mão direita de Yarvi estava cortada e suja de tanto arrastar pedaços de madeira, o pulso esquerdo, que enganchava embaixo, já cheio de farpas. A espada de Nada se lambuzara de seiva, a penugem do couro cabeludo de Jaud estava tomada pela serragem, a palma direita de Sumael sangrava de tanto usar a machadinha, e ela continuava cortando, cortando.

Eles suavam e se esforçavam, falando rispidamente uns com os outros através dos dentes à mostra, sem saber quando os cães dos banyas estariam mordendo-os, apenas que não faltava muito para isso.

Jaud levantava os troncos em meio a grunhidos, as veias saltadas no pescoço grosso. Ágil como uma costureira fazendo uma bainha, Sumael entrelaçava a corda enquanto Nada puxava-a até se retesar. Yarvi ficou olhando, assustando-se com cada som, e não pela primeira vez nem pela última, desejando ter duas mãos boas.

Considerando as ferramentas disponíveis e o tempo que não tinham, a balsa foi um serviço nobre. Considerando a torrente feroz que precisariam enfrentar, era um serviço aterrorizante: madeiras lascadas e cortadas de qualquer jeito, presas com um emaranhado peludo de corda de lã, e faziam as vezes de remos a pá de omoplata de alce, o escudo de Jaud e um galho vagamente em forma de colher que Yarvi encontrara.

Com os braços cruzados em volta da espada, Nada deu voz aos pensamentos de Yarvi: – Não gosto da aparência da balsa para esse rio.

O pescoço de Sumael se tensionou enquanto ela puxava os nós mais uma vez.

– Ela só precisa flutuar.

– Sem dúvida vai, mas nós permaneceremos em cima dela?

– Isso depende do quanto você conseguir se segurar.

– E o que você vai dizer quando ela se partir e for para o mar em pedaços?

– Imagino que, a essa altura, serei silenciada para sempre, mas com a satisfação de saber que, durante a minha agonia, você já terá morrido pelas mãos de Shadikshirram nesta margem abandonada. – Sumael arqueou uma sobrancelha para ele. – Ou você vem conosco?

Nada franziu a testa para eles, depois para as árvores, sopesando a espada numa das mãos, então praguejou e se enfiou entre Jaud e Yarvi para empurrar a balsa. Ela começou a ser arrastada para a água, lentamente, pois as botas deslizavam no cascalho. Yarvi escorregou na lama em pânico enquanto alguém saltava do meio do mato.

Era Ankran, com os olhos arregalados.

– Eles estão vindo!

– Cadê o Rulf? – perguntou Yarvi.

– Logo atrás de mim! É isso aí?

– Não, este é o de brinquedo – sibilou Sumael. – Tenho uma galera de guerra com noventa remos escondida atrás daquela árvore.

– Só estava perguntando.

– Pare de perguntar e ajude a colocar a desgraçada na água!

Ankran pôs seu peso contra a balsa e, com todos empurrando, ela deslizou pela margem até o rio. Sumael se arrastou para cima e, sem querer, seu pé acertou Yarvi no queixo e o fez morder a língua. Ele estava até a cintura dentro d'água, pensou ouvir gritos vindos das árvores. Agora Nada se encontrava em cima da balsa; agarrando o pulso da mão inútil de Yarvi, puxou-o. Um dos galhos quebrados acertou seu peito. Ankran pegou a bagagem na praia e começou a jogar os fardos para a balsa.

– Pelos deuses!

Rulf irrompeu das árvores, as bochechas estufando a cada respiração arfante. Yarvi pôde avistar sombras na floresta atrás dele, escutou gritos numa língua desconhecida. Depois, latidos de cães.

– Corra, velho idiota! – guinchou.

Rulf disparou cascalho abaixo e se jogou na água. Yarvi e Ankran puxaram-no para bordo enquanto Jaud e Nada começavam a remar feito loucos.

O único resultado foi girarem lentamente.

– Mantenham a balsa reta! – gritou Sumael à medida que ela ganhava velocidade.

– Estamos tentando! – rosnou Jaud, fazendo força com o escudo e molhando todos.

– Tentem mais! Vocês não são remadores decentes?

– Você tem algum remo decente?

– Cale a boca e continue a remar! – rosnou Yarvi, a água banhando a balsa e encharcando seus joelhos.

Cães enormes afluíram da floresta, com os dentes à mostra e a baba escorrendo. Pareciam ser do tamanho de ovelhas, andando de um lado para outro no cascalho, aos latidos.

Então chegaram homens. Apenas com uma olhada rápida por cima do ombro, Yarvi não conseguiu saber quantos eram. Formas hirsutas em meio às árvores, ajoelhadas na margem, a curva de um arco.

– Abaixem-se! – berrou Jaud, indo para a parte de trás da balsa e se agachando atrás do escudo.

Yarvi escutou as cordas dos arcos, viu as hastes pretas subindo. Agachou-se, fascinado, os olhos fixos nelas. Pareceram demorar séculos para cair, cada uma com um sussurro suave. Uma bateu na água a uns dois passos de distância. Depois houve dois estalos baixos quando flechas se cravaram no escudo de Jaud. Uma quarta se alojou estremecendo na balsa ao lado do joelho de Yarvi. Mais um palmo para o lado e acertaria sua coxa. Ele piscou, boquiaberto.

Ali estava a diferença entre um lado da Última Porta e o outro.

Sentiu a mão de Nada em seu cangote, forçando-o para a borda da balsa.

– Reme!

Mais homens vinham das árvores. Poderiam ser vinte. Poderiam ser mais.

– Obrigado pelas flechas! – berrou Rulf para a margem.

Um dos arqueiros disparou outra, mas agora os fugitivos chegavam à correnteza mais forte e a flecha caiu muito antes. Uma pessoa estava parada com as mãos nos quadris, observando-os. Uma figura alta, com uma espada curva, e Yarvi captou um vislumbre de cristal brilhando num cinto pendurado.

– Shadikshirram – murmurou Nada.

Ele estivera certo: ela os seguira o tempo todo. E, ainda que Yarvi não a ouvisse emitir qualquer som nem pudesse ver seu rosto àquela distância, soube que a mulher não iria parar.

Nunca.

Só um demônio

Podiam ter escapado de uma luta com Shadikshirram, mas logo o rio era um adversário pior do que até mesmo Nada poderia ter esperado.

Cobria-os com jatos de água fria, encharcava todos e o material que carregavam, fazia a balsa corcovear e girar como um cavalo xucro. Pedras batiam neles, árvores com galhos pendendo agarravam-se a eles, inclusive prenderam o capuz de Ankran e só não o arrancaram da balsa porque Yarvi estava grudado em seu ombro.

As margens ficaram mais íngremes, mais altas, mais estreitas, até que eles disparavam por um desfiladeiro rochoso entre penhascos partidos, a água saltando através das fendas entre os troncos, a balsa rodando feito uma folha apesar do esforço de Jaud para usar o escudo cravejado de flechas como leme. O rio encharcou as cordas, repuxou os nós e começou a afrouxá-los, a embarcação se flexionava na correnteza, ameaçando se despedaçar completamente.

Yarvi não podia ouvir as ordens gritadas por Sumael acima do estrondo do rio e desistiu de fingir que poderia influenciar o resultado. Fechou os olhos e se agarrou em nome da vida, as mãos ardendo com o esforço, num momento xingando os deuses por colocá-lo naquela balsa, no outro implorando para livrá-lo vivo. Houve um som raspado, uma queda, a embarcação se inclinou sob os joelhos de Yarvi e ele apertou os olhos com força, aguardando o fim.

Mas de repente as águas estavam calmas.

Abriu um olho. Todos se amontoavam no meio da balsa, que oscilava, meio afundando, agarrados aos galhos, agarrados uns aos outros, trêmulos e encharcados, a água batendo nos joelhos à medida que giravam suavemente.

Sumael encarou Yarvi, com o cabelo grudado no rosto, ofegante.

– Merda.

Yarvi só pôde confirmar com a cabeça. Soltar a mão boa do galho exigiu um esforço dolorido.

– Estamos vivos – disse Rulf com a voz rouca. – Estamos vivos?

– Se eu soubesse como esse rio seria – murmurou Ankran –, teria me arriscado... com os cães.

Ousando olhar para além do círculo de rostos exaustos, Yarvi notou que o rio havia se alargado e ficado mais lento. Adiante, se tornava ainda mais amplo, a água praticamente sem ondulações, refletindo encostas arborizadas.

À direita, plana e convidativa, uma praia com pedaços de madeira trazida pelo rio, apodrecendo.

Um a um, deslizaram para fora da balsa meio desintegrada, puxaram-na para a praia até onde conseguiram, tiraram a bagagem encharcada, deram alguns passos e, sem uma palavra, deixaram-se cair no cascalho em meio ao resto dos destroços trazidos pelo rio, sem força para ao menos comemorar a fuga – a não ser que ficar imóveis e respirando contasse.

– A Morte espera por todos nós – disse Nada. – Mas ela leva primeiro os preguiçosos. – Por algum ato de magia ele estava de pé, franzindo a testa rio acima, procurando algum sinal da perseguição. – Eles virão atrás de nós.

Rulf se apoiou nos cotovelos.

– Por que, diabo, eles viriam?

– Porque isso é apenas um rio. O fato de alguns homens chamarem este lado de Vansterland não vai significar nada para os banyas. Certamente não vai para Shadikshirram. Agora estão tão unidos na perseguição quanto nós estamos na fuga. Eles vão construir balsas e vir atrás, e o rio vai ser veloz demais para eles desembarcarem, como foi para nós. Até chegarem aqui. – Nada sorriu. Yarvi estava começando a ficar nervoso quando Nada sorria. – E virão para a terra, cansados, molhados e idiotas, assim como nós, e vamos cair em cima deles.

– Cair em cima deles? – repetiu Yarvi.

– Só nós seis? – perguntou Ankran.

– Contra vinte? – murmurou Jaud.

– Com um rapaz maneta, uma mulher e um almoxarife entre nós? – questionou Rulf.

– Exatamente! – Nada abriu um sorriso mais largo. – Vocês pensam exatamente como eu!

– Não existe ninguém que pense como você – retrucou Rulf.

– Você está com medo.

As costelas do velho guerreiro se sacudiram com a risada.

– Com você do meu lado? Você está certíssimo: estou!

– Você me disse que os throvenlandeses tinham fogo.

– Você me disse que os gettlandeses tinham disciplina.

– Pelo amor dos deuses, parem com isso! – rosnou Yarvi enquanto se levantava.

Não era uma raiva ardente e insensata que o dominava, como havia sido a fúria do pai e do irmão. Era a raiva da mãe, calculada e paciente, fria como o inverno, e por ora ela não deixava espaço para o medo.

– Se tivermos que lutar, vamos precisar de um terreno melhor do que este.

– E onde vamos encontrar esse campo de glória, meu rei? – perguntou Sumael, o lábio fendido repuxado.

Yarvi piscou na direção das árvores. Onde, afinal?

– Ali?

Ankran apontava para um penhasco rochoso acima do rio. Era difícil dizer, com o sol ofuscante por trás, mas, forçando a vista, Yarvi achou que podia haver ruínas no cume.

– Que lugar é este? – perguntou Jaud, atravessando a passagem em arco, e ao som de sua voz pássaros saíram voando do alto das paredes quebradas.

– É uma ruína élfica – respondeu Yarvi.

– Pelos deuses – murmurou Rulf, fazendo um sinal contra o mal da forma errada.

– Não se preocupe. – Sumael passou chutando um monte de folhas podres. – Duvido que haja algum elfo aqui agora.

– Nem em milhares e milhares de anos – completou Yarvi, passando a mão por uma parede.

Não era feita de pedras com argamassa, mas lisa e dura, inteiriça, como se tivesse sido mais moldada do que construída. Do topo meio desabado se projetavam hastes de metal enferrujado, desgrenhadas como cabelos de um alucinado.

– Não desde a Fragmentação da Divindade – concluiu.

Aquele lugar fora um grande salão, com colunas marchando orgulhosas pelos dois lados e arcos dando para salas à direita e à esquerda. Mas os pilares tinham desmoronado muito antes e as paredes eram densamente entrelaçadas com trepadeiras mortas. Parte da parede oposta desaparecera, reivindicada pelo rio faminto lá embaixo. O teto caíra havia séculos, e acima deles viam-se apenas o céu branco e uma torre despedaçada envolta em hera.

– Gosto disso – observou Nada, andando pelo chão coberto de entulho e folhas mortas, podridão e cocô de pássaros.

– Você era a favor de ficar na praia – replicou Rulf.

– Era, mas este lugar é mais sólido.

– Eu preferiria se tivesse um bom portão.

– Um portão só adia o inevitável. – Nada fez um círculo com o polegar e o indicador imundos e espiou com um olho brilhante através dele, na direção do arco vazio. – Esse convite a entrar é o que vai acabar com eles. Serão afunilados, sem espaço para fazer com que o número importe. Aqui temos a chance de vencer!

– Então seu plano anterior era a morte certa? – perguntou Yarvi.

Nada sorriu.

– A morte é a única certeza da vida.

– Você sabe mesmo como elevar o moral – murmurou Sumael.

– Estamos em número inferior, numa proporção de quatro para um, e a maioria de nós não sabe lutar! – Ankran arregalava os olhos, desesperado. – Não posso me dar ao luxo de morrer aqui! Minha família está...

– Tenha mais fé, almoxarife! – Nada passou um braço pelo pescoço de Ankran e outro pelo de Yarvi, e os arrastou para perto com uma força surpreendente. – Se não em você mesmo, pelo menos no resto de nós. Agora somos sua família!

Essa afirmação foi menos tranquilizadora, no mínimo, do que a proferida por Shadikshirram a bordo do *Vento Sul*. Ankran olhou para Yarvi, e tudo que o garoto pôde fazer foi encará-lo.

– De qualquer modo, agora não há saída, e isso é bom. As pessoas lutam com mais afinco quando não têm saída. – Nada lhes deu um aperto antes de soltá-los e saltou para a base de uma coluna partida, apontando para a entrada com a

espada. – Vou ficar aqui e receber o grosso do ataque. Pelo menos os cães não devem ter feito a jornada pelo rio. Rulf, suba naquela torre com seu arco.

O grandalhão olhou para a torre meio desmoronada, depois para os outros ao redor, e por fim suspirou fundo.

– Sem dúvida é triste pensar na morte de um poeta, mas eu sou um guerreiro e, nessa profissão, a gente acaba partindo, cedo ou tarde.

Nada gargalhou, um som estranho e entrecortado.

– Sem dúvida nós dois duramos mais do que merecemos! Juntos enfrentamos a neve e a fome, o vapor e a sede. Juntos vamos sobreviver. Aqui! Agora!

Era difícil acreditar que aquele sujeito, ereto e alto com aço na mão, o cabelo revolto empurrado para trás e os olhos ardendo brilhantes, poderia ser o mendigo digno de pena por cima de quem Yarvi havia passado enquanto entrava no *Vento Sul*. Agora ele parecia de fato o campeão de um rei, com um ar de comando que ninguém questionava, uma confiança louca que dava alguma coragem até mesmo a Yarvi.

– Jaud, pegue seu escudo – instruiu Nada – e, Sumael, sua machadinha. Guardem nossa esquerda. É o nosso lado mais fraco. Não deixem ninguém me contornar. Mantenha-os onde eu e minha espada possamos olhá-los nos olhos. Ankran, você e Yarvi vão guardar nossa direita. Essa pá vai servir como porrete: qualquer coisa pode matar se você bater com força suficiente. Dê a faca a Yarvi, já que ele só tem uma das mãos para segurar. Mas carrega o sangue de reis nas veias!

– O que me preocupa é mantê-lo nas veias – disse Yarvi, baixinho.

– Você e eu, então.

Ankran estendeu a faca. Era improvisada, sem ao menos uma cruzeta, o cabo de madeira enrolado com uma tira de couro e a lâmina esverdeada na parte de trás, mas com o gume bastante afiado.

– Você e eu – repetiu Yarvi, pegando-a e segurando-a com força.

Ao ver pela primeira vez o almoxarife nos fedorentos buracos de escravos de Vulsgard, ele nunca teria acreditado que, em algum momento, poderia ser seu braço direito. Apesar do medo, descobriu que se orgulhava disso.

– Com um bom final sangrento, esta jornada renderá uma bela canção, acho. – Nada estendeu o braço livre, a mão espalmada, em direção ao arco por onde Shadikshirram e seus banyas afluiriam sem dúvida, concentrados em assassinar.

– Um bando de bravos companheiros acompanhando o legítimo rei de Gettland até o trono usurpado! Um último embate em meio às ruínas élficas de um passado distante! Não se pode esperar que todos os heróis sobrevivam a uma boa canção, vocês sabem.

– Ele é um maldito demônio – murmurou Sumael, os músculos do maxilar se retesando e relaxando enquanto ela sopesava a machadinha.

– Quando se está no inferno – murmurou Yarvi –, só um demônio pode apontar a saída.

Lutar ou morrer

A voz de Rulf rompeu o silêncio:

– Estão vindo!

As tripas de Yarvi pareceram se enroscar.

– Quantos? – perguntou Nada, ansioso.

Uma pausa.

– Devem ser uns vinte!

– Pelos deuses – sussurrou Ankran, mordendo o lábio.

Até aquele momento, haviam nutrido a esperança de que alguns pudessem ter voltado ou se afogado no rio, mas, como acontecera com tantas esperanças de Yarvi, essa murchou antes de dar frutos.

– Quanto maior o número, maior será nossa glória! – gritou Nada, a plenos pulmões.

Quanto mais tenebrosa era a situação, mais feliz ele ficava. Naquele instante, parecia haver muitos argumentos a favor de uma sobrevivência inglória, mas agora a escolha estava feita, se é que houvera uma.

Chega de fugir, chega de truques.

Yarvi já murmurara uma dúzia de orações nos últimos minutos, a cada deus, alto ou pequeno, que lhe pudesse dar a mínima ajuda. Mas agora fechou os olhos e fez mais uma.

Talvez ele tivesse sido tocado pelo Pai Paz, mas no momento rezava apenas à Mãe Guerra. Para guardar seus amigos, seus companheiros de remo, sua família. Pois cada um, a seu modo, havia se mostrado digno de ser salvo.

E para trazer um dia vermelho aos seus inimigos. Porque a Mãe Guerra gosta de uma oração que tenha sangue, isso não é nenhum segredo.

– Lutar ou morrer – murmurou Ankran, em seguida estendeu a mão e Yarvi deu a sua, por mais inútil que fosse.

Os dois se encararam, Yarvi e aquele homem que ele odiara, contra quem havia tramado, que vira ser espancado, com quem batalhara através do ermo e que passara a compreender.

– Se eu não obtiver a glória, mas... a outra coisa – disse Ankran –, você arranjaria um modo de ajudar minha família?

Yarvi assentiu.

– Eu juro. – Que diferença faria se fracassasse num segundo juramento, afinal? Ele só podia ser condenado ao inferno uma vez. – Se eu obtiver a outra coisa... – Solicitar a Ankran que matasse seu tio era pedir demais. Deu de ombros. – Chore um rio por mim?

Ankran deu um sorriso torto. Um sorriso trêmulo faltando os dentes da frente, mas ainda assim ele conseguiu, e nesse momento isso lhe pareceu um maravilhoso ato de heroísmo.

– A Mãe Oceano vai se avolumar com minhas lágrimas.

O silêncio longo se estendeu, partido em instantes doloridos pelo coração de Yarvi martelando.

– E se nós dois morrermos? – sussurrou ele.

A voz áspera de Nada soou antes da resposta:

– Ebdel Aric Shadikshirram! Bem-vinda ao meu salão!

– Como você, ele já passou da flor da idade! – respondeu ela.

Yarvi se comprimiu contra uma fenda na parede, forçando a vista em direção à entrada em arco.

– Todos somos menos do que já fomos! – gritou Nada. – Você já foi almirante. Depois capitã. E agora...

– Agora não sou nada, exatamente como você.

Yarvi a viu, nas sombras do arco, os olhos reluzindo enquanto espiava para dentro. Tentando deduzir o que estava ali, e quem.

– Uma jarra vazia. Um vaso quebrado de onde todas as esperanças escorreram.

Ele sabia que Shadikshirram não podia vê-lo, mas ainda assim se encolheu atrás da pedra élfica meio esfarelada.

– Simpatizo com você! – berrou Nada. – Dói perder tudo. Quem sabe disso melhor do que eu?

– E o que você acha que vale a simpatia de nada por nada?

Nada gargalhou.

– Nada.

– Quem está aí com você? A cadelinha mentirosa que cobria o topo dos meus mastros? O verme furtivo que tem um nabo no lugar da mão?

– Tenho uma opinião formada sobre eles melhor do que a sua, mas, não, eles foram adiante. Estou sozinho.

Shadikshirram riu e, enquanto se inclinava para a frente, Yarvi notou o brilho do aço desembainhado.

– Não está, não. Mas logo vai estar.

Yarvi espiou na direção da torre, viu a curva do arco de Rulf, a corda totalmente retesada. Mas Shadikshirram era esperta demais para lhe oferecer um alvo.

– Sou misericordiosa demais! Esse sempre foi o meu defeito. Deveria ter matado você há anos.

– Pode tentar hoje. Nós nos encontramos duas vezes em batalha, mas desta vez eu...

– Diga isso aos meus cães.

Shadikshirram soltou um assobio agudo.

Homens se derramaram pela passagem em arco. Ou coisas que pareciam homens. Os banyas. Sombras selvagens e hirsutas, vislumbres de rostos brancos de boca aberta, pontas brilhantes de âmbar, osso e dentes à mostra, armas de pedra polida, presas de morsa e mandíbula de baleia. Guinchavam, algaraviavam, uivavam e gritavam, sons loucos, como de feras, de demônios, como se aquela passagem fosse um portão para o inferno e o que existisse do lado de lá estivesse sendo vomitado para o mundo.

O primeiro tombou gorgolejando com uma flecha de Rulf no peito, mas os outros mergulharam na ruína e Yarvi tropeçou para fora da fenda como se tivesse levado um tapa. A ânsia de correr era quase insuportável, mas sentiu a mão de Ankran no ombro e se levantou, trêmulo que nem vara verde, cada respiração parecendo um gemido chiado.

Mas ficou de pé.

Os gritos começaram. Pancadas, sons de aço, de fúria, de dor, e não era possível enxergar quem os produzia, nem por quê. Ouvia os guinchos dos banyas, porém mais horrível ainda era a voz de Nada. Um gemido gorgolejante,

um suspiro baixo, um rosnado entrecortado. O estremecer da respiração agonizante.

Ou seria uma gargalhada?

– Vamos ajudar? – sussurrou Yarvi, mesmo duvidando de que poderia mover os pés enraizados.

– Ele mandou esperar. – O rosto torto de Ankran estava branco feito giz. – Devemos esperar?

Yarvi se voltou para encará-lo, e por cima do ombro viu uma figura saltar da parede.

Mais um garoto do que um homem, não devia ser mais velho do que ele. Era um dos marinheiros do *Vento Sul*. Yarvi o vira rindo no cordame, mas nunca soubera seu nome. Agora parecia meio tarde para apresentações.

– Ali – avisou, e Ankran se virou no instante em que outro homem surgia.

Era outro marinheiro, maior, barbudo, e segurava um porrete com a cabeça enorme repleta de pontas de aço. Yarvi sentiu o olhar atraído para o peso medonho daquela arma, imaginando o que ela poderia fazer com seu crânio. O homem sorriu como se deduzisse seus pensamentos, então saltou para Ankran. Os dois caíram e rolaram embolados, rosnando.

Yarvi sabia que tinha uma dívida a pagar, sabia que deveria mergulhar para ajudar o amigo, seu braço direito, mas em vez disso se virou para enfrentar o rapaz, como se fossem casais se emparelhando numa festa da colheita, de algum modo sondando quem era o parceiro adequado.

Como dançarinos, circularam, as facas estendidas, estocando o ar como se testassem o golpe certo. Circularam, circularam, ignorando os rosnados e as pancadas de Ankran e do barbudo, descartando a desesperada luta de vida e morte diante da necessidade premente de sobreviver aos momentos seguintes. Para além da sujeira e dos dentes arreganhados, o garoto parecia apavorado. Quase tanto quanto Yarvi. Circularam, circularam, os olhares saltando entre a faca brilhante e...

O garoto saltou adiante, golpeando, e Yarvi cambaleou para trás, prendeu o calcanhar numa raiz e mal conseguiu manter o equilíbrio. O adversário foi até ele, mas Yarvi se desviou, cortou apenas o ar e fez o garoto bater na parede.

Seria verdade que um dos dois precisava matar o outro? Acabar com tudo o que ele era, tudo o que ele poderia ser?

Era o que parecia. Mas era difícil enxergar glória nisso.

O garoto estocou de novo e Yarvi viu a faca relampejar através de um raio de sol. Por algum instinto débil vindo do quadrado de treino, aparou-a com a sua, ofegante, as lâminas raspando. O garoto se chocou contra ele com um dos ombros e Yarvi caiu contra a parede.

Os dois cuspiram e rosnaram no rosto um do outro, suficientemente perto para Yarvi enxergar os poros pretos no nariz do rapaz, as veias vermelhas nos brancos dos olhos arregalados, tão perto que Yarvi poderia ter esticado a língua e lambido o sujeito.

Fizeram força, grunhindo, tremendo, e Yarvi soube que era o mais fraco. Tentou enfiar o dedo no rosto do garoto, mas seu pulso torto foi seguro, torcido para longe. As lâminas rasparam de novo, Yarvi sentiu um corte ardente nas costas das mãos e a ponta da faca roçar sua barriga, fria através da roupa.

– Não – sussurrou ele. – Por favor.

Então algo roçou a bochecha de Yarvi e a pressão sumiu. O garoto cambaleou para trás, levando a mão trêmula à garganta, e Yarvi viu uma flecha ali, a ponta pingando virada em sua direção, uma linha de sangue escorrendo pelo pescoço do garoto até a gola. O rosto dele estava ficando rosado, as bochechas estremecendo enquanto ele tombava de joelhos.

Através de uma fenda na parede élfica, atrás, enxergou Rulf agachado no topo da torre, pondo outra flecha no arco. O rosto do garoto se arroxeava, ele engoliu em seco e fez um ruído indecifrável: xingando Yarvi, implorando por ajuda ou clamando misericórdia aos deuses, mas tudo o que podia dizer era em forma de sangue.

– Sinto muito – sussurrou Yarvi.

– Você vai sentir mesmo.

Shadikshirram estava a poucos passos de distância, junto a uma passagem em arco desmoronada.

– Achava que você fosse um garoto esperto. Mas acabou se tornando uma decepção.

Suas roupas finas exibiam crostas de lama e o cabelo lhe caía sobre o rosto num emaranhado imundo, porque tinha perdido os grampos; um olho febril se destacava na órbita funda. Mas a lâmina comprida e curva de sua espada ostentava uma limpeza mortal.

– Só o último numa longa pilha de decepções – continuou.

Ela chutou o rapaz agonizante de costas e passou por cima das pernas espasmódicas. Veio presunçosa, passeou, sem agitação ou pressa. Como costumava andar no convés do *Vento Sul*.

– Mas acho que eu pedi por isso.

Yarvi se esgueirou para trás, agachando-se, ofegante, o olhar saltando entre as paredes arruinadas em busca de alguma saída, mas não havia.

Teria que lutar contra ela.

– Tenho um coração muito mole para esse nosso mundo duro. – Shadikshirram olhou de soslaio, em direção à fenda por onde viera a flecha de Rulf, depois abaixou-se e passou por ela. – Essa foi sempre uma das minhas fraquezas.

Yarvi recuou atabalhoadamente em meio aos destroços, a palma suada no cabo da faca. Podia ouvir gritos, sons de luta. Eram os outros, mais ocupados com os próprios passos sangrentos através da Última Porta. Lançou um olhar por cima do ombro, viu o lugar onde terminavam as paredes élficas na borda do penhasco, com árvores pequenas estendendo os galhos para o vazio acima do rio.

– Nem posso dizer como me agrada ter a chance de dizer adeus. – Shadikshirram sorriu. – Adeus.

Sem dúvida, ela estava muito mais bem armada do que ele. E era mais alta, mais forte, mais hábil, mais experiente. Para não mencionar sua considerável vantagem no número de mãos. E, apesar do que ela alegava, Yarvi não achava que Shadikshirram fosse muito influenciada pelo coração mole.

Sempre há um modo, costumava dizer a mãe, mas onde encontraria um modo de derrotá-la? Ele, que numa centena de participações vergonhosas no campo de treino, nunca vencera uma luta?

A ex-capitã arqueou as sobrancelhas, como se fizesse a mesma conta e chegasse à mesma resposta.

– Talvez você devesse pular.

Ela deu outro passo, conduzindo-o lentamente para trás, a ponta da espada brilhando ao passar por uma faixa de luz do sol. Ele estava ficando sem chão, podia sentir o espaço se abrindo, sentir a brisa na nuca, podia ouvir o rio raivoso desgastando as pedras lá embaixo.

– Pule, aleijado.

Ele recuou de novo e ouviu pedras caindo no vazio, a borda se dissolvendo sob seus pés.

– Pule! – gritou Shadikshirram, o cuspe voando dos dentes.

Yarvi percebeu um movimento com o canto dos olhos. O rosto pálido de Ankran deslizava ao redor da parede meio desmoronada, esgueirando-se com a língua comprimida no espaço entre os dentes e o porrete levantado. Yarvi não pôde impedir os olhos de se virarem para lá.

A testa de Shadikshirram se franziu.

Ela girou, rápida como um gato, esquivou-se da pá de osso de alce, que passou assobiando junto ao seu ombro, e sem muito esforço, sem emitir um som sequer, cravou a espada no peito de Ankran.

Ele soltou uma respiração trêmula, os olhos arregalados.

Shadikshirram xingou, puxando de volta o braço da espada.

A misericórdia é uma fraqueza, costumava dizer o pai de Yarvi. *A misericórdia leva ao fracasso*.

Num instante, estava em cima dela. Enfiou a mão em garra por baixo da axila da ex-capitã, agarrou a espada, a palma curta pressionando a garganta dela, e com o punho direito bateu, socou, golpeou.

Os dois babavam, cuspiam e fungavam, gemendo, guinchando, sacudindo-se, o cabelo dela na boca de Yarvi. Shadikshirram se retorcia e rosnava e ele continuava agarrado, socando, socando. Ela se soltou e seu cotovelo acertou-o no nariz com um estalo enjoativo, fazendo sua cabeça se virar bruscamente para cima e o chão o acertar nas costas.

Gritos distantes. O eco de aço.

Uma batalha longínqua. Algo importante.

Precisava se levantar. Não podia abandonar sua mãe.

Precisava ser homem. O tio estaria esperando.

Tentou afastar a tontura, o céu relampejou enquanto ele rolava.

Seu braço se balançou no espaço, o rio preto lá embaixo, água branca nas pedras.

Como o mar abaixo da torre em Amwend. O mar onde ele havia mergulhado.

A respiração veio num rompante no momento em que ele voltou a si. Arrastou-se depressa para longe da borda que desmoronava, a cabeça girando, o rosto latejando, os calcanhares desajeitados, a boca salgada de sangue.

Viu Ankran retorcido de costas, os braços abertos. Soltou um gemido, arrastou-se na direção dele, estendendo a mão. Mas seus dedos trêmulos se detiveram antes de alcançar a camisa ensanguentada. A Última Porta havia se aberto para Ankran. Ele não poderia receber ajuda.

Shadikshirram jazia nos escombros ao lado do corpo do seu antigo almoxarife, tentando sentar-se, parecendo bastante surpresa por não conseguir. Os dedos de sua mão esquerda estavam embolados com o punho da espada. A direita pressionava o lado do corpo. Ela a afastou e a palma se mostrou sanguinolenta. Yarvi piscou, olhando para a própria mão direita. A faca ainda estava ali, a lâmina escorregadia, os dedos, o pulso e o antebraço vermelhos.

– Não – rosnou ela. Tentou erguer a espada, mas o peso era demasiado. – Assim, não. Aqui, não. – Seus lábios sangrentos se retorceram enquanto ela o encarava. – Você, não.

– Aqui – retrucou Yarvi. – Eu. O que foi mesmo que você disse? *Talvez você precise de duas mãos para lutar contra alguém, mas só de uma para dar uma facada nas costas.*

Então percebeu que não havia perdido todas aquelas vezes no quadrado de treino porque não tinha habilidade, nem força, ou mesmo uma das mãos. É que não tinha vontade. E em algum lugar no *Vento Sul*, em algum lugar no gelo sem fim, em algum lugar naquela ruína antiga, ele a encontrara.

– Mas eu comandei os navios da imperatriz – disse Shadikshirram, com a voz rouca, todo o lado direito escuro de sangue. – Fui uma das amantes favoritas... do duque Mikedas. O mundo esteve aos meus pés.

– Isso foi há muito tempo.

– Está certo. Você é um garoto inteligente. Eu sou mole demais. – Sua cabeça tombou para trás e ela olhou para o céu. – Essa... é minha única...

O salão da ruína élfica estava repleto de corpos espalhados.

A distância, os banyas tinham sido demônios. De perto, eram uma desgraça. Pequenos e magrelos como crianças, montes de trapos, marcados com sinais sagrados feitos de ossos de baleia que não serviram como escudo para o aço implacável de Nada.

Um que ainda respirava estendeu a mão para Yarvi, a outra segurando uma flecha alojada nas costelas. Seus olhos não expressavam ódio, apenas dúvida,

medo e dor. Assim como os de Ankran quando Shadikshirram lhe cravara a espada.

Eram apenas pessoas que a Morte fizera passar pela Última Porta, como quaisquer outras.

O banya tentou pronunciar uma palavra enquanto Nada ia até ele. A mesma palavra, repetidamente, balançando a cabeça. Nada pôs um dedo nos lábios do selvagem, fez “Shhhh” e o golpeou no coração.

– Vitória – rugiu Rulf, saltando pelo último trecho até o chão. – Nunca vi um trabalho assim com a espada!

– Nem eu vi um trabalho assim com o arco! – exclamou Nada, apertando Rulf num abraço esmagador.

Agora eram os amigos mais íntimos, unidos pela matança.

Sumael estava parada numa passagem em arco, segurando um dos ombros, com sangue escorrendo pelo braço até as pontas dos dedos.

– Cadê Ankran? – perguntou.

Yarvi balançou a cabeça. Não ousou falar, para não vomitar. Ou começar a chorar. Ou talvez os dois ao mesmo tempo. A dor e a fúria se esvaíam, assim como o alívio por estar vivo. A tristeza dominava porque seu amigo não estava vivo. Tristeza que pesava mais a cada momento.

Jaud caiu sentado num pedaço de pedra élfica e deixou o escudo cheio de marcas tombar do braço. Sumael pôs a mão sangrenta em seu ombro trêmulo.

– Agora reconheço de livre vontade que os gettlandeses são os melhores! – espumou Rulf.

– Justo quando eu começava a duvidar! – Nada franziu a testa. – Eu estava esperando Shadikshirram.

Yarvi olhou para a espada curva na mão dela, como se buscasse uma prova.

– Eu a matei.

Talvez devesse ter caído de joelhos e agradecido aos deuses pela improvável vitória, mas a colheita rubra obtida com espada e flecha naquela ruína não lhe parecia algo pelo qual deveria ficar grato.

Por isso, sentou-se ao lado dos outros e cutucou a crosta de sangue embaixo do nariz quebrado.

Afinal de contas, ele era rei de Gettland, não era?

Já havia se ajoelhado o bastante.

Queimando os mortos

Os mortos queimavam.

As chamas que os envolviam criavam sombras estranhas, que se moviam nas paredes da ruína élfica. Lançavam um rolo de fumaça no céu rosado, o devido sacrifício para agradecer à Mãe Guerra pela vitória. Pelo menos foi o que Nada disse, e poucos eram tão amigos dela. Se Yarvi se esforçasse bastante, achava que ainda podia ver os ossos na fogueira, dos nove banyas mortos, dos três marinheiros, de Ankran e de Shadikshirram.

– Vou sentir falta dele – disse, lutando para conter as lágrimas.

– Todos nós vamos – afirmou Jaud, enxugando as suas com as costas da mão.

Nada deixou as dele escorrerem livremente pelas bochechas marcadas de cicatrizes enquanto assentia para as labaredas.

– Vou sentir falta dela.

Rulf bufou.

– Eu não vou *mesmo*.

– Então você é mais idiota do que achei à primeira vista. Os deuses não dão melhor presente do que um bom inimigo. Como uma boa pedra de amolar para a lâmina. – Nada franziu a testa para a espada, já limpa de sangue, mesmo que ainda tivesse uma crosta em suas unhas, e passou mais uma vez a pedra no aço, com um guincho agudo. – Um bom inimigo mantém você afiado.

– Fico mais feliz com o gume cego – resmungou Jaud.

– Escolha seus inimigos com mais cuidado do que os amigos – murmurou Nada para as chamas. – Eles ficarão mais tempo com você.

– Não se preocupe. – Rulf deu um tapa no ombro de Nada. – Se a vida me ensinou uma coisa foi que o próximo inimigo nunca está muito longe.

– Você sempre pode transformar os amigos em inimigos – disse Sumael, apertando o casaco de Shadikshirram em volta dos ombros. – Transformar os

inimigos em amigos é mais difícil.

Yarvi sabia que era verdade.

– Vocês acham que era isso que Ankran desejava? – sussurrou.

– Estar morto? – perguntou Jaud. – Duvido.

– Ser queimado.

Jaud encarou Nada e deu de ombros.

– Assim que os homens violentos têm uma ideia, é difícil arrancá-la. Ainda mais quando ainda estão com o cheiro de sangue no nariz.

– E por que tentar arrancar? – Sumael coçou de novo as bandagens sujas que Yarvi havia amarrado em volta do braço cortado. – Esses são os mortos. As reclamações deles podem ser descartadas facilmente.

– Você lutou bem, Yarvi – falou Nada em voz alta. – Como um rei.

– Um rei deixa os amigos morrerem por ele? – Yarvi olhou cheio de culpa em direção à espada de Shadikshirram e se lembrou da sensação, de estar socando, socando, a faca vermelha na mão vermelha, e estremeceu debaixo do casaco roubado. – Um rei golpeia mulheres pelas costas?

As lágrimas ainda banhavam o rosto devastado de Nada.

– Um bom rei sacrifica tudo para vencer e esfaqueia quem for preciso, como puder. O grande guerreiro é o que ainda respira quando os corvos se refestelam. Um grande rei é o que observa as carcaças dos inimigos queimarem. Que o Pai Paz derrame lágrimas com relação aos métodos. A Mãe Guerra sorri com os resultados.

– É o que meu tio diria.

– É um homem sábio, então, e um inimigo digno. Talvez você o esfaqueie pelas costas e possamos observá-lo queimar juntos.

Yarvi esfregou o nariz inchado com delicadeza. Pensar em mais cadáveres pegando fogo não lhe dava muito alento, não importando quem fosse. O momento era repassado continuamente em sua cabeça, seu olhar saltando até Ankran, entregando-o, Shadikshirram girando, a lâmina investindo. Por incontáveis vezes, examinava o que poderia ter feito de modo diferente para que o amigo vivesse, mas sabia que tudo era em vão.

Não havia como voltar atrás.

Sumael se virou, franzindo o cenho para a noite.

– Alguém ouviu...?

– Parados! – ecoou uma voz na escuridão, áspera como um estalo de chicote.

Yarvi girou com o coração aos saltos e viu um guerreiro alto passar pelo arco. Parecia gigantesco à luz da pira, com elmo brilhante e cota de malha, espada forte e escudo reluzente.

– Larguem as armas! – soou outro grito, e um segundo homem se esgueirou das sombras, com um arco retesado e apontado, tranças compridas caindo ao lado do rosto.

Era um vansterlandês. Outros vieram atrás e, num instante, dez guerreiros haviam formado um semicírculo ao redor deles.

Yarvi tinha pensado que seu ânimo não poderia arrefecer mais. Agora descobriu o tamanho do erro.

Rulf desviou o olhar até seu arco, fora do alcance, e se apoiou de novo num cotovelo.

– Onde entram os vansterlandeses em sua lista dos mais valorosos?

Nada assentiu para eles, avaliando.

– Nesses números, em posição bem elevada.

Qualquer força que os deuses tivessem dado a Yarvi tinha sido mais do que exaurida naquele dia. Ele empurrou a espada de Shadikshirram com a ponta do pé. Jaud ergueu as mãos vazias. Sumael levantou a machadinha com o polegar e o indicador e jogou-a nas sombras.

– E você, velho? – perguntou o primeiro vansterlandês.

– Estou pensando na minha situação.

Nada raspou a lâmina mais uma vez com a pedra de amolar. Era como se ela estivesse sendo passada nos nervos de Yarvi.

– Se o aço é a resposta, eles já têm um bocado – murmurou o garoto.

– Largue-a. – O segundo vansterlandês retesou o arco até o fim. – Ou vamos queimar seu cadáver junto com os outros.

Nada cravou a espada no chão e suspirou.

– Ele tem um argumento bem convincente.

Os três vansterlandeses avançaram para recolher as armas e revistá-los em busca de outras enquanto o capitão observava.

– O que traz vocês cinco a Vansterland?

– Somos viajantes... – respondeu Yarvi, vendo um dos guerreiros sacudirem o conteúdo lamentável de sua mochila. – Estamos indo para Vulsgard.

O arqueiro arqueou as sobrancelhas em direção à pira.

– Viajantes queimando cadáveres?

– A que ponto chegamos! Um homem honesto não pode mais queimar cadáveres sem levantar suspeitas? – perguntou Nada.

– Fomos atacados por bandidos – respondeu Yarvi, pensando o mais rápido possível.

– Vocês deveriam manter seu país seguro para os viajantes – disse Rulf.

– Ah, agradecemos a vocês por torná-lo mais seguro. – O capitão olhou para o pescoço de Yarvi, depois puxou a gola de Jaud para deixar as cicatrizes à mostra. – Escravos.

– Libertos – interveio Sumael. – Eu era a dona deles. Sou mercadora. – Ela enfiou a mão no casaco para pegar um pedaço de pergaminho amassado. – Meu nome é Ebdel Aric Shadikshirram.

O homem franziu a testa ao ver a licença do Rei Supremo, que fora retirada recentemente do cadáver de sua dona de direito.

– Você está bem maltrapilha para uma mercadora.

– Eu não disse que era boa.

– E é nova – retrucou o capitão.

– Eu não disse que era velha.

– Onde está seu navio?

– No mar.

– Por que não está a bordo?

– Achei sensato sair antes que batesse no fundo.

– É uma mercadora pobre, de fato – murmurou um dos homens.

– Com uma carga de mentiras – disse outro.

O capitão deu de ombros.

– O rei pode decidir em que acreditar. Amarrem-nos.

– Rei? – perguntou Yarvi enquanto estendia os pulsos.

O homem abriu um minúsculo sorriso.

– Grom-gil-Gorm veio para o norte caçar.

Então parecia que Rulf estava certo: o inimigo seguinte se achava mais perto do que qualquer um deles havia pensado.

Gravetos flutuando

Yarvi conhecia homens duros. Seu pai fora um. Seu irmão, também. Outras dezenas tinham se revezado no campo de treino a cada dia em Thorlby. Houvera centenas deles, reunidos na areia para ver o rei Uthrik ser cremado. Para navegar com o jovem rei Yarvi em seu malfadado ataque a Amwend. Rostos que sorriam apenas em batalha e mãos gastas até assumir a forma de suas armas.

Mas nunca vira um grupo como o que Grom-gil-Gorm trouxera para caçar.

– Nunca vi tantos vansterlandeses num só lugar – murmurou Rulf. – E eu passei um ano em Vulsgard.

– Um exército – grunhiu Nada.

– E um exército feio – disse Jaud.

Estavam eriçados de armas e estufados de ameaças, lançando adagas com os olhos e falando espadas. Ostentavam as cicatrizes com tanto orgulho quanto uma princesa exibiria as joias. Uma voz de mulher, esganiçada como uma faca numa pedra de amolar, entoava uma canção de amor à Mãe Guerra, de sangue derramado, aço amassado e vidas perdidas.

No meio desse covil de ursos, amarrados e mancando, impotentes, entre fogueiras em que carcaças frescas pingavam gordura vermelha, Yarvi e seus amigos foram arrebanhados à ponta de lança.

– Se vocês têm algum plano – sussurrou Sumael com o canto da boca –, agora seria a hora.

– Eu tenho um plano – disse Nada.

– Ele envolve uma espada? – perguntou Jaud.

Uma pausa.

– Todos os meus planos envolvem.

– Você tem uma espada?

Outra pausa.

– Não.

– Como seu plano vai funcionar assim? – murmurou Sumael.

Uma terceira pausa.

– A Morte espera por todos nós.

No ponto em que a horda de matadores estava mais comprimida, Yarvi notou a silhueta de um grande trono e, sobre ele, uma figura grande com uma grande taça no punho grande. Em vez do medo que poderia tê-lo dominado um dia, deu-se conta de que havia uma oportunidade. Não era um plano, nem mesmo uma ideia, mas, como costumava dizer mãe Gundring, *quem está se afogando deve agarrar qualquer graveto que encontre flutuando*.

– Às vezes, matar os inimigos não é a melhor coisa a fazer – sussurrou.

Nada bufou.

– E o que seria melhor?

– Transformá-los em aliados. – Yarvi respirou fundo e rugiu: – Grom-gil-Gorm!

Sua voz saiu aguda e falha, o mais distante possível de algo régio, mas suficientemente alta para ser ouvida por todo o acampamento, e era isso que importava. Uma centena de rostos iluminados pelas fogueiras se virou para ele.

– Rei de Vansterland! – continuou Yarvi. – Filho mais sangrento da Mãe Guerra! Quebrador de Espadas e Fazedor de Órfãos, nós nos encontramos de novo! Eu...

Um golpe bem avaliado em seu estômago tirou o fôlego num suspiro lamentoso.

– Detenha essa língua antes que eu a arranque, garoto! – rosnou o capitão, empurrando Yarvi de joelhos, tossindo.

Mas suas palavras tinham provocado o efeito que ele desejara.

Primeiro um silêncio pesado se acomodou, depois um passo mais pesado ainda se aproximou, e finalmente a voz cantarolada do próprio Grom-gil-Gorm.

– Vocês trazem convidados!

– Apesar de parecerem mendigos. – Embora não a tivesse ouvido desde que tinham posto a argola de escravo em seu pescoço, Yarvi reconheceu a voz gelada de mãe Scaer de seus sonhos.

– Nós os encontramos na ruína élfica acima do rio, meu rei – informou o capitão.

– Eles não parecem elfos – disse a ministra de Gorm.

– Estavam queimando cadáveres.

– Um empreendimento nobre, se forem os cadáveres certos – afirmou o rei. – Você fala como se eu o conhecesse, garoto. Quer que eu faça um jogo de adivinhação?

Lutando para recuperar o fôlego, Yarvi levantou a cabeça, de novo percebendo as botas, o cinto, a corrente tripla e, enfim, bem acima, a cabeça do rei de Vansterland, o mais feroz inimigo de seu pai, de seu país, de seu povo.

– A última vez que nos encontramos... o senhor me ofereceu sua faca. – Yarvi fixou o olhar em Gorm. De joelhos, maltrapilho e ensanguentado, espancado e amarrado, mas ainda assim fitou-o. – O senhor disse para eu procurá-lo caso mudasse de ideia. Poderia me dar a faca agora?

Grom-gil-Gorm franziu a testa, passando os dedos naquela corrente cheia de botões de espadas em volta do pescoço que parecia um tronco de árvore, e com a outra mão enfiou suas muitas facas com cuidado no cinto.

– Talvez isso não seja prudente.

– Achei que a Mãe Guerra o houvesse bafejado em seu berço, e que foi previsto que nenhum homem poderia matá-lo.

– Que os deuses ajudem aqueles que se ajudam. – Mãe Scaer agarrou o queixo de Yarvi com força e torceu seu rosto para a luz. – É o ajudante de cozinha que pegamos em Amwend.

– É mesmo – murmurou Gorm. – Mas ele mudou. Agora tem um olhar sério.

Mãe Scaer estreitou os olhos.

– E você perdeu o colar que eu lhe dei.

– Estava incomodando. Não nasci para ser escravo.

– No entanto, está ajoelhado de novo diante de mim – retorquiu Gorm. – O que você nasceu para ser?

Os homens dele soltaram gargalhadas, mas as pessoas haviam zombado de Yarvi durante toda a vida, e o riso perdera a força contra ele.

– O rei de Gettland – respondeu, e dessa vez sua voz saiu fria e dura como o próprio Trono Negro.

– Ah, pelos deuses! – Ele ouviu Sumael ofegar. – Estamos mortos.

Gorm abriu um enorme sorriso.

– Odem! Você está mais novo do que eu recordo.

– Sou o sobrinho de Odem. Filho de Uthrik.

O capitão deu um cascudo na nuca de Yarvi, derrubando-o sobre o nariz quebrado, o que foi particularmente irritante, já que com as mãos amarradas ele não pôde fazer nada para amortecer a queda.

– O filho de Uthrik morreu com ele!

– Ele tinha outro filho, seu idiota!

Yarvi se retorceu, ficando de joelhos outra vez, a boca com o gosto de sangue, do qual estava ficando cansado.

Dedos foram enfiados no cabelo de Yarvi e ele foi puxado de pé.

– Devo contratá-lo como bufão ou enforcá-lo como espião?

– Não é você quem deve decidir. – Mãe Scaer ergueu um dedo, as pulseiras élficas em seu braço comprido chacoalhando, e o capitão soltou Yarvi como se tivesse levado um tapa. – Uthrik tinha de fato um segundo filho. O príncipe Yarvi. Ele estava treinando para ser ministro.

– Mas não fiz o teste. Em vez disso, ocupei o Trono Negro.

– Para que a Rainha Dourada pudesse perpetuar o poder.

– Laithlin. Minha mãe.

Mãe Scaer o observou por um longo tempo; Yarvi levantou o queixo e a encarou, com o mais próximo de uma postura régia que o nariz sangrando, as mãos amarradas e os trapos fedorentos permitiam. Talvez tivesse bastado, pelo menos para plantar a semente da dúvida.

– Solte as mãos dele.

Yarvi sentiu as cordas sendo cortadas e, com um senso teatral adequado, ergueu a mão esquerda devagar à luz. Os murmúrios ao redor das fogueiras ao ver aquela coisa torta lhe foram, pela primeira vez, bastante gratificantes.

– Era isso que a senhora estava procurando?

Mãe Scaer segurou-a, virou-a e manuseou-a com dedos fortes.

– Se você foi aluno de mãe Gundring, de quem ela foi aluna?

Yarvi não hesitou:

– Ela foi ensinada pela mãe Wexen, na época ministra do rei Fynn de Throvenland, agora avó do Ministério e primeira serviçal do próprio Rei Supremo.

– Quantos pombos ela tem?

– Três dúzias, e mais um com uma mancha preta na testa que levará a notícia a Skekenhouse quando a Morte abrir a Última Porta para ela.

– De que madeira é a porta do quarto do rei de Gettland?

Yarvi sorriu.

– Não existe porta, porque o rei é uno com a terra e seu povo, e não pode ter segredos para eles.

A expressão de incredulidade no rosto magro de mãe Scaer foi fonte de uma satisfação muito rara para Yarvi.

Grom-gil-Gorm arqueou uma sobrancelha hirsuta.

– As respostas dele foram imaculadas?

– Sim – murmurou a ministra.

– Então... esse aleijado é mesmo Yarvi, filho de Uthrik e Laithlin, o rei legítimo de Gettland?

– É o que parece.

– É verdade? – perguntou Rulf.

– É verdade – disse Sumael, ofegante.

Gorm estava ocupado gargalhando.

– Então esta foi mesmo minha melhor viagem de caça em muitos longos anos! Mande um pássaro, mãe Scaer, e descubra o que o rei Odem vai nos pagar pelo retorno de seu sobrinho desgarrado.

O rei de Vansterland começou a virar as costas, mas Yarvi o fez parar com uma risadinha.

– O grande e terrível Grom-gil-Gorm! Em Gettland, é chamado de louco, bêbado de sangue. Em Throvenland, de rei selvagem de uma terra selvagem. Em Skekenhouse, nos salões do Rei Supremo construídos pelos elfos... bom, o senhor nem merece ser mencionado.

Yarvi escutou Rulf soltar um grunhido preocupado, o capitão rosnar com fúria contida, mas Gorm apenas acariciou a barba, pensativo.

– Se desejava me elogiar, não foi muito eficiente. O que quer?

– O senhor vai provar que eles estão certos e obter um lucro tão pequeno com a chance de ouro que os deuses lhe mandaram?

O rei de Vansterland levantou uma sobrancelha para sua ministra.

– Meus ouvidos estão abertos para lucros maiores.

Venda o que eles querem, dizia sempre a mãe de Yarvi, *não o que você tem*.

– Toda primavera o senhor reúne seus guerreiros e ataca a fronteira de Gettland.

– Isso é sabido.

– E nesta primavera?

Gorm franziu os lábios.

– Um pequeno passeio, talvez. A Mãe Guerra exige vingança pelos ultrajes do seu tio em Amwend.

Yarvi achou melhor não observar que ele havia sido rei no início desses ultrajes, ainda que não no fim.

– Só peço que este ano o senhor avance um pouco mais. Até as muralhas da própria Thorlby.

Mãe Scaer sibilou com aversão.

– Só isso?

Mas a curiosidade de Gorm fora instigada:

– O que eu ganharia por conceder esse favor?

Homens orgulhosos, como o falecido pai de Yarvi, seu irmão assassinado e seu afogado tio Uthil, sem dúvida cuspiriam o último hausto no rosto de Grom-gil-Gorm em vez de buscar sua ajuda. Mas Yarvi não tinha orgulho. Fora arrancado por seu pai através da vergonha. Drenado pelos ardis de Odem. Tirado as pancadas do *Vento Sul*. Congelado nas terras ermas.

Ele estivera ajoelhado a vida inteira, de modo que se ajoelhar mais um pouco não era difícil.

– Ajude-me a retomar meu trono, Grom-gil-Gorm, e vou me ajoelhar no sangue de Odem diante do senhor como rei de Gettland, seu vassalo e súdito.

Nada se inclinou para perto, silvou raivoso com os dentes trincados: – O preço é alto demais!

Yarvi o ignorou.

– Uthil, Uthrik e Odem. Os irmãos que foram seus maiores inimigos terão passado pela Última Porta, e ao redor de todo o Mar Despedaçado o senhor só terá poder inferior ao próprio Rei Supremo. Talvez... com o tempo... um poder ainda maior.

Quanto mais poderoso é o homem, sempre dizia mãe Gundring, *mais anseia pelo poder.*

A voz de Gorm saiu ligeiramente rouca:

– Seria ótimo.

– Ótimo, de fato – concordou mãe Scaer, os olhos mais semicerrados do que nunca, encarando Yarvi. – Se isso puder ser alcançado.

– Apenas dê a mim e aos meus companheiros passagem até Thorlby e eu farei a tentativa.

– Você reuniu estranhos auxiliares – observou mãe Scaer, olhando-os sem entusiasmo.

– Circunstâncias estranhas exigem isso.

– Quem é essa criatura encurvada? – perguntou Gorm.

Os outros sensatamente fitavam o chão, mas Nada o encarava sem se abalar, os olhos brilhantes ardendo.

– Sou um gettlandês orgulhoso.

– Ah, um daqueles. – Gorm sorriu. – Aqui em cima preferimos os gettlandeses envergonhados e ensanguentados.

– Não ligue para ele, meu rei. Ele é Nada. – Yarvi atraiu o olhar de Gorm de volta para o seu, com o tom de mel que sua mãe costumava usar, pois os homens violentos prosperam com a fúria, mas não sabem o que fazer com a razão e o bom senso. – Se eu fracassar, o senhor ainda terá o saque que fizer na marcha para o sul.

Nada resmungou com repugnância, o que não era de espantar. As cidades de Gettland queimando, a terra devastada, o povo expulso ou escravizado. A terra de Yarvi e seu povo, mas agora ele estava afundado demais no atoleiro para voltar. A única saída era ir em frente e se afogar na tentativa ou se erguer imundo, mas respirando, do outro lado. Para retomar o Trono Negro precisava de um exército, e agora a Mãe Guerra colocava as espadas em sua mão mirrada. Ou as botas em seu pescoço marcado, pelo menos.

– Você tem tudo a ganhar – instigou bem suavemente. – E nada a perder.

– Existe o favor do Rei Supremo – interveio mãe Scaer. – Ele ordenou que não houvesse guerra até que seu templo fosse concluído...

– Houve um tempo em que as águias de mãe Wexen traziam pedidos. – A voz cantarolada de Gorm tinha uma nota de raiva. – Depois trouxeram exigências. Agora ela dá ordens. Onde isso vai parar, mãe Scaer?

A ministra falou baixinho:

– Agora o Rei Supremo tem os homens das Terras Baixas e a maior parte dos inglings rezando para sua Divindade Única, prontos para lutar e morrer sob suas ordens...

– E o Rei Supremo governa Vansterland também? – zombou Yarvi. – Ou é Grom-gil-Gorm?

O lábio de mãe Scaer se franziu.

– Não brinque muito perto do fogo, garoto. Todos nós prestamos contas a alguém.

Mas os pensamentos de Gorm já estavam distantes, espalhando chamas e assassinato nos povoados de Gettland, sem dúvida.

– Thorlby tem muralhas fortes – murmurou – e muitos guerreiros fortes defendendo-as. Um número grande demais. Se eu pudesse tomar essa cidade, meus bardos já estariam cantando sobre minha vitória.

– Nunca – sussurrou Nada, mas ninguém ouviu. O trato estava feito.

– Isso é o melhor de tudo – entoou Yarvi. – Você só precisa esperar do lado de fora. Eu lhe entrego Thorlby.

IV

O REI LEGÍTIMO

Corvos

Yarvi apertou a gola de pele de sua capa emprestada para se proteger do vento e franziu o nariz diante do cheiro salgado do mar e do fedor dos escravos puxando os remos. Ele havia se habituado quando era um deles, dormia com a cara na axila de Rulf e mal notava. Fedia tanto quanto os outros. Mas isso não tornava o odor deles melhor agora.

Na verdade, tornava pior.

– Pobres cães – comentou Jaud, com a testa franzida, olhando-os por cima da balaustrada do castelo de popa. Para um homem tão forte, ele tinha coração molenga.

Rulf coçou o cabelo castanho e grisalho que havia brotado acima das orelhas, mas o cocuruto continuava careca como sempre.

– Seria bom libertá-los.

– E como chegaríamos a Thorlby? – perguntou Yarvi. – Alguém precisa remar. Você puxaria um remo?

Seus companheiros o fuzilaram com os olhos.

– Você mudou – disse Jaud.

– Precisei mudar.

Yarvi virou as costas para eles e para os bancos onde um dia havia batalhado. Sumael estava junto à amurada, com um sorriso enorme no rosto, enquanto o vento salgado agitava seu cabelo, agora mais comprido do que antigamente, preto como penas de corvo.

– Você parece satisfeita – falou Yarvi, feliz por vê-la feliz. Não tinha presenciado isso com frequência.

– É bom estar no mar outra vez. – Ela abriu os braços, balançando os dedos. – E sem correntes!

Yarvi sentiu o sorriso sumir, porque ainda tinha uma corrente que não podia partir. A que ele próprio forjara com seu juramento. A que o atraía de volta a Thorlby e o atava ao Trono Negro. E sabia que, cedo ou tarde, Sumael estaria junto à amurada de outro navio. Um navio que iria levá-la de volta à Primeira Cidade, e para sempre para longe dele.

O sorriso de Sumael também hesitou, como se ela tivesse o mesmo pensamento, e os dois afastaram o olhar um do outro para observar o Pai Terra passar num silêncio incômodo.

Para dois territórios que se opunham de modo tão amargo, Vansterland e Gettland eram bem parecidos. Praias nuas, florestas e pântanos. Ele tinha visto poucas pessoas, que corriam para o interior, com medo ao ver o navio. Estreitando os olhos para o sul, avistou um pequeno dente sobre uma ponta de terra, a fumaça de casas manchando o céu branco.

– Que cidade é aquela? – perguntou a Sumael.

– Amwend – respondeu ela. – Perto da fronteira.

Amwend, onde Yarvi havia comandado o ataque. Ou, pelo menos, saído desajeitadamente de um navio, sem escudo, direto para uma armadilha. Então aquela era a torre onde Keimdal morrera. Onde Hurik o traíra. De onde Odem o jogara no mar violento e na escravidão mais violenta ainda.

Yarvi se deu conta de que pressionava a mão aleijada no corrimão até doer. Desviou o olhar da terra e o fixou na água que espumava branca na esteira do navio, as marcas dos remos sumindo depressa sem deixar sinal. Seria assim com ele: sumido e esquecido?

Irmã Owd, a aprendiz que mãe Scaer enviara com eles, o olhava diretamente. Uma espécie de olhar furtivo, depois baixou a cabeça, fitando algo que escrevia num minúsculo pedaço de papel, puxado e sacudido pelo vento sob seu pedaço de carvão.

Devagar, Yarvi foi até ela.

– Está me vigiando?

– Você sabe que estou – retrucou ela, sem erguer os olhos. – É para isso que estou aqui.

– Você desconfia de mim?

– Só conto a mãe Scaer o que vejo. Ela escolhe do que desconfiar.

Era pequena e de rosto redondo, uma daquelas pessoas cuja idade é difícil de adivinhar, mas ainda assim Yarvi não achou que fosse mais velha do que ele.

– Quando você fez o Teste Ministerial?

– Há dois anos – respondeu ela, escondendo com o ombro o pedacinho de papel.

Yarvi desistiu de tentar ver o que estava escrito. De qualquer modo, os ministros têm sinais próprios: duvidava de que pudesse lê-los.

– Como foi?

– Não é difícil, se você estiver preparado.

– Eu estava preparado – garantiu Yarvi, pensando naquela noite em que Odem havia saído da chuva.

As chamas refletidas nos frascos, as rugas no sorriso de mãe Gundring, a pureza de pergunta e resposta. Sentiu uma onda de saudade daquela vida simples sem tios para matar, juramentos a cumprir ou escolhas complexas a fazer. Dos livros, das plantas e da palavra suave. Precisou forçar tudo isso para o fundo da mente. Agora não podia se dar ao luxo de remoer.

– Mas não tive a chance de fazer o teste – completou.

– Você não perdeu grande coisa. Um tanto de agitação do lado de fora da porta. Um tanto de olhares de mulheres velhas. – Ela terminou a mensagem e começou a enrolá-la numa bolinha minúscula. – Depois, a honra de ser beijada pela avó Wexen.

– Como foi isso?

Irmã Owd estufou as bochechas e soltou um longo suspiro.

– Ela pode ser a mulher mais sábia que existe, mas eu esperava que meu último beijo fosse dado por alguém mais novo. Vi o Rei Supremo, de longe.

– Eu também, uma vez. Ele parecia pequeno, velho e ganancioso, reclamava de tudo e tinha medo da própria comida. Mas contava com muitos guerreiros fortes.

– Então o tempo não o mudou muito. Só que agora adora a Divindade Única, está mais agarrado ao poder do que nunca e, segundo todos os relatos, não consegue ficar acordado mais de uma hora de cada vez. E os tais guerreiros se multiplicaram.

Ela descobriu uma parte da gaiola. Os pássaros dentro não se mexeram, não se espantaram com a luz, só olharam calmos para Yarvi com meia dúzia de pares

de olhos que não piscavam. Pássaros pretos.

Yarvi franziu a testa.

– Corvos?

– É.

Irmã Owd arregaçou a manga da blusa, destrancou a porta minúscula e enfiou habilmente um braço dentro da gaiola, pegou um corvo pelo meio do corpo e tirou-o, imóvel e calmo como se fosse feito de carvão.

– Mãe Scaer não usa pombos há anos.

– Nunca?

– Pelo menos não desde que sou aprendiz dela. – Irmã Owd prendeu a mensagem na pata da ave e falou baixinho: – Segundo boatos, um pombo mandado por mãe Gundring tentou fincar as garras no rosto dela. Mãe Scaer não confia em pombos. – Owd se inclinou para perto da ave preta e arrulhou: – Estamos a um dia de Thorlby.

– Thorlby – disse o corvo em sua voz áspera, depois irmã Owd lançou-o no céu, onde ele bateu asas para o norte.

– Corvos – murmurou Yarvi, olhando-o roçar as ondas salpicadas de branco.

– Promessas de obediência ao seu senhor, Grom-gil-Gorm?

Nada estava ao lado de Yarvi, ainda abraçando sua espada como um amante, mesmo que agora tivesse uma bainha perfeitamente boa para ela.

– Ele é meu aliado, e não meu senhor – replicou Yarvi.

– Claro. Você não é mais escravo. – Nada esfregou com suavidade as cicatrizes do pescoço encalombado. – Eu me lembro de quando nossas argolas saíram, naquele povoado amigável. Antes que Shadikshirram a queimasse. Você não é escravo. No entanto, fez um acordo de joelhos com os vansterlandeses.

– Na ocasião, todos nós estávamos ajoelhados – rosnou Yarvi.

– Minha pergunta é: ainda estamos? Você vai ganhar poucos amigos quando retomar o Trono Negro com a ajuda do pior inimigo de Gettland.

– Posso ganhar amigos quando estiver no trono. O que me preocupa agora é tirar os inimigos de cima dele. O que eu deveria ter feito? Deixar que os vansterlandeses nos queimassem?

– Talvez houvesse um meio-termo entre deixar que Gorm nos matasse e lhe vender a terra em que nascemos.

– Ultimamente, é difícil encontrar um meio-termo – rebateu Yarvi com os dentes trincados.

– Sempre é difícil, mas o lugar de um rei é no terreno intermediário. Haverá um preço por isso.

– Você é rápido com as perguntas, mas lento com as respostas, Nada. Você não jurou me ajudar?

Nada estreitou os olhos para Yarvi, o vento soprando e sacudindo o cabelo grisalho em volta de seu rosto marcado pelas batalhas.

– Fiz um juramento e pretendo cumpri-lo ou morrer.

– Ótimo – disse Yarvi, virando-se. – Eu vou manter você ligado a ele.

Abaixo, os escravos remadores suavam, os dentes trincados, grunhindo no mesmo ritmo enquanto o capataz andava entre eles, com o chicote enrolado às costas. Assim como Trigg fizera no convés do *Vento Sul*. Yarvi se lembrava muito bem da ardência nos músculos, da ardência do chicote nas costas.

Mas quanto mais perto chegava do Trono Negro, mais pesado era seu juramento e mais curta ficava sua paciência.

Alguém precisa remar.

– Mais velocidade! – rosnou para o capataz.

A casa do inimigo

Sumael saltou do navio para o píer e passou pela confusão de pessoas, indo até a mesa à qual a administradora do cais de Thorlby se sentava flanqueada por guardas. Yarvi a acompanhou com um pouco menos de agilidade e muito menos autoridade, descendo a prancha e chegando ao solo que deveria ter sido seu reino, os olhos abaixados e o capuz cobrindo o rosto, seguido pelos demais.

– Meu nome é Shadikshirram – disse Sumael, abrindo o papel descuidadamente e largando-o na mesa – e tenho licença para comerciar dada pelo Rei Supremo, carimbada com a runa da própria avó Wexen.

Tinham esperado até que a administradora mais nova ocupasse o lugar à mesa, na esperança de que ela os deixasse passar. Em vez disso, a mulher estreitou os olhos para a licença por tempo suficiente para que todo mundo ficasse inquieto, remexendo nas duas chaves penduradas ao pescoço, uma de sua casa e a outra do escritório. Yarvi notou, com uma onda de nervosismo nauseado, que um canto da licença estava marrom, manchado de sangue seco. O sangue de sua dona de direito, derramado pela própria mão de Yarvi. A administradora olhou Sumael de relance e disse as palavras que ele temia: – Você não é Shadikshirram.

Um dos guardas moveu a mão enluvada ligeiramente no cabo da lança e Nada moveu o polegar no cinto, em direção à espada. O enjoo de Yarvi cresceu até o pavor. Será que tudo terminaria ali, numa briguinha feia no cais?

– Eu a vi descer à terra aqui com frequência, em geral bêbada...

Sumael deu um soco temível no tampo da mesa, rosnando no rosto da administradora e fazendo-a se encolher, atônita.

– Você está falando da minha mãe, Ebdel Aric Shadikshirram, e vai falar com mais respeito! Ela passou pela Última Porta. Afogada nas águas geladas do Norte. – Sua voz ficou embargada e a garota passou as costas da mão nos olhos

secos. – Ela confiou os negócios a mim, sua filha amorosa, Sumael Shadikshirram. – Pegou a licença da mesa e gritou de novo, lançando cuspe na administradora, nos guardas e até em Yarvi: – E eu tenho negócios com a rainha Laithlin!

– Ela não é mais rai...

– Você sabe do que estou falando! Onde está Laithlin?

– Em geral, em sua casa de contabilidade...

– Vou trocar algumas palavras com ela!

Sumael girou nos calcanhares, partindo, empertigada, pelo cais.

– Talvez ela não receba visitas... – murmurou debilmente a administradora.

Irmã Owd deu um tapinha amigável na mesa enquanto Yarvi e os demais passavam.

– Se serve de consolo, ela é assim com todo mundo.

– Um desempenho vitorioso – elogiou Yarvi quando alcançou Sumael, passando rapidamente pelos peixes pendurados, as redes amontoadas e os pescadores gritando o preço dos animais trazidos de manhã.

– Quase me mijei – sussurrou ela. – Alguém está seguindo a gente?

– Nem estão olhando.

A administradora estava ocupada descontando as frustrações no recém-chegado seguinte, e logo a deixaram para trás.

Yarvi enfim estava em casa, mas se sentia um estrangeiro. Tudo parecia menor do que recordava, menos movimentado, atracadouros e barracas vazios, construções abandonadas. Seu coração saltava sempre que via um rosto familiar e, como um ladrão passando pelo local de seu crime, encolhia-se mais no capuz, as costas pinicando de suor apesar do frio.

Se fosse reconhecido, logo o rei Odem ficaria sabendo e não perderia tempo em terminar o que havia começado no alto da torre de Amwend.

– Aqueles são os montes funerários dos seus ancestrais?

Nada olhava através do emaranhado de cabelo em direção ao norte, pela praia comprida e solitária e a fileira de morrotes cobertos de capim, o mais próximo com apenas alguns meses de verde esparso nos flancos sem cultivo.

– Do meu pai assassinado, Uthrik. E do meu tio afogado, Uthil, e de reis de Gettland remontando até a escuridão da história.

Nada coçou a bochecha grisalha.

– Diante deles você fez um juramento.

– E diante de mim você fez o seu.

– Não tema jamais. – Nada sorriu enquanto passavam por um portão apinhado na muralha mais externa da cidade. Aquele sorriso louco, de olhos brilhantes, que trazia mais temores do que tranquilidade a Yarvi. – A carne pode esquecer, mas o aço nunca esquece.

Irmã Owd parecia conhecer os caminhos de Thorlby melhor até mesmo do que Yarvi, nativo da cidade. E seu rei. Ela os guiou por ruas estreitas ziguezagueando pela colina íngreme, as casas lotadas, altas e estreitas entre os afloramentos de rocha, os ossos cinzentos de Gettland aparecendo através da pele da cidade. Conduziu-os através de pontes por cima de riachos borbulhantes onde escravos se inclinavam para encher os jarros dos ricos. Levou-os por fim até um pátio comprido e estreito à sombra da cidadela onde Yarvi nascera, fora criado e humilhado diariamente, onde estudara para ser ministro e descobrira que era rei.

– A casa é aqui – disse irmã Owd.

Estava bem à vista. Uma casa por onde Yarvi havia passado com frequência.

– Por que a ministra de Gorm tem uma casa em Thorlby?

– Mãe Scaer diz que uma ministra sábia conhece a casa do inimigo melhor do que a sua própria.

– Mãe Scaer gosta tanto de frases de efeito quanto mãe Gundring – resmungou Yarvi.

Owd virou a chave.

– É disso que se trata o Ministério.

– Leve Jaud com você. – Yarvi puxou Sumael de lado e falou baixinho com ela. – Vá à casa de contabilidade e fale com minha mãe.

Se sua sorte perdurasse, Hurik estaria agora no campo de treino.

– E digo o quê? Que o filho morto está chamando?

– E que ele finalmente aprendeu a afivelar a capa. Traga-a aqui.

– E se ela não acreditar em mim?

Yarvi visualizou o rosto da mãe, como ela costumava franzir a testa para ele, e achou muito provável que duvidasse.

– Então precisaremos pensar em outra coisa.

– E se ela não acreditar em mim e ordenar que eu seja morta por causa do insulto?

Yarvi fez uma pausa.

– Então *eu* precisarei pensar em outra coisa.

– A quem, dentre vocês, foi enviada a má sorte no clima ou nas armas? – indagou uma voz sonora do outro lado da praça.

Um grande número de pessoas havia se reunido diante de uma construção grandiosa, recém-erguida, com colunas de mármore branco na frente. Diante delas, um sacerdote com manto de humilde tecido de aniagem estava com os braços abertos, gritando sua mensagem.

– Quem dentre vocês tem as orações aos muitos deuses ignoradas?

– Minhas orações foram tão ignoradas que eu parei de fazê-las – murmurou Rulf.

– Não seria de espantar! – berrou o sacerdote. – Porque não existem muitos deuses, mas apenas uma! Nem todas as artes dos elfos poderiam fragmentá-la! Os braços da Divindade Única e os portões do templo d'Ela estão escancarados para todos!

– Templo? – Yarvi franziu a testa. – Minha mãe construiu aquele lugar para ser uma casa da moeda. Iam cunhar moedas ali, todas com o mesmo peso.

Agora o sol com sete raios da Divindade Única – a deusa do Rei Supremo – estava erguido sobre a porta.

– Seu consolo, sua misericórdia, seu abrigo são dados livremente! – rugiu o sacerdote. – Ela só exige que vocês a amem como Ela os ama!

Nada cuspiu nas pedras.

– O que os deuses têm a ver com amor?

– As coisas mudaram por aqui – observou Yarvi, olhando para a praça e cobrindo mais o rosto com o capuz.

– Novo rei – disse Sumael, lambendo o lábio fendido –, novos costumes.

Grandes riscos

Ouviram a porta se abrir e Yarvi se enrijeceu. Escutaram passos no corredor e ele engoliu em seco, com esforço. A porta se abriu e o rapaz deu um passo hesitante na direção dela, quase incapaz de respirar...

Dois escravos passaram, abaixando-se, as mãos nas espadas. Dois inglings com ombros enormes e argolas prateadas. Nada se ouriçou, o aço brilhando enquanto ele o puxava da bainha.

– Não! – exclamou Yarvi.

Ele conhecia os dois: eram escravos de sua mãe.

E então a dona deles entrou na sala, logo seguida por Sumael.

Ela não tinha mudado.

Alta e séria, o cabelo dourado com óleo e preso em cachos brilhantes. Usava poucas joias, mas impactantes. A grande chave da rainha, do Tesouro de Gettland, sumira de sua corrente, e no lugar havia uma menor, engastada com rubis escuros como gotas de sangue derramado.

Yarvi tivera dificuldade de convencer os companheiros de que era rei, mas a mãe preenchia aquela sala pequena até os cantos com uma majestade natural.

– Pelos deuses – disse Rulf e se ajoelhou, seguido por irmã Owd, Jaud e Sumael. Os dois escravos se apressaram para imitá-lo.

Nada se ajoelhou por último, os olhos e a ponta da espada no chão, de modo que só Yarvi e Laithlin permaneceram de pé.

Ela nem ao menos reconheceu a existência deles. Os dois se encararam como se estivessem sozinhos. A mãe foi até ele, sem sorrir nem franzir a testa, até ficar a menos de um passo de distância. Pareceu-lhe tão linda que os olhos dele doíam, também marejados.

– Meu filho – sussurrou e o envolveu com os braços. – Meu filho.

Apertou-o com tanta força que foi quase doloroso. Suas lágrimas molharam o cabelo de Yarvi enquanto as dele banhavam o ombro da mãe.

Yarvi estava em casa.

Passou-se algum tempo até Laithlin o soltar, segurando-o com o braço estendido e cuidadosamente enxugando o próprio rosto. Yarvi percebeu que, ao olhá-la, não precisava mais levantar a cabeça. Tinha crescido, então. Crescido de muitos modos.

– Parece que sua amiga falou a verdade.

Yarvi assentiu devagar.

– Estou vivo.

– E aprendeu a afivelar a capa – afirmou ela, dando um puxão na fivela e descobrindo que estava firme.

Em silêncio ela escutou a história.

Em silêncio ouviu sobre o ataque e o incêndio de Amwend. Sobre a traição de Odem e a longa queda de Yarvi no mar violento.

Gettland está mesmo preparada para ter meio rei?

Em silêncio ouviu-o ser escravizado, vendido, apenas o olhar se movendo até as fracas cicatrizes no pescoço.

São uns restos desgraçados.

Em silêncio ele escapou, suportou a longa provação no gelo, lutou pela vida na ruína élfica, e o tempo todo Yarvi pensou na canção que isso renderia se sobrevivesse para que ela fosse posta em música.

Não se pode esperar que todos os heróis sobrevivam a uma boa canção.

Quando chegou à morte de Ankran e, depois, à de Shadikshirram, Yarvi pensou na faca vermelha em sua mão, em seus grunhidos e nos dela, em sua garganta contraída, fechou os olhos e não pôde mais continuar.

Talvez você precise de duas mãos para lutar contra alguém, mas só de uma para dar uma facada nas costas.

Então sentiu a mão de Laithlin sobre a dele.

– Estou orgulhosa. Seu pai ficaria orgulhoso. O que importa é que você voltou para mim.

– Graças a esses quatro – afirmou Yarvi, engolindo a bile.

Ela examinou os companheiros dele com seu olhar minucioso.

– Todos vocês têm minha gratidão.

– Não foi nada – grunhiu Nada, com os olhos fixos no chão, o rosto escondido atrás do emaranhado de cabelos.

– A honra foi minha – disse Jaud, baixando a cabeça.

– Não poderíamos ter conseguido sem ele – murmurou Rulf.

– Ele foi um espinho no meu pé a cada quilômetro – falou Sumael. – Se eu tivesse que fazer tudo de novo, iria deixá-lo no mar.

– E onde você encontraria um navio para levá-la para casa? – perguntou Yarvi, sorrindo para ela.

– Ah, eu improvisaria – respondeu ela, também sorrindo.

Laithlin não abriu nenhum sorriso. Captou cada detalhe do olhar que os dois trocavam, e seus olhos se estreitaram.

– O que meu filho é para você, garota?

Sumael piscou e sua bochecha morena se enrubesceu.

– Eu...

Yarvi nunca a vira ficar sem palavras antes.

– Ela é minha amiga – apressou-se em dizer Yarvi. – Arriscou a vida pela minha. Era minha companheira de remo. – Ele fez uma pausa. – É da minha família.

– É mesmo? – Laithlin continuou encarando Sumael, que agora examinava o chão com interesse minucioso. – Então deve ser da minha também.

Na verdade, Yarvi não tinha nem um pouco de certeza quanto ao que um era para o outro, e não estava nem um pouco ansioso para testar isso diante da mãe.

– As coisas mudaram por aqui.

Ele indicou a janela com a cabeça, ouvindo os rogos do sacerdote da Divindade Única que lhes vinham débeis lá de fora.

– As coisas estão em ruínas aqui. – O olhar de sua mãe voltou ao rosto dele, e mais raivoso do que nunca. – Eu tinha acabado de tirar o luto pela sua morte quando chegou uma águia para mãe Gundring. Um convite para o casamento do Rei Supremo em Skekenhouse.

– A senhora foi?

Ela bufou.

– Estou relutante em comparecer.

– Por quê?

– Porque avó Wexen está considerando que eu seja a noiva, Yarvi.

Os olhos dele se arregalaram.

– Ah.

– É. “Ah” mesmo. Pensam em me acorrentar à chave daquele remanescente velho e murcho e fazer com que eu teça ouro para eles a partir de palha. Enquanto isso, a víbora do seu tio e sua filha inútil me frustram o tempo todo e se esforçam ao máximo para destruir tudo o que eu construí aqui.

– Isriun? – murmurou Yarvi, com uma levíssima rouquidão na voz. Quase acrescentou “minha noiva”, mas com um olhar para Sumael, achou melhor se conter.

– Eu sei o nome dela – rosnou a mãe. – Optei por não usá-lo. Eles violam acordos que levaram anos para serem fechados, num instante transformam amigos obtidos com dificuldade em inimigos, tomam os bens de mercadores estrangeiros e os expulsam do mercado. Se o objetivo deles era arruinar Gettland, não poderiam ter feito um serviço melhor. Entregaram minha casa da moeda como templo à falsa deusa do Rei Supremo, você viu?

– Algo assim...

– Uma deusa se erguendo acima de todos os outros, como um Rei Supremo senta-se acima de todos os outros. – Ela soltou um riso sem alegria que fez Yarvi dar um pulo. – Eu luto contra eles, mas estou perdendo terreno. Não entendem o campo de batalha, mas têm o Trono Negro. Têm a chave do Tesouro. Eu batalho todo dia, com cada arma e estratégia...

– Menos com a espada – grunhiu Nada, sem erguer a vista.

Laithlin virou seu olhar de adaga para ele.

– Esse será o próximo passo. Mas Odem não se arrisca com a própria segurança, e tem todos os guerreiros de Gettland para protegê-lo. Eu não tenho mais de quarenta em minha casa. Há Hurik...

– Não – interrompeu Yarvi. – Hurik é homem de Odem. Ele tentou me matar.

Os olhos da mãe se arregalaram.

– Hurik é meu Escudo Escolhido. Ele nunca me trairia...

– Ele me traiu com bastante facilidade. – Yarvi se lembrou do sangue de Keimdal espirrando no seu rosto. – Acredite, esse é um momento que eu provavelmente não esquecerei nunca.

Laithlin arreganhou os dentes e pousou um punho trêmulo sobre a mesa.

– Farei com que ele seja afogado no pântano. Mas, para vencer Odem, precisaremos de um exército.

Yarvi umedeceu os lábios.

– Tenho um exército a caminho.

– Eu perdi um filho e ganhei um mágico? De onde?

– Vansterland – respondeu Nada.

Houve um silêncio pesado.

– Certo.

A mãe de Yarvi se virou, carrancuda, para irmã Owd, que deu um sorriso de desculpas, depois pigarreou e fitou o chão. Poucas pessoas olhavam para outro lugar quando Laithlin estava no mesmo aposento.

– Você forjou uma aliança com Grom-gil-Gorm? O homem que matou seu pai e vendeu você como escravo?

– Ele não matou meu pai. Tenho certeza disso. – Pelo menos três quartos de certeza. – Odem matou seu marido e seu filho, o próprio irmão e o sobrinho. E devemos aceitar os aliados que os ventos nos enviam.

– Qual é o preço de Gorm?

Yarvi passou a língua pelo céu da boca seco. Ele deveria saber que a Rainha Dourada questionaria os detalhes do acordo.

– Que eu me ajoelhe diante dele e seja seu vassalo.

No canto da sala, Nada soltou um grunhido raivoso.

Os olhos da mãe de Yarvi estremeceram.

– O rei ajoelhado diante do inimigo mais odiado? O que seu povo vai pensar de uma barganha tão demoníaca?

– Assim que Odem estiver afundado no pântano, podem pensar o que quiserem. Melhor um rei de joelhos do que um mendigo de pé. Mais tarde posso me levantar.

Um sorriso tocou o canto da boca de Laithlin.

– Você é muito mais meu filho do que do seu pai.

– E tenho orgulho disso.

– Mesmo assim... Você soltaria aquele carniceiro em Thorlby? Transformaria sua própria cidade num matadouro?

– Ele só vai servir de isca para os guerreiros da cidade – disse Yarvi. – Vai atraí-los para fora, de modo que a cidadela fique com poucos homens. Nós

vamos entrar pelos túneis embaixo da rocha, lacrar o Portão Que Grita e dominar Odem enquanto ele estiver desprotegido. A senhora pode arranjar bons homens para isso?

– Talvez. Acho que sim. Mas seu tio não é idiota. E se ele não cair na armadilha? E se mantiver os homens na cidadela e esperar em segurança?

– E parecer um covarde enquanto o Quebrador de Espadas zomba dele em sua própria soleira? – Yarvi se inclinou para a frente, olhando nos olhos da mãe. – Não. Eu já estive onde ele está e conheço sua mente. Odem é novo no Trono Negro. Não tem grandes vitórias para cantar. E tem a memória do meu pai e a lenda de tio Uthil a superar. – Yarvi sorriu, porque conhecia a sensação de sempre espreitar à sombra de um irmão mais habilidoso. – Odem não vai abrir mão de uma chance de ouro de fazer o que seus irmãos nunca conseguiram: derrotar Grom-gil-Gorm e provar que é um poderoso líder guerreiro.

O sorriso da mãe se alargou e Yarvi se perguntou se já a vira olhá-lo com admiração.

– Seu irmão podia ter mais dedos, mas os deuses guardaram toda a inteligência para você. Você se tornou um homem muito esperto, Yarvi.

Pelo jeito, a empatia, se bem usada, podia ser uma arma mortal.

– Meus anos de treinamento para o Ministério não foram desperdiçados. Mesmo assim, a ajuda de alguém próximo de Odem aumentaria nossas chances. Poderíamos procurar mãe Gundring...

– Não. Ela é ministra de Odem.

– Ela é minha ministra.

Laithlin balançou a cabeça.

– Na melhor das hipóteses, a lealdade dela ficaria dividida. Quem sabe o que ela julgaria ser o bem maior? Já existe muita coisa que pode dar errado.

– Mas há muito a ganhar. Grandes ganhos implicam grandes riscos.

– É verdade. – Ela se levantou sacudindo as saias e encarou-o, admirada. – Quando foi que meu filho predileto virou um jogador?

– Quando o tio dele o jogou no mar e roubou seu direito de nascença.

– Ele subestimou você, Yarvi. E eu também. Mas fico feliz em aprender com meu erro. – O sorriso dela desapareceu e a voz assumiu um tom mortal. – Ele aprenderá sangrando. Mande seu pássaro para Grom-gil-Gorm, irmãzinha. Diga que esperamos ansiosamente a chegada dele.

Irmã Owd fez uma profunda reverência.

– Farei isso, minha rainha, mas... depois não haverá como recuar.

A mãe de Yarvi soltou um riso sem alegria.

– Pergunte à sua senhora, irmã. Eu não sou de recuar. – Ela estendeu a mão forte por cima da mesa e pousou-a sobre a mão fraca de Yarvi. – Nem meu filho.

No escuro

– Este é um risco desgraçado – sussurrou Rulf, as palavras amortecidas no escuro.

– A vida é um risco – respondeu Nada. – Tudo, desde o nascimento.

– Ainda assim, o homem pode correr até a Última Porta nu e gritando ou andar pisando leve na outra direção.

– A morte vai fazer todos nós entrarmos, independentemente de qualquer coisa – disse Nada. – Eu opto por encará-la.

– Da próxima vez, posso escolher ficar em outro lugar?

– Chega de discussão! – sibilou Yarvi. – Vocês parecem cachorros velhos em cima do último osso!

– Nem todos podemos agir como reis – murmurou Rulf, com mais do que um pouquinho de ironia.

Talvez, quando a pessoa já tivesse visto um sujeito defecar todo dia num balde ao seu lado, fosse difícil aceitar que ele se sentasse entre deuses e homens.

Fechos guincharam com a ferrugem de anos e, em meio a uma chuva de poeira, o portão se abriu. Um dos inglings de sua mãe estava espremido na estreita passagem em arco do outro lado, franzindo a testa para eles.

– Vocês foram vistos? – perguntou Yarvi.

O escravo balançou a cabeça, virou-se e subiu a escada estreita, encurvado sob o teto baixo. Yarvi se perguntou se ele seria de confiança. Sua mãe achava que sim. Mas ela havia confiado em Hurik. O rapaz tinha superado a ideia infantil de que os pais sabiam tudo.

Nos últimos meses, tinha superado todo tipo de ideia.

A escada dava numa grande caverna, a pedra áspera do teto incrustada com dentes de calcário, cada um com a própria gota de orvalho, rebrilhando à luz das tochas que eles carregavam.

– Estamos embaixo da cidadela? – perguntou Rulf, espiando, nervoso, para o inimaginável peso de pedra sobre sua cabeça.

– A rocha é repleta de passagens – respondeu Yarvi. – Com antigos túneis élficos e porões mais novos. Com portas escondidas e buracos para espiar. Alguns reis, e todos os ministros, às vezes querem andar sem ser observados. Mas ninguém conhece estes caminhos como eu. Passei metade da infância nas sombras. Escondido do meu pai ou do meu irmão. Esgueirando-me de um lugar de solidão a outro. Vendo sem ser visto e fingindo que participava do que via. Inventando uma vida onde eu não era um pária.

– História triste – murmurou Nada.

– Terrível. – Yarvi se lembrou de quando era mais novo, chorando no escuro, desejando que alguém o encontrasse, mas sabendo que não se importavam o suficiente para procurá-lo, e balançou a cabeça, enojado com a fraqueza passada. – Mas ainda pode ter um final feliz, não é mesmo?

– Pode. – Nada roçou uma das mãos pela parede ao lado. Uma face inteiriça de pedra élfica, com milhares de anos e lisa como se tivesse sido erguida no dia anterior. – Desse modo, os homens de sua mãe podem entrar na cidadela sem ser vistos.

– Enquanto os de Odem saem lá em cima para enfrentar Grom-gil-Gorm.

O ingling estendeu o braço para fazê-los parar.

A passagem terminava num poço redondo. Lá em cima um pequeno círculo de luz, lá embaixo um leve brilho de água. Uma escada subia em caracol, tão estreita que Yarvi precisava andar de lado, os ombros roçando na pedra élfica, os bicos das botas raspando a borda, o suor pingando da testa. Na metade do caminho, veio um zumbido de cima e Yarvi se encolheu quando algo passou rapidamente pelo seu rosto; ele só não tombou porque Rulf segurou seu braço.

– Eu não gostaria que o seu reino fosse abreviado por um balde.

O balde bateu na água lá embaixo e Yarvi suspirou fundo. A última coisa de que precisava era outro mergulho na água fria.

Vozes de mulheres ecoavam ao redor, estranhamente altas.

–... ela continua se recusando.

– Você iria querer se casar com aquele velho caquético depois de ter sido esposa de um homem como Uthrik?

– O que ela quer não importa. Se um rei senta-se entre deuses e homens, o Rei Supremo senta-se entre reis e deuses. Ninguém diz “não” a ele para sempre...

Continuaram em frente, arrastando os pés. Mais sombras, mais degraus, mais lembranças vergonhosas, paredes de pedra áspera assentadas por homens, que pareciam mais velhas, porém eram milhares de anos mais novas do que os túneis abaixo, com a luz do dia piscando através das grades perto do teto.

– Quantos homens a rainha comprou? – perguntou Rulf.

– Trinta e três – respondeu o ingling por cima do ombro. – Até agora.

– Homens habilidosos?

– Homens. – O ingling deu de ombros. – Vão matar ou morrer de acordo com a sorte.

– De quantos homens Odem poderia dizer o mesmo? – perguntou Nada.

– De muitos – respondeu o ingling.

– Mas isso só deve corresponder a um quarto deles – comentou Yarvi, ficando nas pontas dos pés para olhar através de uma grade.

O quadrado de treino fora estabelecido aquele dia no pátio da cidadela, em cujo canto ficava o cedro antigo. Os guerreiros estavam praticando com escudos, formando paredes e cunhas e partindo-as, o aço relampejando ao sol fraco, batendo ruidosamente em madeira, o som de pés se arrastando. As instruções de mestre Hunnan chegavam nítidas no ar frio, ordens para bloquear, manter-se perto do braço direito, golpear baixo, como costumavam ser rosnadas para Yarvi, com pouquíssimo resultado.

– Um grande número de homens – disse Nada, num claro eufemismo.

– Bem treinados e endurecidos pela batalha, em seu próprio terreno – acrescentou Rulf.

– *Meu* terreno – forçou Yarvi entre os dentes trincados. Guiou-os em frente, cada degrau, cada pedra tornando-se familiar. – Está vendo ali?

Ele puxou Rulf para perto, apertando-o contra outra grade estreita com vista para o único portão da cidadela. A porta de madeira incrustada de ferro estava aberta, flanqueada por guardas, mas nas sombras do topo do arco reluzia o cobre polido.

– O Portão Que Grita – sussurrou.

– Por que esse nome? – perguntou Rulf. – Por causa dos gritos que vamos dar quando tudo der errado?

– Não se preocupe com o nome. Ele cai para lacrar a cidadela. Seis ministros criaram o mecanismo. Um único pino de prata sustenta tudo lá no alto. Ele é sempre vigiado, mas uma escada escondida vai até a sala de controle. Quando o dia chegar, Nada e eu vamos levar uma dúzia de homens e tomá-la. Rulf, você vai levar arqueiros para o topo, prontos para transformar os guardas do meu tio em almofadas de alfinetes.

– Sem dúvida serão ótimas almofadas.

– No momento adequado, nós puxaremos o pino, o portão cairá e Odem ficará preso no lado de dentro.

Yarvi visualizou o horror no rosto do tio quando o Portão Que Grita desabasse e desejou, não pela primeira vez, que fazer fosse tão fácil quanto falar.

– Odem fica preso... – Os olhos de Nada brilharam no escuro. – E nós também.

Houve gritos de comemoração no pátio ao término do último exercício. Um lado era vitorioso, o outro estava desanimado.

Yarvi indicou o ingling silencioso com a cabeça.

– O escravo da minha mãe vai mostrar o caminho a vocês. Aprendam.

– Aonde você vai? – perguntou Rulf, depois acrescentou, inseguro: – Meu rei?

– Preciso fazer uma coisa.

Prendendo o fôlego para que nem mesmo o menor som o traísse, Yarvi passou pela escuridão bolorenta em direção à porta escondida entre as pernas do Pai Paz, grudou-se na fenda de espionar e contemplou o Salão dos Deuses.

Ainda não era meio-dia e o rei de Gettland se encontrava em seu lugar de direito: o Trono Negro. Estava de costas, por isso Yarvi não podia ver o rosto de Odem, apenas a silhueta dos ombros, o brilho do Círculo do Rei no cabelo. Mãe Gundring sentava-se na banqueta ao lado direito dele, a mão trêmula com o esforço de segurar o cajado de ministra.

Diante do patamar elevado, formando um mar de rostos na penumbra, estavam os grandes e bons de Gettland, ou pelo menos os maus e mesquinhos, com as melhores fivelas e chaves polidas e o sorriso servil forçado. Os mesmos

homens e mulheres que tinham chorado quando o pai de Yarvi fora enterrado e se perguntaram se encontrariam alguém como ele de novo. Não em seu filho mais novo, uma pilhéria aleijada, isso era certo.

De pé, empertigada nos degraus abaixo do trono, com Hurik às costas, estava a mãe de Yarvi.

Ele não podia ver o rosto de Odem, mas ouvia o eco da voz do falso rei no espaço sagrado. Calma e razoável como sempre. Paciente como o inverno. Sentiu um tremor invernal ao ouvi-la.

– Posso perguntar à nossa honrada irmã quando pretende viajar para Skekenhouse?

– Assim que puder, meu rei – respondeu Laithlin. – Tenho questões comerciais prementes que...

– Agora eu uso a chave do Tesouro.

Yarvi olhou do canto da fenda e viu Isriun sentada do outro lado do Trono Negro. Sua noiva. Sem contar que também fora do seu irmão. A chave do Tesouro estava pendurada em seu pescoço e, segundo todas as aparências, aquilo pesava menos do que ela temera um dia.

– Posso resolver seus negócios, Laithlin.

Isriun parecia pouco aquela garota nervosa que lhe entoara as promessas embargadas, naquela mesma câmara. Yarvi se lembrou dos olhos dela brilhando ao tocar o Trono Negro e os viu brilhar agora enquanto fitava o pai sentado ali.

Pelo jeito Yarvi não era o único que havia mudado desde que partira para Amwend.

– Cuide disso logo – disse Odem.

– Para que a senhora possa se tornar a Rainha Suprema acima de todos nós – acrescentou mãe Gundring, levantando o cajado apenas por um momento, o metal élfico reluzente, escuro.

– Ou se ajoelhar como a guarda-livros de avó Wexen – reagiu rispidamente Laithlin.

Houve uma pausa e Odem falou baixinho:

– Existem destinos piores, irmã. Precisamos cumprir com nosso dever. Precisamos fazer o que for melhor para Gettland. Cuide disso.

– Meu rei – obrigou-se ela a dizer entre os dentes, fazendo uma reverência.

Apesar de Yarvi ter sonhado frequentemente com isso, sentiu uma raiva ardente ao vê-la humilhada.

– Agora deixem-me com os deuses – ordenou Odem, dispensando os súditos.

A porta foi aberta, os grandes homens e mulheres fizeram mesuras, demonstrando seu respeito sem fim, e saíram para a luz. A mãe de Yarvi os seguiu e a última a sair foi Isriun, sorrindo para o pai junto à porta, como um dia havia sorrido para Yarvi.

Ela se fechou com um estrondo cheio de ecos e um silêncio pesado se acomodou. Com um gemido, Odem se levantou do Trono Negro como se ele o queimasse. Virou-se, e Yarvi percebeu que prendera a respiração.

O rosto do tio continuava como ele recordava: forte, de linhas duras e barba grisalha. Muito parecido com Uthrik, mas com uma suavidade e uma preocupação que nem mesmo Yarvi pudera encontrar nas feições do pai.

O ódio deveria ter inundado Yarvi e varrido todos os seus temores, afogando a incerteza irritante que o fazia duvidar se a retomada do Trono Negro valia o sangue que certamente custaria.

Porém, quando viu o rosto do inimigo, assassino de sua família e usurpador de seu reino, o coração de Yarvi o traiu e ele foi tomado por uma espantosa e sufocante onda de amor. Pelo único parente que já lhe oferecera alguma gentileza. Que já o fizera se sentir amado. Que o fizera sentir que merecia ser amado. Em seguida, lhe veio uma tristeza sufocante pela perda desse homem. Os olhos de Yarvi ficaram marejados, ele apertou os dedos tortos contra a pedra fria, odiando-se pela fraqueza.

– Não quero mais ser vigiado!

Yarvi saltou, afastando-se da fenda, mas o olhar de Odem estava fixado no alto. Ele caminhou lentamente, os passos ecoando na aveludada penumbra daquele espaço enorme.

– Vocês me abandonaram? – gritou. – Como abandonei vocês?

Falava com as estátuas de âmbar ao redor da cúpula. Falava com os deuses, e sua voz falha não parecia nem um pouco calma. Tirou o Círculo do Rei que Yarvi usara e, com um franzido no rosto, esfregou as marcas deixadas na testa.

– O que eu podia fazer? – sussurrou, tão baixinho que Yarvi mal conseguiu escutar. – Todos nós servimos a alguém. Para tudo há um preço.

Yarvi pensou nas últimas palavras que Odem lhe dissera, afiadas como facas em sua lembrança.

Você daria um ótimo bufão. Mas minha filha terá mesmo um fracote maneta como marido? Uma marionete aleijada controlada pela mãe?

Agora, o ódio borbulhou, quente e tranquilizador. Yarvi não fizera um juramento? Por seu pai. Por sua mãe.

Por si mesmo.

Com um chiado levíssimo, a espada de Shadikshirram saiu da bainha e Yarvi pressionou o punho nodoso da mão esquerda contra a porta oculta. Um bom empurrão a faria se abrir, ele sabia. Um empurrão, três passos e um golpe de espada poderiam acabar com aquilo. Umedeceu os lábios e ajeitou a mão no cabo, firmando os ombros para o esforço, o sangue martelando nas têmporas...

– Chega! – rugiu Odem, os ecos ressoando, e Yarvi se imobilizou outra vez. O tio havia pegado o Círculo do Rei e colocado de novo na cabeça. – O que está feito está feito! – Ele sacudiu o punho para o teto. – Se vocês queriam que fosse diferente, por que não me impediram?

Ele girou nos calcanhares e saiu da câmara.

– Eles me mandaram para isso – sussurrou Yarvi, enfiando a espada de Shadikshirram de volta na bainha.

Agora, não. Ainda não. Não era tão fácil assim. Mas suas dúvidas foram destruídas.

Mesmo se tivesse que afundar Thorlby em sangue.

Odem precisava morrer.

A luta de um amigo

Yarvi fazia força no remo, sabendo que o chicote estava acima dele. Puxava e rosnava, usando até mesmo o cotoco de dedo, mas como poderia movê-lo sozinho?

A Mãe Oceano irrompia rugindo no porão do *Vento Sul* e Yarvi tentava desesperadamente ajeitar a escada de mão, observava os homens forçando as correntes para respirar uma última vez enquanto a água imergia seus rostos.

– Crianças malandras e crianças burras se afogam do mesmo jeito – disse Trigg, com o sangue escorrendo do corte reto no crânio.

Yarvi deu mais um passo, afundando na neve implacável, escorregou e ficou oscilando em rocha quente, lisa como gelo. Para onde quer que corresse, os cães sempre tentavam morder seus calcanhares.

Os dentes de Grom-gil-Gorm eram vermelhos e seu rosto estava sujo de sangue. Os dedos de Yarvi se entrelaçavam em seu colar.

– Estou indo – cantarolou ele como o som de um sino. – E a Mãe Guerra vai comigo.

– Está pronto para se ajoelhar? – perguntou mãe Scaer, os braços cobertos com vistosas pulseiras élficas e os corvos em seus ombros não paravam de gargalhar.

– Ele já está de joelhos – disse Odem, os cotovelos apoiados nos braços do Trono Negro.

– Ele sempre esteve – replicou Isriun, sorrindo sem parar.

– Todos servimos a alguém – falou avó Wexen, com um brilho ávido no olhar.

– Chega! – sibilou Yarvi. – Chega!

Escancarou a porta escondida, golpeando com a espada curva. Os olhos de Ankran se arregalaram quando a lâmina o atravessou.

– O aço é a resposta – disse ele.

Shadikshirram grunhiu e deu cotoveladas. Yarvi a socou. O metal fez um som chapinhado na carne e ela lhe sorriu por cima do ombro.

– Ele está vindo – sussurrou. – Ele está vindo.

Yarvi acordou suado, embolado nos cobertores, golpeando o colchão.

Um rosto demoníaco pairava acima dele, feito de chamas, sombras e fumaça ardente. Ele se encolheu para longe, depois ofegou aliviado ao perceber que era Rulf, segurando uma tocha por causa da escuridão.

– Grom-gil-Gorm está vindo.

Yarvi se livrou dos cobertores. Sons ecoavam distorcidos através da janela. Estalos, gritos. O clangor de sinos.

– Ele atravessou a fronteira com mais de mil homens. Podem ser cem mil, dependendo do boato que você ouça.

Yarvi pestanejou, tentando afastar o sonho.

– Já?

– Ele se move rápido como o fogo e se espalha como o caos. Os mensageiros mal conseguiram chegar antes dele. Está a apenas três dias da cidade. Há um tumulto generalizado em Thorlby.

No andar de baixo, o cinza fraquíssimo do alvorecer era filtrado pelos postigos, atingindo rostos pálidos. Fumaça e medo. Dava para ouvir fracamente o sacerdote do lado de fora, numa voz entrecortada, chamando as pessoas para se ajoelharem diante da Divindade Única e serem salvas.

Ajoelharem-se diante do Rei Supremo e se tornarem escravas.

– Seus corvos voam rápido, irmã Owd – comentou Yarvi.

– Eu disse que eles voariam, meu rei.

Yarvi se retraiu diante dessa palavra. Ainda lhe parecia uma piada. Na verdade, era, e seria até que Odem estivesse morto.

Encarou os antigos companheiros de remo. Sumael e Jaud acalentavam, cada um, seu próprio medo. Nada exibia um sorriso faminto e a espada polida.

– Essa luta é minha – disse Yarvi. – Não vou culpar ninguém que for embora.

– Eu e meu aço estamos jurados a esse propósito. – Nada espanou um grão de poeira da espada com a ponta do polegar. – A única porta que irá me deter será a Última.

Yarvi assentiu e, com a mão boa, apertou o braço de Nada.

– Não finjo entender sua lealdade, mas estou grato por ela.

Os outros foram mais lentos em abraçar a causa.

– Eu estaria mentindo se dissesse que a desvantagem numérica não me incomoda – confessou Rulf.

– Ela incomodou você na fronteira – retrucou Nada – e, no fim, queimamos os corpos de nossos inimigos.

– E o corpo do nosso amigo. E fomos capturados por um bando de vansterlandeses furiosos. De novo os vansterlandeses furiosos estão envolvidos e, se esse plano desandar, duvido que vamos nos livrar na base da conversa, por mais que o seu jovem rei tenha a língua hábil.

Yarvi pôs a mão aleijada no punho da espada de Shadikshirram.

– Então nosso aço deve falar por nós.

– É fácil falar antes que ele seja desembainhado. – Sumael franziu a testa para Jaud, do outro lado. – Acho que seria melhor irmos para o sul antes que as espadas começassem a falar.

Jaud olhou de Yarvi para Sumael, e de volta para o rei de direito. Seus ombros grandes descaíram. *O sábio espera por seu momento, mas nunca o deixa passar.*

– Vocês podem ir com minha bênção, mas eu preferiria tê-los ao meu lado – disse Yarvi. – Juntos nós vencemos o *Vento Sul*. Juntos escapamos dele. Juntos enfrentamos o gelo e saímos do outro lado. Também vamos superar isso agora. Juntos. Só deem mais uma remada comigo.

Sumael piscou para Jaud, depois se inclinou para perto dele.

– Você não é guerreiro nem rei. É um padeiro.

Jaud olhou de soslaio para Yarvi e suspirou.

– E remador.

– Não por opção.

– Não há muita coisa importante na vida que seja feita por opção. Que tipo de remador abandona o companheiro?

– Essa luta não é nossa! – sibilou Sumael, em voz baixa e urgente.

Jaud deu de ombros.

– A luta do meu amigo é minha.

– E a água mais doce do mundo?

– Vai continuar doce mais tarde. Talvez ainda mais. – Jaud deu um sorriso débil para Yarvi. – Quando você tem um fardo, é melhor carregá-lo do que chorar.

– Todos nós podemos acabar chorando – retrucou Sumael, dando um passo lento na direção de Yarvi, os olhos escuros fixos nos dele.

Ela ergueu a mão para tocá-lo e ele prendeu a respiração.

– Por favor, Yorv...

– Meu nome é Yarvi.

Ainda que doesse, ele a encarou com uma dureza de pedra, como sua mãe teria feito. Gostaria de segurar a mão dela, como havia feito na neve. Ser puxado para longe até a Primeira Cidade e ser Yorv outra vez, e que se danasse o Trono Negro.

Adoraria fazer isso, mas não podia se dar ao luxo de esmorecer. Por nada. Tinha feito um juramento e precisava dos companheiros de remo ao seu lado. Precisava de Jaud. Precisava dela.

– E você, Rulf? – perguntou.

Ele remexeu a boca, enrolou cuidadosamente a língua e cuspiu pela janela.

– Quando o padeiro luta, o que o guerreiro pode fazer? – Seu rosto largo se abriu num sorriso. – Meu arco é seu.

Sumael deixou a mão pender e olhou para o chão, retorcendo a boca fendida.

– A Mãe Guerra governa, então. O que eu posso fazer?

– Não há o que fazer – disse Nada.

A barganha da Mãe Guerra

O pombal continuava empoleirado no topo de uma das torres mais altas da cidadela, o exterior e o interior ainda riscados por séculos de excrementos, e através de suas muitas janelas seguia soprando um vento frio. Mais frio do que nunca.

– Frio desgraçado – murmurou Yarvi.

Sumael olhava através da luneta, a boca fixa numa linha dura.

– Está dizendo que nunca passou por um frio maior?

– Você sabe que passei.

Os dois tinham passado, no gelo opressor. Mas parecia que houvera entre os dois uma fagulha que o esquentara. Agora ele a apagara completamente.

– Desculpe – disse Yarvi, mas a palavra saiu como um grunhido de má vontade. Sumael continuou em silêncio e ele se pegou tagarelando: – Desculpe pelo que minha mãe disse a você... por pedir a Jaud para ficar... por não...

– Sem dúvida um rei nunca precisa se desculpar.

Ele se retraiu.

– Sou o mesmo homem ao lado de quem você dormia no *Vento Sul*. O mesmo homem...

– Sério? – Então ela enfim o encarou, mas não havia suavidade no olhar. – Lá em cima do morro. – Sumael lhe entregou a luneta. – Fumaça.

– Fumaça – grasnou um pombo. – Fumaça.

Sumael fitou o bicho com suspeita e, nas gaiolas dispostas junto às paredes, os pombos a olharam de volta, sem piscar. Todos, menos a águia cor de bronze, enorme e régia, que devia ter vindo de avó Wexen com outra oferta – ou exigência – de casamento para a mãe de Yarvi. Ela cutucava orgulhosamente a plumagem e não se dignava a olhar para baixo.

– Fumaça, fumaça, fumaça...

– Você pode fazer com que eles parem? – perguntou Sumael.

– Eles ecoam partes das mensagens que foram treinados para dizer. Não se preocupe, não entendem o que dizem.

Se bem que, enquanto aquelas dezenas de olhos se viravam para ele como se fossem um só, as cabeças inclinadas com atenção, Yarvi foi obrigado a se perguntar outra vez se poderiam entender mais do que ele. Voltou-se de novo para a janela e encostou a luneta no olho, avistando o fio oblíquo de fumaça contra o céu.

– Há uma fazenda naquela direção.

O dono fizera parte da procissão de enlutados que torciam as mãos no funeral de seu pai. Yarvi tentou não pensar se o homem estaria na propriedade quando Grom-gil-Gorm fizera a visita. E, se não estava, quem se acharia lá para receber os vansterlandeses, e o que acontecera com eles desde...

Um ministro sábio pesa o bem maior, dizia sempre mãe Gundring, *e encontra o menor mal.* Um rei sábio só poderia fazer o mesmo, certo?

Ele virou a luneta para longe da fazenda incendiada, examinando o horizonte serrilhado, e captou o vislumbre de sol refletido em aço.

– Guerreiros.

Vindo pela estrada do norte, afluindo de uma fenda nos morros. Vistos daquela distância, pareciam se arrastar, lentos como melaço no inverno. Yarvi percebeu que estava mordendo o lábio, instigando-os mentalmente.

– O rei de Gettland – murmurou consigo mesmo. – Instigando um exército de vansterlandeses a atacar Thorlby.

– Os deuses cozinham receitas estranhas – disse Sumael.

Yarvi ergueu os olhos para o teto em cúpula, os deuses pintados na forma de pássaros, em cores descamadas. Aquele Que Carrega a Mensagem. Aquela Que Agita os Galhos. Aquela Que Falou a Primeira Palavra e Falará a Última. E, pintada com asas vermelhas no centro, sorrindo sangue, a Mãe Guerra.

– Raramente rezei para você, eu sei – sussurrou Yarvi para a imagem. – O Pai Paz sempre me agradou mais. Contudo, dê-me a vitória neste dia. Devolva-me o Trono Negro. Você me testou e eu estou pronto. Não sou o idiota que era antes, nem o covarde, nem a criança. Sou o rei legítimo de Gettland.

Um dos pombos escolheu esse momento para soltar um jato de excremento no chão ao lado dele. Seria a resposta da Mãe Guerra?

Yarvi trincou os dentes.

– Se você optou por não me tornar rei... se optou por me enviar através da Última Porta hoje... pelo menos permita que eu cumpra meu juramento. – Ele cerrou os punhos com força, embranquecendo os nós dos dedos. – Dê-me a vida de Odem. Dê-me a vingança. Conceda-me isso e estarei satisfeito.

Não era uma oração edificante, como os ministros aprendem. Não era uma oração de doação ou criação. Mas dar e criar não são nada para a Mãe Guerra. Ela é a que toma, a que quebra, a que enviúva. Só se interessa por sangue.

– O rei deve morrer – sibilou ele.

– O rei deve morrer! – guinchou a águia, esticando-se e abrindo as asas de modo a preencher a gaiola, parecendo escurecer toda a câmara. – O rei deve morrer!

– Chegou a hora – avisou Yarvi.

– Ótimo – falou Nada. Através da fenda alta num elmo que escondia a maior parte do rosto, sua voz ressoava metálica.

– Ótimo – disseram os dois inglings juntos, um deles girando um grande machado como se fosse um brinquedo.

– Ótimo – murmurou Jaud, mas não parecia nem um pouco feliz. Sentia-se desconfortável em seu equipamento de guerra emprestado e mais ainda ao ver seus irmãos de armas agachados nas sombras profundas do túnel élfico.

Sinceramente, eles inspiravam pouca confiança em Yarvi. Era um grupo de criaturas horríveis que o ouro da mãe havia comprado para sua causa. Cada terra ao redor do Mar Despedaçado – e algumas muito mais distantes – tinha contribuído com dois dos seus piores filhos. Eram patifes, cortadores de gargantas, piratas e condenados, alguns com o crime tatuado na testa. Um deles, com um olho que vivia lacrimejando, tinha o rosto tomado pelos nomes de seus delitos em azul. Homens sem consciência nem causa. Para não mencionar três temíveis mulheres shends, cheias de lâminas e musculosas como pedreiros, que adoravam mostrar os dentes de pontas malignas para qualquer um que olhasse em sua direção.

– Não são as primeiras pessoas que eu escolheria para confiar minha vida – resmungou Rulf, desviando o olhar com cautela.

– O que você pode pensar com relação a uma causa – murmurou Jaud – quando todas as pessoas decentes estão do outro lado?

– Muitas tarefas exigem pessoas decentes. – Nada remexeu o elmo cuidadosamente para um lado e para o outro. – O assassinato de um rei não é uma delas.

– Isso não é assassinato – rosnou Yarvi. – E Odem não é rei de verdade.

– Shhh – fez Sumael, revirando os olhos para o teto.

Sons fracos eram filtrados pela rocha. Gritos, talvez, estrépito de armas. Um levíssimo sopro de alarme.

– Eles sabem que nossos amigos chegaram.

Yarvi engoliu o nervosismo.

– Aos seus lugares.

O plano estava bem ensaiado. Rulf levava uma dezena de homens habilidosos com arcos. Cada ingling seguiria com outros dez até esconderijos, de onde poderiam chegar rapidamente ao pátio. A dezena que ficou se esgueirou pela escada em caracol atrás de Yarvi e Nada. Em direção à sala da corrente, acima da única entrada da cidadela. Em direção ao Portão Que Grita.

– Tenham cuidado – sussurrou Yarvi, parando junto à porta oculta, ainda que sua garganta estivesse quase apertada demais para que conseguisse emitir as palavras. – Os homens que estão aí dentro não são nossos inimigos...

– Por hoje, serão – interrompeu Nada. – E a Mãe Guerra odeia a cautela.

Ele chutou a porta, escancarando-a, e passou abaixando-se.

– Maldição! – sussurrou Yarvi, indo atrás rapidamente.

A sala da corrente estava na penumbra, a luz penetrando por janelas estreitas, o ribombar de botas ecoando alto na passagem embaixo. Dois homens se encontravam sentados à mesa. Um deles se virou e seu sorriso desapareceu ao ver a espada na mão de Nada.

– Quem são...?

O aço relampejou num feixe de luz e a cabeça dele foi arrancada com um estalo úmido, girando até um canto. A cena pareceu ridícula, uma piada de titereiro numa feira de primavera, mas agora nenhuma criança riu. Nada passou pelo corpo frouxo, acertou o outro homem embaixo do braço enquanto ele se levantava e cravou a espada em seu peito. O sujeito ofegou, tentou esticar a mão para a mesa onde jazia um machado.

Com uma das botas, Nada empurrou o móvel cuidadosamente para fora do alcance dele, depois soltou a espada e baixou o sujeito devagar, sentado com as

costas na parede, estremecendo em silêncio enquanto a Morte lhe abria a Última Porta.

– A sala da corrente é nossa.

Nada espiou por um arco na outra extremidade, então fechou a porta e passou o trinco.

Yarvi se ajoelhou ao lado do homem agonizante. Ele o conhecia. Ou conhecera. Seu nome era Ulvdem. Não chegava a ser seu amigo, mas não era um dos piores. Tinha sorrido uma vez de uma piada de Yarvi, que ficara satisfeito.

– Você precisava matá-los?

– Não. – Nada limpava a espada com minúcia. – Poderíamos deixar que Odem fosse rei.

Os mercenários se espalhavam, franzindo a testa para a peça central da sala, fundamental para o plano: o Portão Que Grita. A parte de baixo penetrava no piso e o topo estava enfiado no teto, uma parede de cobre polido brilhante, gravada com uma centena de rostos que rosnavam, guinchavam, uivavam de dor, medo ou fúria, fluindo um para o outro como reflexos num lago.

Sumael ficou parada, olhando aquilo com as mãos nos quadris.

– Acho que agora posso adivinhar por que se chama Portão Que Grita.

– Algo medonho em que colocar nossas esperanças – disse Jaud.

Yarvi roçou o metal com as pontas dos dedos, frio e terrivelmente sólido.

– Algo medonho para cair na cabeça da gente, sem dúvida.

Ao lado da grande placa, junto de um pilar onde estavam esculpidos os nomes de quinze deuses, havia uma confusão de engrenagens entrelaçadas, rodas com inscrições, correntes enroladas, cujo funcionamento ele apenas começava a deduzir, mesmo com seu olho de ministro. No centro, havia um único pino de prata.

– Esse é o mecanismo.

Jaud estendeu a mão para ele.

– Tudo o que preciso fazer é puxar o pino?

Yarvi lhe deu um tapa na mão.

– No momento certo! No último momento. Quanto mais homens de Odem tiverem saído para enfrentar Gorm, maiores nossas chances.

– Seu tio está falando! – gritou Nada junto a uma janela estreita.

Yarvi abriu os postigos de outra e espiou o pátio. Aquele trecho familiar gramado em meio às muralhas altíssimas, o cedro espalhando os galhos num dos lados. Homens estavam reunidos ali, muitos se armando às pressas, muitos já prontos para a batalha. Os olhos de Yarvi se arregalaram quando viu a quantidade: uns trezentos. E sabia que haveria muitos outros se preparando do lado de fora da cidadela. Acima deles, nos degraus de mármore do Salão dos Deuses, vestido com pele, uma cota de malha prateada e o Círculo do Rei na testa, estava Odem.

– Quem está agora do lado de fora das muralhas de Thorlby? – rugiu ele para os guerreiros reunidos. – Grom-gil-Gorm, o Quebrador de Espadas!

Os homens bateram os pés e soltaram uma tempestade de imprecações e desprezo.

– Aquele que assassinou Uthrik, o rei de vocês e meu irmão!

Houve urros de raiva e Yarvi precisou se conter para não urrar também diante da mentira.

– Mas, em sua arrogância, ele trouxe poucos homens! – berrou Odem. – Nós temos o direito, temos o terreno, temos a quantidade e a qualidade! Vamos deixar que esse exército de imundos fique um momento a mais à vista dos monumentos fúnebres de meus irmãos Uthrik e Uthil, do túmulo do meu avô Angulf Pé-Fendido, Martelo dos Vansterlandeses?

Os guerreiros bateram as armas nos escudos, os escudos nas armaduras, e rugiram dizendo que não.

Odem estendeu a mão, seu ajudante ajoelhado ofereceu-lhe a espada e ele a desembainhou, erguendo-a bem alto, o aço surgindo das sombras e relampejando, tão brilhante que Yarvi precisou desviar o olhar.

– Então vamos honrar a Mãe Guerra e trazer um dia vermelho para ela! Vamos deixar nossas muralhas às costas e sair. Antes do pôr do sol, veremos a cabeça de Grom-gil-Gorm e a de seus cães de Vansterland sobre nossos portões.

– Veremos de quem será a cabeça sobre a muralha esta noite – disse Yarvi, as palavras se perdendo no grito de resposta dos guerreiros de Gettland. Os mesmos que deveriam estar gritando por ele.

– Eles vão sair para lutar – falou Nada.

Os homens começavam a deixar o pátio, convocados em grupos para a formação da parede de escudos, cada qual conhecendo seu lugar, cada qual

pronto para morrer por seu braço direito.

– Você adivinhou corretamente o pensamento de seu tio.

– Não foi adivinhação – retrucou Yarvi.

– Sua mãe estava certa. – Ele viu os olhos de Nada brilharem no escuro da fenda do elmo. – Você se tornou um homem bastante inteligente.

Os guerreiros mais jovens foram primeiro, alguns até mais novos do que Yarvi, seguidos pelos mais velhos e mais experientes nas batalhas. Passaram por baixo do Portão Que Grita, o estardalhaço dos arreios ecoando na sala da corrente, sombras deslizando pelo rosto marcado dos patifes de Yarvi que espiavam pelas fendas no chão para ver os homens melhores passando embaixo. E, a cada um que se ia, a felicidade de Yarvi crescia, porque sabia que suas chances ficavam maiores, e seu medo também se intensificava, porque sabia que o momento estava quase chegando.

O momento de sua vingança. Ou o momento de sua morte.

– O rei está a caminho – avisou Sumael, comprimida nas sombras junto de outra janela.

Odem caminhava entre os veteranos, dirigindo-se para o portão, seguido pelos serviçais que carregavam seu escudo, a espada e os estandartes às costas, dando tapinhas nos ombros dos homens enquanto andava.

– O momento não amadureceu – murmurou Nada.

– Eu sei! – sibilou Yarvi.

As botas continuavam soando, homens saindo da cidadela, mas ainda havia muitos no pátio.

Será que ele tinha suportado, sofrido, sacrificado tudo aquilo para que Odem se desvencilhasse do anzol no último instante? Remexeu o cotoco de dedo, suando até as pontas dos polegares.

– Puxo o pino? – gritou Jaud.

– Ainda não! – guinchou Yarvi, aterrorizado com a hipótese de serem ouvidos através das fendas no piso. – Ainda não!

Odem continuava andando e logo sumiria de vista abaixo do arco. Yarvi ergueu a mão para Jaud, pronto para baixá-la e, com ela, baixar todo o peso do Portão Que Grita.

Mesmo que isso condenasse todos eles.

– Meu rei! – Laithlin surgiu nos degraus do Salão dos Deuses, ladeada por Hurik e mãe Gundring, que estava curvada sobre o cajado. – Meu irmão!

O tio de Yarvi parou, franzindo a testa, e se virou.

– Odem, por favor, uma palavra!

Yarvi mal ousava respirar, com medo de que isso desfizesse o delicado equilíbrio do momento. O tempo se arrastou enquanto Odem olhava para o portão, depois para Laithlin. Em seguida, praguejou e andou na direção dela, os ajudantes mais chegados chacoalhando atrás.

– Espere! – sussurrou Yarvi e, com os olhos arregalados, Jaud afastou os dedos do pino.

Yarvi se grudou à janela, a brisa fresca beijando o rosto reluzente de suor, mas não podia ouvir o que era dito nos degraus do Salão dos Deuses. Sua mãe se ajoelhou aos pés de Odem, pressionou as mãos contra o peito, baixou humildemente a cabeça. Talvez estivesse pedindo desculpas abjetas pela teimosia, pela ingratidão com seu cunhado e com o Rei Supremo. Talvez jurasse obediência e implorasse perdão. Então segurou a mão de Odem com as suas e encostou os lábios nela, e a pele de Yarvi se arrepiou.

O tio olhou para mãe Gundring e assentiu de leve. A ministra o encarou e encolheu um pouco os ombros. Odem tocou no rosto de Laithlin e se afastou, de volta para o portão, com os serviçais e os guardas mais próximos ao redor, num grupo barulhento e ansioso.

Os últimos guerreiros seguiam os irmãos para fora da cidadela e não restavam mais de quarenta homens no pátio. Laithlin entrelaçou as mãos e olhou para a casa do portão. Yarvi fantasiou que ela havia até cruzado olhares com ele.

– Obrigado, mãe – sussurrou.

De novo levantou a mão atrofiada para Jaud. Mais uma vez observou Odem se aproximar do portão. Mas agora, em vez de os deuses despedaçarem todos os seus planos, viu-os oferecer a oportunidade.

– Espere – sussurrou, a respiração quente da palavra pinicando nos lábios. – Espere. – Aquele era o dia. Aquela era a hora. – Espere. – Aquele era o momento. – Agora.

Baixou a mão aleijada e, por mais que fosse fraca, graças à engenhosidade de seis ministros da antiguidade, ela desceu com o peso de montanhas. Jaud soltou o pino, engrenagens giraram, uma corrente se retesou, e o motivo para o nome

ficou subitamente claro. Com um guincho parecido com o de todos os mortos do inferno e uma rajada de vento que arrancou o elmo de Yarvi e jogou-o contra a parede, o Portão Que Grita mergulhou piso adentro.

Bateu no chão embaixo com um estrondo que sacudiu a cidadela até suas raízes perfuradas por túneis élficos, lacrando a entrada com um peso de metal que o próprio Pai Terra teria dificuldade para levantar.

O piso balançou, inclinou-se, e Yarvi pensou por um momento se a própria casa do portão estaria desmoronando com aquele impacto esmagador.

Foi cambaleando até uma fenda no chão, sacudindo a cabeça na tentativa de afastar a tontura, o zumbido dos ouvidos. A passagem embaixo estava cheia dos ajudantes mais próximos de Odem. Alguns cambaleavam com as mãos apertando a cabeça. Alguns se amontoavam junto ao portão, gritando e batendo em silêncio, idiotamente, inutilmente, nos rostos que gritavam. O próprio falso rei estava no meio deles. Seus olhos encontraram os de Yarvi e seu rosto empalideceu como se visse um demônio que tivesse aberto caminho com as garras através da Última Porta.

E Yarvi sorriu.

Em seguida, sentiu-se puxado pelo ombro.

Nada o levantava, gritando em seu rosto. Ele podia ver a boca se mexendo na fenda do elmo, mas só escutava um vago borbulhar.

Seguiu-o rapidamente, pelo piso que se nivelava, descendo uma escada em caracol, ricocheteando nas paredes, empurrado por homens que vinham atrás. Nada escancarou uma porta, uma luminosa passagem em arco no escuro, e irromperam ao ar livre.

A última porta

No pátio da cidadela, o caos dominava.

Armas golpeavam e lascas voavam, aço se chocava e rostos se contraíam, flechas voavam e corpos caíam, tudo num silêncio onírico.

Como Yarvi havia planejado, os mercenários de sua mãe jorraram de portais escondidos e pegaram os veteranos de Odem pelas costas, abriram talhos, largaram-nos sem sentidos no pátio, deixaram seus corpos espalhados e sangrando.

Mas os que sobreviveram ao primeiro choque lutavam ferozmente, a batalha dividida em pequenas lutas mortais. Imóvel, Yarvi observou uma das mulheres shends esfaquearem um homem enquanto ele abria feridas profundas no rosto dela com a borda do escudo.

Seguindo o que fora tramado, Yarvi viu Rulf e seus arqueiros dispararem uma saraivada de flechas dos telhados. Em silêncio elas subiam e desciam, acertando o escudo dos guardas mais próximos de Odem, aglomerados em volta do rei. Um homem recebeu uma flechada no rosto e nem pareceu notar, ainda apontando a espada para o Salão dos Deuses, ainda berrando ordens, mas sem demonstrar tensão. Outro caiu, agarrando uma flecha na lateral do corpo, segurando a perna de um homem ao lado, que chutou sua mão para longe e continuou andando. Yarvi conhecia os dois, eram soldados honrados que já haviam montado guarda na entrada dos aposentos do rei.

A batalha transforma todos os homens em animais, costumava dizer Uthrik. Viu um bandido que rosnava, com “ladrão de ovelhas” tatuado no rosto, talhar um escravo desarmado, fazendo a jarra d’água voar de sua mão e se despedaçar numa parede.

Será que era aquilo que Yarvi havia planejado? Era por aquilo que rezara?

Ele tinha escancarado a porta e implorado para a Mãe Guerra ser sua hóspede. Não podia fazer com que aquilo parasse. Ninguém podia. Sobreviver já seria desafio suficiente.

Viu Nada cortar as pernas de um homem, golpear as costas de outro que se virava para correr, empurrar outro pelo escudo, levando-o a cambalear contra a mureta do poço e cair dentro, desaparecendo nas profundezas.

Num estupor ensurdecido, Yarvi desembainhou a espada de Shadikshirram. Era isso que os homens faziam na batalha, não era? Pelos deuses, de repente ela estava pesada demais. Homens trombavam nele, correndo para se juntar à loucura, mas Yarvi se mantinha grudado no chão.

Viu a porta do Salão dos Deuses se abrir, os guardas de Odem se agacharem atrás dos escudos eriçados de flechas ao redor do arco da entrada, conduzindo o falso rei para as sombras.

Yarvi apontou a espada para eles e gritou:

– Ali!

A surdez já passava, o bastante para que ouvisse passos e girasse a tempo.

Mas não para muito mais do que isso.

Aço se chocou em aço e a espada foi torcida em seu punho, quase caindo. Yarvi captou um vislumbre do rosto de Hurik cheio de cicatrizes, ouviu o rosnado grave antes de o escudo se chocar contra seu peito e o jogar de costas, gemendo, à distância de dois passos largos.

Hurik apenas olhou de soslaio e se retorceu para aparar um machado com o escudo, lascas voando com a força do golpe. Era Jaud, atacando com um rugido, golpeando como um lenhador louco diante de um toco de árvore. O gigante cedeu terreno, bloqueou o segundo golpe, mas o terceiro foi desajeitado e ele o recebeu agachado, preparado, guiando-o para longe. A lâmina pesada errou seu ombro por um palmo e bateu no chão. Enquanto Jaud passava cambaleante, Hurik acertou-o na cabeça com a borda do escudo, desequilibrou-o e, com um golpe curto da espada, arrancou-lhe o machado da mão.

Pelo jeito, o padeiro não era páreo para o Escudo Escolhido de uma rainha, por melhor homem que fosse.

Os dentes de Hurik se destacavam, alvos em meio à barba negra, sua espada relampejou e afundou até o cabo nas costelas de Jaud.

– Não – disse Yarvi, a voz rouca, lutando para se levantar, mas querer nem sempre é poder.

Jaud tombou de joelhos, o rosto contraído de dor, e Hurik plantou a bota enorme em seu ombro, soltou a espada do corpo e chutou Jaud de costas. Em seguida, virou-se para Yarvi.

– Vamos terminar o que começamos em Amwend.

Ele avançou com a espada rubra erguida. Yarvi gostaria de encarar a Morte sorrindo, mas poucos têm coragem quando a Última Porta se escancara à frente, mesmo os reis. Talvez eles tenham menos do que todos. Arrastou-se para trás, levantando a mão aleijada como se ela pudesse aparar a lâmina.

O lábio de Hurik se retorceu.

– Que rei você seria...

– Veremos.

O queixo de Hurik foi puxado para trás e o aço surgiu sob sua barba grisalha. Uma adaga, polida até emitir um brilho gélido. O rosto de Laithlin apareceu ao lado da face dele, com os olhos semicerrados e o maxilar trincado.

– Largue a espada, Hurik.

Ele hesitou por um momento e ela se inclinou mais para perto e murmurou em seu ouvido:

– Você me conhece. Poucos me conhecem melhor. Será mesmo... – ela virou a adaga, até que um fio de sangue escorreu pelo pescoço grosso de Hurik –... que duvida da minha coragem?

Hurik engoliu em seco, encolhendo-se enquanto o pomo de adão lutava contra o aço, então deixou a lâmina cair no chão. Yarvi se levantou atabalhoadamente, agarrando a espada de Shadikshirram, mirando o peito de Hurik.

– Espere – disse sua mãe e se dirigiu a Hurik: – Primeiro me responda: durante dezenove anos você foi meu Escudo Escolhido. Por que violou o juramento?

O olhar do grandalhão foi até Yarvi; agora parecia triste e abalado.

– Odem me falou que o garoto deveria ser morto, ou a senhora morreria.

– E por que não matou Odem?

– Porque o Rei Supremo havia decretado isso! – sibilou Hurik. – E ele não pode ser desobedecido. Meu juramento era proteger você, Laithlin. – Ele

endireitou os ombros e fechou os olhos devagar. – Não o seu filho aleijado.

– Então considere seu juramento desfeito.

Houve um curtíssimo movimento da adaga e Yarvi cambaleou para trás quando o sangue espirrou em seu rosto. Hurik caiu de cara no chão e o rapaz ficou parado com a espada frouxa na mão, piscando para a poça escura que se esgueirava pela grama.

Sua pele estava avermelhada, formigando. A respiração rasgava a garganta. Luzes dançavam em seus olhos, os membros pesavam, o peito machucado latejava. Só queria se sentar. Sentar-se no escuro e chorar.

Os mortos e feridos se espalhavam, cortados por lâminas e furados por flechas na grama onde Yarvi brincara na infância. Espadas e escudos estimados, heranças de casas nobres, tinham caído de dedos inertes e estavam aos pedaços, ensanguentados. As portas do Salão dos Deuses haviam sido lacradas, os homens de Yarvi que continuavam de pé se reuniam em volta delas, o rosto de Rulf sujo do sangue que escorria de um corte no couro cabeludo. Os dois grandes inglings golpeavam a madeira grossa com os machados, mas ela não cedia.

Encostado no tronco do frondoso cedro – a árvore em que Yarvi tinha medo de subir, motivo de zombarias para seu irmão –, Jaud estava sentado com a cabeça inclinada para trás e as mãos inertes no colo sangrento. Sumael se ajoelhava ao lado, a cabeça pendendo e os dentes arreganhados, segurando um pedaço da camisa dele, como se pudesse levantá-lo. Como se pudesse carregá-lo para a segurança, como um dia ele a carregara. Mas não havia para onde levá-lo, mesmo que ela tivesse forças.

Não havia nenhum lugar, a não ser além da Última Porta.

Yarvi percebeu que a Morte não faz reverências para cada pessoa que passa por ela, não estende o braço respeitosamente para mostrar o caminho, não diz palavras profundas nem destranca cadeados. A chave em seu peito nunca é necessária, porque a Última Porta está sempre aberta, não importando o status, a fama ou as virtudes. Há uma fila interminável para passar. Uma procissão cega, inexaurível.

– O que eu fiz? – sussurrou Yarvi, dando um passo hesitante na direção de Jaud e Sumael.

– O que precisava fazer. – O aperto da mãe em seu braço era de ferro. – Não há tempo para se lamentar, meu filho. Meu rei. – Um lado do rosto dela estava pálido, o outro, salpicado de vermelho. Naquele momento, ela parecia mesmo a Mãe Guerra. – Siga Odem. – Ela apertou com mais força. – Mate-o e retome o Trono Negro.

Yarvi retesou o maxilar e assentiu. Não havia como voltar.

– Parem com isso! – gritou para os inglings. – Existem formas mais eficazes. – Eles baixaram os machados, encarando-o com uma expressão sombria. – Mãe, fique com eles e vigie a porta. Certifique-se de que ninguém saia.

– Não até que Odem esteja morto.

– Nada, Rulf, juntem pelo menos dez homens e me sigam.

Rulf observou a carnificina no pátio da cidadela, ofegando. Os feridos e os agonizantes, os que mancavam e os que sangravam. E Jaud, o bravo Jaud, que ficara ao lado do companheiro de remo, agora sentado com as costas contra o cedro, sem remo para puxar, sem fardo para carregar, sem incentivo para oferecer.

– Será que ainda vou encontrar dez homens em condições? – sussurrou ele.

Yarvi se virou.

– Juntem o que conseguirem.

Um trono solitário

– Preparados? – sussurrou Yarvi.

– Sempre – respondeu Nada.

Rulf alongou o pescoço para um lado, depois para o outro; o sangue que riscava seu rosto ficava negro em meio às trevas.

– Não acho que eu vá ficar mais preparado do que já estou.

Yarvi inspirou fundo e, enquanto soltava o ar, empurrou a mão aleijada contra o fecho, escancarou a porta oculta com o ombro e irrompeu na vastidão sagrada do Salão dos Deuses.

Vazio no topo do patamar elevado estava o Trono Negro, à vista dos Deuses Altos com olhos de joias reluzentes. Acima deles, ao longo da cúpula, as estátuas de âmbar dos Deuses Pequenos observavam os feitos insignificantes da humanidade sem comentário, emoção ou mesmo muito interesse.

Restavam apenas dez homens para Odem, todos em péssimo estado, reunidos junto à porta que se sacudia ligeiramente devido aos golpes externos. Dois tentavam firmá-la com lanças. Outros dois tinham empurrado as oferendas santas de uma antiga mesa brilhante e a arrastavam para usar como barricada. O resto estava sentado, perplexo, ou de pé, atônito, sem saber como o rei podia ter sido apanhado desprevenido por um grupo de patifes no coração de sua própria cidadela. Mãe Gundring se encolhia ao lado de Odem, cuidando do braço sanguinolento do porta-estandarte.

– Ao rei! – gritou Odem quando viu Yarvi entrar, e os homens se reuniram em volta de seu senhor, erguendo os escudos diante dele, as armas preparadas.

O homem com a flecha no rosto a quebrara e a haste sangrenta se projetava da bochecha. Ele estivera apoiado na espada, grogue, mas agora a apontava na direção de Yarvi, ainda que oscilando.

Nada e Rulf logo o ladearam, um à esquerda, outro à direita, e os escravos e mercenários que ainda podiam lutar se espalharam em volta, armados até os

dentes.

Rodearam o Trono Negro, ocupando os degraus do patamar elevado, cuspindo e soltando palavrões em meia dúzia de línguas. Odem instigou seus homens à frente; o espaço entre eles era de dez passos no piso de pedra, depois oito, então seis. A violência por vir pairava densa como uma nuvem de tempestade no ar imóvel do Salão dos Deuses.

Mãe Gundring estreitou os olhos para Yarvi e, em seguida, os arregalou.

– Esperem! – berrou, batendo com o cajado élfico no chão e provocando ecos na cúpula acima. – Esperem!

Por um momento, os homens pararam, olhando, rosnando, as mãos coçando nas armas, e Yarvi saltou para a estreita brecha que a velha ministra abrira para ele.

– Homens de Gettland! – gritou. – Vocês me conhecem! Sou Yarvi, filho de Uthrik! – Apontou para Odem com o cotoco de dedo. – Essa *coisa* traiçoeira tentou roubar o Trono Negro, mas os deuses não vão admitir que um usurpador se sente nele por muito tempo! – Ele bateu o polegar no peito. – O rei legítimo de Gettland voltou!

– A marionete de uma mulher? – cuspiu Odem. – O meio rei? O rei dos aleijados?

Antes que pudesse responder aos berros, Yarvi sentiu a mão forte de alguém no ombro, empurrando-o de lado. Nada passou por ele, soltando a fivela do elmo.

– Não, o rei legítimo.

Nada tirou o elmo e o jogou pelo piso do Salão dos Deuses com um estardalhaço metálico.

Ele havia cortado os cabelos revoltos, deixando uma penugem curta e grisalha. O rosto revelado era formado por ângulos agudos e linhas implacáveis, ossos partidos e rígidos, castigado pelo trabalho e pelo clima, com cicatrizes de espancamentos e batalhas. O mendigo feito de gravetos e barbante sumira e, em seu lugar, estava um guerreiro de carvalho e ferro, mas os olhos fundos eram os mesmos.

Ainda ardiam com um fogo à beira da loucura. Mais ardente do que nunca.

E, de repente, Yarvi não tinha mais certeza de quem era aquele homem com quem havia lutado e viajado. Não tinha mais certeza do que trouxera para a

cidadela de Gettland, direto para o Trono Negro.

Piscou olhando ao redor, subitamente cheio de dúvidas. Os jovens guerreiros de Gettland ainda rosnavam em desafio. Porém, nos mais velhos, a visão do rosto de Nada provocou uma estranha transformação.

Queixos caíram, espadas oscilaram, olhos se arregalaram até se encheram de lágrimas, juramentos ofegantes saíram de lábios trêmulos. Odem ficara mais pálido ainda do que ao ver Yarvi. Era o rosto de um homem que contemplava o fim do mundo.

– Que feitiçaria é essa? – sussurrou Rulf, mas Yarvi não sabia dizer.

O cajado de metal élfico escorregou dos dedos frouxos de mãe Gundring e caiu no chão com estardalhaço, os ecos se esvaindo até um silêncio pesado.

– Uthil – sussurrou ela.

– Sim. – Nada virou seu sorriso insano para Odem. – Como vai, irmão?

Agora que o nome fora pronunciado, Yarvi percebeu como os dois homens eram parecidos e sentiu um arrepio que chegou às pontas dos dedos.

Seu tio Uthil, a cuja habilidade ímpar os guerreiros brindavam antes de cada treino, cujo corpo afogado nunca surgira do mar feroz, cujo túmulo acima da praia assolada pelo vento permanecia vazio.

Uthil estava ao seu lado havia meses.

Uthil estava ao seu lado agora.

– Aqui está a vingança – disse Nada, disse Uthil. E avançou com a espada em riste.

– Não pode ser derramado sangue no Salão dos Deuses! – gritou mãe Gundring.

Uthil apenas deu um sorriso.

– O que os deuses mais amam é o sangue, minha ministra. Que melhor lugar para derramá-lo?

– Matem-no! – berrou Odem, agora sem calma na voz, mas ninguém correu para obedecer. Ninguém sequer falou uma palavra. – Eu sou o rei!

Mas o poder às vezes é algo frágil. Devagar e de forma cuidadosa, como se pensassem com uma só mente, os guerreiros recuaram para longe dele, formando um semicírculo.

– O Trono Negro é de fato solitário – falou Uthil, olhando para ele, vazio no patamar.

Odem fitou o círculo de rostos sérios ao redor, dos guardas e dos mercenários, de mãe Gundring e de Yarvi, e por fim o de Uthil, tão parecido com o seu, que passara por vinte anos de horrores. Bufou e cuspiu nas pedras sagradas ao pé do irmão.

– Então que seja.

Odem pegou o escudo com o serviçal, dourado e engastado com joias na borda, e empurrou o sujeito para longe.

Rulf ofereceu o escudo, mas Nada balançou a cabeça.

– A madeira tem seu lugar, mas aqui o aço é a resposta.

Ele ergueu a espada, a mesma arma simples que carregara pelo ermo, aço simples polido até reluzir.

– Você esteve tanto tempo longe, *irmão*. – Odem levantou sua espada, forjada para o pai de Yarvi, com o botão de marfim, o punho de ouro e runas de bênçãos gravadas na lâmina espelhada. – Vamos nos abraçar.

Ele saltou adiante, tão rápido que Yarvi ofegou e cambaleou para trás, torcendo-se para um lado e para o outro, seguindo os movimentos do tio. Odem investiu duas vezes, sibilou, golpeando alto e baixo com movimentos capazes de partir um homem ao meio. Porém, por mais rápido e mortal que fosse, seu irmão era mais. Como fumaça num vento louco, Uthil deslizava, girava, recuava enquanto o aço brilhante escavava o ar mas não lhe dava um beijo.

– Você se lembra de quando nos vimos pela última vez? – perguntou Uthil, dançando para longe. – Naquela tempestade, na proa do navio do nosso pai? Rindo da tempestade com meus irmãos às costas?

– Você nunca se importou com nada, a não ser com o próprio riso!

Odem avançou de novo, cortando à esquerda e à direita, fazendo os guardas atentos recuarem. Mas Uthil girou para a segurança, sem ao menos erguer a espada.

– Foi por isso que você e Uthrik me jogaram no mar feroz? Ou foi para que ele pudesse roubar meu direito de nascença? E você, por sua vez, pudesse roubá-lo dele?

– O Trono Negro é meu!

A espada de Odem era um arco reluzente sobre sua cabeça, mas Uthil a aparou com um estalo sonoro, assim como o escudo de Odem. Por um momento, os tios de Yarvi ficaram presos pelas lâminas, que raspavam uma contra a outra.

Uthil baixou o ombro e levantou o escudo, fazendo a borda acertar o queixo de Odem. Em seguida, girou o outro ombro e jogou para longe o irmão, que caiu embolado contra os homens atrás.

Eles o empurraram e Odem se encolheu atrás do escudo, mas Uthil se manteve firme no centro do círculo.

– Ainda que meu túmulo vazio esteja acima da praia, eu não me afoguei. Fui arrancado do mar por mercadores de escravos e obrigado a lutar num buraco. Naqueles anos no escuro, para a diversão de animais sedentos de sangue, matei 99 homens. – Uthil pressionou um dedo contra o ouvido e, por um momento, pareceu ser Nada outra vez. – Eu os ouço sussurrar às vezes. Você pode ouvi-los sussurrar, Odem?

– Você está louco! – cuspiu o irmão, com sangue nos lábios.

Mas Uthil apenas abriu um sorriso mais largo.

– Como poderia não estar? Eles prometem que a centésima vitória garante a liberdade, mas fui enganado e vendido de novo.

Odem girou ao redor dele, numa postura agachada de caçador, com o escudo erguido e a fronte suada devido ao peso da malha prateada. Uthil permanecia empertigado, a espada balançando frouxa na mão, praticamente sem sobressaltos na respiração.

– Fui um escravo guerreiro, depois escravo remador, depois... nada. Dez anos amargos passei de joelhos. É um bom lugar para pensar.

– Pense nisso!

Odem cuspiu sangue enquanto avançava de novo. Fingiu que ia dar uma estocada e a transformou num corte em ângulo, sibilando. Mas Uthil guiou o golpe para longe, fazendo a espada se chocar ruidosa na pedra do piso, provocando fagulhas e enchendo o Salão dos Deuses com ecos capazes de estourar os tímpanos.

Odem ofegou, tropeçou, estremecendo com o impacto. Uthil se afastou e, com uma precisão terrível, golpeou-o no braço, logo acima da borda do escudo cravejada de granadas preciosas.

Odem soltou um uivo, a peça espalhafatosa escorregando da mão esquerda frouxa e o sangue já pingando das pontas dos dedos que pendiam. Ergueu a cabeça para Uthil, com os olhos arregalados.

– Eu era o melhor de nós três! Eu deveria ser rei! Uthrik era só violência, você não passava de vaidade!

– Isso é verdade. – Uthil franziu a testa, limpando cuidadosamente os dois gumes da espada na manga da blusa. – Como os deuses me castigaram! Que lições me deram, Odem! E agora me enviaram para ensiná-las a você. Eles não fazem com que o melhor homem seja rei, mas, sim, o primogênito. – Em seguida, indicou Yarvi com a cabeça. – E nosso sobrinho estava certo com relação a uma coisa: eles não admitirão que um usurpador ocupe o Trono Negro por muito tempo. – Uthil arreganhou os dentes e sibilou: – Ele é *meu*.

Saltou para a frente e Odem o recebeu, rosnando. Lâminas se chocaram, uma, duas vezes, mais rápido do que Yarvi poderia acompanhar. Uthil deslizou por baixo do terceiro golpe, cortando a perna do irmão enquanto se afastava e o fazia rugir outra vez. Odem se retraiu, o joelho se dobrou, e ele só permaneceu de pé porque usou a espada como muleta.

– A Última Porta está aberta para você – disse Uthil.

Odem se equilibrou, arfante, e Yarvi viu a malha da perna dele se avermelhar, o sangue escorrendo depressa pela bota até as fendas entre as pedras.

– Eu a conheço. – Odem ergueu o queixo e Yarvi viu uma lágrima escorrer do canto de seu olho e descer pelo rosto. – Ela ficou aberta junto ao meu ombro durante todos esses anos. – Com um som entre uma risadinha e um soluço, jogou a espada nas sombras. – Desde aquele dia na tempestade.

O sangue rugiu nos ouvidos de Yarvi enquanto Uthil levantava a espada bem alto, a lâmina captando a luz, o gume irradiando um brilho frio.

– Só me responda uma pergunta... – começou Odem, ofegante, os olhos fixos em sua morte acima dele.

Por um momento, Uthil hesitou. A espada oscilou, desceu um pouco. Uma sobrancelha se arqueou, interrogativa.

– Fale, irmão.

Yarvi viu a mão de Odem se mexer, indo sutilmente às costas, os dedos se fechando no punho de uma adaga presa ao cinto. Uma adaga longa com um botão de azeviche. A mesma que ele havia mostrado a Yarvi no topo da torre de Amwend.

Precisamos fazer o que é melhor por Gettland.

Yarvi desceu os degraus com um salto.

Podia não ter sido o aluno mais inteligente no campo de treino, mas sabia furar uma pessoa. Acertou Odem por baixo do braço, a lâmina curva da espada de Shadikshirram atravessou a cota de malha e saiu pelo peito sem nenhum som.

– Qualquer que fosse a sua pergunta – sibilou Yarvi no ouvido dele –, o aço é a resposta!

Ele recuou, soltando a lâmina.

Odem gorgolejou. Deu um passo bêbado e tombou de joelhos. Virou lentamente a cabeça e, por um momento, por cima do ombro, seu olhar incrédulo encontrou o de Yarvi. Em seguida, tombou de lado, estendendo-se nas pedras sagradas, ao pé do patamar elevado, à vista dos deuses, no centro daquele círculo de homens. Yarvi e Uthil ficaram se encarando por cima do cadáver.

– Parece que há uma questão entre nós, sobrinho – disse o tio sobrevivente, com a sobrancelha ainda levantada. – O aço será nossa resposta?

O olhar de Yarvi foi até o Trono Negro, silencioso acima deles.

Ele podia ser duro, mas seria mais duro do que os bancos do *Vento Sul*? Podia ser frio, mas seria mais frio do que as neves do norte longínquo? Não tinha mais medo. Entretanto, será que o desejava de verdade? Lembrava-se do pai sentado ali, alto e sombrio, a mão cheia de cicatrizes, nunca longe da espada. Um filho devotado da Mãe Guerra, como um rei de Gettland deveria ser. Como Uthil era.

As estátuas dos Deuses Altos olhavam para baixo, como se esperassem uma decisão. Yarvi percorreu os rostos de pedra e respirou fundo. Mãe Gundring sempre dizia que ele fora tocado pelo Pai Paz e Yarvi sabia que ela estava certa.

Nunca desejara de verdade o Trono Negro. Por que lutar por ele? Por que morrer por ele? Para que Gettland tivesse meio rei?

Abriu a mão e deixou a espada de Shadikshirram cair com estrépito nas pedras sanguinolentas.

– Tive minha vingança. O Trono Negro é seu. – Ajoelhando-se lentamente diante de Uthil, baixou a cabeça. – Meu rei.

A culpa

Grom-gil-Gorm, rei de Vansterland, o filho mais sangrento da Mãe Guerra, Quebrador de Espadas e Fazedor de Órfãos, entrou no Salão dos Deuses com a ministra, seguido por dez de seus guerreiros mais provados pela batalha, a enorme mão esquerda frouxa no botão da espada enorme.

Tinha uma nova pele branca sobre os ombros fortes, notou Yarvi, e uma nova joia num grande indicador. Além disso, a corrente de três voltas no pescoço fora acrescida de alguns botões de espada. Eram lembranças de seu passeio por Gettland, a convite de Yarvi, roubadas dos inocentes, sem dúvida junto com suas vidas.

Porém, enquanto ele passava pela porta marcada por golpes e entrava na casa do inimigo, o que mais se destacava era seu sorriso. O sorriso de um conquistador que vê todos os planos amadurecidos, todos os adversários humilhados, todos os dados mostrando seus números. O sorriso de um homem largamente favorecido pelos deuses.

Então viu Yarvi de pé nos degraus do patamar elevado, entre Laithlin e mãe Gundring, e seu sorriso hesitou. Ele se deu conta de quem se sentava no Trono Negro e o sorriso desmoronou. Parou, inseguro, no centro do amplo salão, mais ou menos no local onde o sangue de Odem ainda manchava as rachaduras nas pedras, cercado de todos os lados pelos carrancudos grandiosos de Gettland.

Gorm coçou um dos lados da cabeça e disse:

– Esse não é o rei que eu esperava.

– Muitos aqui podem dizer isso – retrucou Yarvi –, mas, ainda assim, ele é o legítimo. O rei Uthil, meu tio mais velho, retornou.

– Uthil. – Mãe Scaer sibilou entre os dentes. – O orgulhoso gettlandês. Achei mesmo que conhecesse esse rosto.

– Você poderia ter mencionado isso. – Gorm franziu a testa para os guerreiros e as esposas reunidas, com chaves e fivelas de capa brilhando nas sombras, e suspirou fundo. – Tenho uma infeliz sensação de que você não vai se ajoelhar diante de mim como vassalo.

– Passei tempo suficiente ajoelhado.

Uthil se levantou, a espada ainda aninhada nos braços. A mesma espada simples que pegara no convés inclinado do *Vento Sul* e polira até que a lâmina reluzisse como luar no oceano gélido.

– Se alguém deve se ajoelhar, é você. Você está na minha terra, no meu salão, diante do meu trono.

Gorm levantou o bico das botas e deu uma olhada neles.

– É o que parece. Mas eu sempre tive as juntas emperradas. Devo recusar.

– Que pena. Talvez eu possa desemperrar com minha espada quando for visitá-lo em Vulsgard no verão.

O rosto de Gorm endureceu.

– Ah, posso garantir boas-vindas calorosas a qualquer gettlandês que atravessar a fronteira.

– Então por que esperar até o verão? – Uthil desceu os degraus um a um, até parar no mais baixo, de modo a olhar direto para o rosto de Gorm, mais ou menos no mesmo nível. – Lute comigo agora.

Um tremor começou no canto do olho de Gorm e fez sua bochecha se repuxar. Yarvi viu os nós dos dedos cheios de cicatrizes se embranquecerem ao apertar o punho da espada, os olhos dos guerreiros dardejando pelo salão, os gettlandeses reunidos fechando a cara.

– Você deve saber que a Mãe Guerra bafejou sobre mim no berço – rosnou o rei de Vansterland. – Foi previsto que nenhum homem pode me matar...

– Então lute comigo, cão! – rugiu Uthil, os ecos reverberando no salão.

Todos prenderam a respiração, como se fosse o último hausto.

Yarvi se perguntou se eles veriam um segundo rei morrer no Salão dos Deuses num único dia. Não gostaria de apostar qual dos dois seria.

Então mãe Scaer pôs a mão gentilmente no punho de Gorm.

– Os deuses guardam quem se guarda – sussurrou.

O rei de Vansterland respirou fundo. Seus ombros relaxaram e ele afastou os dedos da espada, passando-os suavemente pela barba.

– Este novo rei é muito grosseiro.

– É mesmo – concordou mãe Scaer. – Você não lhe ensinou diplomacia, mãe Gundring?

A velha ministra os encarou, séria, de seu lugar ao lado do Trono Negro.

– Ensinei. E ensinei quem a merece.

– Acredito que ela está dizendo que nós não merecemos – disse Gorm.

– Acho que é isso mesmo – falou mãe Scaer. – E também acho que ela é grosseira.

– É assim que você cumpre com um acordo, príncipe Yarvi?

As pessoas importantes que enchiam aquele salão já haviam se enfileirado para beijar a mão de Yarvi. Agora pareciam loucos para fazer fila e cortar sua garganta. Ele deu de ombros.

– Não sou mais príncipe e cumpri com o que pude. Ninguém previu essa reviravolta nos acontecimentos.

– Para você ver como são os acontecimentos... – disse mãe Scaer. – Nunca fluem pelo canal que escavamos para eles.

– Não vai lutar comigo, então? – perguntou Uthil.

– Por que ser tão sedento de sangue? – Gorm estendeu o lábio inferior. – Você é novo no cargo, mas vai aprender que um rei é mais do que apenas um matador. Vamos dar ao Pai Paz sua temporada, ceder aos desejos do Rei Supremo em Skekenhouse e transformar o punho em uma mão aberta. No verão, talvez, em terreno que seja melhor para mim, você pode experimentar o hálito da Mãe Guerra. – Ele deu meia-volta e, seguido pela ministra e por seus guerreiros, foi até a porta. – Agradeço pela sedutora hospitalidade, gettlandeses! Vocês terão notícias minhas! – Ele parou um instante na soleira, uma grande silhueta negra contra a luz do dia. – E, nesse dia, vou falar com voz de trovão.

A porta do Salão dos Deuses se fechou depois de saírem.

– Chegará um tempo em que desejaremos tê-lo matado aqui hoje – murmurou Laithlin.

– A morte espera por todos nós – disse Uthil, sentando-se de novo no Trono Negro com a espada ainda aninhada nos braços. Tinha um jeito de se acomodar nele, relaxado e calmo, que Yarvi nunca poderia adquirir. – E há outras coisas para resolver. – O olhar do rei foi até o de Yarvi, brilhante como no dia em que

haviam se conhecido no *Vento Sul*. – Meu sobrinho. Você já foi príncipe, já foi rei, e agora é...

– Nada – completou Yarvi, erguendo o queixo.

Uthil abriu um sorriso triste. Um vislumbre do homem com quem Yarvi atravessara o gelo e compartilhara a última crosta de pão, ao lado de quem enfrentara a morte. Um lampejo, e depois as feições do rei se tornaram outra vez afiadas como espada e duras como machado.

– Você fez um pacto com Grom-gil-Gorm – começou ele, e murmúrios furiosos irromperam no salão. *Um rei sábio sempre tem alguém a quem culpar*, costumava dizer mãe Gundring. – Você convidou nosso pior inimigo a espalhar fogo e assassinato em Gettland. – Yarvi não poderia negar isso mesmo se quisesse, pois seria difícil ouvir algo acima da raiva crescente no Salão dos Deuses. – Pessoas inocentes morreram. Que preço a lei cobra por isso, mãe Gundring?

A ministra olhou do novo rei para seu antigo aprendiz e Yarvi sentiu a mão da mãe apertando seu braço com força, porque os dois sabiam a resposta.

– A morte, meu rei – falou mãe Gundring, com a voz rouca, parecendo se afrouxar sobre o cajado. – Ou pelo menos o exílio.

– A morte! – guinchou uma voz feminina em algum lugar no escuro e os ecos ásperos foram sumindo num silêncio pétreo como de uma tumba.

Yarvi já havia enfrentado a Morte. Muitas vezes ela lhe entreabrira a Última Porta, mas ele continuava respirando. Apesar de não se sentir nem um pouco confortável em sua presença gélida, Yarvi tinha melhorado com a prática. Mas pelo menos desta vez, ainda que seu coração martelasse e a boca provasse um gosto azedo, ele a enfrentou de pé e deixou sua voz ressoar clara:

– Eu cometi um erro! Cometi muitos. Sei disso. Mas fiz um juramento! Diante dos deuses eu jurei. Um juramento solar e um juramento lunar. E não vi outro modo de cumpri-lo. Vingar o assassinato do meu pai e do meu irmão. Arrancar o traidor Odem do Trono Negro. E, mesmo lamentando o sangue derramado, graças ao favor dos deuses... – Yarvi olhou para eles, depois para o chão, humildemente, abrindo os braços em submissão. – O rei legítimo retornou.

Uthil semicerrou os olhos para a própria mão, os dedos pousados no metal do Trono Negro. Uma pequena lembrança de que ele o devia aos planos de Yarvi

não poderia fazer mal. Os murmúrios raivosos recomeçaram, avolumaram-se, até que Uthil ergueu a mão para exigir silêncio.

– É verdade que Odem colocou você no caminho. Os crimes dele foram muito maiores do que os seus, e você já cobrou o castigo justo. Você tinha motivos para o que fez e acho que já houve morte suficiente por aqui. Sua morte não seria nenhuma justiça.

Yarvi continuou de cabeça baixa, aliviado. Apesar das dificuldades dos últimos meses, gostava da ideia de estar vivo. Gostava mais do que nunca.

– Mas deve pagar um preço. – Parecia haver tristeza nos olhos de Uthil. – Lamento muito, de verdade. Mas sua sentença deve ser o exílio, pois um homem que já se sentou no Trono Negro sempre tentará retomá-lo.

– Eu não o considerei muito confortável.

Yarvi subiu um degrau do patamar. Sabia o que precisava fazer. Sabia desde que Odem caíra morto aos seus pés e ele viu o Pai Paz acima. O exílio não deixava de ter um apelo. Não dever nada. Ser qualquer coisa. Mas tinha viajado demais. Aquele era o seu lar e ele não iria a lugar nenhum.

– Nunca desejei o Trono Negro. Nunca esperei por ele. – Yarvi levantou a mão esquerda e a sacudiu, de modo que o indicador solitário se balançou para a frente e para trás. – Não sou o que alguém considera um rei, muito menos o que eu mesmo considero. – Em silêncio, se ajoelhou. – Ofereço outra solução.

Os olhos de Uthil se estreitaram e Yarvi rezou ao Pai Paz para que seu tio estivesse procurando um meio de perdoá-lo.

– Fale, então.

– Permita-me realizar o que é melhor para Gettland. Permita-me abrir mão de qualquer reivindicação ao seu trono para sempre. Permita-me fazer o Teste Ministerial, como pretendia antes da morte do meu pai. Permita-me abrir mão de qualquer título ou herança e permita que minha família seja o Ministério. Meu lugar é aqui, no Salão dos Deuses. Não no Trono Negro, mas ao lado dele. Demonstre sua grandeza através da misericórdia, meu rei, e deixe que eu expie meus erros através de um serviço leal ao senhor e à terra.

Uthil se recostou lentamente, franzindo a testa, enquanto o silêncio se estendia. Por fim, inclinou-se para a ministra.

– O que acha disso, mãe Gundring?

– É uma solução para a qual o Pai Paz sorrirá – murmurou ela. – Sempre acreditei que Yarvi daria um ótimo ministro. Ainda acredito nisso. Ele se mostrou um homem muito inteligente.

– Nisso eu acredito – concordou Uthil, mas ainda hesitou, esfregando o queixo, pensativo.

Então Laithlin soltou o braço de Yarvi e subiu para o Trono Negro, a cauda do vestido vermelho se espalhando nos degraus enquanto se ajoelhava aos pés de Uthil.

– Um rei grandioso é misericordioso. Por favor, meu rei, deixe-me ficar com meu único filho.

Uthil se remexeu no trono e sua boca se abriu, mas nenhuma palavra brotou. Ele podia ter sido intrépido diante de Grom-gil-Gorm, mas tremeu diante da mãe de Yarvi.

– Nós já fomos prometidos um ao outro – continuou ela. Naquele momento, um suspiro mais forte soaria como trovão no Salão dos Deuses, mas a respiração de todos estava suspensa. – O senhor foi considerado morto... mas os deuses o trouxeram de volta ao seu lugar de direito... – Laithlin pôs a mão gentilmente sobre a dele, cheia de cicatrizes, e os olhos de Uthil se fixaram no rosto dela. – Meu maior desejo é ver aquela promessa realizada.

Mãe Gundring chegou mais perto, falando baixo:

– O Rei Supremo propôs casamento a Laithlin mais de uma vez. Ele receberá muito mal...

Uthil a interrompeu, sem nem a encará-la:

– Nossa promessa é vinte anos mais antiga do que o pedido do Rei Supremo.

– Mas hoje mesmo avó Wexen mandou outra águia para...

– É ela que ocupa o Trono Negro ou sou eu?

Enfim Uthil voltou os olhos brilhantes para a ministra.

– O senhor – respondeu mãe Gundring, fitando o chão. A ministra sábia persuade, argumenta, aconselha, mas obedece.

– Então mande o pássaro de avó Wexen de volta com um convite para o nosso casamento. – Uthil virou a mão, de modo a segurar a de Laithlin na palma calejada, moldada por um bloco de raspar convés. – Você usará a chave do Tesouro e administrará os negócios em que se mostrou tão capaz.

– Com todo o prazer – disse a mãe de Yarvi. – E meu filho?

O rei Uthil olhou para ele por um longo momento. Depois assentiu.

– Ele voltará ao seu lugar como aprendiz de mãe Gundring – afirmou e, com um único gesto, se fez parecer sério e misericordioso ao mesmo tempo.

Yarvi soltou o ar.

– Enfim Gettland tem um rei do qual se orgulhar. Agradecerei à Mãe Oceano todos os dias por trazê-lo de volta das profundezas.

Em seguida, levantou-se e foi em direção à porta, como Grom-gil-Gorm fizera antes. Sorriu em meio às provocações, às zombarias e aos murmúrios e, em vez de esconder a mão aleijada na manga, como fora seu antigo hábito, deixou-a pender orgulhosamente. Comparado com os currais de escravos em Vulsgard, com os tormentos do chicote de Trigg e com o frio e a fome do gelo sem trilhas, o desprezo de idiotas não era tão difícil de suportar.

Com uma ajudinha das duas mães, cada qual sem dúvida com motivos próprios, Yarvi saiu vivo do Salão dos Deuses. Era de novo um pária aleijado destinado ao Ministério. Que era o seu lugar.

Tinha voltado ao início de tudo. Mas era um garoto quando partira e retornara um homem.

Os mortos foram dispostos em lajes frias num porão gelado embaixo da rocha. Yarvi não queria contá-los. O bastante, esse era o número. A colheita de seus planos semeados cuidadosamente. As consequências de seu juramento irrefletido. Sem rostos, apenas mortalhas com um calombo no nariz, no queixo, nos pés. Não havia como separar os matadores contratados por sua mãe dos honrados guerreiros de Gettland. Talvez, depois de passarem pela Última Porta, não houvesse diferença.

Mas Yarvi sabia qual era o corpo de Jaud. Seu amigo. Seu companheiro de remo. O homem que forjara um caminho através da neve para ele seguir. O homem de voz suave que havia murmurado “uma remada de cada vez” enquanto Yarvi se esforçava. Que tomara a luta de Yarvi como se fosse dele, mesmo não sendo um guerreiro. Era o corpo ao lado do qual Sumael estava parada, os punhos cerrados sobre a laje, o rosto sombrio iluminado de um dos lados pela chama da uma vela única e tremeluzente.

– Sua mãe arranjou uma vaga para mim num navio – disse ela sem erguer os olhos, com uma suavidade que ele não estava acostumado a ouvir.

– Sempre há demanda de bons navegadores – comentou Yarvi. Os deuses sabiam que ele gostaria de ter alguém a lhe mostrar o caminho.

– Partimos para Skekenhouse às primeiras luzes, depois vamos em frente.

– Para casa?

Sumael fechou os olhos e assentiu, um sorriso levíssimo no canto da boca fendida.

– Para casa.

Quando a vira pela primeira vez, não havia pensado que ela era bonita, mas agora parecia linda. Tanto que ele não conseguia desviar os olhos.

– Você já pensou que, talvez... pudesse ficar?

Yarvi se odiou por perguntar. Por fazê-la rejeitá-lo. De qualquer modo, estava destinado ao Ministério. Não tinha nada a oferecer. E o corpo de Jaud se encontrava entre eles, uma barreira que não havia como atravessar.

– Preciso ir – falou ela. – Mal consigo me lembrar de quem eu era.

Yarvi poderia dizer o mesmo.

– Sem dúvida o que importa é quem você é agora.

– Mal consigo saber isso também. Além do mais, Jaud me carregou na neve. – Sua mão estremeceu em direção à mortalha, mas, para alívio de Yarvi, Sumael não a pousou nela. – O mínimo que posso fazer é carregar as cinzas dele. Vou deixá-las na aldeia. Talvez até beba do tal poço. Beba por nós dois. – Ela engoliu em seco e, por algum motivo, Yarvi sentiu uma raiva fria crescer por dentro. – Por que perder a água mais doce do...?

– Ele escolheu ficar – disse Yarvi rispidamente.

Sumael assentiu devagar, sem erguer os olhos.

– Todos escolhemos.

– Eu não o obriguei.

– Não.

– Você poderia ter ido embora, e poderia tê-lo levado, se tivesse se esforçado.

Ela ergueu os olhos, mas sem sinal da raiva que ele sabia merecer, apenas sua própria parcela de culpa.

– Você está certo. Esse será o peso que vou carregar.

Yarvi olhou para longe e, de repente, seus olhos se encheram de lágrimas. Diversas atitudes e escolhas, e cada uma parecera o menor mal, porém de algum

modo o haviam trazido até ali. Será que aquele poderia ser o bem maior de alguém?

– Você não me odeia? – sussurrou.

– Eu perdi um amigo; não pretendo jogar outro fora. – Ela pôs a mão delicadamente no ombro dele. – Não sou muito boa em fazer novos.

Yarvi apertou a sua sobre a dela, desejando poder mantê-la ali. Era estranho como nunca percebemos quanto desejamos uma coisa até não poder mais tê-la.

– Você não me culpa? – sussurrou.

– Por que culparia? – Sumael apertou sua mão uma última vez, em despedida. – É melhor se você mesmo fizer isso.

Alguns são salvos

– Que bom que você veio – disse Yarvi. – Estou ficando sem amigos.

– Fico feliz em fazer isso – respondeu Rulf. – Por você e por Ankran. Não posso dizer que adorava o desgraçado magricelo quando ele era almoxarife, mas no fim passei a gostar dele. – Sorriu para Yarvi, a grande casca de ferida acima do olho se mexendo. – Nós nos conectamos imediatamente a algumas pessoas, mas é com as que demoramos mais a nos conectar que a ligação dura mais. Vamos pegar uns escravos?

Houve um murmúrio, grunhidos e barulho de correntes enquanto a mercadoria ficava de pé para ser inspecionada, cada par de olhos com sua própria mistura de vergonha, medo, esperança e desespero. Yarvi se pegou esfregando as leves cicatrizes no pescoço com delicadeza, onde a argola costumava ficar. O fedor daquele local o esmagava com lembranças que preferiria ter esquecido. Estranho como se acostumara tão depressa ao ar livre outra vez.

– Príncipe Yarvi!

O proprietário saiu rapidamente das sombras no fundo, um homem grande com rosto macio e pálido, um pouco familiar. Era um dos que havia rastejado na procissão diante de Yarvi no funeral de seu pai. Agora teria a chance de rastejar de novo.

– Não sou mais príncipe – retrucou Yarvi. – Você é Yoverfell?

O mercador de carne se estufou com orgulho por ser reconhecido.

– Sou, de fato, e estou profundamente honrado com sua visita! Posso perguntar que tipo de escravo o senhor...

– O nome Ankran significa muito para você?

O olhar do mercador saltou para Rulf, que se postava sério e robusto com os polegares no cinturão da espada de fivela de prata.

– Ankran?

– Deixe-me aguçar sua memória assim como o fedor de sua loja aguçou a minha. Você vendeu um homem chamado Ankran, depois extorquiu dinheiro dele para manter o filho e a mulher em segurança.

Yovervel pigarreou.

– Não violei nenhuma lei...

– E eu também não vou violar quando cobrar suas dívidas.

O rosto do mercador perdeu a cor.

– Eu não lhe devo nada...

Yarvi deu um risinho.

– A mim? Não. Mas à minha mãe, Laithlin, que logo será de novo a Rainha Dourada de Gettland e portadora da chave do Tesouro... sei que você tem uma dívida insignificante com ela, não é?

O pomo de adão do mercador subiu e desceu enquanto ele engolia em seco.

– Sou um humilde serviçal da minha rainha...

– Eu o chamaria de escravo dela. Nem se vendesse tudo o que possui você chegaria perto de pagar o que lhe deve.

– Seu escravo então, por que não? – Yoverfell bufou, amargo. – Já que o senhor se preocupa com meu negócio, foi por causa dos juros do empréstimo dela que precisei espremer o que pude do Ankran. Eu não desejava fazer isso...

– Mas colocou os desejos de lado – interrompeu Yarvi. – Que nobre!

– O que o senhor quer?

– Comecemos com a mulher e o filho dele.

– Muito bem.

Fitando o chão, o mercador partiu para as sombras. Yarvi encarou Rulf e o velho guerreiro arqueou as sobrancelhas. Os escravos ficaram olhando em silêncio. Yarvi pensou ter visto um deles sorrindo.

Não sabia direito o que estivera esperando. Uma beleza notável, graciosidade espantosa ou algo que lhe acertasse o coração imediatamente. Mas a família de Ankran tinha aparência comum. A maioria das pessoas é assim, claro, para quem não as conhece. A mulher era pequena e magra, com o queixo numa postura desafiadora. O filho tinha cabelo cor de areia, como o do pai, e manteve os olhos baixos.

Yoverfell os empurrou adiante, depois ficou beliscando uma das mãos, nervoso.

– Saudáveis e bem cuidados, como foi prometido. Eles são seus, claro, presentes, com os meus cumprimentos.

– Seus cumprimentos você pode guardar – retrucou Yarvi. – Agora vá fazer as malas e levar seus negócios para Vulsgard.

– Vulsgard?

– É. Lá existem muitos mercadores de carne, você vai se sentir em casa.

– Mas por quê?

– Para ficar de olho nos negócios de Grom-gil-Gorm. Conhecer a casa do seu inimigo melhor do que a sua, foi o que ouvi dizer.

Rulf soltou um grunhido de aprovação, estufou o peito um pouco e remexeu os polegares no cinturão da espada.

– Faça isso ou seja vendido em sua própria loja – continuou Yarvi. – Que preço você acha que renderia?

Yoverfell pigarreou.

– Farei os preparativos.

– Depressa.

Yarvi se afastou do fedor daquele lugar e ficou ao ar livre respirando, de olhos fechados.

– O senhor... é o nosso novo dono, então?

A mulher de Ankran estava ao lado dele, com um dedo enfiado na argola do pescoço.

– Não. Meu nome é Yarvi, este é Rulf.

– Éramos amigos do seu marido – explicou o velho guerreiro, desgrenhando o cabelo do menino e lhe causando algum desconforto.

– Onde? – perguntou ela. – Onde está Ankran?

Yarvi engoliu em seco, pensando como daria a notícia, procurando as palavras apropriadas...

– Ele morreu – respondeu Rulf simplesmente.

– Sinto muito – acrescentou Yarvi. – Ele morreu para salvar a minha vida, o que me parece uma troca ruim. Mas vocês estão livres.

– Livres? – murmurou ela.

– É.

– Não quero ficar livre; quero ficar em segurança.

Yarvi piscou, surpreso, depois sentiu a boca se retorcer num sorriso triste. Ele próprio nunca quisera muita coisa.

– Acho que eu poderia ter uma serviçal, se você estiver disposta a trabalhar.

– Sempre estive.

Yarvi parou diante de uma oficina de ferreiro e jogou uma moeda sobre um cavalete coberto por ferramentas de construção de barcos. Uma das primeiras moedas do novo tipo: redonda e perfeita, estampada num dos lados com o rosto sério de sua mãe.

– Tire as argolas deles.

A família de Ankran não agradeceu pela liberdade, mas o som do martelo no cinzel foi agradecimento suficiente para Yarvi. Rulf ficou observando, com um dos pés numa mureta e os antebraços cruzados sobre o joelho.

– Não sou bom em julgar o que é certo e errado.

– Quem é?

– Mas acho que essa é uma boa atitude.

– Não deixe ninguém saber; isso pode arruinar minha reputação. – Yarvi viu uma velha o olhar, carrancuda, do outro lado da praça e sorriu de volta, acenou e observou-a se afastar murmurando. – Parece que virei o vilão desta peça.

– Se a vida me ensinou uma coisa é que não existem vilões. Só pessoas fazendo o melhor possível.

– O que fiz de melhor acabou sendo desastroso.

– Poderia ter sido muito pior. – Rulf enrolou a língua e cuspiu. – E você é jovem. Tente de novo. Talvez melhore.

Yarvi estreitou os olhos para o velho guerreiro.

– Quando foi que você virou sábio?

– Sempre tive uma inteligência incomum, mas você estava cego por sua própria esperteza.

– É um defeito comum dos reis. Espero ser jovem o bastante para aprender a ter humildade também.

– É bom que um de nós seja jovem.

– E o que você vai fazer no crepúsculo da vida?

– Por acaso o poderoso rei Uthil me ofereceu um lugar na sua guarda.

– Nossa, quanta honra! Você vai aceitar?

– Recusei.

– Recusou?

– A honra é o prêmio do idiota, e tenho a sensação de que Uthil é o tipo de senhor que sempre terá serviçais mortos ao seu redor.

– Cada vez mais sábio – disse Yarvi.

– Até há pouco tempo, eu achava que minha vida estivesse acabada, mas, agora que ela recomeçou, descobri que não tenho o desejo de encurtá-la.

Yarvi olhou de soslaio e viu Rulf o espiando.

– Achei que você gostaria de ter um companheiro de remo – comentou ele.

– Eu?

– O que um ministro maneta e um patife que passou da flor da idade há mais de quinze anos não podem conseguir juntos?

Com um último golpe, a argola se abriu e o filho de Ankran ficou de pé, esfregando o pescoço. Sua mãe o abraçou e beijou-lhe o cabelo.

– Não estou sozinho – murmurou Yarvi.

Rulf passou o braço pelos ombros dele e o apertou com uma força esmagadora.

– Não enquanto eu estiver vivo, companheiro.

Foi uma cerimônia grandiosa.

Muitas famílias poderosas das regiões mais distantes de Gettland ficariam com raiva porque a notícia do retorno do rei Uthil as alcançara pouco antes que ele se casasse, negando-lhes a chance de ter sua importância notada num acontecimento que perduraria por tanto tempo na memória.

Sem dúvida o todo-poderoso Rei Supremo, em seu supremo trono em Skekenhouse – para não mencionar avó Wexen, que tudo sabia –, não ficaria nem um pouco satisfeito por não ter sido convidado, como mãe Gundring fez questão de observar.

Mas Laithlin descartou todas as objeções com um aceno despreocupado.

– A raiva deles é insignificante para mim.

Ela era outra vez a Rainha Dourada. Assim que falava, a coisa já estava feita.

Assim, no Salão dos Deuses, as estátuas foram enfeitadas com as primeiras flores da primavera, os presentes de casamento se empilhavam ao redor do Trono Negro numa abundância espalhafatosa e as pessoas se apinhavam sob a

cúpula, espremidas como ovelhas nos currais de inverno até que o próprio ar ficou nublado com a respiração de todos.

O casal abençoado entoou promessas um ao outro à vista de deuses e homens, em meio a feixes de luz vindos da cúpula, que incendiavam a armadura polida do rei e as joias espantosas da rainha. Todos aplaudiram, ainda que, na opinião de Yarvi, Uthil não cantasse bem, e sua mãe não ficasse muito atrás. Então Brinyolf se estendeu na bênção mais elaborada que aquele local sagrado já testemunhara, enquanto, ao lado, mãe Gundring se encurvava, cada vez mais impaciente, segurando o cajado, e os sinos da cidade emitiam um alegre clangor lá embaixo.

Ah, que dia feliz!

Como Uthil poderia não estar satisfeito? Ele tinha o Trono Negro e a melhor esposa que um homem poderia pedir, desejada pelo próprio Rei Supremo. Como Laithlin poderia não estar deliciada? Tinha a chave do Tesouro engastada de joias, os sacerdotes da Divindade Única haviam sido expulsos de sua casa da moeda e chicoteados através de Thorlby até o oceano. Como o povo de Gettland poderia não se regozijar? Tinham um rei de ferro e uma rainha de ouro, governantes em quem confiar e de quem se orgulhar. Governantes desafinados, possivelmente, mas ambos com duas mãos.

Apesar de toda essa felicidade – ou, talvez, por causa dela –, Yarvi não desfrutou do casamento de sua mãe mais do que do funeral do pai. Este acontecimento ele não pudera evitar. Se alguém o visse escapando daquele, sem dúvida não ficaria triste.

O tempo do lado de fora se adequava mais ao seu humor do que o calor perfumado por pétalas do interior. O vento intrometido soprava do mar, gemendo entre as ameias da cidadela, assolando Yarvi com uma chuva salgada enquanto ele subia os degraus gastos e caminhava pelas passarelas vazias.

Viu-a de longe, em cima do Salão dos Deuses, as roupas finas demais grudadas no corpo devido à chuva, o cabelo agitado furiosamente pelo vento. Viu-a a tempo. Poderia ter continuado andando e encontrado outro local para franzir a testa em direção ao céu. Mas seus pés o levaram até ela.

– Príncipe Yarvi – disse ela quando ele se aproximou, tirando com os dentes uma lasca da unha roída do polegar e cuspindo-a ao vento. – Que honra.

Yarvi suspirou. Um padrão desgastante se repetia nos últimos dias.

– Não sou mais príncipe, Isriun.

– Não? Sua mãe é rainha de novo, não é? Ela tem a chave do Tesouro de Gettland no cordão, não tem? – A mão branca de Isriun foi até o peito, onde não havia nenhuma chave, nem cordão, nem nada. – O que é um filho de rainha senão um príncipe?

– Um tolo aleijado? – murmurou ele.

– Você era isso quando nos conhecemos, e sem dúvida sempre será. Para não mencionar que é filho de um traidor.

– Então temos mais em comum do que nunca – reagiu Yarvi rispidamente.

Ao ver o rosto pálido de Isriun estremecer, se arrependeu na mesma hora. Se os acontecimentos tivessem sido só um pouquinho diferentes, talvez os dois fossem erguidos em glória lá embaixo. Ele no Trono Negro, ela na banqueta ao lado, os olhos brilhando enquanto segurava sua mão aleijada e compartilhavam aquele beijo melhor que ela lhe pedira...

Mas a situação era outra. Naquele dia não haveria beijo. Nem nunca. Yarvi se virou para contemplar o mar agitado, os punhos apertados no parapeito.

– Não vim discutir.

– Por que veio?

– Achei que deveria lhe dizer, pois... – Ele trincou os dentes e olhou para a mão torta, branca na pedra molhada. “Pois” o quê? *Pois fomos prometidos um ao outro? Pois um dia significamos algo um para o outro?* Não conseguia se obrigar a enunciar as palavras. – Estou partindo para Skekenhouse. Vou fazer o Teste Ministerial. Não terei família nem direito de nascença... nem esposa.

Ela gargalhou ao vento.

– Temos mais em comum ainda: não tenho amigos nem dote nem pai. – Ela se virou para encará-lo, e o ódio em seus olhos o fez sentir náusea. – Afundaram o corpo dele no pântano.

Talvez isso devesse ter deixado Yarvi satisfeito. Sonhara com isso frequentemente, moldara todas as orações e toda a vontade para isso. Quebrara tudo, sacrificara seu amigo e as amizades por isso. Mas, fitando o rosto de Isriun, os olhos vermelhos e fundos nas órbitas sombreadas, não se sentiu triunfante.

– Sinto muito. Não por ele, mas por você.

A boca de Isriun se retorceu com desprezo.

– O que você acha que isso vale para mim?

– Nada. Ainda assim, sinto muito.

Ele retirou as mãos do parapeito, deu as costas para a noiva e foi em direção à escada.

– Eu fiz um juramento!

Yarvi se deteve. Queria muito sair daquele terraço assolado pelo vendaval e nunca retornar, mas agora a pele de sua nuca se arrepiou e ele se virou de novo, mesmo contra a vontade.

– É?

– Um juramento solar e um juramento lunar. – Os olhos de Isriun ardiam no rosto branco e o cabelo molhado a chicoteava. – Jurei diante d'Aquela Que Julga, d'Aquele Que Lembra e d'Aquela Que Aperta o Nó. Meus ancestrais enterrados acima da praia são testemunhas. Aquele Que Vigia e Aquela Que Escreve são testemunhas. Agora testemunhe, Yarvi. Que isso sempre me acorrente e me aguilhoe. Vou me vingar dos assassinos do meu pai. Eu juro!

Isruin deu um sorriso triste. Uma paródia do que lhe dera quando saiu do Salão dos Deuses no dia em que foram prometidos um ao outro.

– Portanto, veja, uma mulher pode fazer o mesmo juramento de um homem.

– Se for idiota o suficiente – retrucou Yarvi, e foi embora.

O menor mal

A Mãe Sol sorria enquanto afundava sob o mundo no fim de tarde em que irmão Yarvi chegou em casa.

Era o primeiro dia do verão, tinham declarado os gettlandeses, com gatos tomando banho de sol nos telhados quentes de Thorlby, as aves marinhas grasnando preguiçosas umas com as outras, uma brisa levíssima carregando o gosto de sal pelas ruas íngremes e pelas janelas abertas da cidade.

E também pela porta dos aposentos de mãe Gundring, quando Yarvi enfim conseguiu abrir a enorme tranca com a mão aleijada.

– O viajante retorna – disse a velha ministra, pondo de lado um livro em meio a uma nuvem de poeira.

– Mãe Gundring.

Yarvi fez uma profunda reverência e lhe entregou a xícara.

– E me trouxe chá. – Ela fechou os olhos e inspirou o vapor, depois tomou um gole. Seu rosto enrugado se abriu no sorriso que Yarvi sempre tivera orgulho de ver. – As coisas não eram as mesmas sem você.

– Não precisa mais sentir falta do chá, pelo menos.

– Então você passou no teste?

– A senhora duvidou algum dia?

– Eu, não, irmão Yarvi, eu, não. No entanto, você usa uma espada. – Ela franziu a testa, fitando a arma de Shadikshirram embainhada à cintura. – Uma palavra suave apara a maior parte dos golpes.

– Eu carrego isso para os outros. Ela me faz lembrar de onde vim. Um ministro representa o Pai Paz, mas um bom ministro não é estranho à Mãe Guerra.

– Rá! Isso é verdade.

Mãe Gundring estendeu a mão para o banquinho do outro lado da fogueira, onde Yarvi havia se sentado frequentemente, aprendendo línguas, história, o conhecimento das plantas e o modo correto de falar com um rei. Será que tinham se passado apenas alguns meses desde que se sentara ali pela última vez? Parecia que isso acontecera em outro mundo. Num sonho.

E agora ele havia acordado.

– Fico feliz por você ter voltado – disse mãe Gundring –, e não só por causa do seu chá. Temos muito o que fazer em Thorlby.

– Não creio que as pessoas me amem por aqui.

Mãe Gundring desconsiderou isso.

– Logo esquecerão. O povo tem memória curta.

– A tarefa do ministro é lembrar.

– E dar conselhos, curar, falar a verdade e conhecer os meios secretos, encontrar o menor mal e pesar o bem maior, aplainar o caminho para o Pai Paz em todas as línguas, tecer histórias...

– Devo tecer uma história para a senhora?

– Que história, irmão Yarvi?

– Uma história de sangue e mentiras, dinheiro e assassinato, traição e poder.

Mãe Gundring riu e tomou outro gole de chá.

– É o único tipo de que gosto. Tem elfos? Dragões? Trolls?

Yarvi balançou a cabeça.

– As pessoas podem fazer todo o mal de que precisamos.

– Verdade outra vez. É algo que você ouviu em Skekenhouse?

– Em parte. Estive trabalhando nessa história por um longo tempo. Desde a noite em que meu pai morreu. Mas acho que agora tenho tudo, do início ao fim.

– Conhecendo seus talentos, deve ser uma bela história.

– A senhora vai se empolgar, mãe Gundring.

– Então comece!

Yarvi se inclinou para a frente, contemplando as chamas, esfregando a mão torta com o polegar. Ele a estivera ensaiando desde que passara no teste, desistira de seu direito de nascença e fora aceito no Ministério. Desde que tinha beijado o rosto de avó Wexen, olhado nos olhos dela, descoberto que estavam mais brilhantes e famintos do que nunca, e soubera a verdade.

– Acho que nem sei por onde começar.

– Estabeleça o cenário. Vejamos o pano de fundo.

– Bom conselho. Mas seus conselhos sempre foram bons. Bem... um Rei Supremo que já passou um bocado da juventude e uma avó do Ministério tão velha quanto ele, ciumentos do poder, como costuma acontecer com os poderosos, olharam de Skekenhouse para o norte e viram uma ameaça à sua majestade. Não era um grande homem brandindo ferro e aço, mas uma grande mulher brandindo ouro e prata. Uma rainha dourada, com um plano de cunhar moedas, todas do mesmo peso, de modo que cada troca comercial no Mar Despedaçado fosse feita com seu rosto.

Mãe Gundring se recostou, as muitas rugas da testa se aprofundando enquanto pensava.

– Essa história tem um ar de verdade.

– As melhores são assim. Você me ensinou isso. – Agora que tinha começado, as palavras se derramaram com facilidade. – O Rei Supremo e sua ministra viram os mercadores saírem de seus portos para os dessa rainha do norte, e seus ganhos se reduzirem mês após mês, e seu poder também. Eles precisavam agir. Mas matar uma mulher capaz de tecer ouro a partir do ar? Não. O marido dela era orgulhoso e raivoso demais para ser enfrentado. Matá-lo, então, e derrubar a rainha de seu poleiro alto e tomá-la para si, para que ela tecesse ouro para eles. Esse era o plano.

– Matar um rei? – murmurou mãe Gundring, olhando intensamente para Yarvi por cima da borda de sua xícara.

Ele deu de ombros.

– É como essas histórias costumam começar.

– Mas os reis são cautelosos e bem guardados.

– E esse em especial. Precisavam da ajuda de alguém em quem ele confiasse. – Yarvi se inclinou para a frente, com o fogo quente no rosto. – Por isso deram uma mensagem a uma águia de penas cor de bronze. O rei deve morrer. E mandaram a mensagem para a ministra dele.

Mãe Gundring piscou, e muito lentamente tomou outro gole de chá.

– É uma tarefa pesada para dar a uma ministra, matar o homem a quem ela jurou servir.

– Mas ela não jurou servir ao Rei Supremo e à sua avó também?

– Todos juramos. Você também, irmão Yarvi.

– Ah, eu vivo fazendo juramentos: nem sei bem qual deles honrar. Essa ministra tinha o mesmo problema, mas se um rei senta-se entre deuses e homens, o Rei Supremo senta-se entre deuses e reis, e ultimamente ele vinha se considerando mais elevado ainda. Ela sabia que não poderia negar. Por isso criou um plano. Substituir o rei por um irmão mais razoável. Aparar qualquer herdeiro problemático. Culpar algum velho inimigo do norte longínquo para onde até mesmo os pensamentos dos homens civilizados raramente se desviam. Dizer que um pombo de outra ministra chegou com uma oferta de paz e atrair esse rei difícil para uma emboscada.

– Talvez esse fosse o menor mal – disse mãe Gundring. – Talvez fosse isso ou ver a Mãe Guerra abrir suas asas sangrentas por todo o Mar Despedaçado.

– O menor mal e o bem maior... – Yarvi respirou fundo, e seu peito pareceu doer. Ele pensou nos pássaros negros piscando na gaiola de irmã Owd. – Porém a ministra que recebeu a culpa nunca usava pombos. Apenas corvos.

Mãe Gundring parou com a xícara a meio caminho da boca.

– Corvos?

– Frequentemente os detalhes desconsiderados é que arruínam nossos planos.

– Ah, um detalhe problemático...

O olho de mãe Gundring estremeceu enquanto ela fitava o chá e tomava um gole mais longo. Por um tempo, os dois ficaram sentados em silêncio, com apenas o fraco crepitar do fogo e alguma fagulha flutuando entre eles.

– Achei que com o tempo você iria desembaraçar a trama – disse ela. – Mas não tão cedo.

Yarvi deu um risinho.

– Não antes que eu morresse em Amwend.

– Essa nunca foi minha escolha – replicou a velha ministra, que sempre fora uma mãe para ele. – Você deveria fazer o teste e abrir mão do direito de nascença. Com o tempo, ocuparia meu lugar, como sempre havíamos planejado. Mas Odem não confiou em mim. Agiu depressa demais. Não pude impedir que sua mãe o colocasse no Trono Negro. – Ela deu um suspiro amargo. – E avó Wexen não ficaria satisfeita com esse resultado.

– Por isso você me deixou cair na armadilha de Odem.

– Com o pesar mais profundo. Avaliei que era o menor mal. – Ela pousou a xícara vazia ao lado. – Como essa história termina, irmão Yarvi?

– Já terminou. Com o pesar mais profundo. – Ele desviou a vista das chamas para os olhos dela. – E agora sou pai Yarvi.

A velha ministra franziu a testa, primeiro para ele, depois para a xícara.

– Raiz-de-língua-negra?

– Eu fiz um juramento de me vingar dos assassinos do meu pai. Posso até ser meio homem, mas fiz um juramento por inteiro.

As chamas na fogueira tremularam, seus reflexos dançando num tom laranja nos frascos de vidro nas prateleiras.

– Seu pai e seu irmão... – falou mãe Gundring, com a voz rouca. – Odem e os homens dele... Tantos outros... E agora a Última Porta se abre para mim. Tudo... por causa de moedas.

Ela piscou e oscilou na direção do fogo. Yarvi se levantou e segurou-a gentilmente com o braço esquerdo; com o direito, enfiou a almofada atrás dela e colocou-a com enorme cuidado na cadeira.

– Parece que as moedas podem ser mortais.

– Sinto muito – sussurrou mãe Gundring, a respiração saindo curta.

– Eu também. Você não vai encontrar um homem que sinta mais em toda a Gettland.

– Acho que não. – Ela abriu um sorriso débil. – Você vai ser um ótimo ministro, pai Yarvi.

– Vou tentar.

Ela não respondeu.

Yarvi deu um suspiro entrecortado e fechou as pálpebras dela, depois cruzou as mãos enrugadas de mãe Gundring no colo e desabou, nauseado, no banquinho. Ainda estava sentado ali quando a porta se abriu com um estrondo e um vulto subiu atabalhoadamente os degraus, fazendo os feixes de plantas balançarem como homens enforcados.

Era um dos guerreiros mais jovens, recém-passado nos testes. Mais novo até mesmo do que Yarvi. A luz do fogo se refletia em seu rosto imberbe enquanto ele esperava no arco da entrada.

– O rei Uthil pede uma audiência com a ministra.

– É mesmo?

Yarvi jogou o resto de chá na fogueira e segurou o cajado de mãe Gundring com a mão boa. Seu cajado, com o frio do metal élfico contra a pele.

Levantou-se.
– Diga ao rei que estou indo.

Agradecimentos

Como sempre, a quatro pessoas: Bren Abercrombie,
cujos olhos estão doloridos de tanto ler isto.
Nick Abercrombie,
cujos ouvidos estão doloridos de tanto ouvir sobre isto.
Rob Abercrombie,
cujos dedos estão doloridos de tanto virar páginas.
Lou Abercrombie,
cujos braços estão doloridos de tanto me segurar.

E então, porque nenhum homem é uma ilha, este aqui em especial, meus agradecimentos sinceros: Por plantar a semente desta ideia: Nick Lake.

Por garantir que o broto crescesse até virar uma árvore: Robert Kirby.

Por garantir que a árvore desse frutos: Jane Johnson.

Em seguida, porque a metáfora do fruto já deu o que tinha que dar, a todos que ajudaram a fazer, publicar, posicionar, divulgar, ilustrar, traduzir e, acima de tudo, *vender* meus livros onde quer que estejam ao redor do mundo, mas em particular: Natasha Bardon, Emma Coode, Ben North, Tricia Narwani, Jonathan Lyons e Ginger Clark.

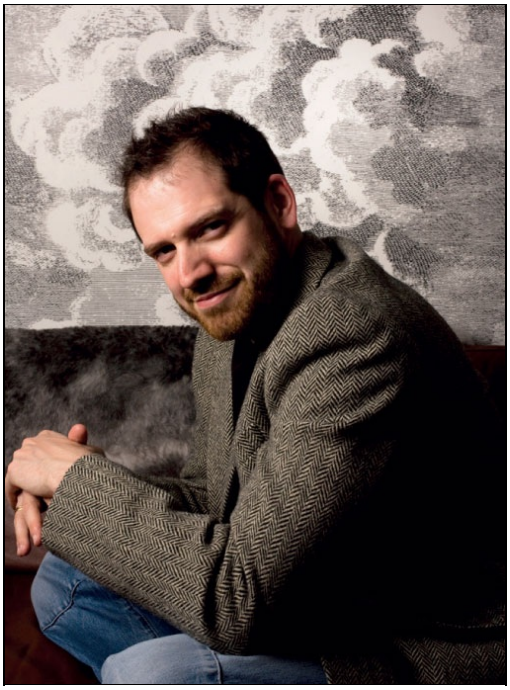
Aos artistas que, de algum modo, enfrentaram a impossível tarefa de fazer com que eu pareça classudo: Nicolette e Terence Caven, Mike Bryan e Dominic Forbes.

Pelo entusiasmo sem fim e pelo apoio em todos os climas: Gillian Redfearn.

E a todos os escritores cujos caminhos se cruzaram com o meu na internet, no bar ou, em alguns casos, na página impressa, e que deram auxílio, conselhos, risos e muitas ideias que valiam a pena roubar.

Vocês sabem quem são...

Sobre o autor © Lou Abercrombie



Joe Abercrombie nasceu em Lancaster, na Inglaterra, no último dia de 1974, e atualmente mora em Bath com a esposa e os filhos Teddy, Grace e Eve. Ainda edita alguns shows e festivais de música para a tevê, mas se dedica sobretudo a seus livros.

Em 2008, Joe foi finalista do prêmio John W. Campbell na categoria Autor Revelação. Sua série de estreia, A Primeira Lei, também foi publicada pela Arqueiro e se tornou sucesso entre os leitores de George R. R. Martin.

www.joeabercrombie.com

CONHEÇA OS PRÓXIMOS LIVROS DA SÉRIE





LEIA UM TRECHO DO PRÓXIMO VOLUME
DA SÉRIE MAR DESPEDAÇADO:



Meio Mundo

I

PÁRIAS

OS MERECEDORES

Ele hesitou apenas um instante, mas foi tempo suficiente para Thorn acertá-lo entre as pernas com a borda do escudo.

Mesmo acima do estardalhaço dos outros garotos torcendo para que ela perdesse, Thorn ouviu Brand gemer.

Seu pai sempre dizia: *O momento em que você fizer uma pausa será o momento da sua morte.* E ela vivia – para o bem ou, principalmente, para o mal – seguindo esse conselho. Arreganhou os dentes num rosnado de luta – sua expressão predileta, afinal de contas – e partiu para cima de Brand com mais intensidade do que nunca.

Acertou-o com o ombro, os escudos se chocando e raspando, a areia voando dos calcanhares enquanto ele cambaleava para trás pela praia, o rosto ainda retorcido de dor. Ele tentou acertá-la, mas ela se abaixou para se esquivar da espada de madeira, girou a sua própria e o pegou direto no tornozelo, logo abaixo da bainha da cota de malha.

Para o crédito de Brand, ele não caiu nem gritou, apenas saltou para trás com uma careta. Thorn sacudiu os ombros, esperando para ver se mestre Hunnan consideraria isso uma vitória, mas ele permaneceu em silêncio, como as estátuas no Salão dos Deuses.

Alguns mestres de armas agiam como se as espadas de madeira fossem de verdade, mandavam parar diante do que seria um golpe mortal de uma lâmina de aço. Mas Hunnan gostava de ver seus alunos derrubados e machucados, aprendendo uma dura lição. Os deuses sabiam que Thorn havia aprendido lições duras o suficiente no campo de treino. Sentia-se feliz por ensinar algumas.

Por isso, deu um sorriso zombeteiro para Brand – sua segunda expressão predileta – e gritou:

– Venha, seu covarde!

Brand era forte como um touro e podia lutar por bastante tempo, mas agora estava mancando e cansado, e Thorn havia se certificado de que a inclinação da praia estivesse a seu favor. Manteve o olhar fixo nele, desviou-se de um ataque e de outro, depois passou ao largo de um golpe desajeitado dado por cima da cabeça e que deixou a lateral de Brand aberta para ela. *O melhor lugar para enfiar uma lâmina é nas costas do inimigo*, dizia sempre seu pai, mas a lateral era quase tão boa quanto. Sua espada acertou as costelas de Brand com um estalo que pareceu uma tora sendo rachada, deixou-o cambaleando, impotente. Thorn abriu um sorriso mais largo do que nunca. Não há no mundo sentimento mais doce do que golpear uma pessoa da maneira certa.

Mandou a sola da bota contra o traseiro dele, fez com que ele se esparramasse de quatro na última onda e, ao se afastar sibilando, a água pegou

sua espada e a levou pela praia, encalhando-a no meio das algas.

Thorn chegou perto e Brand estreitou os olhos, o cabelo molhado grudado na lateral do rosto e os dentes ensanguentados da pancada que recebera antes. Talvez ela devesse ter sentido pena, mas fazia muito tempo que não podia se dar ao luxo de lamentar.

Em vez disso, pressionou a lâmina cheia de mossas no pescoço dele e perguntou:

– E então?

– Certo. – Ele balançou a mão debilmente, praticamente sem conseguir respirar para falar. – Perdi.

– Rá! – gritou ela em sua cara. – Rá! – berrou para os garotos cabisbaixos ao redor do quadrado. – Rá! – exclamou até mesmo para mestre Hunnan.

Em seguida, levantou a espada e o escudo em triunfo e os sacudiu para o céu e para o chuvisco.

Algumas palmas desanimadas e murmúrios, e só. Houvera aplausos muito mais generosos para vitórias inferiores, porém Thorn não estava ali pelos aplausos.

Estava ali para vencer.

Às vezes a Mãe Guerra toca uma garota, que é colocada no meio dos garotos no campo de treino e aprende a lutar. Dentre as crianças menores sempre há algumas, mas, à medida que os anos passam, elas vão se voltando para tarefas mais adequadas, ou são obrigadas a se voltar a elas, ou levadas a elas à custa de gritos e surras, até que as plantas vergonhosas são desenraizadas e resta apenas a flor gloriosa da masculinidade.

Se os vansterlandeses atravessassem a fronteira, se os insulares desembarcassem num ataque, se ladrões chegassem à noite, as mulheres de Gettland encontravam armas em pouco tempo e lutavam até a morte, muitas bastante bem. Sempre havia sido assim. Mas quando fora a última vez em que uma mulher havia passado nos testes, feito os juramentos e obtido lugar num ataque?

Existiam histórias. Existiam canções. Mas até mesmo a Velha Fen, a mais idosa de Thorlby e, segundo diziam alguns, do mundo, jamais tinha visto algo assim em todos os seus incontáveis dias.

Até agora.

Todo aquele trabalho. Todo aquele desprezo. Toda aquela dor. Mas Thorn havia derrotado todos. Fechou os olhos, sentiu o vento salgado da Mãe Oceano beijar seu rosto doce e pensou em como seu pai estaria orgulhoso.

– Passei – sussurrou.

– Ainda não. – Thorn nunca tinha visto mestre Hunnan sorrir. Mas também nunca o vira franzir a testa tão sério. – Eu decido que testes você fará. Eu decido quando você passou. – Ele olhou para os garotos da idade dela. Os de 16 anos, alguns já estufados de orgulho por terem passado nos testes. – Rauk, você vai lutar com Thorn em seguida.

O garoto arqueou as sobrancelhas, depois olhou para Thorn e deu de ombros.

– Por que não? – disse ele, em seguida passou entre os amigos e entrou no quadrado, apertando a tira do escudo e pegando uma espada de treino.

Ele era cruel e hábil. Nem de longe tão forte quanto Brand, mas tinha muito menos probabilidade de hesitar. Mesmo assim, Thorn já o havia derrotado antes e ela ia...

– Rauk – disse Hunnan, com o dedo nodoso vagando –, Sordaf e Edwal.

A aura de triunfo foi se esvaindo como água vazando de uma banheira quebrada. Houve um murmúrio entre os rapazes enquanto Sordaf – grande, lento e com pouca imaginação, mas com um tremendo gosto por pisotear quem estivesse caído – foi bamboleando pela areia, prendendo as fivelas da cota de malha com os dedos gordos.

Edwal – rápido, de ombros estreitos, com um emaranhado de cachos castanhos – não se moveu imediatamente. Thorn sempre havia pensado que ele era um dos melhores.

– Mestre Hunnan, nós três...

– Se querem um lugar no exército do rei, sempre obedeçam.

Todos queriam. Desejavam-no quase tanto quanto Thorn. Edwal franziu a testa para a esquerda e a direita, mas ninguém se manifestou. Com relutância, passou entre os outros e pegou uma espada de madeira.

– Isso não é justo.

Thorn estava acostumada a sempre demonstrar coragem, não importando as dificuldades, mas nesse momento sua voz saiu como um balido desesperado. Como um cordeiro levado impotente para a faca do magarefe.

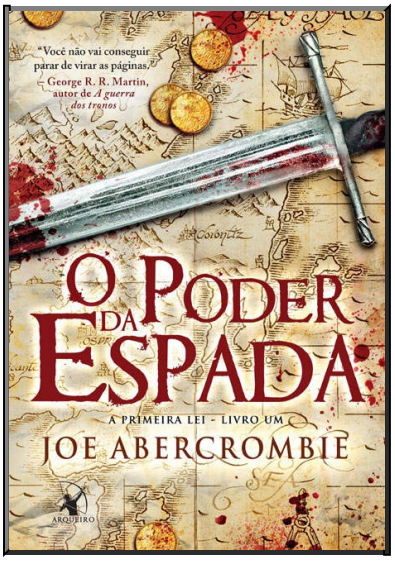
Hunnan desconsiderou isso, fungando.

– Este quadrado é o campo de batalha, garota, e o campo de batalha não é justo. Considere esta sua última lição.

Diante disso, houve risos esparsos. Provavelmente por parte de alguns que ela havia envergonhado com surras numa ocasião ou outra. Brand a observava por trás de alguns fios de cabelo soltos, uma das mãos tocando a boca sangrenta. Outros mantinham os olhos voltados para o chão. Todos sabiam que aquilo não era justo, mas não se importavam.

Thorn retesou o maxilar, levou a mão do escudo até a bolsinha pendurada no pescoço e apertou com força. Havia sido ela contra o mundo por um tempo maior do que conseguia lembrar. Thorn era uma guerreira; daria a eles uma luta que jamais esqueceriam.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DO AUTOR



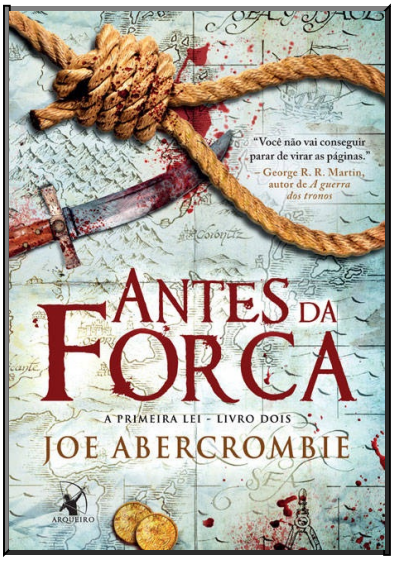
O Poder da Espada

a primeira lei – livro um

Uma guerra está prestes a eclodir. Assolada por conspirações internas, a União ainda precisa mobilizar seus exércitos para combater os inimigos externos. Nesse momento de incertezas, um homem se apresenta como o lendário Bayaz, o Primeiro dos Magos, retornando do exílio depois de séculos. Sua presença tornará a vida de Sand dan Glokta, Jezal dan Luthar e Logen Nove Dedos muito mais difícil.

Glokta é um ex-prisioneiro de guerra que passou anos sob tortura. Por ironia, agora é nas mãos dele que os supostos traidores da Coroa admitem crimes, apontam comparsas e assinam confissões – sejam culpados ou não. Já Nove Dedos é conhecido por jamais deixar um inimigo viver tempo suficiente para falar uma palavra sequer. Por sua vez, tudo o que o mulherengo Jezal deseja é obter fama e glória vencendo o campeonato de esgrima, para depois ser recompensado com um alto cargo no governo e jamais ter um dia de trabalho pesado na vida.

O destino desses quatro personagens está prestes a colidir – e, no impacto, a linha que separa o herói do vilão pode ficar tênue demais.



Antes da Forca

a primeira lei – livro dois

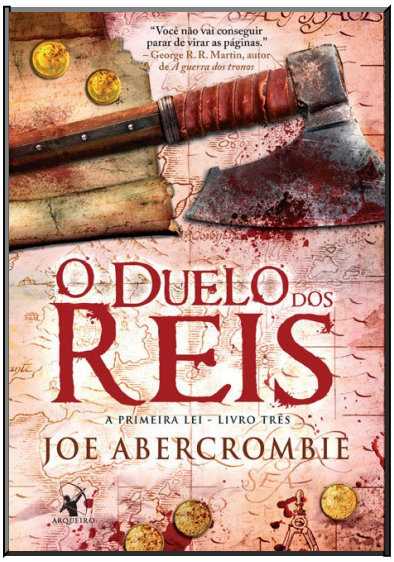
Nesta ardilosa sequência de *O poder da espada*, o futuro da União está em três frentes de batalha – e nenhuma delas parece nem perto da vitória.

Sand dan Glokta se tornou o todo-poderoso de Dagoska e tem de impedir que ela seja tomada pelos inimigos – tarefa difícil em uma cidade com muralhas decadentes e escassez de soldados. Além disso, o ex-torturador também precisa desvendar uma conspiração no conselho governante e salvar a própria pele.

Enquanto isso, nas terras congeladas de Angland, o coronel West tem pela frente uma complicada missão: proteger o príncipe herdeiro no campo de batalha e evitar que a inexperiência e a arrogância dele levem todos para a morte.

Ao mesmo tempo, Bayaz, o Primeiro dos Magos, lidera uma expedição que cruzará o continente até a borda do Mundo. Passando por terras amaldiçoadas e esquecidas no passado, ele precisa encontrar a Semente – uma relíquia do Tempo Antigo que poderia pôr um fim à guerra, ao exército de comedores que se multiplica no Sul e aos bandos de shankas que atacam no Norte.

Nesta trama inteligente e de personagens complexos, antigos segredos são revelados, batalhas sangrentas são travadas, inimigos mortais são perdoados – mas não antes de estarem na forca.



O Duelo dos Reis

a primeira lei – livro três

A União está em guerra. Ao norte, o coronel West e suas tropas recuperaram a fortaleza de Dunbrec, mas a batalha pode se arrastar por anos, porque o rei dos nórdicos não irá se render. É hora de Nove Dedos voltar e enfrentar seu pior inimigo. O problema é que, no calor da batalha, nunca se sabe quando o Nove Sangrento surgirá de dentro dele – e o Nove Sangrento não escolhe lado, só quer matar.

Na Terra do Meio, uma revolução camponesa por direitos igualitários e participação política desestabiliza os governos locais. Caberá a Jezal dan Luthar negociar a paz e, se preciso, combater o próprio povo.

Na capital, com o rei doente e sem herdeiros, os membros do Conselho Fechado começam a comprar apoio dos nobres, numa corrida oculta ao trono. Depois de ter escapado por pouco de Dagoska, Sand dan Glokta precisa sobreviver ao jogo político. Para isso, vai usar os recursos em que é mestre: chantagem, ameaça e tortura.

Além disso, tropas gurkenses se movem no sul em direção a Adua, dispostas a travar uma guerra santa e levar Bayaz a julgamento. Para salvar o mundo, o Primeiro dos Magos precisa salvar a si mesmo, porém há riscos enormes quando se mexe com magia. E nada pode ser mais arriscado do que quebrar a Primeira Lei.

O duelo dos reis é um épico sombrio e brilhante, um final de tirar o fôlego para a trilogia que redefiniu a literatura fantástica.

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e *Eternidade por um fio,* de Ken Follett *Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo* e *Seis anos depois,* de Harlan Coben *A cabana* e *A travessia,* de William P. Young *A farsa, A vingança* e *A traição,* de Christopher Reich *Água para elefantes,* de Sara Gruen *Inferno, O símbolo perdido, O Código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto* e *Fortaleza digital,* de Dan Brown *Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista, O resgate, O milagre e A escolha,* de Nicholas Sparks *Julieta,* de Anne Fortier *As regras da sedução* e *Lições do desejo,* de Madeline Hunter *O guardião de memórias,* de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias*; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!*; *Praticamente inofensiva*; *O salmão da dúvida* e *Agência de investigações holísticas Dirk Gently,* de Douglas Adams *O nome do vento* e *O temor do sábio,* de Patrick Rothfuss *A passagem* e *Os Doze,* de Justin Cronin *A revolta de Atlas* e *A nascente,* de Ayn Rand *A conspiração franciscana,* de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br



Sumário

Créditos
I – O TRONO NEGRO
- O bem maior
- O dever
- Um modo de vencer
- Entre deuses e homens
- Pombos
- Promessas
- Trabalho de homem
- O inimigo

II – O VENTO SUL
- As mercadorias mais baratas
- Uma família
- Remem
- As ferramentas do ministro
- O tolo bate
- Selvagens
- Segredinhos torpes
- Inimigos e aliados
- Um amigo
- A morte aguarda

III – A LONGA ESTRADA
- Dobrando-se às circunstâncias
- Liberdade
- Os melhores homens
- Gentileza
- A verdade
- Fugindo
- Rio abaixo
- Só um demônio
- Lutar ou morrer
- Queimando os mortos
- Gravetos flutuando

IV – O REI LEGÍTIMO
- Corvos

A casa do inimigo
Grandes riscos
No escuro
A luta de um amigo
A barganha da Mãe Guerra
A última porta
Um trono solitário
A culpa
Alguns são salvos
O menor mal
Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça os próximos livros da série
Leia um trecho do próximo volume da série Mar Despedaçado
Conheça outros títulos do autor
Conheça outros títulos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro